REALIDADE

JUNHO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00

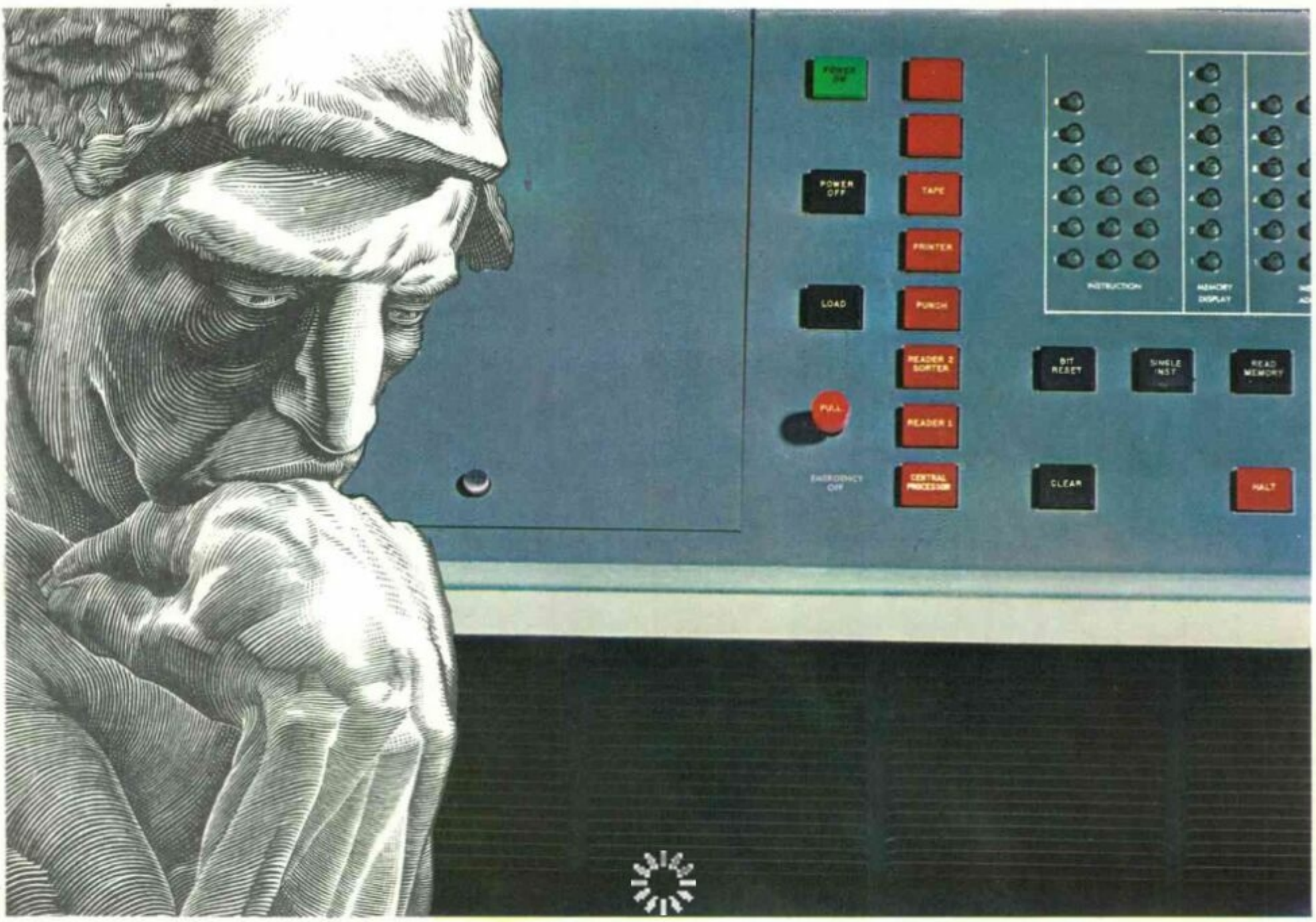
PARTO SEM DOR

ARIGÓ: SANTO OU CHARLATÃO?

POR QUE NOSSA TELEVISÃO NÃO FUNCIONA

CENSURA: O QUE VOCÊ NÃO PODE VER

VIAGEM AO PAÍS DO MÊDO



POR QUE os COMPUTADORES BURROUGHS são mais INTELIGENTES

Há vários anos, em todo o mundo, equipes Burroughs de experiência incalculável se especializaram em transmitir aos computadores a sua própria inteligência. E conseguiram isto através de programas prèviamente preparados que, sem ônus para os usuários, integram os computadores Burroughs, dando-lhes a mais elevada "capacidade intelectual". É o extraordinário "software" Burroughs, a inteligência na máquina.

Compiladores Cobol, Algol e Fortran, que transformam essas poderosas linguagens simbólicas em linguagem reconhecível pela máquina: Programas Genéricos de Classificação em Discos ou Fitas Magnéticas: Programa Montador Avançado e o fabuloso Sistema Operacional, que minimiza a extremos a intervenção humana, que possibilita a autoprogramação e o contrôle ótimo das operações de multiprocessamento, são exemplos da extraordinária Programação de Apoio dos computadores Burroughs.

Se as mais eficientes equipes de Programadores e analistas tentassem isoladamente elaborar um "software" — dar alma a um computador — sòmente o custo dessa programação tornaria a tarefa irrealizável. Os Burroughs já trazem essa alma do berço. Basta contratar a máquina.

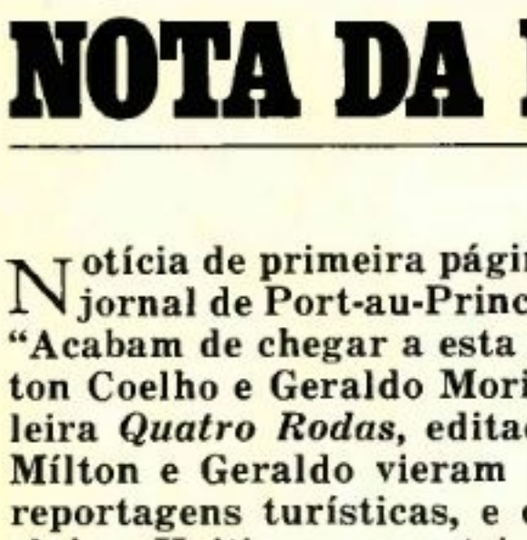
Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

NOTA DA REDAÇÃO

Notícia de primeira página do *Nouvelliste*, o maior jornal de Port-au-Prince, no dia 9 de abril de 1967: "Acabam de chegar a esta cidade os jornalistas Mílton Coelho e Geraldo Mori, da grande revista brasileira *Quatro Rodas*, editada em São Paulo, Brasil. Mílton e Geraldo vieram da Europa, onde fizeram reportagens turísticas, e estão na Capital para incluir o Haiti em seu roteiro. Ambos já entraram em contato com o diretor-geral do Turismo, o agrônomo Luc-Albert Foucard e seus assistentes. Êles irão aproveitar os dias de Carnaval, comemorativos do décimo ano da Revolução "duvaliériste" e do 60.º aniversário do presidente Duvalier, para fazer uma reportagem sôbre o nosso país."

Esta nota, assinada por Aubelin Jolicoeur, o jornalista-policial mais famoso do Haiti, abria algumas das portas da ditadura aos repórteres de REALIDADE, que — para poder entrar no Haiti — levaram credenciais de uma revista de automóveis e turismo.



MÍLTON COELHO

GERALDO MORI

Durante três semanas, os jornalistas brasileiros enganaram a Polícia do ditador. Quando sentiram que a vigilância apertava, Geraldo Mori apanhou os filmes que tinha escondido na caixa d'água do apartamento, guardou as anotações de Mílton Coelho no fôrro do blusão e deixou o país no primeiro avião. A seguir, sem nada que o pudesse comprometer, também Mílton partia.

Enquanto isso, em Santa Catarina, um repórter e um fotógrafo desciam ao fundo de uma mina de carvão e — na Amazônia — outros dois jornalistas percorriam, de barco, quase dois mil quilômetros de rio. Ao mesmo tempo, outros repórteres se deslocavam entre Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, para colhêr depoimentos, levantar dados ouvir meia centena de pessoas e bater 5.400 fotos. Mas, apesar de tanta correria, êsse trabalho nos fascina e entusiasma. Esperamos que ao leitor também.

Quando autoridades mandam apreender revistas (*Manchete* foi proibida em Guaratinguetá, São Paulo, porque um Juiz de Menores considera indecência os índios andarem nus — mas não especifica se seria preciso vesti-los para fotografá-los) e cortam ou interditam filmes (*Terra em Transe*, fita nacional premiada no Festival francês de Cannes, quase não pôde ser vista pelos brasileiros), a censura se transforma em assunto do momento. Para aprofundar o problema, repórteres procuraram os homens que "sabem" o que podemos ou não podemos ver e entrevistaram intelectuais. Todos foram contra o primarismo dos censores.

ANUNCIAMOS A PRÓXIMA ATRAÇÃO

Vire a página. Você vai saber o que significa esta etiquêta.

Mafisa
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua Libero Badaró, 293 - Fones: 34-2493 e 34-1076
End. Telegr.: "Mafisaimpex" - São Paulo

TORAYLON é um produto da Toyo Rayon Co. Ltd. (Japão) representada no Brasil pela Mitsui Brasileira Importação e Exportação Ltda.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO II — NÚMERO 15 — JUNHO 1967

Capa — A criança não sai do ôvo. Mas, se assim está representado um nascimento, é para mostrar que o parto pode ser um ato vivido sem dor nem sofrimento.

Política 26 — **Há um nôvo tempêro no poder** — Juscelino era alegria; Jânio, bicho-papão; Jango, indeciso; Castelo, severo. Costa e Silva procura outros caminhos.

Esporte 36 — **O esporte de ninguém** — De mil brasileiros, sete praticam algum esporte. Só se pensa em futebol; por isso nossos campeões aparecem por acidente.

Internacional 44 — **Viagem ao país do mêdo** — Enganando a feroz Polícia do ditador Duvalier, dois repórteres mostram a miséria e o terror em que vive o povo do Haiti.

Arte 60 — **A arte de fazer um museu** — Por meios nem sempre considerados muito "legais", obras-primas cobiçadas no mundo inteiro estão no museu de São Paulo.

Gente 70 — **Arigó é a última esperança** — Alguns dizem que êle não passa de um vigarista. Estudiosos encaram-no cientìficamente. Os que têm fé acham-no milagroso.

Documento 80 — **Esta cidade não parou para pensar** — As metrópoles continuam crescendo e com isso arranjam cada vez mais problemas. Nosso melhor exemplo é SP.

Debate 94 — **Isto é proibido** — Dezessete funcionários públicos têm o poder de decidir o que cada brasileiro pode ou não pode ver no cinema. É a censura.

Entrevista 104 — **Vale a pena viver amanhã?** — O autor de "O Futuro já Começou" adverte à jornalista Oriana Fallaci: grave catástrofe ameaça o futuro da humanidade.

Aventura 116 — **Estamos em pleno rio** — Os dramas de uma viagem de navio, que em 9 dias leva centenas de pessoas de Belém a Manaus, através da floresta amazônica.

Problema 128 — **Êles vivem embaixo da terra** — Mineiro trabalha a vida tôda sem ver o Sol e raramente chega aos 50 anos. Em Criciúma, oito mil homens vivem assim.

Televisão 140 — **Nossa televisão está com defeito** — Sem dinheiro, sem bons programas, nossa TV passa pela pior crise de sua história e precisa achar uma solução.

Ciência 150 — **A dor do parto não existe** — Tabus seculares fizeram do parto um ato de sofrimento. A medicina mostra que não existe dor quando uma criança nasce.

Tiragem desta edição: 455.000 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Hamílton Ribeiro, José Carlos Marão, Lúcio Nunes, Luiz F. Mercadante, Micheline Gaggio Frank, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Paulo Henrique Amorim
Roberto Freire
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori
Lew Parrela (chefe)
Sucursal, Rio: Alessandro Porro (diretor) Mílton Coelho, Nélson Di Rago,
Sucursal, Brasília: Luís Edgard Tostes
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Carlos Alberto Maia, José Luiz Decourt Ricci, Sílvio Fernandes
Representantes, Rio: Nílson Alves, Álvaro Ceciliano Filho
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Vice-Diretor Comercial: Salviano Nogueira
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Amazonas, 718, sala 503, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00/Cr$ 1.000. Assinatura semestral NCr$ 6,00/Cr$ 6.000. Assinatura anual NCr$ 12,00/Cr$ 12.000. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901.

/ Todos os direitos reservados.

/ Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.

As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Ao vestir as novas criações em Toraylon V. causará um impacto muito forte nas outras mulheres

Toray
TORAYLON
FIBRA ACRÍLICA

Toraylon é uma nova etiquêta que V. se acostumará a ver sempre associada a luxo, beleza e categoria. Em irresistiveis criações femininas.
Em delicadas confecções infantis. Até mesmo em tecidos marcadamente masculinos. Toraylon é uma fibra acrilica que faz maravilhas de confôrto e durabilidade também.
V. gostará mais de si mesma usando Toraylon.
E os homens gostarão mais de V. usando Toraylon.
Exija sempre a etiquêta.

(Imagine nos homens!)

Grupo Cito

Um produto Toray TOYO RAYON COMPANY, LTD.-Japão **Mafisa** IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. R. Libero Badaró, 293 - Fones: 34-2493 e 34-1076 - End. Telegr.: "Mafisaimpex" - S.P.

Há gente que custa a entender as coisas. Na estrada, conversa não resolve. O que resolve é fenemê. Para transportar, durar e dar lucro. Em qualquer terreno, levando qualquer carga. Chassi longo, médio ou curto, se o negócio é transportar, é pra caminhão fenemê.

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

25 ANOS TRANSPORTANDO O PROGRESSO

cartas

"Papo furado"

Sr. Diretor: Parabéns pela vendagem e popularidade que a revista REALIDADE obteve, quando resolveu, num artigo de mau gôsto, publicar irrealidades a respeito do livro de Roberto Carlos. Vocês podem ter certeza que não conseguiram derrubá-lo, pois quanto mais o criticam mais nós gostamos dêle.

MARIA HELENA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Na qualidade de grande admiradora do Roberto Carlos quero expressar o meu protesto pelo artigo publicado em REALIDADE n.º 14, "Roberto Carlos é papo furado". Êle não é poeta e lêem os seus livros os jovens que o compreendem e os que querem.

MARIA DA CONCEIÇÃO DE O. NUNES
Niterói — RJ

Sr. Diretor: Ao ler a crítica que fizeram a Roberto Carlos, senti meu coração ferido, muito triste mesmo. Vocês julgaram as partes piores do livro. Espero e desejo mesmo que vocês se arrependam.

CYNTIA MARIA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Quem deveria congratular-se com REALIDADE pela reportagem "Roberto Carlos é papo furado" era a Academia Brasileira de Letras. Não só congratular-se, mas dar combate a êste e muitos outros falsos escritores.

EDUARDO BRAGA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Pode ser que Roberto Carlos não seja poeta, mas é um grande cantor, símbolo da nossa juventude.

BEATRIZ S. SIMÕES
Rio de Janeiro — GB

REALIDADE concorda: Roberto Carlos é um grande cantor.

Tóxicos x ié-ié-ié

Sr. Diretor: "Êle é um viciado" previne a sociedade brasileira, que só pensa em ié-ié-ié, ambiente propício para gerar novos viciados em entorpecentes. É óbvio que se encontram raríssimas e honrosas exceções.

ANTÔNIO BONICELLI
São Carlos — SP

Sr. Diretor: Com satisfação se vê que essa revista desperta a opinião pública para problemas realmente graves. A reportagem "Êle é um viciado" faz a gente pensar se cada um de nós não tem um pouco de responsabilidade!

GIOVANNI BARRERA
Sorocaba — SP

Sr. Diretor: Sou estudante ginasial. A reportagem "Êle é um viciado" alertou-me sôbre coisas que jamais sonhara. Como todo jovem, para mostrar superioridade ou virilidade, eu poderia estar exposto, um dia, ao vício. Graças a Deus isso não acontecerá, pois estou agora "por dentro da onda".

ROBERTO RAMOS
São Paulo — SP

Tóxicos, sim; ficção, não

Sr. Diretor: Parabéns à REALIDADE pela corajosa reportagem sôbre tóxicos. Quanto à reportagem-ficção "Sete dias de maio, 1977" discordo do autor! Acho que em 1977 ainda estaremos às voltas com problemas como analfabetismo, reforma agrária (que de uns tempos para cá virou tabu) e coisas dêsse gênero, em vez de energia atômica e emprêgo de armas nucleares.

P. L. C. BRENGEL
São Paulo — SP

Sr. Diretor: "Sete dias de maio, 1977" é a melhor descrição fictícia que já saiu na imprensa brasileira.

PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Aproveito a oportunidade para levar ao repórter Luiz Fernando Mercadante um abraço pela espetacular reportagem-ficção "Sete dias de maio, 1977".

RAFAEL SOUZA SILVA
Santos — SP

Sr. Diretor: O trabalho "Sete dias de Maio, 1977" é muito pessimista, pois demonstra que não teremos evolução política: os políticos seriam os mesmos de hoje, todos êles culpados pela situação em que vivemos. Felizmente é uma ficção, e não passará disso.

ANTÔNIO AUGUSTO DOS SANTOS
São Domingos do Prata — MG

Uma fera com excesso de pêso

Sr. Diretor: É sabido que o pêso dos grandes leopardos não ultrapassa os 85 quilos. Em média êsse animal não chega aos 70 quilos.

SEGUE

VEJA AÍ
SHOW
Você vai adorar esta etiquêta.
Veja a página seguinte.

Mafisa
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua Libero Badaró, 293 - Fones: 34-2493 e 34-1076
End. Telegr.: "Mafisaimpex" - São Paulo

EXLAN é um produto da Japan Exlan Co. Ltd.-
Toyobo Co. Ltd. (Japão) representada no Brasil pela
Mitsui Brasileira Importação e Exportação Ltda.

Grupo Oito

cartas

Sòmente os grandes tigres da Mandchúria alcançam e mesmo superam o pêso de 250 quilos que REALIDADE atribui àquele felino.

JOSÉ DUARTE
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Fiquei satisfeito com o número 14 dessa revista, que trouxe, ao meu ver, um dos melhores ensaios fotográficos já publicados: "O leopardo".

HUMBERTO VIANA GUIMARÃES
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Parabéns por REALIDADE de maio. O ensaio sôbre o leopardo é sensacional, é obra-prima de reportagem e fotografia.

JOSÉ ALEXANDRE CORREIA
Belo Horizonte — MG

Pró-americanista, pró-cultura

Sr. Diretor: Tenho lido alguns artigos de REALIDADE, notei que a revista trai ideològicamente nossa pátria a favor de uma nação estrangeira, ajudando-a assim a conquistar o brasileiro e conseqüentemente o Brasil. Tenho certeza que todos os leitores dessa revista estão alertados das intenções de seus artigos e já a lêem com espírito crítico, e especialmente a juventude brasileira, que é o alvo principal dêsses artigos

CLAYTON ROBERT SANTOS
Recife — PE

Sr. Diretor: Antes do surgimento de REALIDADE, notava-se que as demais revistas chegavam a menosprezar o público brasileiro, público êste ávido de cultura. Depois de REALIDADE, porém, as coisas mudaram. É para nós grande satisfação cumprimentar a todos vocês da revista, que estão contribuindo para o desenvolvimento sócio-cultural do povo brasileiro.

MÁRIO SILVA
Curitiba — PR

Sr. Diretor: Vocês sabem que a palavra "sexo" para a maioria do nosso povo é tabu; faz pensar em coisas proibidas e descrições audaciosas, o que indiretamente aumenta as vendas. Infelizmente, para vocês, parece que o tiro saiu pela culatra. Nota-se que desde o número 10 não há mais preocupação de "educar a população", o que demonstra que as medidas do Juizado de Menores surtiram efeito.

MARCELO DE PAIVA
Santos — SP

Sr. Diretor: O que essa revista revela é a realidade do que necessitamos. Isso contraria a muitos, que se escondem sob preconceitos. Espero que REALIDADE continue firme e maravilhosa como tem sido, pois é chegada a hora de nosso povo, dando-lhe informações para poder opinar sôbre todos os assuntos.

DIÚLIA HEKEBA BELLUZZO
Campinas — SP

Cumprimento de vereadores

Sr. Diretor: Anexo cópia do requerimento, aprovado em sessão plenária de 29 de março último da Câmara de Vereadores do Município de São Paulo, de um voto de júbilo e congratulações pela passagem e comemoração do primeiro aniversário da revista REALIDADE, por se tratar de uma publicação que contribui para a elevação do nível cultural de nosso povo. Mais uma vez, meus parabéns e a expressão sincera de minha admiração.

JOÃO LEMOS
Vereador da Câmara Municipal
São Paulo — SP

Boa alma no inferno verde

Sr. Diretor: "A boa alma dos Vilas Boas" é um grito de alerta para a humanidade que se destrói a si mesma. Mostra que nas profundezas do "inferno verde" existem homens com H maiúsculo, homens que representam a máxima de Cristo: "Amai-vos uns aos outros'.'

TENENTE ELIUD GONÇALVES PEREIRA
Goiânia — Goiás

Sr. Diretor: "A boa alma dos Vilas Boas" faltava em suas páginas. A coragem dos nossos pioneiros anda sufocada e esquecida.

ROBERTO DE MELO LEMOS
Lins — SP

Homenagem ao desconhecido

Sr. Diretor: Venho congratular-me com a formidável reportagem intitulada "Um fotógrafo ilustre e desconhecido".

ROBERTO SOARES GOMES
Juiz de Fora — MG

Sr. Diretor: A reportagem sôbre Herros Cappello é antes de mais nada uma eloqüente homenagem à arte fotográfica nacional.

A. VASQUES
Secretário da Academia Santista
de Fotografia
Santos — SP

Piauí: "não li e não gostei"

Sr. Diretor: Não sei se vocês têm coragem de publicar o artigo do jornalista piauiense J. Miguel de Matos, publicado em "O Dia", de 19/4/67, órgão de imprensa de Teresina. Diz o jornalista Miguel de Matos (...) "Não li o número ultrajante da ultrajada revista REALIDADE. (. . .) O repórter Carlos Azevedo, aviltando o Piauí, cometeu outro crime: lançou o Ceará contra o Piauí, fato que, salvo melhor juízo, constitui crime contra a segurança nacional" (...).

MARIA DO SOCORRO MENDES
ANTÔNIA LIMA
FRANCISCA TERESA C. MENDES
ANTÔNIA ARAÚJO
MARIA C. A. RODRIGUES
Teresina — PI

Sr. Diretor: Li atentamente a reportagem "O Piauí existe" e, sinceramente, como piauiense que sou, encontrei na citada reportagem não um deboche, como querem dizer, mas uma crítica construtiva, um alerta aos homens públicos daquele Estado. Acredito que muitos conterrâneos meus esclarecidos e cônscios saberão reconhecer, como eu, que o Piauí ainda não é um Estado de destaque no cenário brasileiro, e isso deve-se única e exclusivamente aos seus representantes perante o govêrno federal.

OSLO MEMÓRIA DE ARAÚJO
Fortaleza — CE

Sr. Diretor: Temos certeza de que o repórter errou o alvo, porque o povo sofrido do interior do Piauí é simplesmente vítima duma estrutura feudal e de privilégios restritos que a reportagem não teve coragem de atacar. Afinal, o povo foi injuriado e exige uma retratação.

JOSÉ R. DE OLIVEIRA
Guanabara — GB

Sr. Diretor: Li a reportagem "O Piauí existe" e gostei bastante. O que lucraremos em esconder a realidade, apenas para que os outros estados não vejam nossa miséria? Não! Está na hora de deixar de lado os orgulhos pessoais e encarar a coisa como realmente ela é. Espero que os governantes do país levem a sério a reportagem e façam alguma coisa para amenizar o sofrimento daquela gente.

FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA
São José dos Campos — SP

Sr. Diretor: A reportagem "O Piauí existe" constitui-se numa verdadeira farsa ao valoroso Estado. O Piauí não é só miséria. Sua capital, Teresina, oferece belíssimos panoramas, com suas ruas retilíneas e bem traçadas, majestosas avenidas e praças ajardinadas. A reportagem é falsa e mentirosa. Efetivamente, o Piauí é o Estado mais pobre do Nordeste, mas não tão miserável e macabro como diz a reportagem.

SAMUEL BRASILEIRO DE OLIVEIRA
Juàzeiro do Norte — CE

Sr. Diretor: A propósito da reportagem "O Piauí existe" gostaria que vocês tomassem conhecimento do discurso que fêz dia 9 de maio, na Câmara dos Deputados, o deputado Fausto Gaioso (Arena-Piauí). Disse êle, referindo-se à reportagem, depois de contar que estudantes piauienses queimaram na rua números de REALIDADE: "Excesso de universitários? Não, pois foi essa a forma de protesto que lhes pareceu mais justa, em nome de um Estado abandonado. Exagêro da revista? Não, porque eram verdadeiros os números de uma realidade que nela se mostrou, crua e aterradora, mas infelizmente exata".

ANTÔNIO P. VIGNONI
São Paulo — SP

Sr. Diretor: A reportagem "O Puiauí existe" é uma perfeita pilhéria jornalística, além de ser um amontoado de inverdades, as mais tristes. Foi escrita num estilo de mofa, gozação, atitudes imperdoáveis daqueles que se dizem jornalistas.

FRANCISCO RODRIGUES DE FREITAS
Juàzeiro do Norte — CE

Sr. Diretor: "O Piauí existe", reportagem palpitante, comovedora, realista, que não pode ser desmentida porque ninguém ousaria fazê-lo. A revista REALIDADE prestou ao Piauí e a seus filhos um grande serviço.

FRANCISCO COSTA DOS SANTOS
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Não é possível imaginar o quanto repercutiu negativamente a reportagem sôbre o Piauí. Naquele Estado existe muita coisa sendo feita sem alarde e o progresso vem surgindo naturalmente, dentro dos limites e dos índices que lhe são peculiares. Sem a menor intenção de ameaça e sem querer provocar quem quer que seja, quero apenas lembrar aqui algumas palavras de Otávio Mangabeira: "Violência gera violência e só o amor constrói para a eternidade".

JOSÉ AUGUSTO DE ARAÚJO REZENDE
Rio de Janeiro — GB

REALIDADE prefere uma outra afirmação de Otávio Mangabeira: "Quem tem mêdo da verdade não tem amor nem coragem para enfrentar a vida"

Uma etiquêta nova, chamada Exlan, mostra que as confecções infantís podem ser bonitas, resistentes e práticas.

Exlan
Fibra Acrílica

E que a criançada não precisa andar tôda engomadinha para ficar elegante.

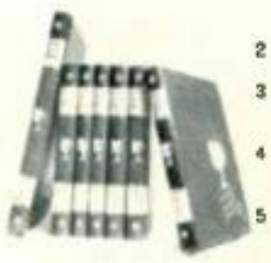
Exlan reúne mesmo notáveis caracteristicas. As confecções feitas com Exlan resistem ao uso intensivo. Não amassam. Podem ser lavadas um milhão de vêzes sem perder aquêle toque agradável e macio. Porisso Exlan deixa a turminha bem atualizada. Elegante mesmo. Agora, se V. pensa que Exlan foi feito só para crianças, enganou-se. Exlan é uma fibra acrilica que faz pràticamente tudo. Verifique com atenção a etiquêta.

Mafisa
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
R. Libero Badaró, 293 – Fones: 34-2493 e 34-1076
Endereço Telegr. "Mafisaimpex" – SÃO PAULO

Grupo Oito

Respostas modernas *(e francas)* às mulheres de hoje!

Com respostas objetivas e francas, a Biblioteca DA ARTE DE SER MULHER é o guia prático e seguro da mulher moderna. Tem a solução imediata para os problemas de seu dia-a-dia: saúde geral, saúde sexual, felicidade amorosa, comunicação profunda, encontro existencial, etiquêta, elegância, relações humanas no lar e na vida social; adolescência, namôro, escolha do companheiro, casamento, compatibilidade, felicidade conjugal; prevenção da menopausa, anticoncepcionais, pílulas e a eterna juventude, e tudo que deve saber a mulher evoluida que quer continuar evoluindo. MAIS DE 150 CONSELHOS E EXERCÍCIOS DE BELEZA. Colaboram famosos especialistas na arte de tornar a mulher plenamente feminina. Você vai adorar! Consulte uma amiga que já tem. Senão, faça segrêdo e surpreenda-a com os resultados!



São 7 belíssimos volumes ricamente encardenados em PERCALUX azul-noturno. Gravação a ouro, inclusive o LIVRO DE BELEZA à côres. 300 ilustrações e gráficos. 1520 páginas.

1 - **DA ARTE DE SER MULHER ESCLARECIDA:** O QUE A MULHER DEVE SABER. Dr. H. Imerman, Ginecologista
2 - **DA ARTE DE SER MULHER AMADA:** AMAR E SER AMADA, prof. Pierre Weil, Psicólogo
3 - **DA ARTE DE SER MULHER FEMININA:** ETERNAMENTE FEMININA, Dr. R. Wilson, Ginecologista.
4 - **DA ARTE DE SER MULHER ESPÔSA:** EM BUSCA DA FELICIDADE CONJUGAL. Dra. Rebecca Liswood, Médica e Psicóloga.
5 - **DA ARTE DE SER MULHER CATIVANTE:** GUIA DE BOAS MANEIRAS. Marcelino de Carvalho, Mestre em etiquêta.
6 - **DA ARTE DE SER MULHER PERFEITA:** A ARTE DE SER MULHER, Carmem da Silva, Psicóloga.
7 - **DA ARTE DE SER MULHER ATRAENTE:** TÔDAS PODEM SER BELAS, Dr. Carlos Alberto de Souza, Clínico de Beleza.

Crediário: NCR$ 150,00 (8 NCR$ 18,75)
PLANO ECONÔMICO 50% (venda direta e entrega da coleção em 3 parcelas: 2+2+3 volumes, de 30 em 30 dias): apenas NCR$ 75,00, em 3 x NCR$ 25,00.

Dirigente exigente Secretária eficiente!

A BIBLIOTECA DA SECRETÁRIA DE EMPRÊSAS reune modernas e eficazes idéias, técnicas e caminhos que economizarão seu tempo e aumentarão seu valor executivo. Eficiência, liderança, relações humanas com subordinados e superiores, correção de textos, abreviaturas, pêsos e medidas, formas de tratamento, comunicação oral e escrita, operações comerciais, organização do arquivo, arranjos do escritório, etc.

São 6 magníficos volumes encardenados em PERCALUX vermelho-pitanga, com gravação a ouro, 390 ilustrações fechos e modelos de cartas.

1 - **A SECRETÁRIA DE SUCESSO.** Equipe da Parker Publishing
2 - **RELAÇÕES HUMANAS NA FAMILIA E NO TRABALHO.** Pierre Weill
3 - **CORRESPONDÊNCIA** - Linguagem e Comunicação, O. Beltrão
4 - **VOCABULÁRIO DE INTERCÂMBIO COMERCIAL** (Português/Inglês Português, de A a Z). M. Martins Neto
5 - **ORATÓRIA, LIDERANÇA E EFICIÊNCIA PESSOAL.** A. Pádua Reis
6 - **MANUAL DO SECRETÁRIO DE INGLÊS COMERCIAL E BANCÁRIO.** R. B. Chalmers.

Crediário: NRC$ 108,00 (8 x NCR$ 13,50).
PLANO ECONÔMICO 50%: (venda direta e entrega da coleção em 3 parcelas de 2 volumes, de 30 em 30 dias:) apenas NCR$ 54,00, em 3 x NCR$ 18,00.

IBRAT — Cursos e Publicações Femininas
Rua 24 de Maio, 77 - conj. 909 - SÃO PAULO, SP
Caixa Postal 9019 - tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741
Enviem-me, pelo Plano Econômico, a Biblioteca

, conforme anúncio.

☐ — No caso de já estarem prontos todos os volumes, remetam-nos de uma só vez, com desc. de 6,5%. (Assinalar, se preferir).

Nome
End.
tel.
Assinatura

(Reembolso, mais NCr$ 1,00 por parcela, aéreo. NCr$ 2,00)
Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

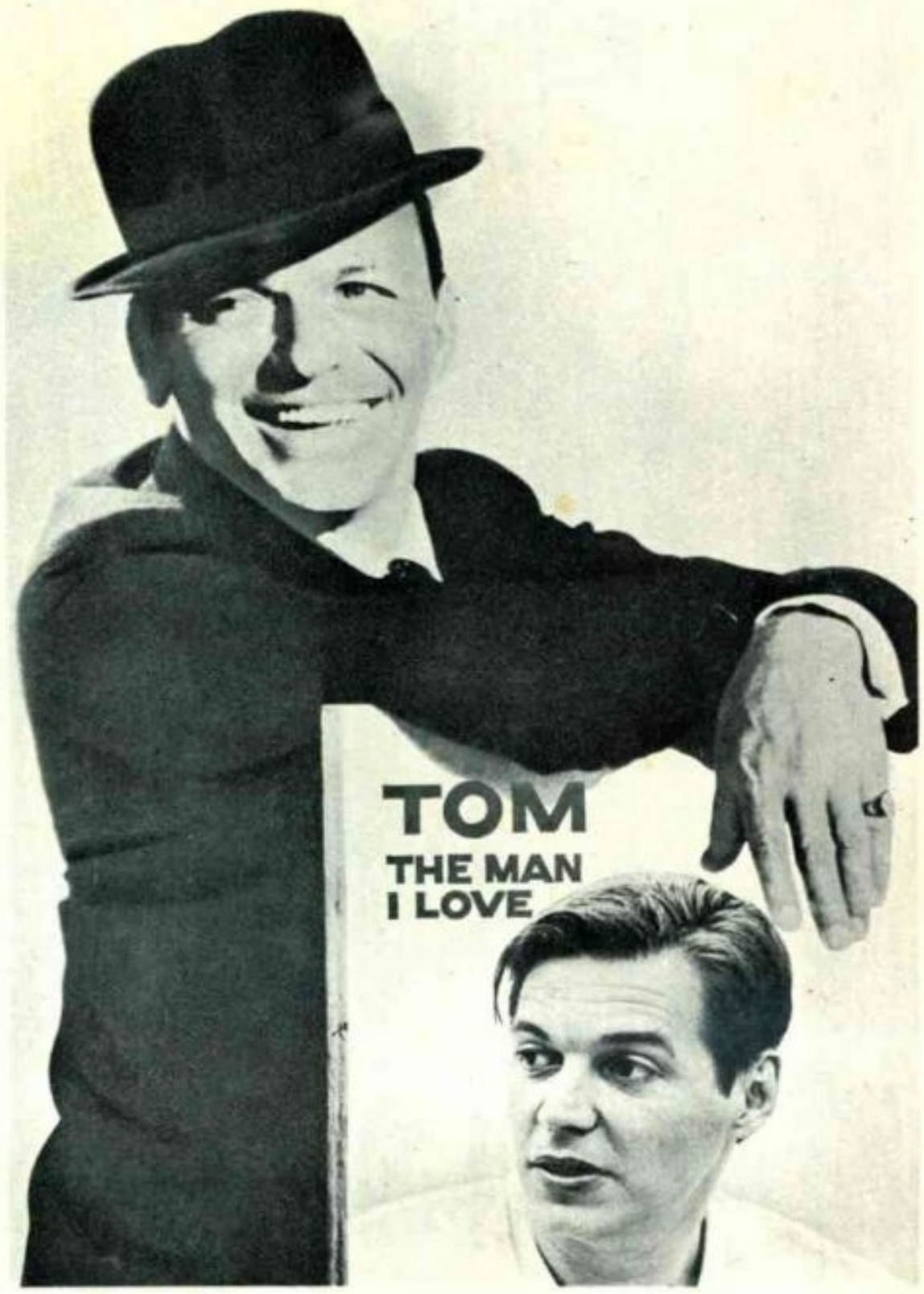
DISCOS

Tom & Sinatra, a velha bossa

— O Frank Sinatra gravou um disco com o Tom Jobim.

Esta revelação libertava o Brasil de um complexo de frustração musical típico do subdesenvolvimento. A bossa nova acabava de conquistar uma das mais importantes faixas do consumo norte-americano de música popular, o que vale dizer também internacional, porque o que é bom para os Estados Unidos (em têrmos de consumo) é bom para o resto do mundo. E o que é mais importante: a música popular brasileira moderna não se criou nem se fixou à imagem do **jazz**; nós é que impusemos nossos padrões. Como assim?

Se Carmem Miranda, o bolero, o chá-chá-chá e a música havaiana foram consumida nos EUA como **ópio** ou fundo musical para embriagar o espírito com sonhos exóticos, a bossa nova, música mais elaborada, feita de sutilezas rítmicas, melódicas, harmônicas e interpretativas, foi, ao contrário, impor suas características e exigir uma participação mais ativa, tanto do intérprete como do ouvinte. Por isso, ela venceu, no início de sua integração naquele país, apenas entre os músicos mais evoluídos do **jazz** moderno. Com o tempo, suas características se popularizaram e foram assimiladas pelo grande público, o que levou também um número cada vez maior de intérpretes a se interessar por ela.



E o ponto culminante dessa evolução foi o ímpeto repentino de Frank Sinatra, arrancando Tom Jobim de um chope no bar Veloso, com um telefonema Nova Iorque-Ipanema, para colocá-lo a seu lado como orientador de uma gravação. Vindo do musical, do espetáculo, homem de **show**, intérprete com os melhores hábitos e recursos de trato com o público, Sinatra, no disco "Francis Albert Sinatra & Antônio Carlos Jobim", apresenta-se despojado e sóbrio. Depois de um "Strangers in the Night", em que abria a voz numa interpretação extrovertida, mostra agora seu lado intimista. Interpreta uma série de clássicos da bossa nova com voz totalmente descontraída, quase falando, como se estivesse dialogando com o ouvinte. E isso se deve à influência de Jobim, pois êstes eram os traços mais típicos da bossa em sua fase original.

Também é curioso notar que, enquanto a bossa nova por aqui se encontra em fase de desintegração — pois uns partem para a reelaboração artificiosa do sambão (Jair Rodrigues), outros para o virtuosismo vocal com base no be-bop americano de após-guerra (Wilson Simonal) e alguns ainda para a estilização do folclore ou da música sertaneja (Geraldo Vandré) — o interêsse internacional veio recair exatamente no repertório e no tipo de interpretação da época em que havia mil confusões em tôrno da bossa (anos de 59/60)

Os arranjos dêstes discos (de autoria de Claus Ogerman) estão absolutamente integrados na interpretação de Sinatra e no espírito das composições, pois baseia-se nas orquestrações de Jobim para os discos "Chega de Saudade", "O Amor, o Sorriso e a Flor", "João Gilberto" e "Antônio Carlos Jobim", êste gravado nos EUA. Ogerman chega não só a imitar a orquestração de Tom, copiando muitas frases, como também exige de seus músicos inflexões semelhantes às dos músicos brasileiros. Sua orquestração é, portanto, e como quis Jobim, econômica e corajosa, deixa Sinatra cantar às vêzes apenas com alguns acordes de violão e um toque muito discreto de bateria do brasileiro Dom Um, que soa como se fôsse caixa de fósforo. Êste disco veio mais uma vez confirmar a tese de que a bossa nova brasileira como a entendiam Jobim, João Gilberto e Vinicius de Morais no início desta década, é a arte de exportação verdadeiramente criativa que o Brasil tem a oferecer ao consumo internacional de música.

IMPRENSA

Nosso jornal está em perigo

Brasileiro não lê jornal. Dos 80 milhões de habitantes, apenas três milhões compram todo dia o seu matutino ou vespertino, o que dá uma proporção de 37 leitores em cada mil habitantes. Na Inglaterra e Suécia, entre cada mil habitantes, cêrca de 500 jamais deixam de ler seu jornal diário. Nos Estados Unidos, a média cai para um pouco mais de 300 leitores por mil habitantes.

Por que os jornais brasileiros vendem tão pouco?

Uma parte da resposta está no mercado e a outra no produto. Para vender, os jornais têm que se dirigir a um mercado capaz de consumi-los. Em outras palavras: o consumidor deve saber ler e ter dinheiro para comprar o produto. Essa última condição é problema no mercado brasileiro, onde o subdesenvolvimento estabelece largas faixas de população com baixíssimos salários, além de uma longa crise financeira. Na indústria da imprensa, os reflexos da crise são mais graves porque o consumidor não tem dinheiro e não sabe ler. Por exemplo, o índice de leitura na Argentina (15,5 jornais diários para cada mil habitantes), em comparação com o Brasil, se explica pela diferença da taxa de analfabetismo: lá de 13% e aqui mais de 50%.

SEGUE

UM MINUTO SÓ

Não deixe de ler o anúncio que vem a seguir apresentando esta etiquêta

Mafisa
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua Libero Badaró, 293 - Fones: 34-2493 e 34-1076
End. Telegr.: "Mafisaimpex" - São Paulo

BESLON é um produto da Toho Rayon Co. Ltd. (Japão) representada no Brasil pela Mitsui Brasileira Importação e Exportação Ltda.

Mas há que considerar que nossos jornais não esgotam sequer o potencial de leitores disponíveis, os que **podem ler e comprar**, e não compram. Por quê?

Hoje, a média de tiragem dos diários do Rio e de São Paulo está em redor dos 50 mil exemplares. No entanto, há algumas décadas já se vendia quase isso. Para dar uma idéia, no dia em que morreu Lampião, há quase 40 anos, o jornal **A Noite** vendeu 200 mil exemplares.

Se os jornais brasileiros estão (como já estiveram os americanos, franceses e inglêses) ameaçados de perder um mercado já conquistado, é porque não adaptaram suas técnicas às novas exigências do leitor moderno, que está sendo solicitado ininterruptamente por estímulos irresistíveis. Os jornais brasileiros continuam tentando refletir objetivamente, como se fôssem espelhos, os fatos e acontecimentos de um mundo onde o inesperado, o nôvo bombardeiam diàriamente a atenção do leitor através da imagem e do som da TV, do rádio e do cinema.

O momento crítico por que passa a imprensa escrita no Brasil coincide — como cincidiu nos Estados Unidos, França e Inglaterra — com o aparecimento da "Civilização da Imagem", onde a larga divulgação da linguagem visual subverteu a forma tradicional de aquisição de informação e conhecimento.

Esta guerra "visual vs. verbal" não teve, nos outros países, vencedores. Ela foi solucionada do mesmo modo que americanos e soviéticos resolveram sua guerra fria: limitação de áreas de influência. As funções que o jornalismo exercia com exclusividade foram repartidas pelos outros meios de comunicação. Em compensação, as vantagens da mensagem escrita foram hàbilmente exploradas no sentido da documentação, da análise, da interpretação e da explicação. Ou seja, as primeiras informações ("morreu o presidente", "aumentou a taxa do dólar") são fornecidas pela TV. Ao jornalismo escrito cabe explicar as conseqüências, analisar a situação passada, especular sôbre a política econômica. A imprensa, hoje, tem que analisar, interpretar.

Se em outros lugares o jornalismo diário deu o salto da **informação** para a **formação**, não será de outro modo que nossa imprensa poderá competir com outros meios mais rápidos de divulgar notícias.

Cena do filme dirigido por Peter Brook, baseado na peça de Weiss.

TEATRO

O jeito de achar a saída

Onde Fica a Saída? é o título de uma peça lançada na Guanabara. Seu tema: a guerra fria. O público não se interessou pelo espetáculo. Primeiro porque a guerra fria não o atinge diretamente. Segündo, porque a guerra fria já entrou em degêlo, depois da crise dos mísseis soviéticos em Cuba, em 1962. Desde então, agravou-se o conflito no Vietnã e cresceu a influência chinesa nos movimentos revolucionários mundiais. Qualquer pessoa pode informar-se dêsses fatos, mas os autores permanecem nos tempos idos de Truman e Stalin, que russos e americanos já vão esquecendo. Da peça, fica só a pergunta do título, que vale para o destino do teatro brasileiro: **Onde Fica a Saída?**

Por ano, duzentas mil pessoas vão ao teatro no Rio e São Paulo, pagando em média cinco cruzeiros novos por poltrona. Um grande sucesso, como **My Fair Lady**, de Alan Jay e Frederick Loewe, chega a atrair um milhão de espectadores, mas é exceção.

Os custos de produção (espetáculos profissionais) vão de 30 a 80 mil cruzeiros novos Há também as despesas de manutenção, propaganda, sem falar nos aluguéis, que quase sempre consomem 30% da renda bruta das companhias. Nas condições atuais, nenhuma peça se sustenta com menos de 150 espectadores diários, média que obriga os empresários a montar textos comerciais e a evitar experiências ou encenação de autores novos. O subdesenvolvimento econômico do teatro brasileiro conduziu-o à estagnação cultural.

Empresários audaciosos tentam fazer alguma coisa melhor. Há três alternativas: o espetáculoso, o grande texto e os grandes nomes. Êste ano temos uma safra que promete e que poderá satisfazer o público desejoso de teatro de qualidade. Mas não será resolvido o problema todo. Ademar Guerra, em São Paulo, investiu 50 mil cruzeiros novos no **Marat/Sade**, de Peter Weiss. Nenhum ator famoso serve de chamariz para o texto. Weiss e a espetaculosa encenação do original pelo diretor inglês Peter Brock, são as **estrêlas.** O autor faz teatro livre de esquematizações. Usa elementos do realismo, do didatismo, de Brecht e até de **vaudeville,** para contar o assassinato de Marat por Charlotte Corday, como teria sido encenado pelo marquês de Sade num asilo de loucos. Marat e Sade debatem as vantagens da revolução social e da revolução dos instintos, respectivamente. Ambos são loucos, o que parece resumir a visão de Peter Weiss para o mundo moderno.

Nessas bases, Brock criou um espetáculo onde o jôgo de aparências, violentas manifestações sensoriais e de sensibilidade substituem conceituações civilizadas.

Já Flávio Rangel usa a grande poesia de Sófocles e o nome de Paulo Autran como suportes de **Édipo Rei**. Espera que o público familiarizado com as versões populares do famoso complexo compareça ao teatro para verificar a beleza do mito em que Freud se inspirou.

Outro texto onde os instintos levam a melhor sôbre a sanidade é **The Homecoming** (A Volta ao Lar), de Harold Pinter, alicerçado no prestígio de Fernanda Montenegro. Pinter retrata uma família que se entredevora pela posse de uma mulher. Custo de **Édipo** e de **The Homecoming**: 30 mil cruzeiros novos cada um.

O alto nível profissional dêstes espetáculos não lhes garante o sucesso, mas nosso teatro não tem outro jeito para encontrar uma saída.

SEGUE

Grupo Olo

Beslon apresenta confecções elegantes, práticas e resistentes para jovens.

Ou para quem se sente jovem, também!

Toho

Beslon

FIBRA ACRÍLICA

Agora existe uma etiquêta que acompanha as mais ousadas criações para jovens de tôdas as idades. Uma atualissima fibra acrílica, Beslon, é apresentada em côres vibrantes, arrojadas, luminosas. Beslon é um sucesso no mundo inteiro. E a turma aqui já sabe disso Acostume-se a procurar pela etiquêta Beslon. Ela identifica uma série de artigos de superlativa qualidade.

Mafisa

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua Libero Badaró, 293 - Fones: 34-2493 e 34-1076 - End. Telegr.: "MafisaImpex" - São Paulo

Excepcionalmente robusto, preciso, másculo...

qualidades inúmeras consagram o Tissot Seastar **T 12**

Você ficará entusiasmado com êste nôvo modêlo super-impermeável: o Tissot *Seastar* T-12. É algo como você sempre desejou. Repare como é robusto, másculo, como vai bem num pulso de homem.

É um relógio concebido para satisfazer às mais severas condições de uso. É de corda automática e de extrema precisão.

No mundo inteiro, milhares de homens, satisfeitos, exibem seu Tissot *Seastar* T-12. Agora chegou sua vez de usá-lo, sejam quais forem os esportes que você pratique, seja qual fôr sua profissão.

Há dois modelos de Tissot *Seastar* T-12 à sua escolha: o convencional, sem calendário, e o *Visodate*, que marca no mostrador o dia do mês.

T
TISSOT
Seastar T 12

3.517

Assistência Técnica Tissot: São Paulo: Av. Paulista, 352 - 13.º • Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 99 - 7.º • Pôrto Alegre: R. Andradas, 1.629 - 1.º ou por todos os Concessionários Autorizados Tissot.

ARTE

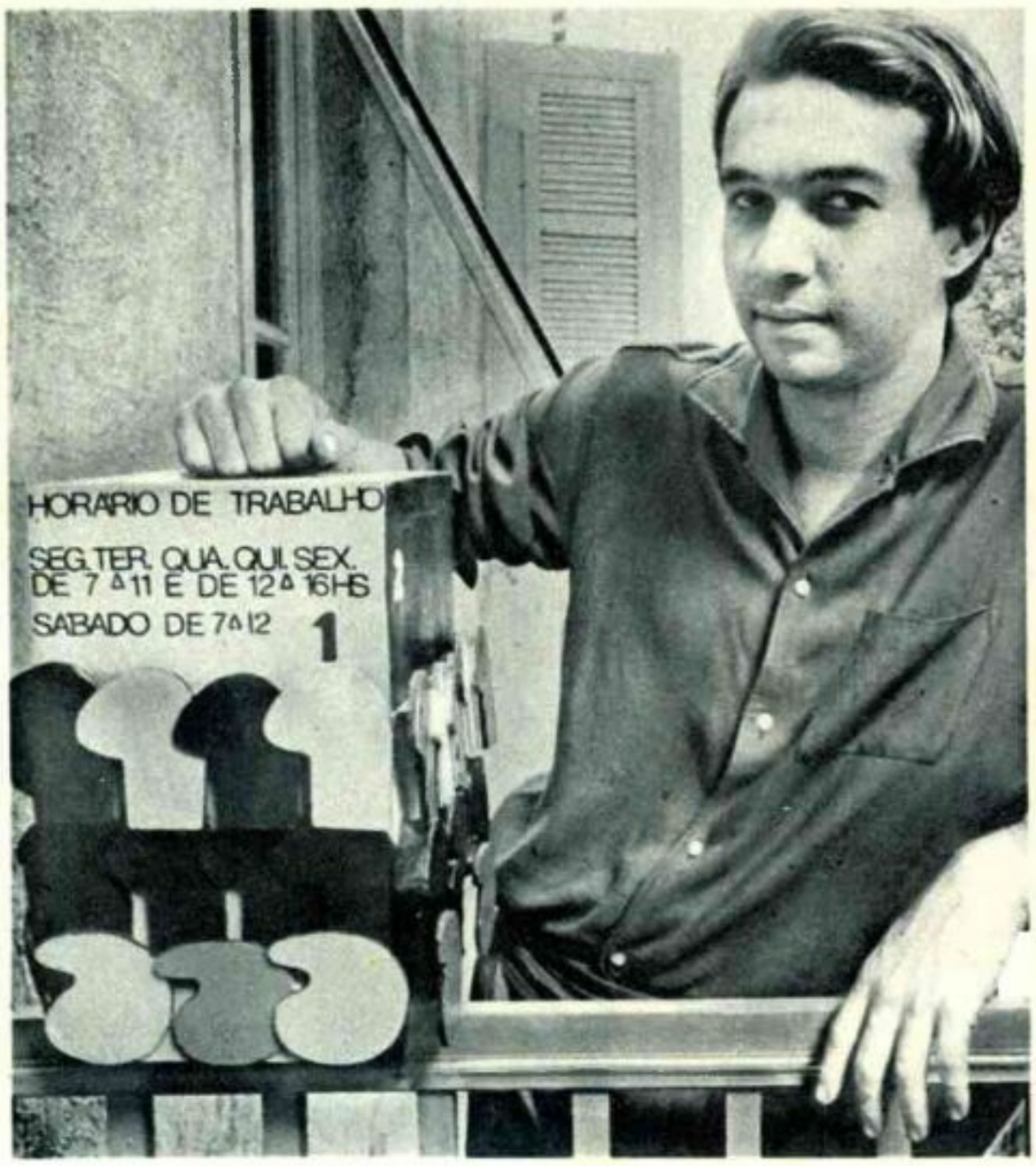
Pintores contra São Jorge

— O negócio é concorrer com São Jorge.

Esta idéia surgiu numa conversa de mesa de bar, no Rio, entre os pintores Rubens Gerchman, Antônio Dias e o crítico de arte e poeta Ferreira Gullar. E era a síntese do que pensavam os dois pintores sôbre a forma de combater a crise no mercado artístico. A saída apontada era obter financiamento e produzir as obras em série. Só assim, o grande público — aquêle que pendura estampa de São Jorge em cima da cristaleira — compraria reproduções industriais de trabalhos artísticos.

Em princípio, parece paradoxal: artistas pregando o que seria a vulgarização de suas obras. Mas não é isso o que acontece. O movimento a que Dias e Gerchman estão filiados — que uns chamam "nova objetividade brasileira", o crítico Mário Pedrosa chama de "pós-modernismo", e outros, como a pintora Lígia Clark, preferem não chamar de "ismo" nenhum — prevê que o espectador deve participar da obra. Para êles já não tem mais sentido o "quadro de museu" feito para ser exposto e submetido a uma atitude contemplativa dos poucos que tenham dinheiro para adquiri-lo. Acham até que não tem sentido o quadro em si. Por isso fazem o "objeto", que é ao mesmo tempo escultura, pintura e gravura. Vale tudo, desde que êste **tudo** contribua para uma maior comunicação entre os artistas e o espectador, esta sim, a grande finalidade do trabalho.

Mas como industrializar êsse tipo de trabalho? Se o objetivo fôsse criar algo que o espectador tivesse interêsse em levar para casa, não fariam o "Agora Dobre o Joelho", um altar idealizado por Gerchman: tem grandes dimensões e permite que o espectador se ajoelhe e se olhe nos espelhos laterais. A partici-



"A Marmita" de Gerchman

pação do espectador é necessária para que a obra — no caso, o altar — esteja completa. Não se trata, portanto, de produzir miniaturas dos trabalhos. O que se pretende é industrializar apenas os "objetos" que, pelo seu tamanho, possam ser colocados dentro de pequenos interiores. Alguma coisa assim como o "Bicho", que Lígia Clark fêz pioneiramente em 1960. É uma escultura de uns vinte centímetros de altura, que, com suas várias faces ligadas por dobradiças, permitia que o espectador desse a ela a forma que lhe interessasse. Lígia imaginou então a produção em série da peça, para ser vendida nas esquinas pelos camelôs. Quem impediu foi Mário Pedrosa que, na época, analisando o problema como um espectador normal, não admitia a vulgarização de uma obra que considerava importante. Hoje, êle já fala de forma diferente quando toma conhecimento da pretensão de Gerchman e Dias: "Eu acho válido. Agora o artista convoca os homens para a participação na sua arte. Uma arte que não se fundamenta mais na supremacia dos valôres plásticos e sim na comunicação". Mas deixa transparecer algumas resistências ainda: "No entanto, considero êsse plano inviável materialmente, e tenho mêdo de que a solicitação do mercado consumidor acabe distorcendo a criação artística."

Outra pergunta: será que o homem que tem a estampa de São Jorge vai aceitar a forma de comunicação proposta pelos "objetos"? Isto fica em parte solucionado ao se ver a "Marmita" de Gerchman, que transmite com textos uma mensagem que pode ser compreendida por êsse homem. A alça colocada na tampa motiva o espectador a carregá-la. Aliás, o próprio espectador está representado nos perfis de formas semelhantes, feito em alto relêvo na parte inferior, simbolizando uma multidão despersonalizada.

Êste problema é bem analisado por Ferreira Gullar: "A substituição da estampa de São Jorge pelas caixas e objetos deve ser entendida como uma aspiração a longo prazo. A estampa não está ali como simples obra de arte, mas, sobretudo, como objeto de devoção religiosa, que se confunde no caso do "santo guerreiro", com a necessidade de um protetor amado, capaz de combater e vencer o Mal. Esta fôrça milagrosa não pode ser fàcilmente substituída por "objetos" concretos, sem mística. Para que isso aconteça, é necessário um processo de transformação da mentalidade do povo, o que só acontecerá através da transformação das condições sociais. De qualquer forma, a proposição dêsses artistas é positiva e deve ser tentada". Gullar sabe, ainda, que não será fácil, nos dias atuais, Antônio Dias, por exemplo, conseguir comunicar a sua mensagem violenta e impregnada de erotismo ao grande público brasileiro. De qualquer forma, esta é uma geração de jovens artistas que propõe soluções radicais. Vale, então, a frase de Mário Pedrosa: "Nas artes, o que hoje se faz, ontem se queimou."

CINEMA

Quanto custa ser cineasta

Os filmes de Richard Lester com os Beatles provocaram a cinemania na juventude inglêsa. De uma hora para outra, todo o mundo queria ser diretor de cinema. Aproveitando a onda, uma revista resolveu ajudar os milhares de candidatos e publicou uma reportagem com o seguinte título: "Você que está aí, coçando a barba e pensando em bobagem, por que não faz um filme?" E passava a ensinar o que se deve fazer para virar cineasta. Acontece que a reportagem provocou resultados decepcionantes: na hora de saber "quanto custa um filme", o pessoal ficou mesmo coçando a barba, pensando em bobagem e desistiu da idéia.

SEGUE

E AGORA, NOTÍCIA IMPORTANTE

Preste atenção ao anúncio da próxima página e marque bem esta etiquêta.

Mafisa
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua Libero Badaró, 293-Fones: 34-2493 e 34-1076
End. Telegr.: "Mafisaimpex"-São Paulo

VONNEL é um produto da Mitsubishi Rayon Co. Ltd. (Japão)

A gravação do som

No Brasil também existe cinemania. Centenas de jovens têm um filme genial na cabeça. E acham que não custa nada tentar. É por isso que, aqui, vamos mostrar quanto dinheiro vai nessa brincadeira, para evitar que os jovens barbudos abandonem inùtilmente suas conversas filosóficas na Galeria Metrópole, em São Paulo, ou na pizzaria ao lado do Paiçandu, no Rio.

O drama começa quando se sai à procura da história. Os direitos autorais de um conto ou romance poderão custar de 500 a 5 mil cruzeiros novos, se o próprio **cineasta** não tiver um bom argumento na cabeça. A equipe técnica custa três mil cruzeiros novos por semana. O preço do ator, por dia de filmagem, varia de 50 a 150. Os atôres extras, 20 cruzeiros por dia

Com o roteiro pronto, equipe e elenco escolhidos, os extras encomendados, começa a parte industrial. Filme é com a Kodak. Custa 300 cruzeiros novos uma lata de 305 metros, que dão 10 minutos de projeção. Depois — caso a fita não possa ser rodada em ambiente natural — o estúdio, que se aluga a 300 cruzeiros novos por dia. O material técnico só se consegue nos grandes estúdios ou com Gérson Tavares, Júlio Ramit, João Elias, Watson Macedo (Rio); e Leides Rosa, Primo Carbonari e Tomas Farkas (São Paulo). Com êles, os preços serão discutidos ponto por ponto, e se não houver acôrdo a aventura termina aqui.

Um refletor custará de 15 a 25 cruzeiros novos por dia. O gerador, 90; lâmpadas, 20; câmera, 70; carrinhos, caixotes e outros apetrechos, à parte.

Iniciada a filmagem, passa-se aos contatos com um dos três laboratórios existentes no Brasil: Líder Cinematográfica, Odil e Rex. O metro de revelação sairá por 90 centavos; o metro do copião (filme já revelado, mas antes da montagem definitiva), a 2,20. As cópias definitivas sairão por 500 cruzeiros novos cada.

Enquanto a equipe filma, é preciso providenciar o aluguel da sala de dublagem: 18 cruzeiros por hora. Uma moviola (aparelho para montagem) abala ainda o orçamento em 18 cruzeiros por hora.

O filme está pronto, enfim, e vai agora à censura, que cobra 20 centavos por meio metro de filme censurado, uma média de 600 cruzeiros por fita.

Em resumo, e sem falar em **technicolor** (vôo muito alto para simples candidatos), uma produção comum, como **A Grande Cidade** ou **São Paulo SA,** em prêto e branco, 35 milímetros e noventa minutos de projeção, fica em aproximadamente 70 mil cruzeiros novos. Se isso é demais, resta o curta-metragem, de dez minutos, prêto e branco e 16 milímetros. Mesmo assim, o candidato a cineasta precisa de 1.500 cruzeiros novos pelo menos. Que poderão sair, em último caso, das rodadas de chope economizadas com os amigos — também cineastas em potencial.

A montagem

RÁDIO

A nova língua do futebol

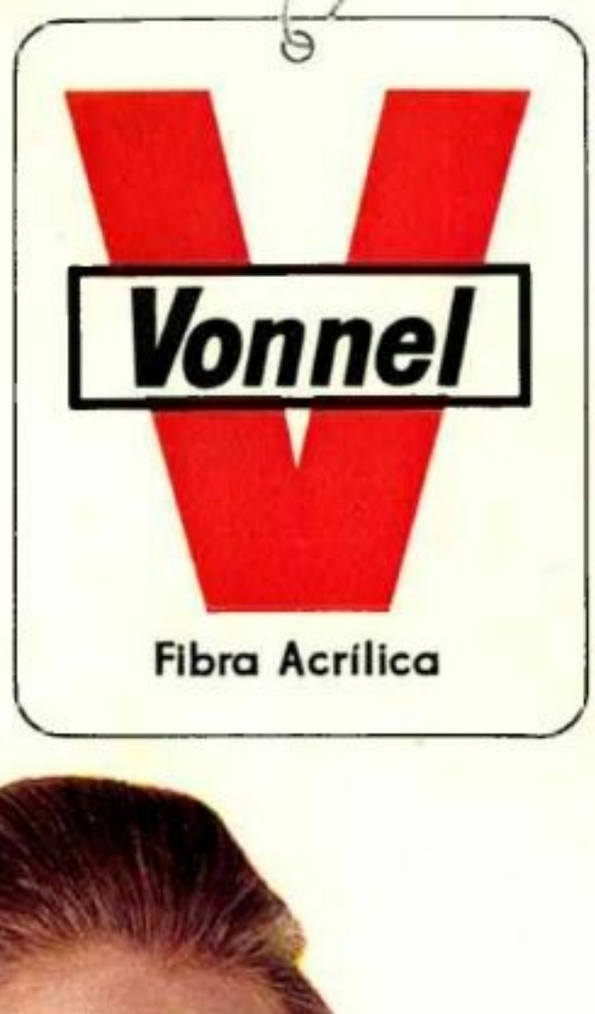
— O Enciclopédia desarma com classe o avante adversário, limpa a jogada e entrega ao homem da fôlha-sêca. Com o número 8 às costas, êle tranqüiliza a equipe e lança o Formiguinha, lá na ponta-esquerda. Zagalo recolhe o balão, estufa o peito e vai embora. Do costado da cancha enfia para o Rei. Lá vai êle penetrando na zona do agrião. Petequeia, rola na terra, livra-se de dois oponentes. Prepara, aponta e desfere um petardo na marca fatal! É gooooooool.

Nessa estranha linguagem, o locutor de futebol quer dizer que um time atingiu o seu objetivo: fêz um gol. Quem não entender um mínimo de futebol a essa altura estará totalmente confuso, e ficará mais confuso ainda se prestar atenção quando o locutor chamar o "BTP volante". "postado" atrás do "gol vazado para explicar os momentos finais do lance". O "volante" responderá:

— Exatamente, Waldir. Foi o que você descreveu. Nosso **player** recebeu na entrada da área, desvencilhou-se de dois zagueiros e atirou inapelàvelmente na última gaveta do canto superior esquerdo. O guarda-vala nada pôde fazer, e a pelota foi beijar o véu da noiva, decretando o primeiro tento da equipe canarinha. Eram decorridos pelo meu cronômetro 27 minutos da etapa complementar

Mesmo que essa explicação não resolva o problema dos não iniciados no "velho esporte bretão", chega a vez do "doutor" em futebol: o comentarista. Êle é infalível. Começa afirmando que havia previsto o gol. SEGUE

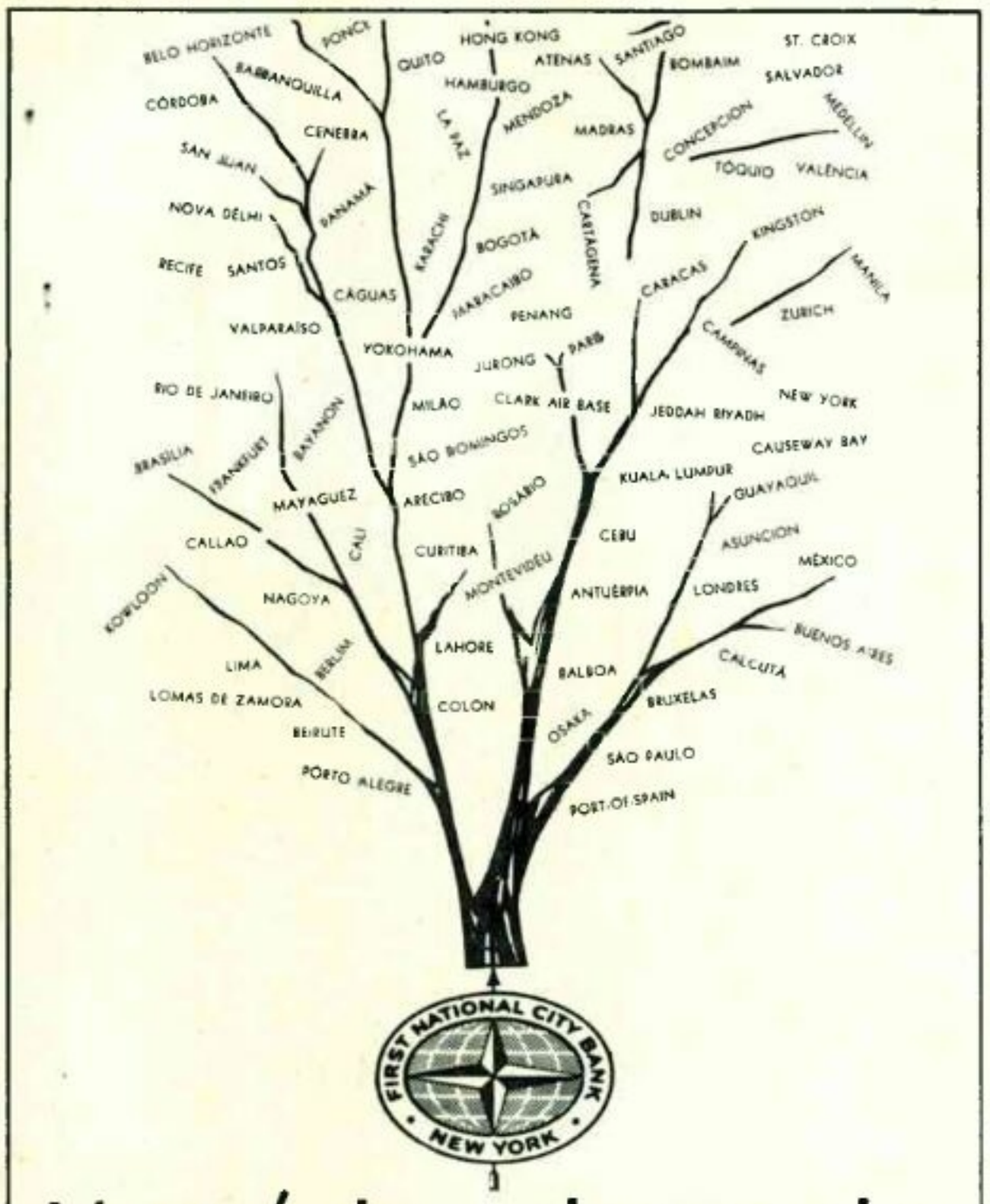
Marque bem esta etiquêta



-de hoje em diante ela passa a fazer parte da sua vida.

Vonnel é marca de uma moderna fibra acrilica, conhecida em todo o mundo. Vonnel vai tornar possível uma série de novidades para a elegancia feminina e masculina no Brasil. Você encontrará a etiquêta Vonnel em confecções e tecidos de elevada categoria. De aparência luxuosa. Em côres da moda. E Vonnel garante também tôdas aquelas vantagens das fibras acrilicas de alta qualidade: não amarrota, pode ser lavada em casa, não perde a forma nem as côres. Marque bem a etiquêta Vonnel.

Grupo Oito



Você é dono de uma das maiores organizações do mundo se fizer das filiais internacionais do City Bank uma extensão da sua emprêsa. Pois faça.

Só no Brasil temos 11 filiais. Aqui, temos 52 anos de experiência e prática. E 155 de contínuo exercício no comércio de mundo inteiro. Tôda essa vasta rêde é também sua, quando você quer exportar ou importar, transferir capitais, investir, comerciar.
Sirva-se da experiência internacional do City Bank. No Brasil como em qualquer parte do mundo, comercie atráves dos serviços bancários mais rápidos, seguros e eficientes que pode encontrar.

FIRST NATIONAL CITY BANK
NEW YORK

71.255

FIRST NATIONAL CITY BANK
NEW YORK

Filiais em: Belo Horizonte • Brasília • Campinas • Curitiba • Pôrto Alegre • Recife • Rio de Janeiro • Salvador • Santos • São Paulo

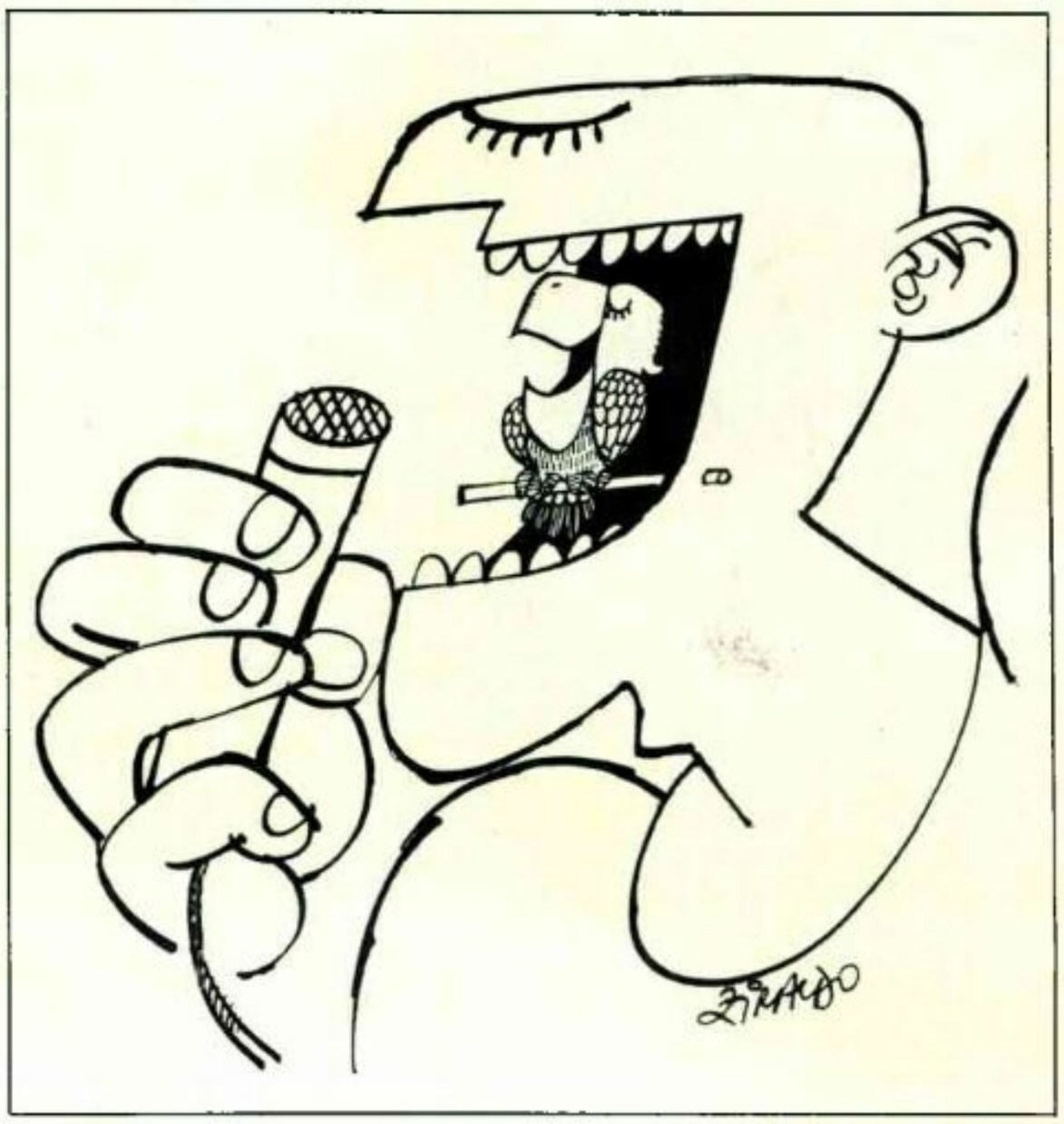
Eu disse que se a zaga continuasse deixando aquêle boqueirão, o comandante nacional poderia penetrar, consignando para os nossos. O trabalho maravilhoso do Formiguinha propiciou o deslocamento do Rei e a conseqüente queda do último reduto da cidadela adversária. Foi uma jogada maravilhosa do 11 nacional.

O locutor, os auxiliares de locutor e o comentarista esportivo no Brasil possuem uma linguagem particular. Os dicionários de língua portuguêsa em geral não registram êste dialeto. Para os locutores, **véu de noiva** é a rêde do gol, assim como o gol pode ser chamado de **baliza, meta, trave, travessão.** Fazer um gol pode ser **pôr a bola no barbante, beijar o véu da noiva, conquistar um tento, provocar a queda do último reduto (ou cidadela).** O campo é **gramado, cancha** ou **tapête verde.** Se êle quiser determinar o local exato onde está a bola, poderá chamar de **costado da cancha** (os extremos do campo), **bico da área, marca fatal** (onde se cobra o pênalti), **zona do agrião** (entrada das grandes áreas) **linha divisória** (meio do campo) ou **linha média** (entre o meio do campo e a grande área). Se o chute do jogador colocou a bola muito bem, ela terá entrado na **última gaveta,** e se o jogador começa a andar com passadas longas estará **abrindo o compasso,** assim como se êle desviar uma jogada de uma ponta do campo para outra terá dado um **leque.** A bola em si pode ser a **leonor, menina, criança, pelota, balão** ou **esfera.** Alguns locutores têm uma característica especial. Waldir Amaral (Rio) e Fiori Giglioti (São Paulo) anunciam a hora: "O relógio marca" e "O tempo passa"; Raul Longras (Rio) cada vez que um jogador chuta a bola, descreve dizendo "pimba"; e Ari Barroso — o inventor das manias — tôda vêz que narrava um gol tocava uma gaita.

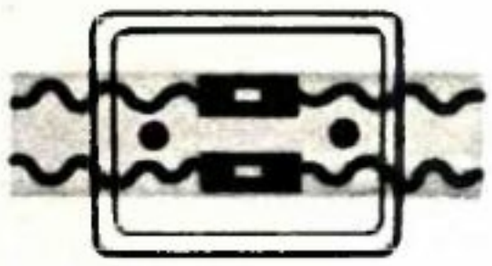
Um time de futebol é o **onze** e cada clube tem um apelido: o Flamengo é o **Mais Querido;** o América do Rio, **Diabro Rubro;** Fluminense e São Paulo são o **Tricolor;** Botafogo, **Estrêla Solitária;** Vasco da Gama, **Almirante;** Bangu, **Proletário;** Corinthians, **Mosqueteiro;** a Portuguêsa de Desportos, a **Lusa;** e a seleção brasileira é o **Onze Canarinho.**

Os jogadores também não escapam do dicionário dos locutores. Leônidas e Zizinho enquanto jogaram foram **Diamante Negro** e **Mestre Ziza;** Zagalo, o **Formiguinha;** Didi era o **Princi-**

SEGUE



uma pequena cabeça de gravador



com quatro trilhas stereofônicas

formou dois "Ts" e um "S" de

TELESTEREO

o toca-fitas stereofônico

Lançamos um conceito totalmente nôvo em stereo! Com o "cartridge" de fita-sem-fim e o toca-fitas TELESTEREO você poderá ter no seu carro, em casa, no clube, o som mais atual, mais puro e com uma vantagem: acabou-se o trocar discos, arranhões, enrolar fitas. Basta colocar o "cartridge" e pronto... toca horas intermináveis de prazer.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL: AURISTÉREO

RIO: ALFÂNDEGA 53 - 1.º - **SÃO PAULO:** FOTOPTICA, S/A, CONS. CRISPINIANO 49 A 57 - **B. HORIZONTE:** MUSICAR LTDA. ALVAREZ CABRAL 241 - **RECIFE:** RUA DO SOL 143, 3.º - **VITÓRIA:** ROBINSON TIRINI, AV. JERÔNIMO MONTEIRO 126 - 3.º G. 304 - **FORTALEZA:** ORCIL, LTDA., RUA ASSUNÇÃO 135 - **EST. DO RIO:** CAMPOS: REVENA S/A, R. GESTEIRA PASSOS 46 - **BRASÍLIA:** LUIZ MELLO, EDIFÍCIO SARA KUBITSCHEK, 406.

LANÇAMENTO DA TELESPRING S/A COM A QUALIDADE INTERNACIONAL ADMIRAL

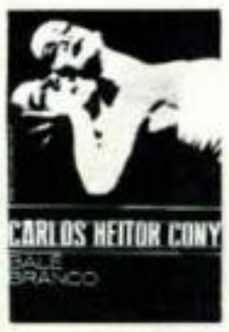
Grupo de Propaganda

NÔVO ROMANCE DESAFIO DE CARLOS HEITOR CONY PESSACH: A TRAVESSIA

Um romancista faz 40 anos. Mais da metade de sua vida já foi vivida, desperdiçada entre dúvidas inúteis de seu mundo pequeno-burguês. Um convite para combater a revolução de 31 de março coloca sua vida diante de um nôvo desafio — qual o caminho de sua liberdade: a luta ou... a fuga?

Leia também êstes sucessos de Carlos Heitor Cony:

BALÉ BRANCO



uma visão anti - coreográfica da classe média carioca num romance que disseca seus problemas, seus anseios e suas frustações.

INFORMAÇÃO AO CRUCIFICADO

o diário autêntico de Cony, quando seminarista, e a narrativa comovente dos motivos que o levaram a afirmar: "Deus acabou".

TRÊS LANÇAMENTOS DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 97 - Rio de Janeiro - GB.
Atende-se a pedidos pelo Reembôlso Postal

pe Etíope ou **Napoleão Negro;** Nilton Santos, a **Enciclopédia;** Castilho ganhou o apelido de **São Castilho;** Almir é o **Brasa;** Ademar o **Pantera;** Ademir da Guia o **Divino;** Rivelino o **Garôto do Parque;** Pelé tem um apelido universal — o **Rei.**

Nessa linguagem particular os locutores narram os 90 minutos de uma **peleja.** Entenda quem puder. A coisa piora quando têm que explicar algum acontecimento à margem do futebol. Aí. saem absurdos como o daquele locutor de uma rádio carioca, que para anunciar a entrada em campo da rainha da Inglaterra para a abertura da última Copa do Mundo, afirmou convicto:

— E agora, senhores ouvintes. acaba de dar entrada na cancha a rainha Elizabeth, acompanhada do príncipe **consórcio.**

INDICAÇÕES

LIVROS

Padrões Raciais nas Américas — Marvin Harris, Editôra Civilização Brasileira, NCr$ 5,00 — Depois de décadas de discursos na OEA, depois de Carmem Miranda e Zé Carioca, os Estados Unidos parecem descobrir um Brasil menos retórico e pitoresco. Êste estudo franco do preconceito racial não só nos EUA mas também em nosso país, por um sociólogo da Universidade de Colúmbia, destrói muitos dos mitos erigidos por Gilberto Freyre (e outros) em tôrno do "paraíso racial" que acreditamos ser.

A Herdeira — Henry James, Biblioteca Universal Popular, NCr$ 3,50 — A desilusão amorosa de uma herdeira rica e feia, acossada por um jovem pretendente sem escrúpulos. Henry James, o mestre da novela psicológica moderna, agora apresentado ao leitor brasileiro, coloca sob sua lente sentimentos e problemas de dinheiro, numa obra sutil.

Diálogos com Erich Fromm — Richard I. Evans, Zahar Editores, NCr$ 4,00 — Erich Fromm. o psicanalista e divulgador cultural alemão radicado nos EUA, é já bastante popular entre nós. Nestes diálogos ágeis êle define a sua posição diante do mundo moderno "burocratizado, onde os sêres humanos vivem cada vez mais teleguiados". Algumas opiniões de Fromm: o regime autoritário da União Soviética é de origem sado-masoquista; Sartre é um filósofo fútil e burguês; o homem contemporâneo deve escolher entre ser civilizado e neurótico ou primitivo e sem neurose; e a era atômica ou destrói a humanidade ou cria bem-estar para todos indistintamente.

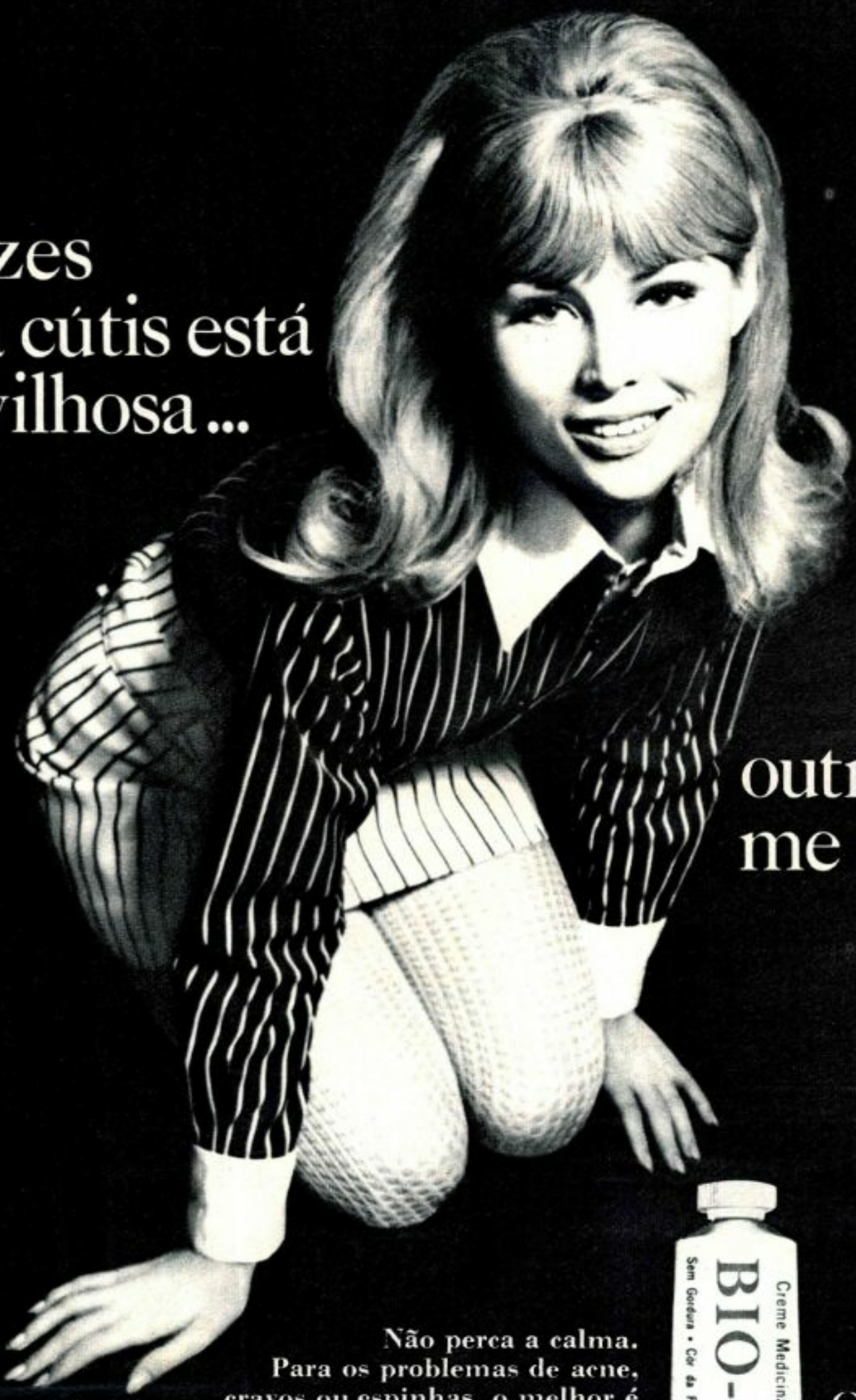
Enfermaria 7 — Valeriy Tarsis. Editôra Expressão e Cultura, NCr$ 6,50 — Como os escritores soviéticos Daniel e Siniavsky, Tarsis foi condenado por sua crítica à opressão intelectual na URSS, e, como a filha de Stálin e o dançarino Nureyev, veio para o Ocidente. **Enfermaria 7,** numa excelente edição brasileira, relata seu encarceramento num manicômio para inconformistas políticos. Mas é sobretudo um grito de liberdade.

Os Judeus — Roger Peyrefitte. Difusão Européia do Livro, NCr$ 9,50 — Cada livro de Roger Peyrefitte levanta uma onda de ódio contra as suas indiscrições ao revelar o mundo subterrâneo do Vaticano, da diplomacia ou do homossexualismo. **Os Judeus** se propõe a dissecar o bem e o mal das comunidades judaicas, mas foi tachado de ser um livro anti-semita e mentiroso. Apresenta sob forma de romance e com muito espírito a tese de que as grandes personalidades mundiais são, em parte, de origem judia. Desde papas até Fidel Castro, desde a Rainha Elizabeth e De Gaulle até Franco e a família Kennedy, sem esquecer o nosso marechal Hermes da Fonseca e o conde Matarazzo.

Os Antipáticos — Oriana Falla-

SEGUE

Às vêzes
minha cútis está
maravilhosa...



outras vêzes
me desespera

Não perca a calma.
Para os problemas de acne,
cravos ou espinhas, o melhor é
Bio-Clear. Contendo o súlfido orgânico ativo
(exclusivo) suaviza a inflamação provocada pelos cravos.
Acelera a descamação, fecha e limpa os poros obstruídos. Seca as
erupções. Impede a formação de bactérias. Devolve-lhe uma
cútis limpa, com a côr e o encanto natural.
Bio-Clear é suavemente perfumado e da côr da pele.
Use-o mesmo sob o maquillage. Verá como vão
diminuir seus dias "de desespêro".
E... complete o tratamento lavando a pele,
pela manhã e à noite, com Bio-Cleanser,
sabão medicinal antisséptico.

Creme medicinal
para devolver a beleza
e o encanto natural
à cútis afetada por
espinhas e acne

Helena Rubinstein

Standard Propaganda

ci, Editôra Sucessos Internacionais, NCr$ 6,00 — Oriana Fallaci, uma das maiores jornalistas italianas, colaboradora de REALIDADE, traça com espírito, ironia e graça retratos saborosos dos "monstros sagrados" que entrevistou: Ingrid Bergman. Jeane Moreau, Fellini, Hitchcok e outros.

A Última Tentação — Nikos Kazantzakis, Arcádia, NCr$ 12,00 — Mais conhecido do público brasileiro pelo filme extraído do seu romance **Zorba, o Grego,** Kazantzakis, com a trilogia **O Cristo Recrucificado, São Francisco** e esta biografia espiritual de Jesus, firma-se como o mais importante novelista cristão moderno, desde os grandes russos da linha de Dostoievsky e Tólstoi. Recriando realisticamente os primeiros seguidores de Cristo, "uma mulher equívoca, alguns pecadores e um sapateiro", reconstrói uma paixão conturbadora e arrebatada.

Por Onde Andou Meu Coração — Maria Helena Cardoso, Editôra José Olímpio, NCr$ 10,00 — Estas memórias da irmã do romancista Lúcio Cardoso são despretensiosas, amenas e deliciosas. Desenrolam-se com o encanto de quem relatasse ao pé do fogo a sua vida passada, envôlta em saudade e contada de forma simples, fluente e lírica.

CINEMA

O Evangelho Segundo São Mateus — O poeta e diretor italiano Pasolini ganhou com êste filme vários prêmios internacionais. Escolhendo os personagens da Paixão entre os camponeses do sul da Itália, êle une a imediatez do fato televisionado à originalidade dos comentários sonoros, que unem Bach e **spirituals** negros. Um dos grandes filmes dos últimos tempos, uma profunda mensagem cristã formulada por um estranho marxista.

Viva a República — O mais poético filme que já nos chegou do vital cinema checo do após-guerra, conhecido no Brasil principalmente por **Romeu e Julieta nas Trevas** e **A Pequena Loja da Rua Principal.** Um menino assiste aos horrores da guerra em sua terra, a Morávia. num clima em que se alternam a violência e a bondade, a beleza das paisagens e a crueldade dos homens. Muito movimento, uma sinfonia de imagens do diretor Kachyna, premiado no Festival de Mar del Plata, Argentina.

Tôdas as Mulheres do Mundo — A primeira comédia brasileira sofisticada, ágil e inventiva, **Tôdas as Mulheres do Mundo** é um poema carioca da alegria de viver e de amar em que o rítmo é dado pelo talento do diretor Domingos de Oliveira e a rima é a beleza de Leila Diniz.

A Bíblia — O diretor John Huston deveria ter ficado atrás das câmeras. O público só esquece sua interpretação de Noé graças às cenas iniciais no Paraíso e à dignidade que imprime às histórias de Sara e Abraão, à construção da Torre de Babel e à destruição de Sodoma e Gomorra. Apesar da falta de solidez no enrêdo, êste superespetáculo entretém e emociona o grande público.

A Condessa de Hong Kong — Qualquer diretor classe C de Hollywood teria feito uma comédia menos banal, insossa e piegas do que esta de Chaplin, seu diretor e roteirista. Tudo se reduz a uma série de correrias na cabina de um transatlântico de luxo onde a condessa russa, Sofia Loren, viaja como clandestina. Marlon Brando, o diplomata americano, parece arrepender-se durante tôda a fita de aparecer ao lado da comediante napolitana. Um filme inútil.

SEGUE

e por falar em qualidade...

milhares de possuidores em todo o Brasil, convencidos pela imagem cinematográfica e alta fidelidade de som, confirmam:

COLORADO **RQ**

é o único televisor que possue reserva de qualidade.

Colorado Rádio e Televisão S. A. — Rua Afonso Celso, 1965 — Fones: 71-4910 e 71-1598 — São Paulo

agentes secretos acham bastante razoável o espaço do porta-malas do gálaxie

concluimos missão 238 pt desempenho gálaxie ok pt comprovada velocidade 150 por hora pt espaço interno muito confôrto seis agentes pt único problema gálaxie chama atenção demais vg impossível passar ruas e estradas sem todo mundo olhar pt abrs j west

Ford Galaxie

Veja "James West" tôdas as semanas no Canal 9 de S. Paulo, Canal 2 do Rio, Canal 12 de P. Alegre, Canal 7 de B. Horizonte, Canal 12 de Curitiba e Canal 2 de Recife.

Um Homem . . . Uma Mulher — O diretor Claude Lelouch acumulou prêmios em Cannes com esta simples história de amor cheia de momentos líricos. Dispondo de excelentes atôres (Anouk Aimée e Jean-Louis Trintignant), uma fotografia fabulosa e todos os recursos técnicos, **Um Homem . . . uma Mulher** é inferior ao brasileiro **Tôdas as Mulheres do Mundo,** que, sem tantos recursos, em vez de experiência apresenta, em grande dose, talento em estado bruto e abundante.

Quem tem Mêdo de Virginia Woolf? — O público que não entender inglês vai sofrer com a pior tradução que já se apresentou de um grande filme no Brasil, deturpando completamente o explosivo diálogo de Edward Albee. Restam as interpretações excelentes do quarteto. Richard Burton, George Segall, Elisabeth Taylor e Sandy Dennis.

DISCOS

I Musici: Concertos de Brandenburgo, vol. II (n.º 4, 5 e 6) de Bach, gravação Philips SLP 9.670 — Enquanto a coleção alemã **Archiv** não se dispõe a reproduzir no Brasil a sua incomparável gravação dêstes concertos, consola-nos esta execução, de acentuada **bravura** italiana.

Apesar da índole solene do n.º cinco que se destaca com a **cadenza** autônoma do cravo, a pureza da flauta e a sonoridade da viola, num trio concertante de lirismo e beleza tonal.

Música na Côrte Brasileira, vol. 2: Na Côrte de D. João VI — Prosseguindo na sua importante **série Brasiliana,** a **Angel** enfeixa neste disco peças encontradas nos arquivos de Lisboa, do Rio e de Paris. Focaliza principalmente Joaquim Manuel, mulato que tocava **une petite viole appelée cavaquinho,** e o padre José Maurício Nunes Garcia (autor da bela **Missa de Requiem),** compositor sacro da escola de Haydn. Sua abertura profana, **Zulmira,** apresentada como ponto alto desta gravaçao, foi executada pela primeira vez no Paço perante D. João VI. Obras menores mas de decidido valor histórico e artístico.

Samba Pede Passagem — Araci de Almeida, Ismael Silva e Conjunto MPB 4, gravação Polydor, Cia. Brasileira de Discos LPNG 4.121 — Êste registro, de excepcional valor como documentário do samba, é uma gravação poética e carioquíssima de graça da época de Noel Rosa, na voz maravilhosa de Araci de Almeida, que canta **Feitiço da Vila, Três Apitos** e recorda o início de sua carreira, no Rio boêmio da Taberna da Glória, num monólogo comovente. Um disco indispensável para quem gosta do samba autêntico da "velha guarda".

TEATRO

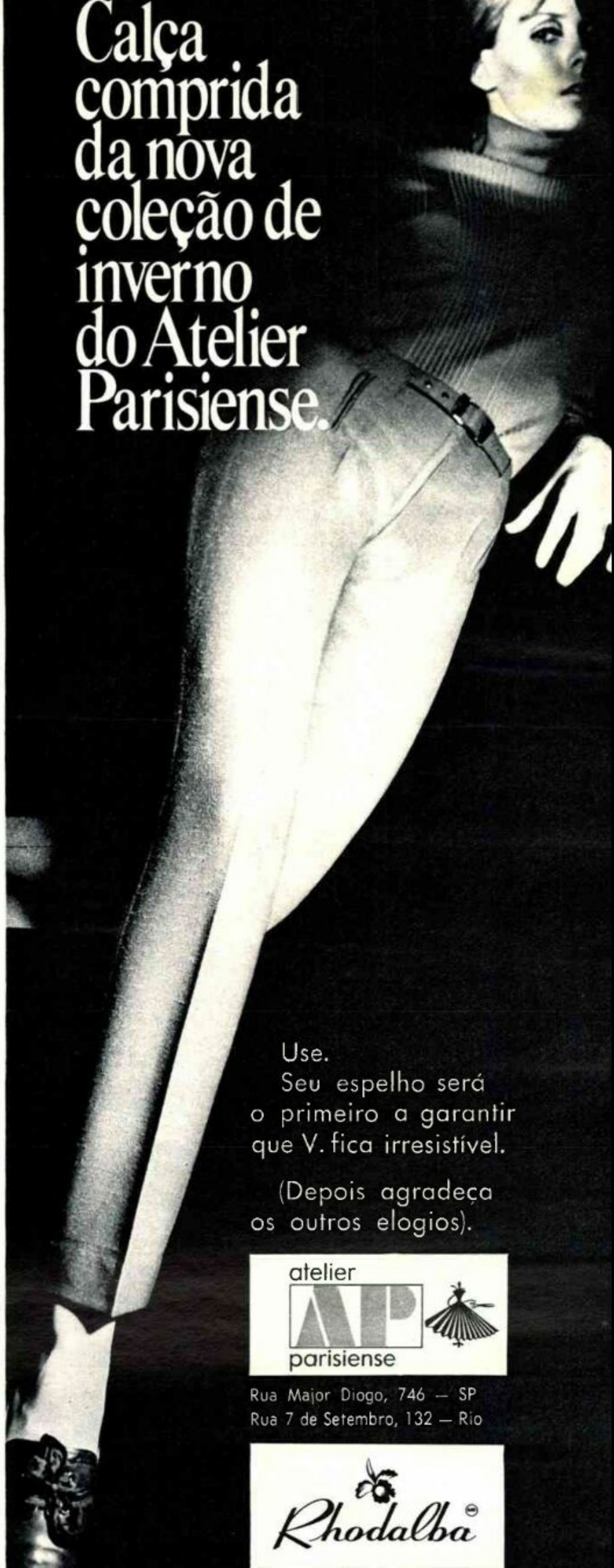
Edipo-Rei — Nesta montagem subvencionada pelo govêrno do Paraná (o único entre 22 Estados que se interessa pelo teatro no Brasil), o drama de Sófocles, muito bem coreografado pelo diretor Flávio Rangel e ambientado pelos cenários e figurinos de Flávio Império, revive nas interpretações vibrantes de Paulo Autran e Teresa Rachel.

O Versátil Mr. Sloane — Uma irmã sonsa e sensual (Maria Fernanda) e um irmão homossexual e hábil homem de negócios (Paulo Padilha) disputam o mesmo jovem (Adriano Reis), que assassinou o pai de ambos, e chegam a um acôrdo cínico e prático.

Esta é considerada a melhor comédia inglêsa no ano passado, esta estréia do ex-presidiário e modêlo de fotos de nu artístico masculino, Joe Orton, é a grande revelação do teatro de humor negro.

Mesmo a direção ruim de Carlos Kroeber não consegue sufocar o brilho dos diálogos e das situações, dominadas pela interpretação excelente de Paulo Padilha, num papel que exige coragem.

LEO GILSON RIBEIRO



HÁ UM NÔVO TEMPÊRO NO PODER

Juscelino tinha uma alegria contagiante. Jânio era um bicho-papão. Jango apareceu com ares de rapôsa. Castelo foi a severidade no govêrno. Agora,

Texto de
Luiz Fernando Mercadante

Os ministros Delfim e Beltrão, da Fazenda e do Planejamento, refazem o diagnóstico da inflação e começam a desapertar o cinto; o ministro Jarbas Passarinho, do Trabalho, acena com revisão dos salários; o ministro Ivo Arzua, da Agricultura, promete fartura; o ministro Mário Andreazza, dos Transportes, anuncia que vai construir a ponte Rio-Niterói e asfaltar dez mil quilômetros de estradas; e o ministro Magalhães Pinto, do Exterior, fala da utilização da energia atômica e vislumbra um canal ligando a Bacia Amazônica à Bacia do Prata.

Em Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, Pedro dos Santos, pedreiro, de 34 anos de idade, que mora com a família num barracão de madeira, comenta com sua mulher:

— Acho que até o fim dêste ano a gente começa a levantar uma casa de alvenaria. Não agüento mais ver as crianças neste buraco.

Diante dêste quadro, um professor de sociologia e política exclama:

— O govêrno Costa e Silva restituiu ao povo o direito de sonhar!

Dez semanas no poder revelam em Costa e Silva um presidente equilibrado, um homem de bom senso, que quer entrar na história como administrador e não como político.

Rondom Pacheco, o chefe da Casa Civil, explica:

— Até aqui, o presidente lançou as bases da sua administração. Sua política visa fundamentalmente propiciar terreno bastante seguro para essa administração.

Pode-se dizer que, nos últimos anos, desde Vargas e Café Filho, nenhum presidente teve tanta tranqüilidade para governar.

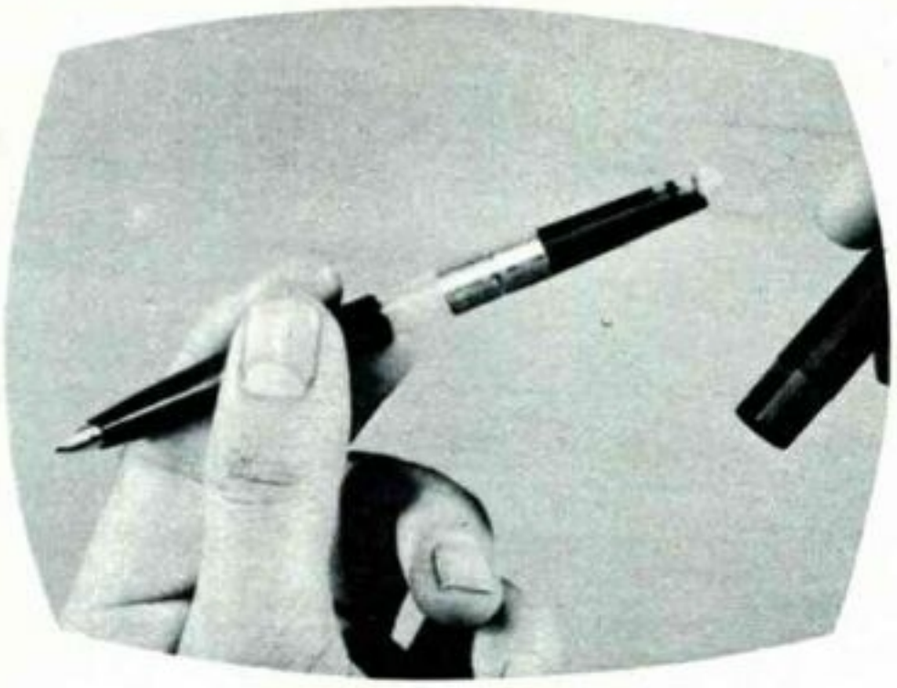
Nas suas primeiras dez semanas, Juscelino enfrentou uma rebelião da FAB e despejou sôbre o Congresso uma chuva de mensagens que consubstanciavam seu programa. Temia ser derrubado e, por isso, quis transformar suas promessas em leis.

Jânio, por sua vez, de dedo em riste, investiu contra a **mentira cambial** e os jóqueis clubes; o emperramento da máquina administrativa e as brigas de galo; os americanos e os biquínis.

Jango chegou junto com o parlamentarismo e viveu de mãos atadas, conspirando para a volta ao presidencialismo.

Castelo passou a administração a Roberto Campos e ficou com a revolução. SEGUE

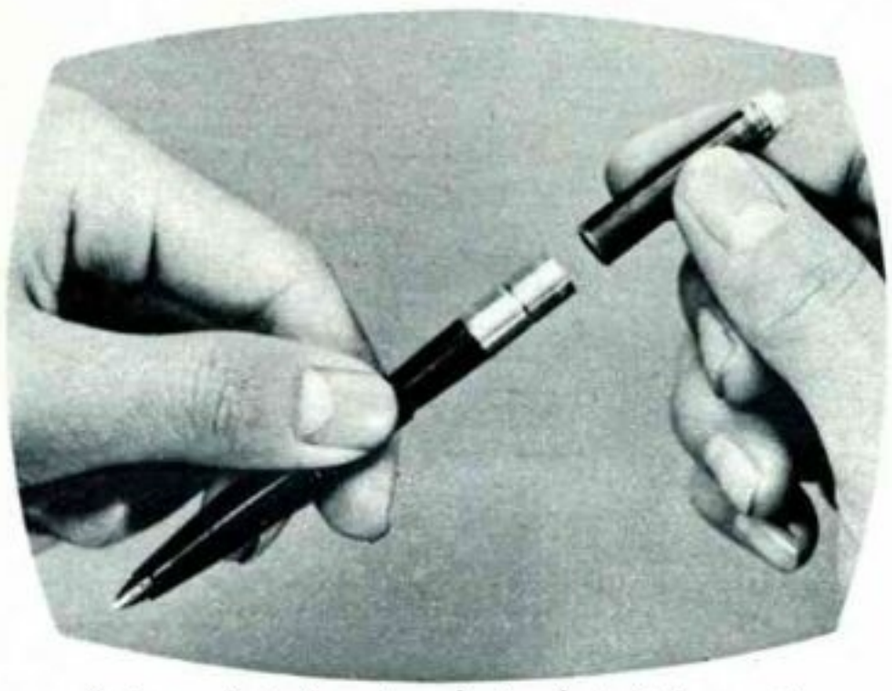
sem propósitos



Quando a tinta acaba...

você usa, no mesmo instante, o cartucho "estepe," pressionando o anel.
Tão simples e ninguém havia pensado.

Em qualquer papelaria ou caneteiro, você encontrará à venda, caixinhas com 6 cartuchos de tinta.



Assim, você terá sempre, dentro da própria caneta, um nôvo cartucho de reserva.

Quem estuda, trabalha,
assina cheques sem parar,
escreve cartas ou bilhetes.
Gente inteligente, ocupada,
apaixonada... sempre precisa ter
tinta à vontade. De reserva.
Foi para pessoas assim que fizemos
a Nova Caneta Johann Faber 66.

Nova Caneta Johann Faber 66

— a mesma qualidade do lápis que você usa desde o Grupo Escolar.

Johann FABER

FÁBRICA EM SÃO CARLOS, SP.

Na hora do jantar atrasado todo presidente se define

Sereno, forte política e militarmente, nas suas primeiras dez semanas de govêrno, Costa e Silva cuidou de administrar.

Um cozinheiro contra o govêrno?

Juscelino era eufórico; Jânio, instável; Jango, ensimesmado; e Castelo, amargo. Costa e Silva os sucede combinando dureza e brandura e difundindo um permanente bom humor em sua volta.

Um velho empregado do Palácio da Alvorada compara:

— Se o jantar atrasasse meia hora, Juscelino seria capaz de não perceber; Jânio passaria uma descompostura no cozinheiro; Jango iria jantar fora; Castelo tomaria um chá e iria dormir; e Costa e Silva ficaria num comentário:

— Isto não deve acontecer outra vez. Será que o cozinheiro é da oposição?

Em dez semanas de govêrno, Costa e Silva manteve-se de temperamento inalterado. E cada nova manhã sugere mais um dia tranqüilo. A figura do presidente não arma temporais. E à sua passagem vai deixando cumprimentos:

— Como passa o senhor? Como vai a senhora?

Às vêzes, se permite uma brincadeira. Ao visitar o Congresso Nacional, comentou sorrindo quando lhe apresentavam o senador Josafá Marinho, do MDB, um dos líderes da oposição:

— Vejo que é muito môço. Fazia idéia que o senhor fôsse mais velho. O senhor é tão ranheta.

No mesmo dia, ao anunciar sua disposição de transferir o govêrno, vez por outra, para Estados diferentes e assim tomar contato direto com os problemas de cada região, observou:

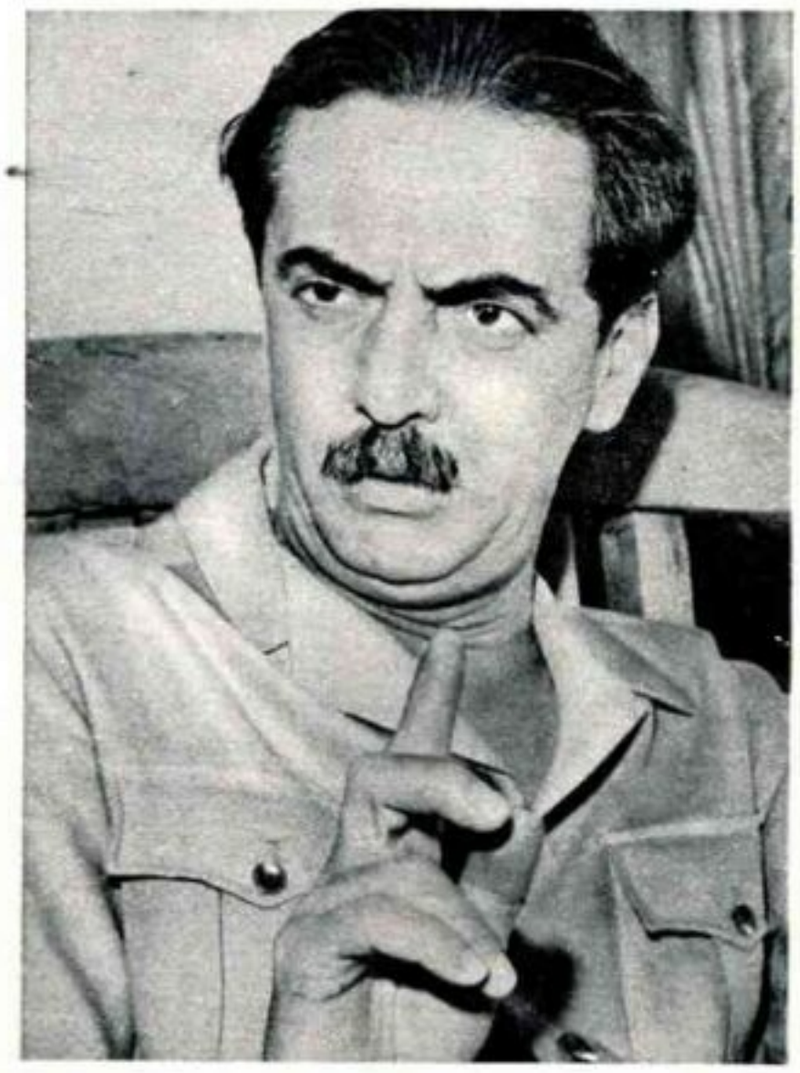
— Vou imitar o Jânio. Mas só nisto.

Govêrno sai da praia

Costa e Silva, no entanto, só revelou sua disposição de estabelecer um govêrno móvel, depois de ter se fixado, de fato, em Brasília, que a esta altura já reconquistou o caráter efetivo de Capital da República. Decidiu governar de lá, embora sem lá se isolar, centralizando em Brasília a sua administração. Antes dêle, apenas Jânio se determinara a isto. Mas, se para Jânio o planalto central foi um banho de melancolia, para Costa e Silva, ao contrário, os ares de Brasília inspiram muito trabalho.

Das poucas vêzes em que êle andou pelo Rio, sempre regressou com queixas:

Na Guanabara, o cêrco dos políticos cria embaraços e traz aborrecimentos. SEGUE



Um tinha temperamento instável; outro, meio triste; o terceiro, eufórico; o último, fechado.

© Willys-Overland - 67-1202 -PS

Agora, explica prá êle porque você nunca procurou uma Oficina Autorizada Willys.

Você vai confiando em curiosos. Vai aceitando qualquer peça.
Um belo dia, é êsse vexame.
Acontece que os "jeitinhos" do mecânico da esquina podem deixar você em apuros.

E as peças comuns não são testadas nem garantidas.
Quem faz o teste é você. Por sua conta e risco.
Nas Oficinas e Revendedores Autorizados Willys há peças testadas pela própria Willys, genuínas, com garantia de 12.000 km ou 6 meses.
Há mecânicos competentes.
Disponha.

WILLYS-OVERLAND
Fabricante de veículos de alta qualidade

Atrás de cada govêrno há um homem dando as cartas

Desta vez, tudo faz crer, o govêrno federal tira o pé da praia. Costa e Silva já conseguiu o milagre de tôdas as semanas, e semanas a fio, despachar com seus 16 ministros no Palácio do Planalto. A sua disposição anunciada, e complementada na prática, de transferir efetivamente os ministérios para Brasília, atingiu tôda a estrutura do govêrno. Hoje, grupos de trabalho instalados em cada ministério preparam e começam a executar seus planos de mudança. Se esta disposição não fôr alterada, a visita de qualquer ministro ao Rio, no fim dêste govêrno, será um acontecimento excepcional.

Quem são as eminências pardas

Há sempre quem esteja disposto a descobrir e apontar as eminências pardas, capazes de "governar" na sombra, atrás de cada presidente. Com Juscelino diziam:

— É o José Maria Alkmin quem manda. Pois se foram até colegas de seminário.

Alguns contraditavam:

— O homem é o Augusto Frederico Schimidt. É êle quem dá as cartas.

Veio o Jânio e os descobridores de fantasmas vibraram:

— É o tal de Quintanilha.

— Nada, é o Pedroso Horta.

— Bobagem! O homem é o Castro Neves.

Com Jango, os expertos em influências escalavam um time inteiro:

— Santhiago Dantas, Brizola, Almino Afonso, Darci Ribeiro, general Assis Brasil, Abelardo Jurema, Doutel de Andrade.

Na vez de Castelo chegou-se à unanimidade:

— É o Roberto Campos.

Agora há várias correntes. Uns dizem:

— O homem forte é o Andreazza.

— Não é não. O Andreazza foi. Agora é o general Portela, da Casa Militar.

— Querem saber de uma coisa? Quem manda mesmo é dona Iolanda.

E enquanto os investigadores de influências se desentendem, os auxiliares diretos do presidente sorriem:

— É possível que nunca tenha havido, em tôda a história, um presidente menos sujeito a êsse tipo de influência. Se há homem forte no govêrno, êle se chama Costa e Silva.

Ginástica de assustar capitão

Costa e Silva é um homem de horários. Tanto quanto possível deita e levanta a horas certas: por volta de meia-noite e por volta das sete horas. Juscelino entrava pelas madrugadas, em rodas febris onde alimentava sonhos e traçava os contornos de suas realizações. Jânio sofria de insônia e muitas vêzes perambulava até o amanhecer pelo palácio deserto. Jango varava dias dormindo apenas algumas horas e passava algumas tardes se recuperando do sono perdido. Castelo recolhia-se cedo demais, com seus livros e os seus problemas. Agora, o presidente é um homem de vida tão normal quanto lhe permitem os compromissos.

Contam que faz ginástica tôdas as manhãs: flexões. E com tal energia e entusiasmo que não há capitão que o acompanhe. E após o café, antes de iniciar o dia de trabalho, dá duas ou três voltas a pé em redor do Alvorada. Um dos ajudantes de ordens que o acompanha nessas maratonas se queixa:

— O chefe anda num passo acelerado, quase correndo. Depois da primeira volta não é mole acompanhar.

Outra diferença entre Castelo e Costa e Silva. Ao primeiro, os militares chamavam geralmente de presidente. A êste, intitulam chefe.

Costa e Silva chega ao Palácio do Planalto invariàvelmente em tôrno de nove horas. Sai às 12h30 para o almôço e retorna às 14h30. E não dispensa uma cochilada após a refeição. Nem que seja por dez minutos. Seu expediente normal termina entre 18h30 e 19 horas, quando se recolhe de vez ao Alvorada, depois de muito trabalho. A cada dia, despacha com três ou quatro ministros, aos quais concede, em média, uma hora. Tem contatos diários com os chefes das Casas Civil e Militar, o diretor do SNI e com seu secretário particular. Além do que, consegue intercalar na agenda senadores e deputados que o procuram para audiências.

Tem uma frase habitual:

— O que nos salva é o nosso bom humor.

E isto êle diz quando assiste com ar de desafio à saída de um ministro carregando uma mala inteira de processos e vê entrar outro, com duas.

Um fazendeiro toma reprimenda

Costa e Silva levou para o Planalto um estilo muito seu. Adota de preferência a comunicação direta com os auxiliares. Jânio não largava a caneta. Castelo não desgrudava do telefone. Juscelino e Jango sobrecarregavam a Casa Civil. Costa e Silva distribui os assuntos em pastas e discute diretamente com o ministro indicado. De cada hora de despacho formula caminhos e tira conclusões. Sua boa memória encarrega-se de vigiar cada assunto.

SEGUE

Quanto vale uma boa idéia

— para o Dirigente de Emprêsa

?
* Idéias que conduzem melhor pessoas e negócios
* Idéias que simplificam
* idéias que reduzem o custo
* pequenas idéias "grandes"

Contando com a colaboração de renomados especialistas internacionais, a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE EMPRESA encerra diretrizes novas e dinâmicas, consentâneas ao desenvolvimento da indústria e do comércio. Obra prestigiada por emprêsas conceituadas: AÇOS VILLARES, CARACU, DURATEX, GESSY-LEVER, L.T.B., MERCEDES-BENZ, MESBLA, PETROBRÁS, RHODIA, ULTRAGAZ, VOLKSWAGEN.

São 16 magníficos volumes encadernados em PERCALUX vermelho-pitanga, com gravação a ouro. Mais de 300 ilustrações e gráficos. 4.864 páginas.

1 - PSICOLOGIA DE ADMINISTRAÇÃO, A. J. Marrow.
2 - O QUE DEVEMOS CONHECER DE ECONOMIA POLÍTICA E DE FINANÇAS, L. S. Gomes.
3 - AS TÉCNICAS DE DELEGAR, O. A. Laird.
4 - CRIATIVIDADE PROFISSIONAL, E. Fange.
5 - FORMAÇÃO DE DIRIGENTES, A. Uris.
6 - RELAÇÕES HUMANAS, Thomason.
7 e 8 - PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRÊSAS, P. F. Drucker.
9 - RELAÇÕES PÚBLICAS, H. M. Baus.
10 - LIDERANÇA, A. Uris.
11 - SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO, R.N.Lehrer.
12 - NOVAS TÉCNICAS DE DIREÇÃO, A. Uris.
13 - TÉCNICA E PSICOLOGIA DA PROPAGANDA, C.M. Spinall.
14 - O SUPERVISOR EFICIENTE NA EMPRÊSA, W.R. Dersal.
15 - MARKETING, Heidingsfield.
16 - DIREÇÃO DE EMPRÊSAS, H.J. Leavitt.

Crediário: NCr$ 336,00 (10 x NCr$ 33,60).
PLANO ECONÔMICO 50%: (venda direta e entrega da coleção em 4 parcelas de 4 volumes, de 30 em 30 dias): apenas NCr$ 168,00, em 4 x NCr$ 42,00.

— para Homens de Marketing?

Também os Homens de Marketing já podem contar com a sua BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE MARKETING que reune técnicas as mais modernas: promoção, treinamento, motivação, marketing, merchandising, displays modernos, organização do depto. de vendas, planificação de campanhas, vendas à mulheres e tudo sôbre administração e gerência de vendas.

São 9 magníficos volumes encardenados em PERCALUX, com douração. 110 ilustrações e gráficos. 2512 páginas.

1 - COMO DIRIGIR E INSTRUIR VENDEDORES, C.B. Roth.
2 - COMO VENDER E TREINAR VENDEDORES, J.M. Wilson.
3 - MANUAL BRASILEIRO DE PROMOÇÃO DE VENDAS, R.B. Chalmers.
6 - GERÊNCIA DE LOJAS (Técnica Varegista e Promoção de Vendas), R.B. Chalmers.
5 - NOVA TÉCNICA DE CONVENCER, V. Packard.
6 - POR QUE ELAS COMPRAM, J. Wolff.
7 - TÉCNICA E PRÁTICA DA PROPAGANDA, Equipe da McCann-Erickson.
8 - IDÉIAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS EM AÇÃO, A.H. Center.
9 - ADMINISTRAÇÃO E GERÊNCIA DE VENDAS, B.R. Canfield.

Crediário: NCr$ 180,00 (9 x NCr$ 20,00)
PLANO ECONÔMICO 50%: (venda direta e entrega da coleção em 3 parcelas de 3 volumes, de 30 em 30 dias): apenas NCr$ 90,00, em 3 x NCr$ 30,00.

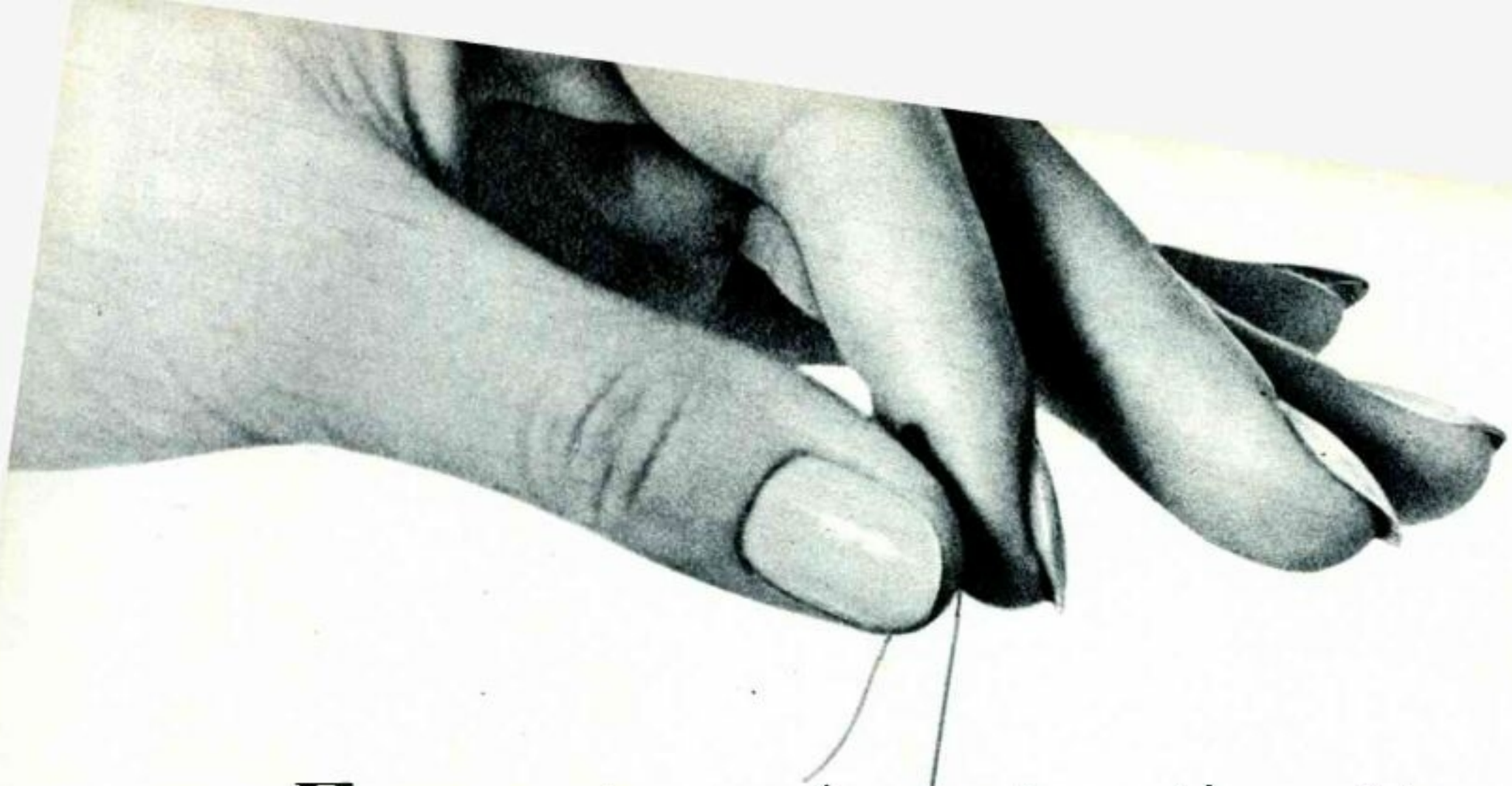
IBRAT EMPRESARIAL
Rua 24 de Maio, 77, conj. 903 - SÃO PAULO, SP
Caixa Postal, 4654 - tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741

Enviem-me pelo Plano Econômico a BIBLIOTECA DO DIRIGENTE DE .....
em parcelas mensais, conforme anúncio.

☐ — No caso de estarem prontos todos os volumes, poderão ser remetidos de uma só vez, com desc. de mais 6,5% (Nêste caso, assinalar)

Nome .....
Firma .....
End. .....
Tel. .....
Assinatura .....

Reembôlso, mais NCr$ 1,00; por parcela; porte aéreo. NCr$ 2,00)
Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.



Encontrando esta etiquêta,
compre com tôda confiança.
Ela garante a qualidade de
uma grande série de artigos.

Eis as malhas:

RHODIANYL®

INDÚSTRIA BRASILEIRA

- Nós só usamos
lhas Rhodianyl
que elas nunca
ormam e nem
arrotam.
Dá para namorar
vontade."
"- Sabidinho,
hein?"
As malhas Rhodianyl só pedem um cuidado:
após lavar com sabão neutro e
água morna, coloque para secar à sombra.
No mais, namore sossegada.
RHODIANYL

Em quantidade, a Vemag não pode concorrer com a Volkswagen.

Mas.

Mas não depende sòmente de quantos carros se fabricam. Depende também de como êles são fabricados.

Se nós da Vemag fabricamos menos carros que a Volkswagen, isso não quer dizer que êles sejam feitos com menos experiência. Ou com menor cuidado. Ou com menos entusiasmo.

Nisso tudo já podemos concorrer com a Volkswagen. E não só nisso.

Quando construímos os nossos automóveis, concorremos principalmente na concepção técnica. Ou o DKW, com motor refrigerado a água e tração dianteira, não é um forte concorrente do VW? (Que tem motor refrigerado a ar e tração traseira.) Claro que é. E justamente por terem concepções tão opostas, êles se completam tão bem. Extremamente bem, até. Tanto que a Vemag e a Volkswagen trabalham agora em conjunto.

Isso quer dizer: como existem DKW e VW nós continuamos sendo concorrentes. Mas não concorremos um contra o outro. E sim um com o outro. Para melhorar ainda mais a qualidade do DKW. E do VW.

Doze homens na correspondência

Ainda recentemente, em Uberaba, surpreendeu criadores de gado, que foram lhe entregar um memorial, reconhecendo um dos fazendeiros, a quem advertiu:

— Quando visitei Mato Grosso, em minha campanha presidencial, o senhor me procurou. Naquela ocasião, o senhor queria exportar e estava interessado em que os brasileiros comessem menos carne. A exportação era alto negócio. Agora, que exportar carne já não é tão bom negócio, naturalmente o senhor quer que o povo passe a comer mais carne e a preço mais alto. Se é isso o que diz o memorial que os senhores trazem, minha resposta é não.

Era isso. Exatamente.

Coisas duras assim, Costa e Silva é capaz de dizer sem mudar de tom, com a mesma voz pausada e encarando nos olhos quem estiver diante dêle.

Muitas cartas, uma de amor

A correspondência do presidente é muito grande. Mais de 700 cartas e telegramas chegam todos os dias. Isto sem contar as de dona Iolanda, que recebe mais de 300.

Castelo, logo no comêço, recebia uma média de 300 cartas e telegramas diários. Depois, menos. Juscelino e Jânio tiveram meses de grosso volume de correspondência. Jango não.

Quatro motivos, isolados ou combinados, fazem pessoas escreverem ao presidente; um grupo, sempre numeroso no início de cada govêrno, escreve para aplaudir as primeiras medidas ou, simplesmente, para desejar êxito; outro grupo, que costuma engrossar com o correr do tempo, escreve para criticar; um terceiro grupo apresenta pedidos de emprêgo ou reclama do andamento de processos, especialmente na previdência social; o último grupo é o dos que formulam denúncias.

Tôda a correspondência é registrada, classificada e respondida, a maior parte através de telegramas que se abrem com um **De ordem do Exmo. Sr. Presidente da República** e se fecham com a assinatura do secretário particular. Nesse serviço trabalham 12 funcionários.

Os aplausos são agradecidos; as críticas, consideradas; os pedidos de emprêgo público, respondidos negativamente; os apelos de quem não encontra serviço, encaminhados ao Ministério do Trabalho, cujos representantes no local ou na região de origem da carta deverão auxiliar o postulante a obter colocação; as reclamações quanto ao andamento de processos são enviadas aos órgãos competentes; e as denúncias, quando em tom de seriedade e assinadas, são investigadas.

SEGUE

Europa das mil belezas

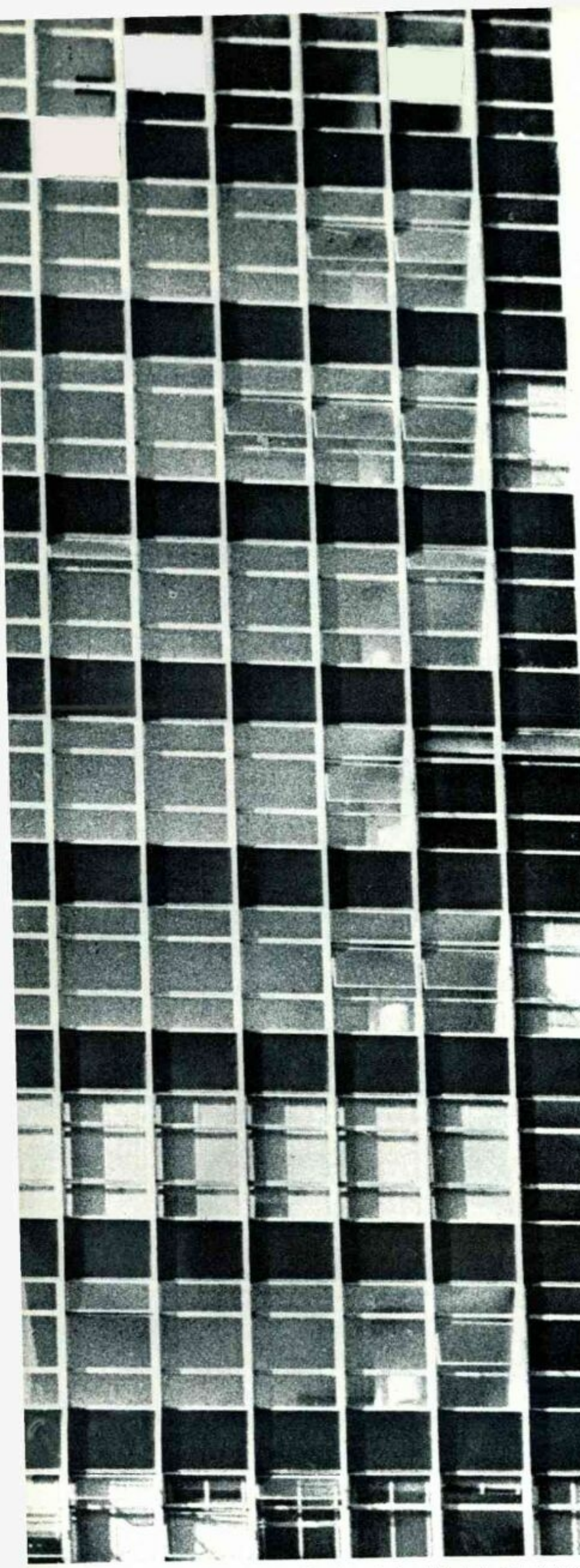
Visite-a com um I.T. ✽

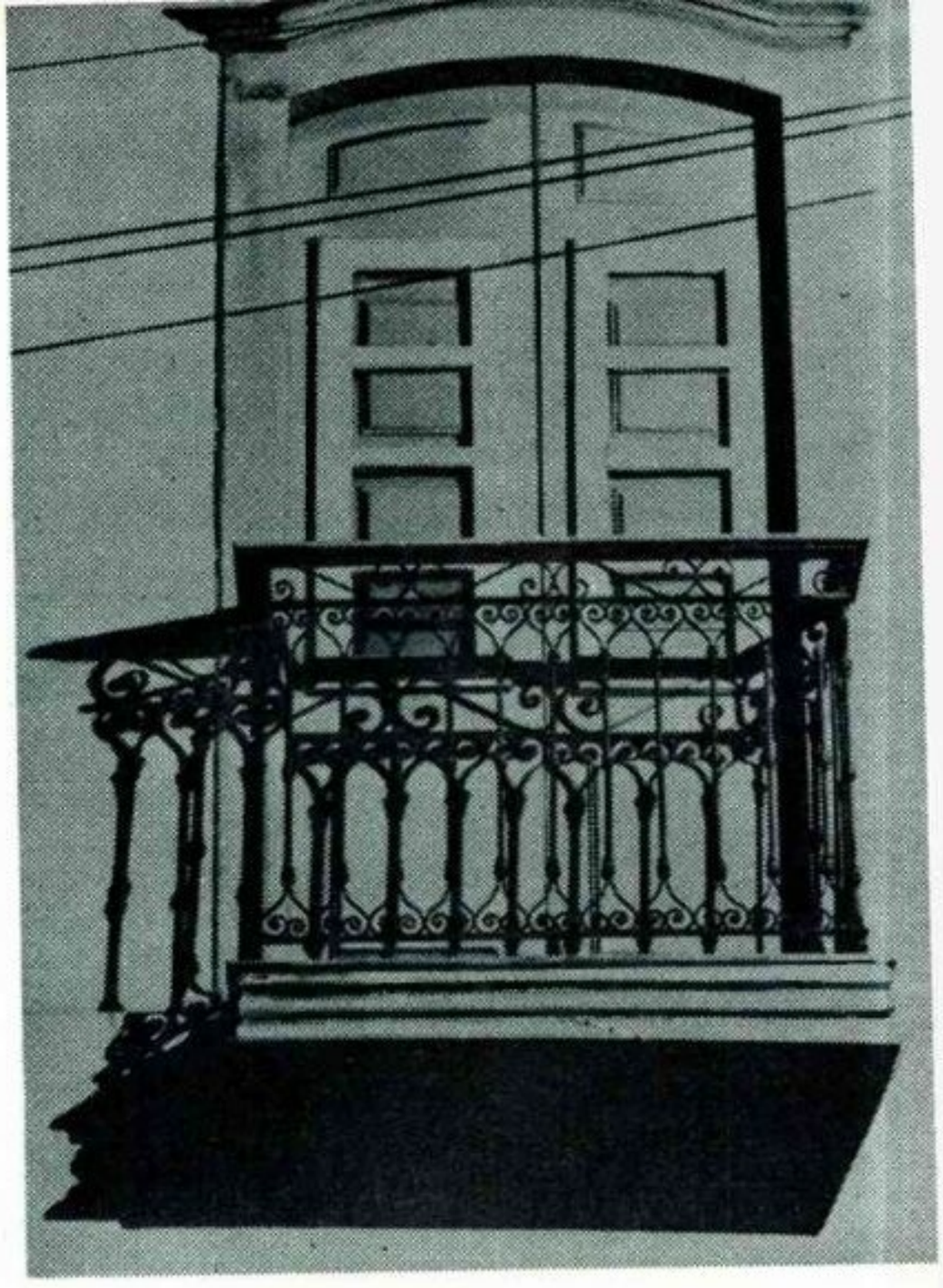
Sim, por vários motivos. Encontrará nela séculos de tradição, um fabuloso desenvolvimento econômico, um inconfundível amor à vida e às artes e todo o esplendôr da natureza. E' o Velho Mundo, sempre nôvo e fascinante. E, agora, tão fácil de alcançar a bordo de modernos e velozes aviões, num vôo tranquilo e confortável. Num jato DC-8 da Alitalia, por exemplo, descansa-se à noite (tôdas as quartas-feiras e sábados) e, no dia seguinte, aterriza-se em Fiumicino, o aeroporto internacional de Roma, no coração da Europa. As férias começam a bordo, numa agradável atmosfera italiana, entre comidas e vinhos típicos. Depois tem início a excursão, seguindo o itinerário do I. T. de sua preferência. E como a Alitalia oferece ótimas excursões e as melhores conexões para tôda a Europa, é claro que nossa frota de játos o levará a descobrir as belezas da Europa inteira. Consulte o seu Agente de Viagens.

INCLUSIVE TOURS

✽ Numa viagem I.T. (Inclusive Tours) da Alitalia estão incluidas as despesas das passagens aéreas, dos Hoteis, das refeições, das excursões de ônibus... e também as gorjetas.

ALITALIA





"A história material da arquitetura mostra que através dos séculos houve uma luta incansável em favor da luz contra os obstáculos impostos pelas leis da estabilidade: **história das janelas".**

LE CORBUSIER

...E a luta a favor da luz e do ar foi brilhantemente vencida pelo alumínio:

"o binômio alvenaria-massa foi substituido por concreto-ALUMÍNIO-vidro".

As esquadrias de alumínio AJAX permitem uma estrutura graciosa, ao mesmo tempo monumental, onde a luz e o ar acham-se intimamente ligados á beleza, transparência e dignidade da obra.

ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

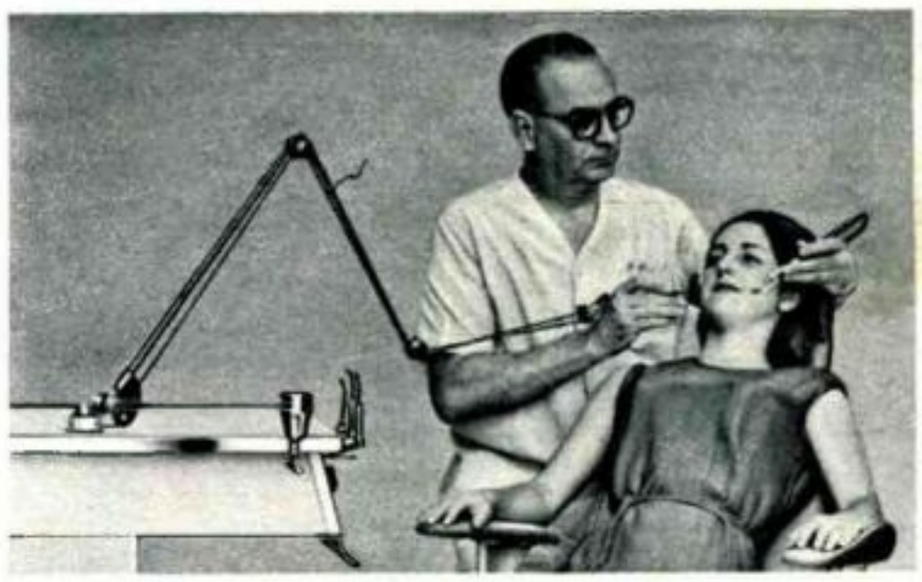
AJAX

BRISE SOLEIL • GELOSIAS • PERSIANAS •
PAREDES DIVISÓRIAS • COBERTURAS

End.: - S. P. - R. Cel. Albino Bairão, 178 - Tel. 93-8136 e 93-6169
R. Janeiro - Av. R. Branco, 185 - 21.º - s/ 2.117 - Tel. 42-9897
P. Alegre - R. Gen. Câmara, 156 - 11.º - s/ 1107 - Tel. 4347
B. Horizonte - R. Rio de Janeiro, 462 - s/ 1405

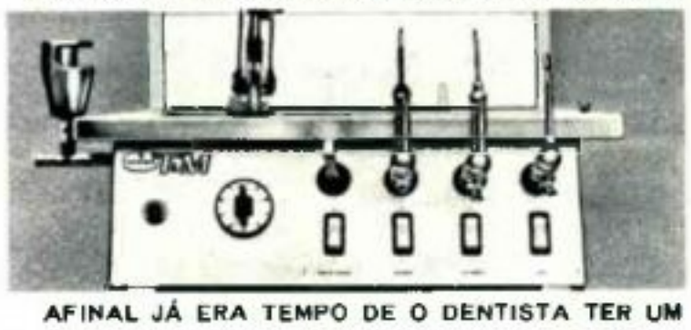
Assemb. Leg. R. G. Sul (P. A.) • Edif. Itália (S. P.) • Banco do Brasil (Brasília) • Univ. do Paraná (Curit.) • Cia. Fiat Lux (Recife) F. Filos. de Goiânia (Goias) • Catedral Metrop. de Cuiaba (M. Gr.)

propaga



Até os dentistas mais conservadores reconheceram a conveniência de substituir o equipo convencional pelo nôvo Dabi "T&M".

O EQUIPO DABI "T&M" CRIA EXCEPCIONAIS CONDIÇÕES DE TRABALHO, APRESENTANDO INOVAÇÕES QUE CONVENCERAM ATÉ OS DENTISTAS MAIS CONSERVADORES DA CONVENIÊNCIA DA TROCA. MOBILIDADE, RACIONALIDADE, PRODUTIVIDADE, ELIMINAÇÃO DE FADIGA, ESTÉTICA E EXCLUSÃO DE FATÔRES QUE GERAM TENSÕES — DEFINEM O EQUIPO DO FUTURO: DABI "T&M". AO CRIAR O SEU NÔVO EQUIPO, A DABI PENSOU NO CONFÔRTO E PRODUTIVIDADE DO PROFISSIONAL.

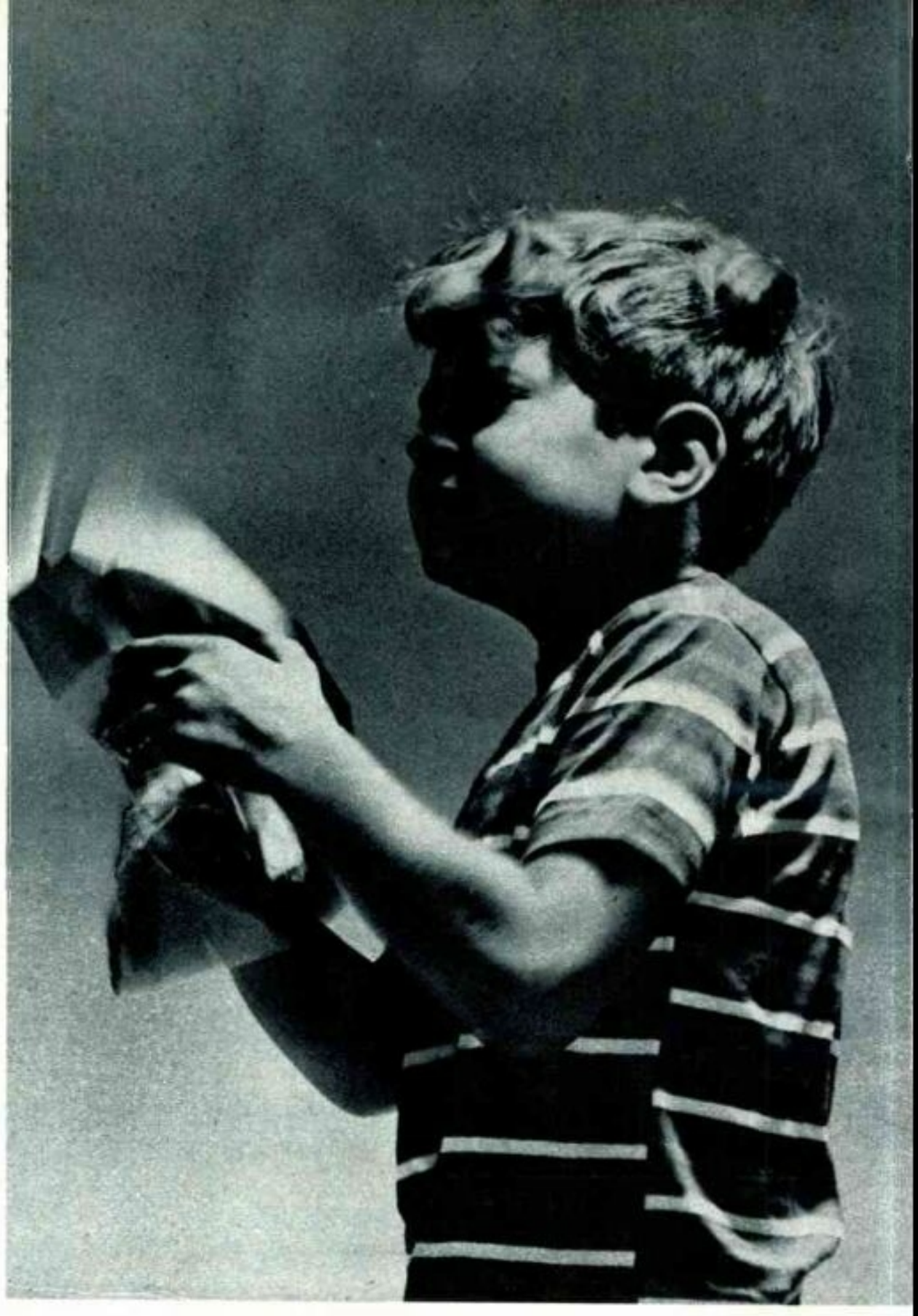


AFINAL JÁ ERA TEMPO DE O DENTISTA TER UM TRABALHO RACIONAL E SEM FADIGA — (ALÊM DE SER MODERNO NOS PRÓXIMOS 20 ANOS, PELO MENOS). CONHEÇA O DABI "T&M" — EM EXPOSIÇÃO NOS REVENDEDORES DABI, EM TODO O BRASIL.

DABI IND. BRASILEIRA DE APARELHOS DENTARIOS S.A.
Rua São Paulo, 1298 - Ribeirão Prêto - SP
um passo à frente em progresso odontológico

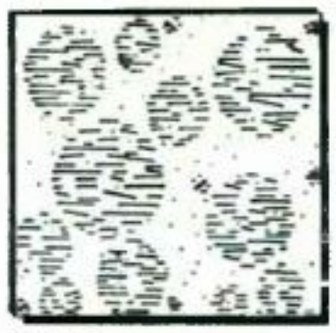
*"T&M" — significa Tempos e Movimentos
*Patente Requerida

VISITE NOSSO "STAND" NO IV SALÃO DE CIÊNCIAS E APLICAÇÕES MÉDICAS 29/5 a 4/6 - IBIRAPUERA.

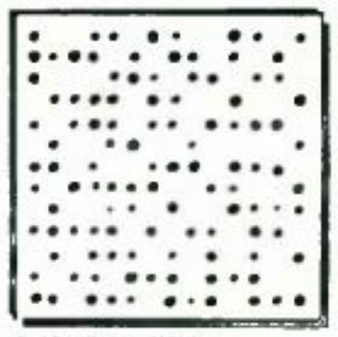


Brincadeira perigosa

Quando um saquinho de papel estoura, o barulho pode elevar sua pressão sanguínea quatro vêzes acima do normal. Êste efeito já foi medido por vários médicos e é uma das maiores provas de como um ruído súbito e violento faz mal à saúde. Mas existem outros males causados pelo barulho. Analisando as consequências da "super-sonorização" do mundo moderno, o Prof. Enzo Vendramini, Diretor do Instituto de Higiene da Universidade de Messina, afirma: "60% das pessoas expostas à ação dos ruídos acusam sensação de fastídio e apresentam anomalias do caráter: irritabilidade, inquietude etc." Para você se defender do barulho é necessário contar com uma proteção acústica. A proteção de Eucatex, em forros, dividindo ambientes ou revestindo paredes, é uma garantia de que 93% do barulho será atenuado. Para você trabalhar ou repousar melhor, existe Eucatex. Isto é: para você viver melhor.



Pérola



Acústico "B"

NÔVO SISTEMA DE COLOCAÇÃO DAS CHAPAS EUCATEX T & G — Cada chapa tem uma lingueta e uma ranhura. A lingueta é pregada ou grampeada no tarugamento de madeira. Depois, outra chapa se encaixa na primeira através da ranhura. A colocação é feita com muito mais rapidez, pois as linguetas e ranhuras servem como "guia". Qualquer imperfeição de pregagem ou grampeamento é totalmente encoberta. O que você vê é um fôrro continuo, perfeito, uniforme.

Fôrro é Eucatex

Padrão de exportação, Eucatex é vendido e aplicado nos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, França, Bélgica, México, Líbano, Portugal, Argentina e outros países.

Eucatex S. A. — São Paulo: Av. Fr. Matarazzo, 530 - Fone:51-9108 - Caixa Postal 1683 • B. Horizonte: Av. Amazonas, 311 - s/802-803 - Fone: 2-5170 • Brasília: Ed. "Arnaldo D. Villares" - Q. 17 - Lote 17 S.C.S. - Cj. 221 - Fone: 2-8779 - D. F. • P. Alegre: Ed. "Annes Dias" - Av. Prof. Annes Dias, 154 - Cj. 1701 - Fone:4-2145 • R. de Janeiro: R. 7 de Setembro, 124 - 7.º - Fone: 43-2754 • Recife: Ed. "Igarassu" - Praça do Carmo, 30 - 13.º - Gr. 1304 - Fone:4-3205 • Curitiba: Av. Getúlio Vargas, 915 - Fone: 4-7768.

Hoje, Exterior está na frente

Há, ainda, um punhado de malucos, alguns habituais, com a mania de escrever a presidentes.

Uma mulher, que durante o govêrno passado, escreveu longas cartas de amor a Castelo Branco que, no auge de suas instâncias, chegou a implorar por um encontro na Estação Rodoviária de Brasília, passou, há pouco, a escrever também a Costa e Silva.

Nas suas cartas, entretanto, ela frisa que escreve a Costa e Silva só por amizade e seu amor continua sendo Castelo.

Outro freguês de sempre escreve agora para insistir em que Costa e Silva deve deixar de ser mau e arrumar logo um emprêgo para Castelo. Sua tese: depois de trabalhar àrduamente três anos seguidos é injusto deixar o ex-presidente de mãos abanando.

Mundo pequeno,
Pasta importante

O Ministério do Exterior, desde as primeiras semanas de govêrno e até aqui, é a Pasta que apareceu com maior evidência. Assumindo às vésperas de uma Reunião de Presidentes das Américas, em Punta del Este, Costa e Silva teria naturalmente que dar maior atenção à política internacional. Entretanto, a ênfase dada ao assunto continua resistindo e se projeta para o futuro. Desde o seu pronunciamento sôbre a política exterior, dias depois da posse, o presidente, ao afirmar a sua disposição de integrar a diplomacia no desenvolvimento, atribuiu dimensão nova ao Itamarati. Ainda há pouco, o ministro Magalhães Pinto, convocado pela Câmara dos Deputados, ganhou manchete em todos os jornais: fêz exposição serena, respondendo com clareza às questões que lhe foram formuladas.

De todos os ministros, Magalhães é o que despacha mais tempo com o presidente: duas horas de cada vez. É, também, o que mais vêzes se avistou com Costa e Silva. Um auxiliar do presidente comenta, entre sério e brincalhão:

— O Magalhães começou a ter despachos de duas horas com a desculpa de Punta del Este. Agora, acostumou-se: não faz por menos.

A importância dada às relações internacionais não está condicionada a nenhum capricho do presidente, nem a circunstâncias de agenda ou à habilidade do ministro do Exterior. Num mundo cada vez menor, semeado de interêsses em choque, esta Pasta ganha forçosamente dimensões novas.

Nas primeiras semanas de Juscelino a Pasta em evidência era a da Guerra, onde Lott, fiador de sua posse, chocava a própria candidatura.

SEGUE

8.009

como ter a certeza se Pantene detém mesmo a queda dos cabelos?

... só experimentando!

Sejamos realistas. Se você já não tem muitos cabelos, nenhuma loção os restituirá. E para que lamentar o que passou? Mas se você tem a *tendência* de perdê-los, não fique parado vendo-os cair: aja. Ou melhor, deixe Pantene agir.

Esta excelente loção contém a substância vitamínica *Pantyl*, exclusiva de Roche. O *Pantyl* ajuda os cabelos a terem saúde, a crescerem e até mesmo a se desenvolverem melhor.

Outros benefícios: Pantene elimina a caspa. Os ombros ficam livres dêsses desagradáveis "vestígios" e o penteado, também. Quanto aos cabelos, êles ficam macios, brilhantes, fáceis de pentear e discretamente perfumados.

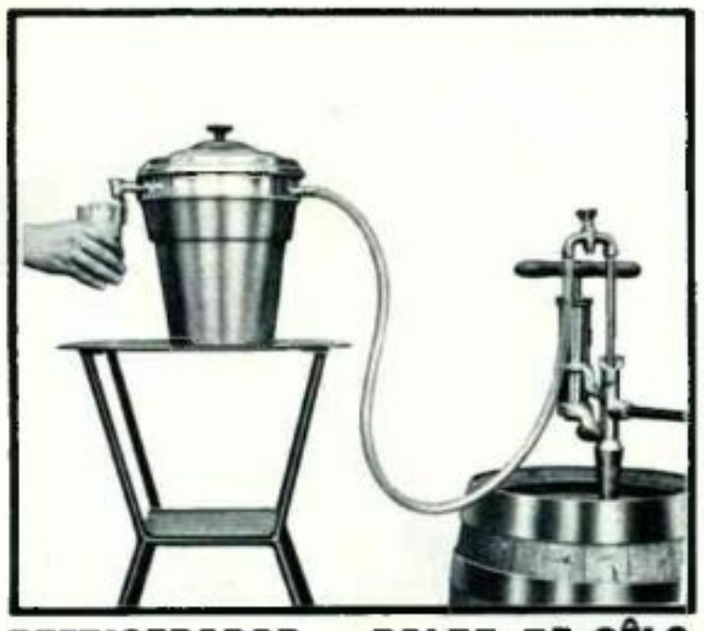
Milhões de homens no mundo inteiro são reconhecidos a Pantene por conservar-lhes os cabelos saudáveis.

Seus cabelos também merecem ser friccionados com Pantene tôdas as manhãs. Experimente, pois. Você nada tem a perder... muito menos seus cabelos! Há 5 tipos de Pantene à sua escolha.

LOÇÃO VITAMINADA

PANTENE

A PROTEÇÃO INTEGRAL DE SEUS CABELOS



REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO

RECORDE

GELA: CHOPES
CHAMPANHA • UISQUE • VINHO
ÁGUA • LEITE • SUCOS

na hora de servir, você terá seu chopes ou qualquer outra bebida servida a 0.° C. Muito mais gostosa, gelada instantâneamente ao atravessar o REFRIGERADOR - BALDE DE GÊLO RECORDE.

METALÚRGICA RECORDE J. M. FERNANDES S. A.
R. dos Gusmões, 118 - Tel. 34-4900 - S. Paulo

descanse viajando em navios de tradição à Europa e Prata

linea "C"

S. PAULO - Rua 7 de Abril, 97
Tels.: 35-1456 - 35-0328
RIO - Av. Rio Branco, 4 - 7.°
Tels.: 43-7691 - 43-3704
SANTOS - R. Riachuelo, 73 - 1.°
Tels.: 2-8782 - 2-8537

POLÍTICA CONTINUAÇÃO

Tempo de sonhar chegou de nôvo

Com Jânio, Mariani, da Fazenda, e Agripino, de Minas e Energia, dividiram o primeiro plano. O primeiro queria deter a inflação, o outro, nacionalizar nossas riquezas.

Com Jango, ao tempo do parlamentarismo, a grande figura passou a ser o primeiro-ministro, no caso Tancredo.

Castelo, desde o comêço, realçou Campos e Bulhões. E a dupla durou o govêrno inteiro. Beltrão e Delfim, seus substitutos, ainda não ganharam igual importância. Os dois perdem por enquanto para Magalhães.

Na hora do descanso,
tiroteio

Encerrado um dia de trabalho, todo presidente, sempre que possível, procura distrair-se. Juscelino ficava mesmo num bom papo, de gôsto bem mineiro. Jânio corria para o cineminha do Alvorada e desatava a ver filmes. Jango, que morava na Granja do Torto, gostava de um passeio entre as árvores ou uma boa pescaria. Castelo ouvia música clássica e repassava livros. Costa e Silva, hoje, tem distração diferente: procura tiroteio na televisão e fica uma hora esquecido de tudo.

Mas, quando os últimos tiros encerram o **bang-bang**, Costa e Silva volta às preocupações. Êle sabe que tem de colocar em execução a reforma administrativa; extrair as leis complementares do Congresso; estimular a agricultura, a pecuária e a indústria sem se afogar na inflação; lutar, enfim, como prometeu, contra a miséria, a fome, a doença e o analfabetismo. Êle sabe, também, que essas tarefas não são fáceis. Por isso, sua disposição é a de trabalhar e trabalhar.

Um dia dêsses, um velho parlamentar comentava:

— Êle fala em desenvolvimento, como o Juscelino; planta-se em Brasília, como o Jânio; é gaúcho, como o Jango; e marechal, como o Castelo. Se souber misturar tudo isso vai acertar. É uma questão de dose.

Pode-se dizer que, nos tempos de Juscelino, Brasília tinha ar de festa, clima de feriado nacional, pioneirismo e heróis. Quando veio Jânio, acabou-se a festa: bandeiras foram arreadas, a cidade levou um susto. Jango chegou no bôjo de uma crise. E de crise em crise, Brasília passou a viver de sobressaltos. Com Castelo, a Capital respirou austeridade. Agora, vive dias de Costa e Silva, diferente dos quatro: um homem comum, capaz de sonhar, espera que um povo inteiro sonhe outra vez, pensando num destino melhor.

FIM

a sala de conferências do plaza hotel é tão internacional como seu bom conceito em confôrto, cardápio e hospitalidade

DER OKONOMISCHE PLAN UNSERER FIRMA...

salimen & franchini

PLAZA HOTEL
PÔRTO ALEGRE

pdp propaganda

VOCÊ VAI GOSTAR AINDA MAIS DE "VIVA A MÚSICA" & "GÊNIOS DA MÚSICA"

NÔVO e espetacular lançamento da Discoteca Abril Cultural — *sempre maior e melhor!*

ABRIL CULTURAL

COLE AQUI

Remetente: .....

Endereço: .....

Envelope Resposta
Autorização n.º 727
Portaria n.º 75
De 21 de junho de 1966
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O sêlo será pago por:
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Compre discos sem sair de casa...

82 gravações em verdadeira alta fidelidade!

"VIVA A MÚSICA"

NCr$ 33,50 à vista

preço normal de 6 LP populares = NC$ 51,00

Ganhe NCr$ 17,50

"GÊNIOS DA MÚSICA"

NCr$ 37,50 à vista

preço normal de 6 LP de música clássica = NCr$ 60,00

Ganhe NCr$ 22,50

oferta de lançamento:

As 2 coleções
(12 discos LP
82 gravações)
apenas NCr$ 66,50 à vista

Ganhe NCr$ 44,50 (17,50 + 22,50 + 4,50)

Preencha, com letra bem legível, o cartão-pedido abaixo. Recorte e dobre-o nas linhas indicadas.
Cole o envelope e remeta-nos, ainda hoje, pelo correio (não precisa selar).
Se não quiser cortar a Revista mande-nos seu pedido por carta.

DOBRE AQUI

REALIDADE

À
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO — SP

Queiram enviar-me, com urgência, o seguinte pedido:

- ☐ Coleção "VIVA A MÚSICA", 6 LP populares:
  à vista, contra entrega = NCr$ 33,50
- ☐ Coleção "GÊNIOS DA MÚSICA", 6 LP clássicos:
  à vista, contra entrega = NCr$ 37,50
- ☐ As 2 coleções, 12 LP — (82 gravações)
  OFERTA DE LANÇAMENTO:
  à vista, contra entrega = NC$ 66,50

DOBRE AQUI

NOME .....

PROFISSÃO .....

ENDERÊÇO .....
(para entrega e cobrança)

N.º ..... BAIRRO ..... FONE .....

CIDADE ..... ESTADO .....

ASSINATURA .....

CORTE AQUI

"VIVA A MÚSICA"

72 gravações exclusivas! Música dansante... música romântica... música de cinema... música jovem!

"GÊNIOS DA MÚSICA"

10 peças clássicas completas! As mais aplaudidas sinfônicas e filarmônicas do mundo!

Veja que seleção! A mais completa e variada apresentada até hoje!

"VIVA A MÚSICA" 6 discos LP - 72 sucessos!

① SUCESSOS MUSICAIS

"Os Titulares do Sucesso". Arranjos e Regência: Maestro Portinho

1. Disparada 2. El Presidente 3. Vem chegando a madrugada 4. Strangers in the night 5. Merci chèrie 6. A partida 7. A banda 8. Morrer ou viver 9. Pare o casamento 10. Guantanamera 11. Mamãe passou açúcar ni mim 12. Upa neguinho.

② MÚSICA DE JUVENTUDE

"Turma Legal"

1. Esqueça 2. The more I see you 3. Yesterday 4. Pobre menina 5 California dreamin' 6. Submarino amarelo 7. See you in September 8. Meu bem 9. Call me 10. Monday, monday 11. Here, there and everywhere 12. Love me, please, love me.

③ MÚSICA DANÇANTE

"Melody Swing Hits Orchestra". Arranjos e regência: Hector Lagna Fietta

1. Fly me to the moon 2. Tijuana taxi 3. A praia 4. Spanish flea 5. O Carango 6. A taste of honey 7. Tristeza 8. Et maintenant 9. Les cornichons 10. South of the border 11. Luar de Nápoles 12. La banda borracha

④ MÚSICA BRASILEIRA

"Quinteto de Bossa e Balanço"

1. Feitiço da vila 2 Canção de não cantar 3. Formosa 4. Olé, olá 5. Meu refrão 6. Lá vem o bloco 7. Se acaso você chegasse 8. Inútil paisagem 9. A Rita 10. Carinhoso 11. O pato 12. Máscara negra.

⑤ MÚSICA DE CINEMA E TV

"Orquestra de Espetáculos". Arranjos e regência: Hector Lagna Fietta

1. Soli 2. What's new Pussycat 3. Sete homens de ouro 4. Zorba 5. Who's afraid of Virginia Wolf? 6. O dólar furado 7. Tema de Lara 8. The shadow of your smile 9. Born free 10. Il silenzio 11. Chim chim cheree 12. Theme from the monkees.

⑥ — ROMÂNTICO

"Os Românticos". Arranjos e Regência: Cyro Pereira

1. Dear heart 2. Io ti daró di piú 3. Maria 4. Una casa in cima al mondo 5. And I love her 6. Moment to moment 7. Si fa sera 8. Michelle 9. Days of wine and roses 10. Sentimental demais 11. Cominciamo ad amarci 12. Walk away.

"GÊNIOS DA MÚSICA" 6 discos LP - 10 peças completas!

① BERLIOZ - Sinfonia Fantástica op. 14. ORQUESTRA FILARMÔNICA DE BERLIM

② CHOPIN - Concêrto para piano n.º 2 em fá menor, op. 21.

LISZT - Concêrto para piano n.º 2, em lá maior.
ORQUESTRA FILARMÔNICA DE HAIA

③ BOCCHERINI - Concêrto para violoncelo, em si bemol maior.

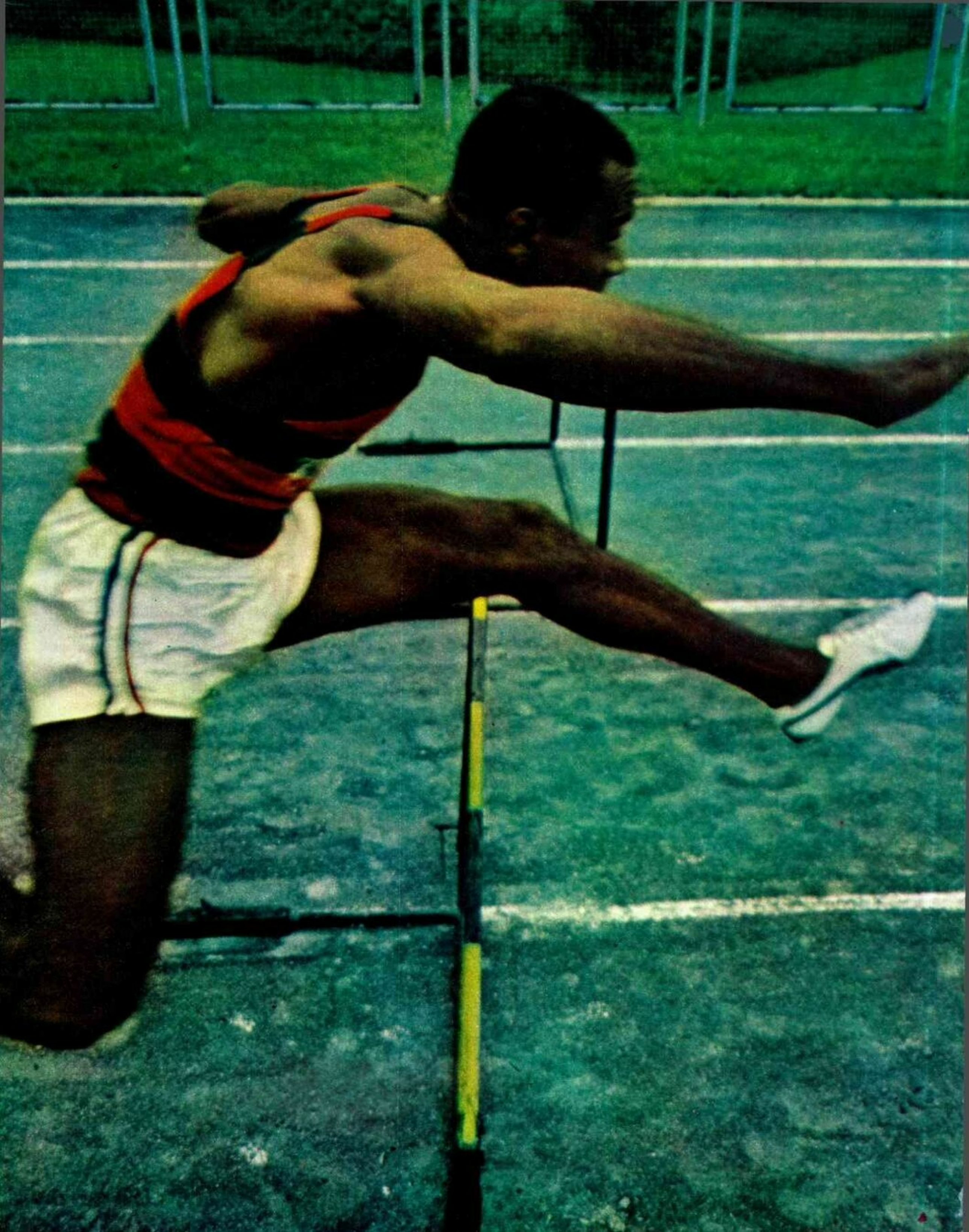
HAYDN - Concêrto para violoncelo, em ré maior, op. 101.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

④ MOZART - Concêrto n.º 1. para flauta, em sol maior, K 313.
Concêrto n.º 2, para flauta, em re maior, K 314.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE VIENA

⑤ BEETHOVEN - Concêrto para violino, em ré maior, op. 61. Romance, para violino, em fá maior, n.º 2, op. 50.
ORQUESTRA SINFÔNICA DE HAIA

⑥ BACH - Suite n.º 1, em dó maior, BWV 1066
Suite n.º 3, em ré maior, BWV 1068.
ORQUESTRA DO CONCERTGEBOUW, AMSTERDÃ

Mais um lançamento para a sua
DISCOTECA ABRIL CULTURAL - *sempre maior e melhor!*



Não nascem campeões num país onde de cada 100 rapazes, convocados para o Exército, 76 são considerados incapazes fìsicamente. Isso fêz um general dizer: "Esporte é um problema de segurança nacional". Em cada mil brasileiros, sòmente sete praticam esporte, nossas poucas pistas estão vazias. Êste é

O ESPORTE DE NINGUÉM

Texto de Hamilton Almeida • Fotos de Roger Bester

São 4,30 da manhã, um campeão brasileiro, uma esperança para o futuro já se encontra de pé: Nélson Prudêncio, negro, 23 anos, 1,82 m, pernas compridas, muito simpático e tímido. Prudêncio engole rápido um café com pão e tem meia hora para chegar à fábrica de máquinas de costura. Êle é um dos mil operários de lá e seu dia está apenas começando.

São 12h30, Nélson Prudêncio já deixou o serviço, está indo para casa almoçar. No caminho, êle terá de parar algumas vêzes. Na cidade de Jundiaí, centro industrial do interior do Estado de São Paulo, com mais de 100 mil habitantes, êle é uma figura importante. É o atleta, o campeão que precisa sempre contar suas novas e extraordinárias aventuras.

Principal e última aventura de Prudêncio: vencer o salto triplo dos Jogos Luso-Brasileiros, em Lisboa, no ano passado, pulando 16,18m. Isso lhe vale hoje o título de herdeiro de Ademar Ferreira da Silva, o maior atleta amador que o Brasil já teve. Ademar quebrou duas vêzes o recorde mundial do salto triplo, ganhou duas medalhas de ouro para o Brasil em duas Olimpíadas e do jornal francês **L'Equipe** ganhou um retrato na primeira página com o título: "O Atletismo Possui um Nôvo Imortal".

De Ademar a Nélson Prudêncio há um espaço de onze anos. E uma ligação: para os dois o atletismo aconteceu por acaso, do mesmo jeito. Num domingo, passeando pelo ginásio de esportes de Jundiaí, Nélson viu um atleta saltando. Ficou sabendo o que era salto triplo e pediu para experimentar. Seu primeiro pulo, de roupa e tudo, foi de 11,30m.

Foi por acaso também que Jundiaí ganhou uma equipe de atletismo. Em 1961, um professor de educação física querendo trabalho procurou o prefeito e o convenceu que o esporte era importante para a cidade. A Comissão Municipal de Esportes deu-lhe emprêgo e no ginásio foi feita às pressas uma pista não-oficial. Dela saiu Nélson Prudêncio:

— Fiquei contaminado pelo esporte. Nunca pensei poder passar dos 15m. Hoje, quando vejo meus resultados, fico abobalhado. No atletismo aprendi uma coisa: quem quer um pedaço do céu tem que trabalhar.

São 16 horas, Nélson Prudêncio já almoçou e estudou duas horas. Faz o curso de contabilidade à noite e está pensando prestar exame vestibular na Escola de Educação Física de São Paulo ou numa Faculdade de Direito. Agora, êle está na pista. Com êle estão uns 50 rapazes, todos da cidade, que se iniciaram no atletismo por causa do seu cartaz. O material para treino é quase nenhum. Existem uns dois ou três blocos de saída, daqueles que o atleta coloca no chão para dar o arranque inicial.

O técnico de Nélson Prudêncio, professor Clóvis Nascimento, mora em São Paulo (Capital). Só vai a Jundiaí duas vêzes na semana, às quartas e sábados. Sòzinho, Nélson cumpre um programa de corridas, saltos e velocidade. São duas horas diárias de treino.

Quando sai da pista, tem uma hora para jantar e quase nunca pega a família reunida, pais e seis irmãos. Vai para o colégio em seguida e só sairá de lá às 23 horas. É hora de dormir, seu dia terminou e vai recomeçar igualzinho amanhã às quatro da manhã.

— Minha vida social, os passeios, as festinhas, entreguei ao atletismo. Luto com dificuldades, nunca ninguém me deu nada, nem perguntou se eu preciso. Faço esporte porque gosto.

Os dias de Nélson Prudêncio até o mês que vem serão os mesmos. Trabalhando na fábrica e estudando à noite, êle irá se preparando para os Jogos Panamericanos de Winnipeg, Canadá. É o brasileiro que está mais perto de ganhar uma medalha de ouro, primeiro lugar no salto triplo.

Hoje o recorde mundial é do polonês Joszef Schmidt, que saltou 17,03 metros, nas Olimpíadas de Roma, em 1960. Os maiores triplistas do momento não passam dos 16,60m e daí caem até 16,20m. Prudêncio está bem perto dêles, só precisa fazer o que não pode: dedicar-se exclusivamente aos treinos, alimentar-se e dormir muito bem, passar por testes de laboratório e cumprir um programa avançado de treinamentos. Se conseguir a medalha de ouro, Nélson Prudêncio será um homem excepcional, pois não terá nada disso.

O esporte nunca fêz parte dos programas de nosso govêrno e a verba que recebe hoje não passa de 0,04% do orçamento da União. Sem programa, sem poderes e sem interêsse das autoridades, o Brasil quase não existe no mundo do esporte. Em nove Olimpíadas, desde 1920, ganhamos apenas 13 medalhas — só três de ouro — e fizemos 9 pontos.

Os Estados Unidos, só nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, ganharam 90 medalhas — 36 de ouro — e fizeram 816 pontos. A URSS, na mesma competição, fêz 813 pontos e ganhou 96 medalhas, 30 de ouro.

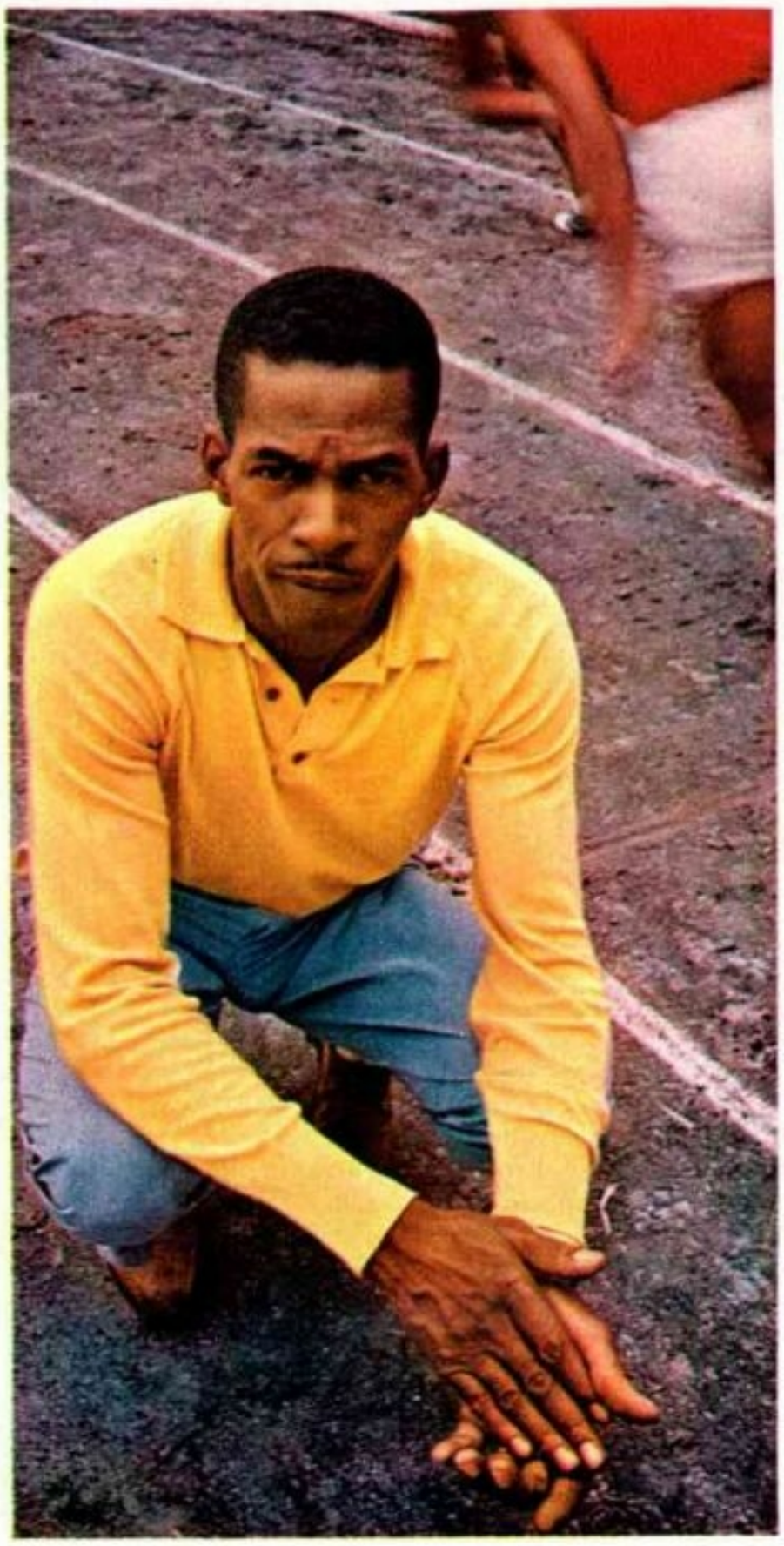
Das nossas três medalhas de ouro, duas são de Ademar Ferreira da Silva, em Helsinque (1952) e Melbourne (1956), como recordista do salto triplo. Guilherme Paraense é o dono da outra, conseguida em 1920 na Antuérpia, em tiro. Aos 83 anos, coronel reformado do Exército, quando lhe perguntam quais as suas recordações, Paraense não mostra nenhum entusiasmo:

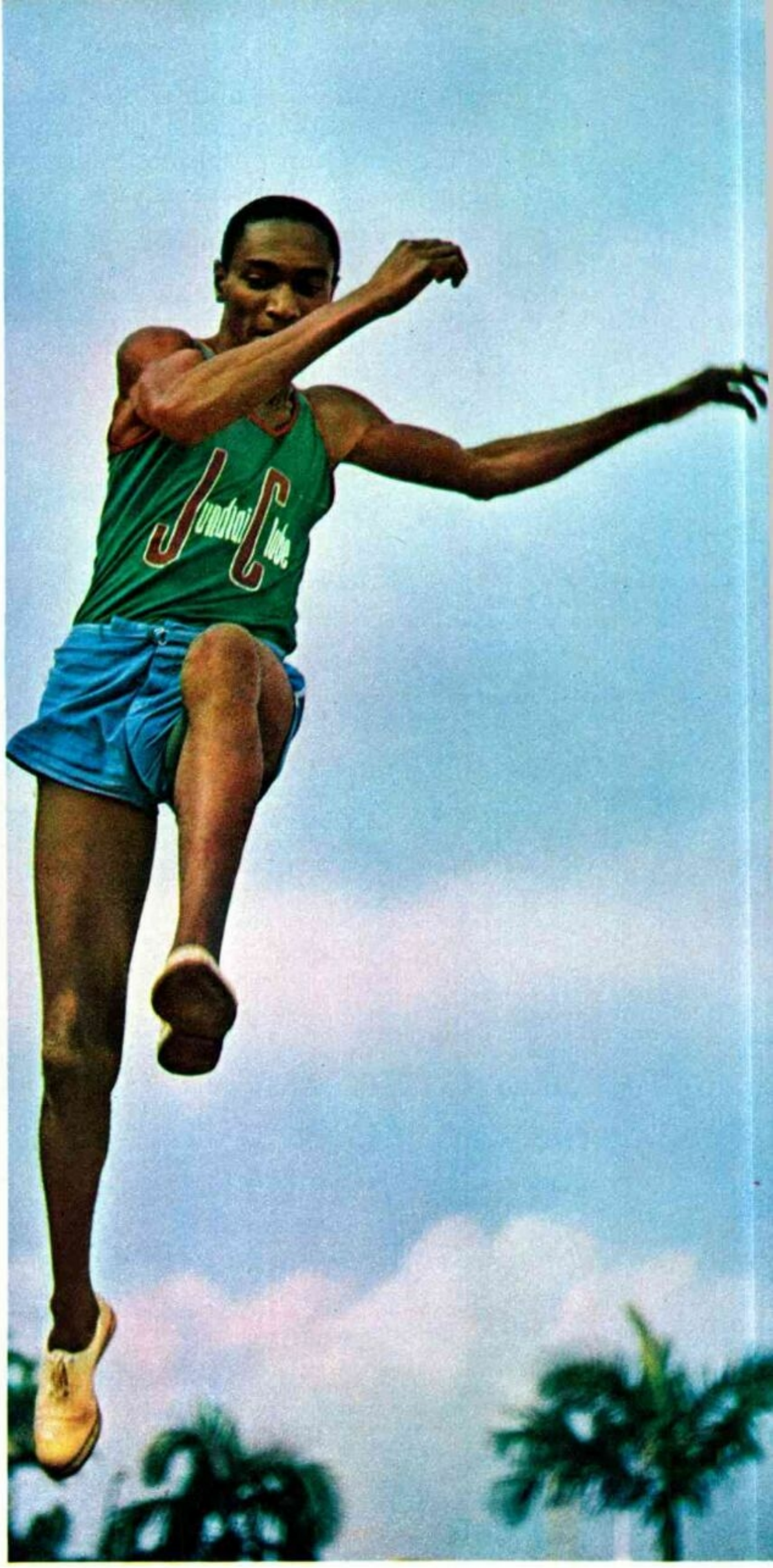
— O esporte só me deu prejuízos. Muitas vêzes tive de pagar do meu bôlso minhas viagens, minhas estadas e sempre comprei minhas armas. Do esporte de hoje não falo nada. Conheço bem o Brasil e os brasileiros; não seria levado à sério.

No Brasil quem manda mais no esporte é o Conselho Nacional de Desportos, o CND, criado quando Getúlio Vargas era ditador, em 1941. A função do CND é "orientar, fiscalizar e incentivar" o esporte em todo o país. Formado por um presidente e oito conselheiros, o CND sabe quais são os seus problemas, mas tem os braços e as mãos amarrados. Sabe, por exemplo, que no Brasil existem 8.050 clubes, 5.818 entre Rio e São Paulo. SEGUE

Sebastião Mendes, o Tião do Flamengo, é campeão dos três mil metros desde 1956.

Onze anos separam o pulo de Nélson Prudêncio, campeão brasileiro de salto triplo, de Ademar Ferreira da Silva, duas vêzes campeão mundial e hoje fora das pistas. Ademar ganhou duas medalhas de ouro para o Brasil e do esporte recebeu duas condecorações. Por isso, diz que "o máximo de ajuda que deram ao esporte até hoje não chegou a ser o mínimo pedido". Nélson Prudêncio, um simples operário de Jundiaí, pula porque gosta e não sabe se repetirá as aventuras de Ademar Ferreira da Silva; ninguém o ajuda. Com 23 anos é a única esperança brasileira nos Jogos Pan-americanos, em julho, no Canadá





"Falta tudo: cada campeão é um acidente"

ESPORTE
CONTINUAÇÃO

Sabe também que para as equipes dêsses clubes só existem 232 técnicos esportivos diplomados. Êsse número de técnicos cobre apenas 12 modalidades esportivas, assim mesmo quase todos acumulando especializações e a maioria utilizando velhos métodos de treinamento. E o Brasil, para ter chance numa Olimpíada, precisaria de técnicos atualizados para 20 modalidades. Mas o CND, que é uma divisão do Ministério da Educação e Cultura, não tem autonomia nem para fazer o seu orçamento.

Para o jurista Carlos Osório de Almeida, um dos conselheiros do CND e um dos principais homens da legislação esportiva, a situação não podia ser pior:

— O govêrno parece não ter capacidade — diz o jurista — de reconhecer o esporte como fundamental na vida moderna. Se reconhecesse, criaria um Ministério de Esportes, um órgão capacitado. No programa de govêrno do presidente Costa e Silva não há uma palavra sôbre esporte. Êles não compreendem que com esporte não se gasta, se economiza — em penitenciárias, por exemplo. Um govêrno que só deixa um time de futebol profissional sair do país com técnico diplomado, paradoxalmente não obriga as universidades e as escolas de nível secundário a ter no seu corpo docente técnicos esportivos. No papel se diz que o CND tem de legislar e fiscalizar, mas como? A única coisa que êle pode fazer é orientar. Além de não ser um órgão autônomo, não tem funcionários próprios, são todos burocratas pèssimamente pagos, enquanto seus conselheiros não recebem um tostão.

A situação do esporte brasileiro pode também ser mostrada assim: há 25 anos o CND funcionava em dois andares da avenida Rio Branco, no Rio. Em fevereiro dêste ano foi despejado por falta de pagamento do aluguel, 115 mil cruzeiros velhos por mês. A mudança foi feita às pressas para um casarão antigo na rua André Cavalcanti, na Lapa. O casarão está cheio de ratos e ninguém tem coragem de mexer nas instalações elétricas, de tão antigas.

Se o esquema do esporte no Brasil fôr representado pelo desenho de uma pirâmide, o CND vai aparecer no tôpo. Depois vêm as Confederações de Esportes, 19 ao todo. Daí passa-se para as Federações, que são estaduais, às Ligas, que podem ser até municipais, e por último aos clubes esportivos.

Das 19 confederações, a maior é a Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, que toma conta de 22 esportes, entre êles o futebol, amador e profissional. Em segundo lugar vem a Confederação Brasileira de Basquete, o esporte amador mais popular no Brasil, depois do futebol. Federação é o que mais existe, não havendo nenhum levantamento que possa dizer quantas são. O número de atletas também ninguém sabe. Os dados estatísticos existentes são do IBGE, pois nunca foi feito um censo esportivo. Uma coisa é certa: no Brasil não existem mais de 12 pistas oficiais de atletismo e mais de 30 piscinas olímpicas, e isso já se eliminando o Norte e o Nordeste, onde não há nada.

Mas as dificuldades são de todo tipo. Nos Estados, por exemplo, o CND está representado pelos Conselhos Regionais de Desportos. A estrutura, porém, é tão falha que dos quatro membros do CRD três são indicados pelo govêrno estadual e apenas um pelo próprio CND. Com três contra um, o conselho nacional fica pràticamente sem poderes. Manda instruções, distribui ordens, mas se elas não são cumpridas nada pode fazer:

— É como se o Exército — comenta um dos conselheiros — tivesse suas várias regiões militares comandadas por homens indicados por governadores. Qual seria o poder do ministro da Guerra e do presidente da República?

Esporte se aprende no colégio

"Adverti o país sôbre a necessidade de amparar e sustentar programas de capacidade física nas escolas e propiciar meios de incrementar em seus lares e comunidades programas de fortalecimento físico, vigor e resistência. Atualmente precisamos fazer mais ainda. A Nação é fundamentalmente a soma de todos os seus cidadãos — suas energias, fôrças e recursos — não podendo ser maior que os homens que a compõem."

Êsse é um trecho de um discurso do presidente Kennedy, transmitido pela televisão para todos os Estados Unidos, em 1962. A preocupação dos americanos pelo esporte aumentou depois que 58% de escolares foram reprovados em um teste de educação física.

Na Europa, na mesma época, êsse teste foi feito com um índice de 80% de aprovações. Preocupado com isso, Kennedy acelerou os programas de govêrno para o desenvolvimento dos esportes.

Em 1964, o Departamento de Educação Física e Esportes — DEFE — fêz uma pesquisa no Estado de São Paulo, com objetivos parecidos. Resultado: só 1,5% da população escolar, em idade ginasial, cumpria programas de educação física nos colégios.

A mesma pesquisa mostrou que, em todo o Estado, havia uma população aproximada de 2,5 milhões entre 12 e 19 anos. Apenas 220 mil matriculados em estabelecimentos de ensino e, dêsses 220 mil, só 12,5% participavam de atividades esportivas orientadas.

O problema esportivo do Brasil é que esporte não se aprende no colégio. Apesar da Lei de Diretrizes e Bases afirmar que a educação física é obrigatória nos cursos primário e secundário, ao mesmo tempo deixa a cargo dos diretores de escolas o número de aulas a ser fixado ou o programa a cumprir.

O único catedrático em atletismo da Escola de Educação Física de São Paulo, professor Jarbas Gonçalves, vê o problema nesse mesmo ângulo:

— O brasileiro não tem, como os povos das grandes potências, uma mentalidade esportiva. A educação física precisava interessar o garôto ainda nôvo, conduzi-lo ao esporte no curso secundário e tê-lo como futuro campeão ao entrar para a universidade. Mas começamos errados, os colégios oficiais não são suficientes e os particulares são autorizados a funcionar sem qualquer local previsto para o esporte ou educação física. Os próprios colégios do govêrno não possuem instalações. Com a educação física ligada diretamente aos diretores de escolas dá-se o seguinte: antes o número de aulas ia até três por semana; agora, para economia dos donos de colégios, os professôres são contratados para uma aula semanal.

Nas universidades brasileiras também não há espaço para o esporte. Na Cidade Universitária do Rio de Janeiro, as obras se arrastam por mais de 10 anos — ainda não foi construída uma pista ou uma quadra de basquete. Em São Paulo, a Cidade Universitária tem um centro de esportes projetado, mas ninguém sabe mais se será construído.

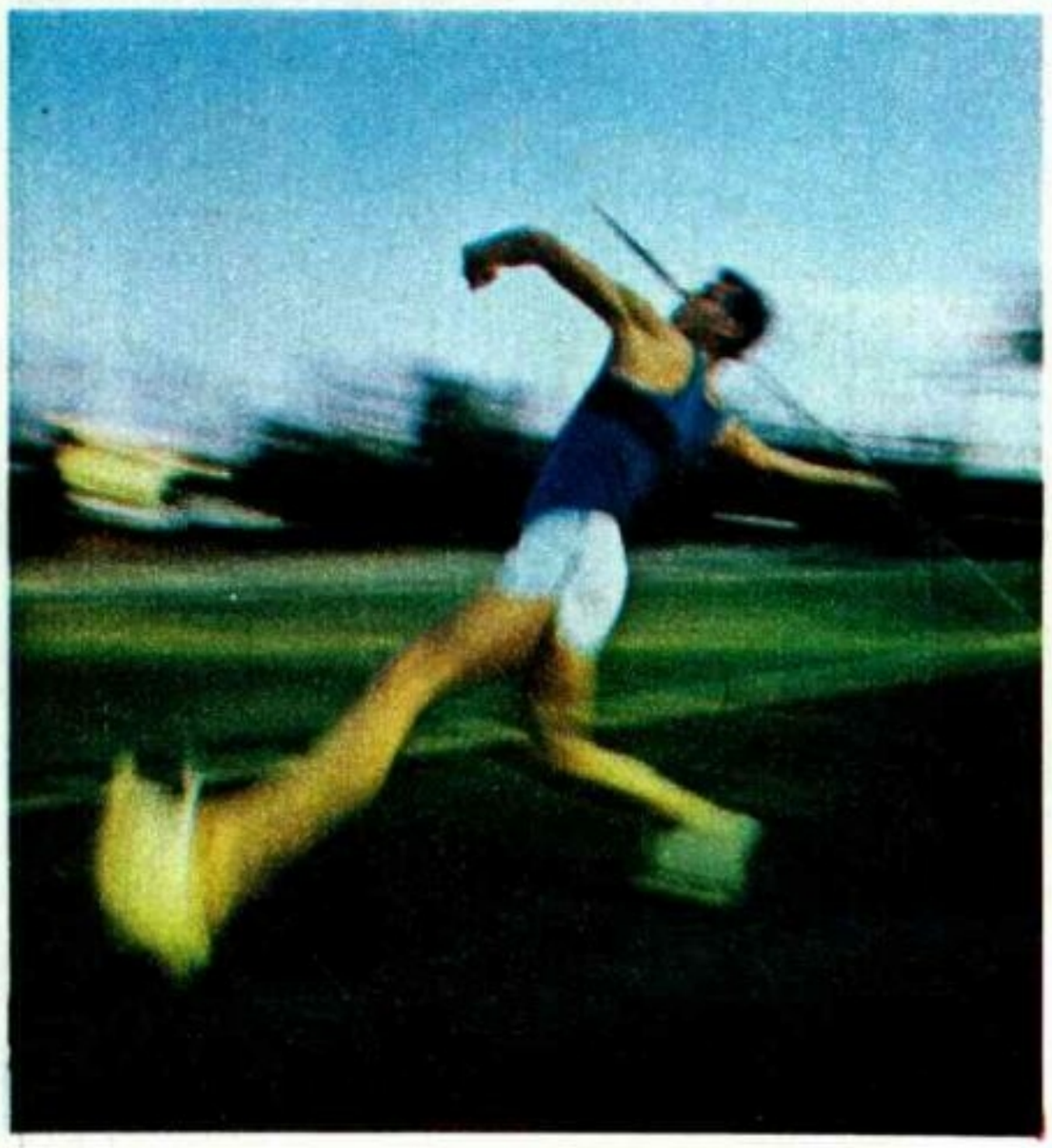
Outro problema são os professôres de educação física: poucos e mal pagos, precisando dar aulas em cinco ou seis colégios para poder sobreviver. Para ganhar mal, um professor de educação física precisa estudar 16 anos, entre primário, ginásio, científico ou clássico, curso de educação física e especialização esportiva. Resultado: faltam professôres técnicos em 90% das escolas da Bahia, 85% das escolas de Minas, 95% das escolas do Estado do Rio e 30% das de São Paulo.

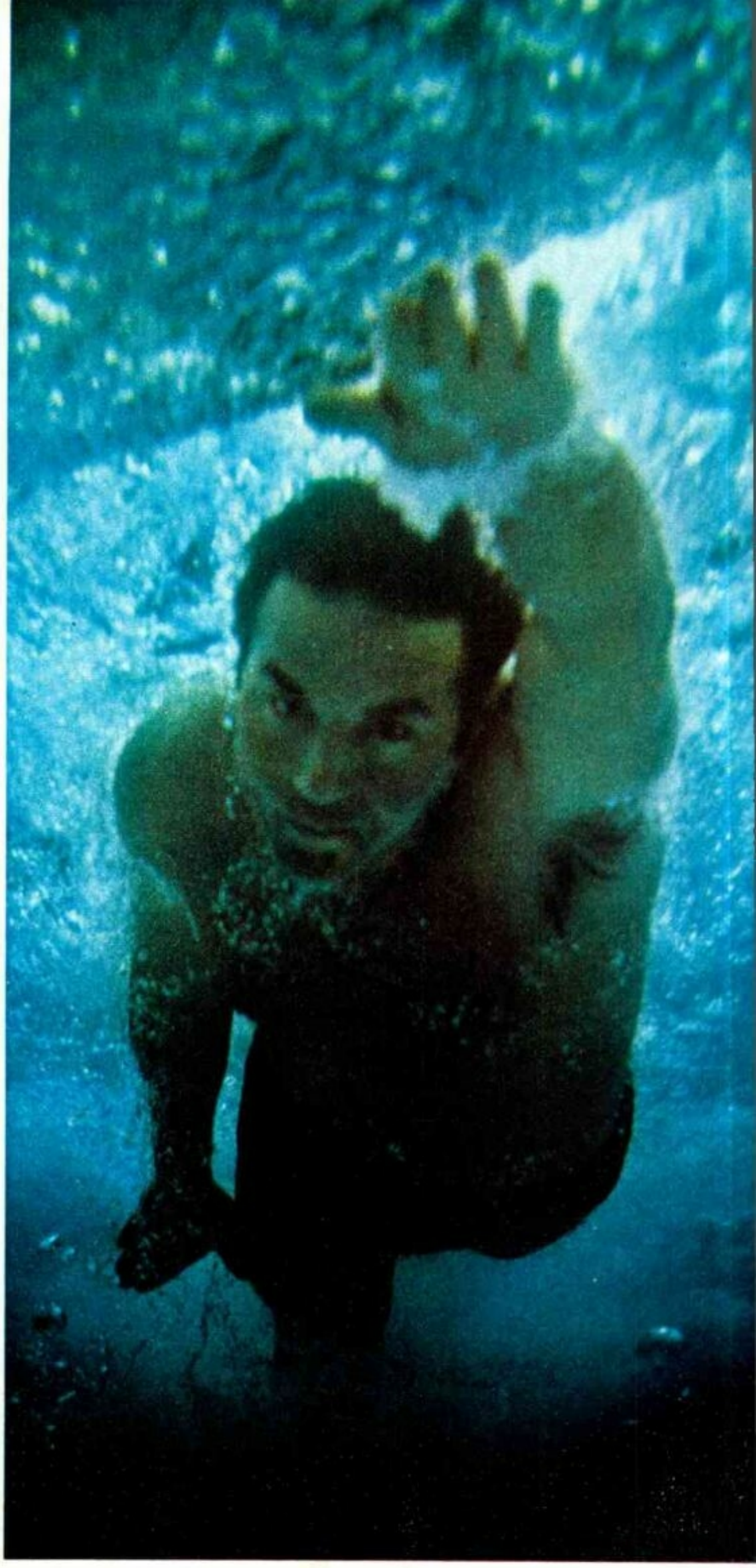
Nos países desenvolvidos, além das escolas, são as Fôrças Armadas que formam os campeões. No Brasil, essa verdade mundial não funciona. Existem várias boas explicações ou desculpas. Uma: não há tempo, um jovem vai para o Exército já com 18 anos, fica menos de um ano incorporado e se nunca praticou esporte não vai se tornar campeão do dia para a noite. Outra: não há verba nem meios, mesmo dentro das Fôrças Armadas, para o esporte.

— Em Itapira eu sou muito conhecido. Depois do Belini sou o maior acontecimento.

É Valdir Barbânti, 19 anos, campeão sul-americano juvenil em hexatlo, modalidade que prepara os futuros decatletas. Jeito de campeão, fala de interiorano de São Paulo, cabeça raspada, recruta do 5.º GCAN de Campinas, a carreira de Barbânti é pequena mas brilhante.

Em menos de dois anos, foi campeão paulista, brasileiro e do continente. Tudo começou no Instituto de Educação de Itapira, cidade de 45 mil habitantes, a 170 quilômetros de São Paulo. SEGUE





Aída dos Santos, única atleta brasileira a ir às Olimpíadas de Tóquio, foi a quarta do mundo no salto em altura. Hoje, cansada de não ter apoio, diz que não gosta mais do atletismo. Um menino de Itapira, Valdir Barbânti, campeão sul-americano juvenil no dardo, não pode ir ao Pan-americano. Duas irmãs campeãs de natação, Eliane e Eliete Mota, detêm os recordes do continente. Um nadador, Ilson Asturiano, necessita de cento e oitenta dias sem trabalhar para ser o melhor do mundo.

"A CBD é matadouro: quer boi para corte"

ESPORTE
CONTINUAÇÃO

Disputando os 100 metros rasos, salto em distância, arremêsso de pêso, lançamento de dardo, salto em altura e 800 metros rasos, Valdir foi campeão sul-americano em outubro de 1966. Terminada a temporada de atletismo, parou de treinar e em janeiro foi incorporado ao Exército. Morando em Itapira, servindo o Exército em Campinas e sendo atleta do Esporte Clube Pinheiros em São Paulo (Capital), Valdir não pode mais treinar. Não adiantaram os pedidos do clube ao seu comandante, explicando que êle podia ser um bom elemento para o decatlo nos Jogos Pan-americanos. Êle não vai mesmo.

No esporte amador a coisa se complica quando o atleta sai do Exército e tem de se manter, trabalhar.

Essa verdade serve para Ilson Asturiano, um rapaz de 25 anos, nadador do Botafogo do Rio 100 metros nado livre, tempo de 55" cravados. Está a um segundo e meio do recorde mundial.

— Pretender bater o recorde eu pretendo, mas precisava que me pagassem o que ganho no banco, pelo menos, durante seis meses para ficar só treinando: cama, comida e piscina. Se não, como vou fazer?

Dentro das 20 modalidades olímpicas do esporte amador, a natação e o atletismo são a base de qualquer país. No Brasil, são os dois mais abandonados. O técnico Nélson de Barros, que estudou na Alemanha, tem uma boa explicação para isso:

— O brasileiro busca a recreação. E no basquete, no volei, no pólo-aquático ou no futebol a recreação é imediata: é a bola. Nos esportes individuais — como a natação e o atletismo — a satisfação é mais interior, conseguida mais àrduamente. Por isso só são praticados por verdadeiros apaixonados.

Em todo o Brasil não se conseguem juntar 12 equipes de atletismo treinando normalmente e participando de tôdas as competições. No Rio há o Flamengo, o Botafogo e o Fluminense. O Vasco da Gama, que chegou a ter Ademar Ferreira da Silva entre os seus atletas, fechou a seção em 1964.

Duas pistas de atletismo são tudo o que a Guanabara tem. A do Flamengo, na Gávea, e a do Maracanã. Ambas sem iluminação. A do Flamengo é incompleta, os atletas não podem treinar na grama, pois os jogadores de futebol profissional reclamam os buracos no campo.

A pista do Maracanã por pouco não existia também. Não estava no projeto original, que só previa o estádio e o ginásio. Nessa pista já chegou a ser disputado um Campeonato Sul-americano de Atletismo, quando se construiu uma arquibancada às pressas — era o ano do IV Centenário. A demolição das arquibancadas foi até elogiada pelos técnicos cariocas: ia acabar matando um espectador, de tão mal feitas. No Fluminense a pista não é oficial, não se usa mais. No Botafogo os atletas treinam num pedaço de areia, sem luz.

É fácil também chegar à Gávea e ver a equipe do Flamengo, atual campeã do Brasil, quase tôda de veteranos, dando voltas na pista escura.

— A CBD é o matadouro. O gado chega lá, ela corta. Mas não cuida do gado, não engorda, não trata das doenças. Quer boi para corte. O atletismo está abandonado porque não dá nada ao clube. Ninguém vive só de glórias. O futebol dá glórias e dinheiro. No atletismo não se pode cobrar, não há espetáculo. Se você assistir a uma competição no Rio já viu tudo, é sempre a mesma coisa.

Joel Costa, um dos campeões do Flamengo, pode falar isso. Para êle, o atletismo devia ter mais assistência da CBD, dona de 22 esportes, inclusive o atletismo e a natação. Os dois vivem misturados com esportes menores, como caça e pesca, bocha e bolão, e prejudicados também pelo futebol profissional, parte maior da CBD.

Sebastião Mendes, o Tião do Flamengo, campeão brasileiro dos três mil metros desde 1956, vê a morte do atletismo nessa falta de apoio:

— Veja, José Teles da Conceição em 1956 fazia 10"2/10 nos 100 metros rasos. Ficou a um décimo de segundo do recorde mundial, na época 10"1/10. Hoje mesmo o seu tempo ainda é bom, o recorde são 10" cravados e no mundo só existem uns quatro corredores com essa marca. José Teles nunca recebeu o apoio que devia. Êle era a equipe do Flamengo, saltava, corria, arremessava pêso, fazia tudo.

Um clube grande é uma pequena cidade

Em São Paulo, a situação do atletismo não é muito melhor. Mas leva algumas vantagens: seus atletas são mais jovens, do interior vêm bons elementos e o trabalho está voltado para o futuro. Nos clubes, porém, apenas o Pinheiros, Tietê, São Paulo, Espéria e a equipe da cidade de Jundiaí cuidam do atletismo. O Paulistano acabou com a sua seção. No lugar da pista ficarão a sauna e a fisioterapia.

Só o Pinheiros mantém uma grande equipe, hoje a segunda do Brasil — mais de 150 atletas, 90% não-sócios, quase só militantes. É uma exceção. Mantém 19 departamentos amadores, gastando com êles 485 milhões de cruzeiros velhos num ano. Seu número de associados é maior que a população de muitas cidades do interior — 32 mil — e só de luz paga por mês mais de 10 milhões. Dos 232 técnicos diplomados existentes no Brasil, 45 estão no Pinheiros.

Clubes, porém, não são mais base para o esporte amador, muito menos para o atletismo. Precisariam todos ser gigantescos como o Pinheiros para poder agüentar. Pois clube virou sociedade por cota, onde o brasileiro vai buscar exclusivamente recreação.

Se o clube é a base e deixa de produzir, como é que o Comitê Olímpico Brasileiro terá atletas em Pan-americanos e Olimpíadas?

A resposta é do major Sílvio de Magalhães Padilha, presidente do COB, órgão encarregado de selecionar os nossos atletas para competições como Jogos Pan-americanos e Jogos Olímpicos:

— O COB não pode fazer nada; está ligado diretamente ao Comitê Olímpico Internacional, "para não sofrer influências políticas, religiosas ou racistas." Só depende do nosso govêrno em duas coisas — ter atletas preparados para as competições e verbas para as delegações que escolher. Assim não podemos resolver o problema da falta de atletas. A resposta deve ser dada pelos homens da educação.

Nas piscinas, a natação vive o mesmo problema do atletismo. Custa muito caro manter departamento. No Botafogo, o treinador Roberto Pavel sabe que é a sua seção a de maior despesa. Em compensação, Pavel tem nas mãos o nadador brasileiro do momento: José Sílvio Fiolo, um dos cinco melhores do mundo nos 100 metros, peito clássico, com sua marca de 1'8"9/10.

Para treinar e ter condições de bater o recorde mundial, Fiolo um meninão de 17 anos, teve de deixar sua família em Campinas e ir para o Rio, convidado pelo Botafogo. Mora num apartamento com outro atleta, faz o seu primeiro ano científico e come no bar do clube, ao lado da piscina. Tudo pago pelo Botafogo, sua vida é só treinar e estudar.

Pavel, o treinador de Fiolo, ainda sonha com soluções:

— Se houvesse piscinas públicas, centros esportivos, técnicos e fizéssemos um trabalho em massa só com as 500 mil crianças do curso primário da Guanabara, em dois anos o Brasil seria uma potência em natação.

Mas a realidade é bem diferente. Está na resposta de Manuel dos Santos o nadador brasileiro que alcançou o recorde mundial em 1961 — quando lhe perguntam por que abandonou a natação:

— Tive que cuidar da minha vida.

Um exemplo do abandono do atletismo e da natação foi o Sul-americano Juvenil de Montevidéu, em outubro de 1966. Uma equipe de garotos entre 17 e 18 anos foi levada a representar o Brasil. Ficaram amontoados num alojamento único, mais de cinco num quarto sem janela, todo sujo e mal cheiroso. Quem conta melhor são os próprios atletas. E Cláudio Baeta Leal, que voltou de lá campeão de arremêsso de pêso, conta assim:

SEGUE

Olimpíada: nossa delegação é uma mulher

— A comida era uma sopa com um osso dentro e um pedaço de pão. Éramos uma delegação grande, mais de 50 pessoas. Cinco ou seis **cartolas,** nenhum ficou conosco, foram para os melhores hotéis. Nós perdíamos logo de saída, no desfile das delegações. Os argentinos tinham uniformes de helanca, os chilenos de tergal. Os brasileiros com uniforme de algodão, os agasalhos rasgados, desbotados. Quatro dos nossos atletas não puderam desfilar porque não tinham roupa. Mesmo assim, lutamos e no dia do encerramento, ao ouvir o Hino Nacional, metade da delegação teve ataque de chôro. Sabe, êles sentiam raiva. Foram levados longe de casa para passar fome durante 10 dias. Mas trouxemos quatro campeões, todos menores de 18 anos: Marcos Baroni — salto com vara; Valdir Barbânti — hexatlo; Junkurata — salto triplo, e eu.

Estamos agora em Tóquio, Jogos Olímpicos de 1964. O Brasil participa de 11 das 20 modalidades esportivas. Tem uma delegação de 100 pessoas — 65 atletas, um médico e um massagista para todos, um cavalariço, cinco técnicos (nenhum de atletismo) e quase 30 **cartolas.** Nossa equipe de atletismo: Aída dos Santos, salto em altura.

Tóquio, mais de 10 milhões de habitantes, mais de 40 mil turistas para os Jogos, mais de 8 mil atletas. Gastos para a festa: 900 bilhões de iens ou 2 bilhões de dólares. Uma Olimpíada moderna, mostrando que o atleta virou máquina, cientìficamente preparada, sem erros. Quase se pode dizer quais serão os vencedores, prova por prova. Os técnicos todos à volta de suas máquinas, tudo pronto.

Num canto qualquer da Vila Olímpica, uma môça negra, 1,73m, 65 quilos, 25 anos e de uniforme cinza, está andando sòzinha e chorando. É Aída dos Santos, única representante brasileira para as competições de atletismo. Chora o abandono em que está. Não fala inglês, mal sabe castelhano, não tem técnico, nem massagista, nem médico a sua volta. Nem uniforme do Brasil a môça tem. Ganhou só um, não pode treinar com êle. Guardou para o dia da competição. O uniforme que veste é o do Botafogo do Rio, seu clube. Na Vila Olímpica todos perguntam de que África ela vem.

Única mulher da delegação, Aída deixou em Niterói o pai paralítico e a mãe com 74 anos. Deixou também o trabalho com que sustenta a casa e o seu curso de normalista.

Aída nunca soube bem o que é treinar todos os dias. Trabalha o dia inteiro, estuda de noite. Se quisesse matar uma ou duas aulas por semana para treinar, não poderia. O Botafogo não tem pista, e o pedaço de areia reservado para seus atletas não tem luz. Aída só treina nos fins de semana, na pista do Maracanã. Já chegou a treinar pela manhã para competir à tarde.

Voltemos a Tóquio. Aída dos Santos se prepara sòzinha na Vila Olímpica. A única ajuda que recebeu foi de um atleta peruano, Abugatas, que sentiu pena da sua solidão. Ela nem chegou a ver Iolanda Balas, a rumena de 1,95 de altura que pula 1,91m e que desde a Olimpíada passada em Roma é recordista mundial. A rumena saía rodeada de técnicos, ia treinar escondida.

Aída está no Estádio Nacional entre 50 môças. Para ser uma das 15 finalistas precisa pular um metro e setenta. Nunca conseguiu isso. Corre para o sarrafo, passa na primeira. Mas na corrida torceu o pé. Um médico cubano vê Aída mancando, examina e enfaixa o seu pé. A competição vai continuar na parte da tarde, há tempo de voltar à Vila Olímpica, almoçar e descansar. Mas ela não vai, fica sòzinha no Estádio vazio.

Uma boa atleta faz tudo sòzinha

Aída dos Santos era do Vasco, mas uns três meses antes das Olimpíadas o clube fechou a seção de atletismo. Virou atleta avulsa. Fazia tudo sòzinha. Até que para disputar a eliminatória no Brasil ela precisava de um clube e entrou para o Botafogo. Ela é para o clube a máquina de fazer pontos: corre, salta, lança disco, pêso, dardo e já entrou até em corrida de bicicleta.

Os jornalistas sempre lhe perguntam se recebe alguma ajuda:

— Nenhuma, nem apoio moral. Minha família é contra o atletismo, pois não vê entrar dinheiro. Nós somos pobres. Do Botafogo não ganho nem um lanche. Quando vou treinar aos sábados saio de casa às sete horas, chego à pista do Maracanã às nove. Saio ao meio-dia e só vou almoçar aí pelas três da tarde. Quando tem competição fico por lá mesmo, sem comer.

São duas horas da tarde em Tóquio. Os atletas voltaram, o Estádio Nacional está cheio novamente. Começa a final do salto em altura. Aída dos Santos com o pé doendo, vai enfrentar suas adversárias. O salto que dá é o maior da sua vida: 1,74m. À frente dela ficam Iolanda Balas, recordista, 1,90m; Michele Brow da Austrália, 1,80m; Taisia Chenchik da URSS, 1,78m. O quarto lugar é de Aída.

Quando volta à Vila Olímpica, todos os atletas brasileiros e os **cartolas** correm para cumprimentá-la. Aída é a heroína da delegação, precisa contar sua maravilhosa aventura. Alguns lhe dizem: "Torcemos por você pela televisão".

Dos 65 atletas que foram a Tóquio, só o pessoal do basquete e Aída dos Santos conseguiram lugares de expressão, 3.º e 4.º do mundo. O resto não ganhou nada. Na lembrança de Aída dos Santos estão até hoje os gritos da turma de volibol, chegando festivamente na Vila Olímpica:

— Perdemos, perdemos!

Agora, no Brasil, Aída dos Santos tem um nome. Os garotos ficam à sua volta na pista do Maracanã. Ou apontando quando ela passa correndo, uma máquina que faz tremer a pista de carvão.

Um balanço de Tóquio mostra que o papel do Brasil foi ridículo. Entre as 503 medalhas distribuídas aos melhores de 163 competições, nós ficamos com uma de bronze. Não entramos nem na contagem geral de pontos, nela só entram os que conseguem pelo menos uma medalha de ouro. Nossos companheiros: Bahamas, Etiópia, Índia, Argentina, Cuba, Paquistão, Filipinas, Ghana, Irlanda, Kênia, México, Nigéria e Uruguai.

Para sair dessa situação o Brasil precisa mudar muita coisa. Todos os homens do esporte amador têm soluções na cabeça, já repetidas muitas vêzes: "É preciso que o assunto interesse o presidente da República"; "é preciso criar um Ministério de Educação Física e Esportes"; "é preciso formular um programa completo, que pegue o garôto na escola e crie uma mentalidade esportiva no povo brasileiro".

Enquanto isso, o Brasil vai o mês que vem para Winnipeg, Canadá, disputar os Jogos Pan-americanos. Levando uma delegação de mais de 100 pessoas, gastando mais de 500 milhões de cruzeiros velhos. O presidente do COB, major Sílvio Padilha, já fêz a sua previsão, como sempre se desculpando:

— Encontraremos lá os americanos e os canadenses em casa, todos bem preparados. O México olhando para a frente, para 1968 quando será o dono da casa nas Olimpíadas. Os cubanos, que dão atualmente muito valor ao esporte. E vários outros países centro-americanos mais adiantados que nós, inclusive as ilhas de Trinidad e Jamaica. Êsses, em confronto conosco, são maiores. Temos chance no basquete, no volibol, na vela, no hipismo e no tênis. Um ou outro resultado sairá daí. Formamos nossa equipe com boa vontade, nada mais.

Para os Jogos Olímpicos do ano que vem, a situação não sofrerá mudanças. O presidente do CND, general Elói Menezes, já autorizou uma verba de 700 milhões de cruzeiros velhos para as despesas de treinamento e delegação. Mas isso só não resolve, pois não se cria um campeão apenas com dinheiro, em poucos dias.

Jarbas Gonçalves, dono da cadeira de Atletismo da Escola de Educação Física de São Paulo, encerra todo o problema com a sua definição:

— Um campeão reflete as condições sócio-econômicas de um país. O Brasil só produzirá campeões em massa no dia em que puder mandar um homem à Lua. Mas — para ambas as coisas — é preciso começar a trabalhar já. FIM

© VOLKSWAGEN DO BRA

O que acontece quando uma criança desenha um carro?

Depende da criança.

Uma criança que nasceu em 1920, certamente, ainda tem o impulso de desenhar um daqueles barulhentos guarda-louças, que faziam furor nos pastelões do Gordo e o Magro.

Mas se a criança começou a ser mais recentemente, as maiores possibilidades são de que ela desenhe um Volkswagen.

Primeiro, porque ela tem mais de 12.000.000 de chances de ver um VW perto de onde ela mora, seja em que país fôr.

Depois, porque o VW é o carro mais fácil de desenhar.

Suas linhas são simples e são sempre as mesmas.

Embora embaixo dessas linhas nós estejamos sempre fazendo aperfeiçoamentos.

O último dêles, por exemplo, foi no motor.

Êle passou de 36 para 46 HP.

Agora veja só como são as coisas: o VW nós aperfeiçoamos sem parar.

Mas nas suas linhas não conseguimos fazer aperfeiçoamento algum.

Elas são bàsicamente as mesmas, desde o comêço.

Tão infantilmente simples, que é preciso muita maturidade para não fazer como todo mundo, e mudá-las de tempos em tempos.

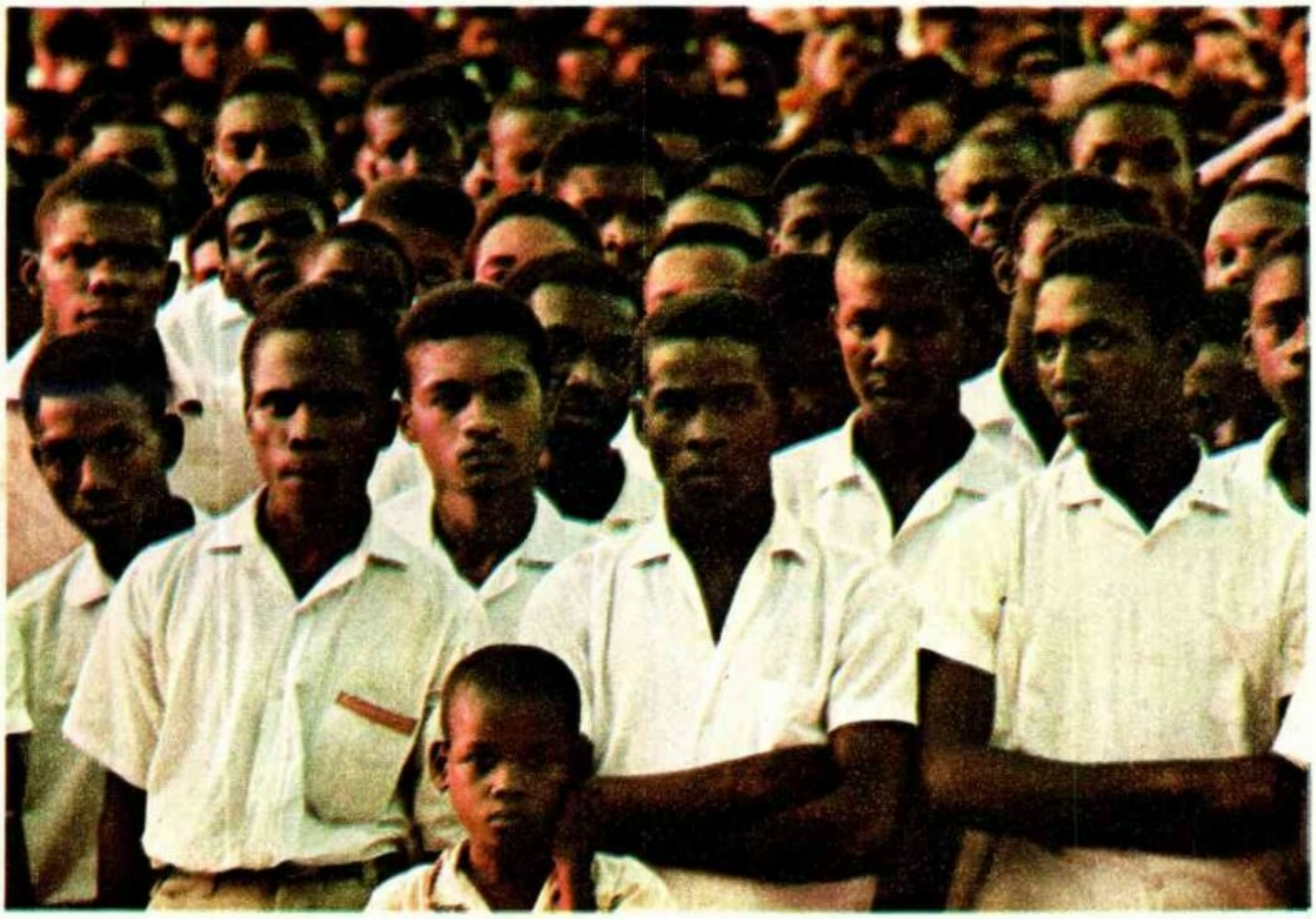
V. tem uma criança em casa?

Então pegue um lápis e papel e veja: provàvelmente ela vai desenhar um Volkswagen.

Mas atenção:
Não vale criança que assistiu a "avant-première" de filmes do Gordo e o Magro...

Haiti: nesta ilha da América Central os escravos fizeram a sua única revolução vitoriosa da história, e o povo proclamou pela primeira vez no continente a igualdade entre os homens. Aqui já houve liberdade. Hoje, o pequeno país, governado pela ditadura de François Duvalier, é uma terra de ódios raciais, repressão policial e de muita miséria. Enganando os tonton macoute, a bárbara polícia do ditador, Mílton Coelho e Geraldo Mori percorreram o Haiti durante 27 dias, para contar a

VIAGEM AO PAÍS DO MÊDO



Festa não esconde o terror

HAITI CONTINUAÇÃO

Cinco horas da tarde, 13 de abril de 1967.

O sol ainda é bastante forte para fazer brilhar a brancura do Palácio Nacional — a **Maison Blanche** — sôbre cujas colunas balançam imensas bandeiras vermelho-pretas. Em frente ao palácio, no meio do **Champs de Mars,** um letreiro explica a razão daquele desfile de homens que se sucedem ao microfone com seus discursos monótonos. "Bonne Fête, Président", diz o letreiro.

Feliz aniversário, presidente. O homenageado pode ser fàcilmente localizado no palanque oficial sob as colunas: um negro magrinho e elegante, cercado por um grupo compacto de homens sizudos que vestem impecáveis uniformes bejes e azuis.

Ao comemorar 60 anos de idade e dez de govêrno absoluto sôbre o Haiti, êsse frágil homem de 1,60 m e 61 quilos — François Duvalier — não parece ser o responsável por dois mil assassinatos políticos, nem o criador do mais temível presídio das Américas — o Fort Dimanche.

Os olhos miúdos e travessos de Duvalier, por trás do óculos de míope, nunca se voltam para os oradores. Preferem ir além dos escolares formados diante do palanque e talvez êle se surpreenda por ver que a "grande concentração popular" prometida durante tôda a semana pela imprensa, rádio e televisão resume-se a algumas centenas de pessoas — 800 no máximo — espalhadas pela praça.

Talvez Duvalier também pense naquele relatório das Nações Unidas que aponta seu país como o mais pobre e atrasado do continente americano, à luz de 24 critérios diferentes.

Se os técnicos da ONU estivessem aqui neste instante, poderiam encontrar um 25.º critério, e neste o Haiti seria recordista mundial. Porque tanto nos olhos do ditador e sua atenta guarda pessoal, como nos dos escolares e da "grande concentração popular", há uma expressão comum: o mêdo.

Um ditador que não sai de casa

Há 30 anos, François Duvalier era apenas um médico sanitarista, que ganhou o apelido carinhoso de Papa Doc, pela dedicação com que enfrentou várias epidemias. Ao mesmo tempo, fazia também preciosos estudos, que lhe valeram o ingresso no Instituto Internacional de Antropologia de Paris, na associação Norte-Americana de Saúde Pública e na Sociedade Real de Medicina Tropical e Higiene, de Londres.

Quando o médico Duvalier assumiu as pastas do Trabalho e da Saúde em 1946, os comentaristas internacionais previram um govêrno competente para o Haiti. E, onze anos depois, quando êle se lançou candidato à Presidência, o Departamento de Estado torceu ostensivamente por sua vitória, certo de que êsse era o melhor caminho para a república amiga. Em 1967, os Estados Unidos têm plena consciência de que êsse foi apenas mais um na longa lista de equívocos cometidos em relação ao Haiti.

Com tenacidade inacreditável para uma pessoa débil, que tem constantes problemas com a saúde, êsse homem que não fuma, não joga e raramente bebe, construiu um império de terror e controla a vida do país nos mínimos detalhes. É êle, pessoalmente, que autoriza os vistos de saída para quem quer viajar para o exterior, e é êle também quem conduz os interrogatórios dos prisioneiros políticos mais importantes, nos subterrâneos do palácio presidencial.

Duvalier quase nunca sai da **Maison Blanche,** come pouco e trabalha sempre até altas horas da noite em seu gabinete.

Quando as obrigações de ditador o permitem, escreve poesias de gôsto duvidoso ou continua a série de "obras essenciais", em que junta seus sólidos conhecimentos de ciências sociais a um cinismo político sem limites, afirmando repetidamente que um de seus objetivos é a "eliminação de tôdas as formas de opressão ou de servidão do pensamento e das liberdades civis".

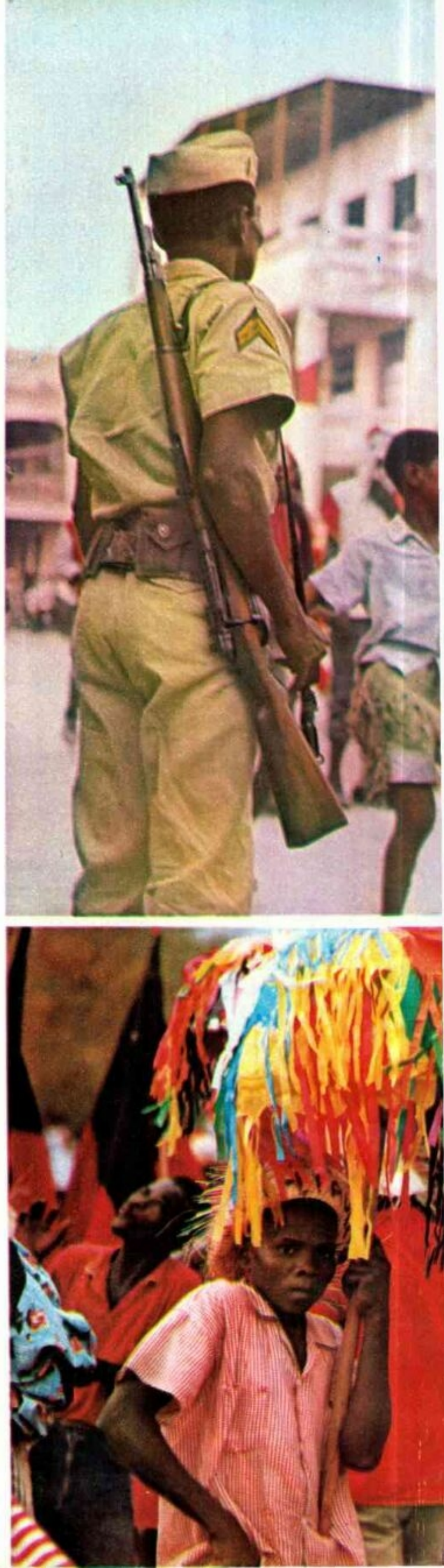
Uma SS subdesenvolvida

A megalomania de Duvalier transpârece em sua correspondência, pois é o único chefe de Estado, que se refere a si mesmo sempre com letra maiúscula: "Eu, Meu govêrno". E nos seus discursos, o tom também não é mais modesto: "Eu, que dirijo com mão de ferro esta nação..."

Quando o Exército deixou de merecer sua confiança integral, Duvalier começou um expurgo sangrento que continua até hoje.

Ainda em fevereiro último, 11 homens da Polícia foram chamados, às pressas, ao Quartel General às duas horas da madrugada.

SEGUE



Tema freqüente nos blocos e alegorias do carnaval, a escravidão deixou de ser uma lembrança para se tornar atualidade, pela ameaça constante das armas do govêrno. A cultura africana está presente nas fantasias e no culto do vudu, de onde brotou a semente da unidade dos escravos e da luta pela liberdade. Mas, hoje, até o vudu é obstáculo ao progresso e um instrumento a mais do terror duvalierista.

VSN: 5 mil homens ferozes

HAITI CONTINUAÇÃO

Ali, o coronel Max Dominique (genro do presidente e apontado como o oficial de carreira mais rápida do mundo, pois em novembro de 1966 ainda era capitão) comunicou-lhes que haviam sido demitidos. Dali mesmo, os 11 oficiais e muitos de seus amigos e familiares rumaram para as embaixadas em busca de asilo. Só a brasileira recebeu 31.

Para fugir à dependência do apoio militar, Duvalier criou os V.S.N. — Volontiers de la Securité Nationale — misto de milícia civil, partido político e polícia secreta, uma versão subdesenvolvida das SS nazistas. Os VSN tornaram-se o principal instrumento da ditadura e ganharam um apelido: **Tonton Macoute,** que na mitologia popular haitiana quer dizer bicho papão. Hoje, a má fama dos **tonton** corre o mundo.

Enquanto o Exército dispõe de cinco mil homens e apenas dois batalhões efetivamente bem armados, os **tonton macoute** e sua versão feminina, as **Maries-Jeannes** (nome de uma heroína da guerra da Independência), chegam a mais de sete mil, não se contando nesse número a gigantesca rêde de informantes e delatores, que inclui desde motoristas de táxi até diplomatas.

Nada, porém, revela tanto o temor de Duvalier como sua guarda pessoal. Êle tem sempre de 15 a 20 oficiais a seu lado, com as metralhadoras ou revólveres nas mãos e engatilhados.

Numa cerimônia pública, como o **Te Deum** da Independência por exemplo, dezenas de **tonton macoute** vasculham antes a Catedral e depois se distribuem pelos pontos estratégicos. Além dessa guarda habitual, outras dezenas de oficiais, soldados e **tontons** vigiam cuidadosamente os convidados, escolhidos a dedo, e a multidão, que é mantida a distância.

Quase o mesmo aparato de proteção é dispensado à mulher do ditador e aos quatro filhos do casal — Denise, Simone, Nicole e Jean-Claude — especialmente ao caçula, de 19 anos, que já chegou a ser ameaçado (um grupo de oposicionistas tentou raptá-lo há algum tempo). Depois disso Jean-Claude nunca mais foi à escola sem acompanhamento de cinco homens fortemente armados.

As muitas caras de um homem só

No país inteiro estão espalhados letreiros luminosos ou pintados nas paredes dos edifícios públicos: "vive le pacificateur Duvalier", "Duvalier, Président à Vie, Defenseur des Faibles, Protecteur de la Nation".

Não há uma só loja que não tenha pelo menos uma fotografia do presidente vitalício, e seu nome é mencionado sempre que haja uma oportunidade.

Os botequins têm na parede um aviso de que estão autorizados a cobrar as despesas antecipadamente. E a autoridade que o assina nunca se esquece de dizer que a tal médida é tomada "dentro do desejo do presidente Duvalier de estimular a vida noturna da cidade".

Durante a coroação de uma **miss,** o locutor, cioso de seu futuro, inclui a tempo a observação de que a môça está sendo eleita "como expressão da recuperação do país realizada por sua excelência".

Em janeiro dêste ano, realizaram-se as eleições para a Câmara única, Duvalier escolheu pessoalmente a lista dos 58 candidatos que concorreram. Foram eleitos, e tomaram posse a 17 de abril, todos os 58.

Os subprodutos do terror

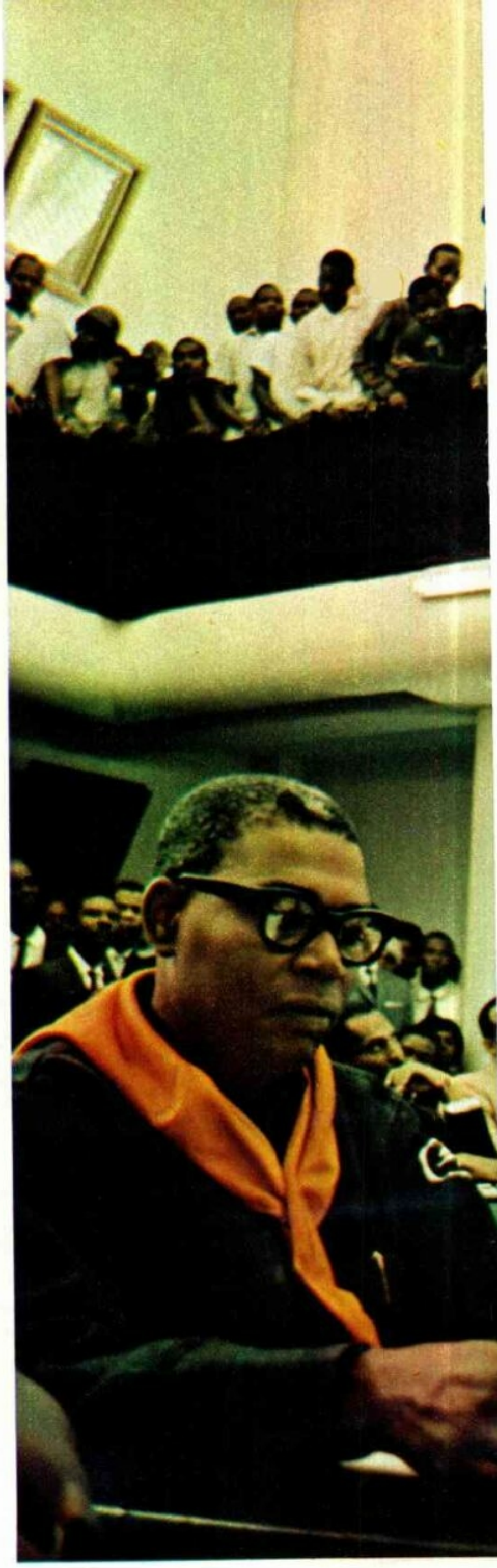
Nosso primeiro contacto no Haiti é um homem gordo, com um revólver no cinto, que explica sua função antes mesmo da Alfândega: a cobrança de uma taxa de dois dólares **per capita.** Não há recibo e ficamos no aeroporto o tempo suficiente para ver o homem gordo distribuir o dinheiro recolhido dos que acabaram de desembarcar — um ou dois dólares para cada auxiliar e o resto para o próprio bôlso.

Mais tarde ficamos sabendo que êle é um **tonton macoute** e essa é apenas uma das muitas **taxas voluntárias,** além dos impostos, que não constam do orçamento e são utilizadas livremente por François Duvalier e seus auxiliares de confiança.

Motoristas de táxis e guias só podem trabalhar no pôrto ou no aeroporto — isto é, com os turistas — se derem 20 por cento de sua féria. Os hotéis recebem regularmente a visita do **coletor** e o valor da contribuição varia segundo a habilidade do proprietário ou os amigos que tiver no govêrno.

Essas taxas se multiplicam sempre, o que leva os **tonton macoute** e funcionários a criar algumas por conta própria.

SEGUE



Embora desorganizados
e mal adestrados,
os tonton macoute
constituem a espinha
dorsal do regime e
contam inclusive com
vários de seus membros
na Câmara-fantoche
que se instalou
em abril passado.
Para Papa Doc é mais
importante a compra de
armas para as
suas milícias do que a
assistência
às crianças que cercam
os poucos turistas
nas ruas, sempre a dizer
"estou com fome".

Corrupção, quase um hábito

HAITI CONTINUAÇÃO

Em março passado, vários funcionários da **Administration Générale des Contributions** foram presos por desvio de milhares de dólares.

Se um **tonton macoute** está sem dinheiro, não se aperta. Com dois ou três companheiros, invade a casa de um operário ou um funcionário modesto e acusa-o de estar conspirando. Mas mostra-se disposto a esquecer tudo, em troca das poucas economias da vítima.

Durante os últimos dias de nossa permanência no país, notávamos ocasionalmente que éramos seguidos. Tivemos então o cuidado de marcar a disposição de todos os objetos que deixamos no quarto do hotel.

No penúltimo dia, verificamos que alguém remexera a bagagem, particularmente os papéis. E também não se esquecera de levar 46 dólares que deixáramos dentro da cômoda. A corrupção está quase institucionalizada — tôdas as grandes firmas têm sempre um sócio, ou pelo menos um contacto sólido com uma figura importante do govêrno. Não há um só burocrata ou militar importante que já não possua boa casa, carro do ano e um razoável pecúlio no exterior, embora o salário mensal de um ministro seja de três mil gourdes (menos de dois mil cruzeiros novos).

O contrabando é realizado em grande escala, inclusive numa modalidade de fazer inveja aos especialistas de outros países: a mercadoria é importada normalmente e, depois de desembarcada, desaparece antes que sejam cobrados os direitos.

O povo vive de teimoso

Jean-Philippe tem 26 anos de idade e é um jovem típico da massa que vagueia pelas ruas de Port-au-Prince. Descobriu cedo que a terra de seus pais camponeses era pouca para dar de comer a tôda a família; aos 15 anos de idade foi para a Capital.

Era um privilegiado, um dos 11 em cada 100 meninos haitianos que chegam a aprender a ler e escrever. Pensava que com essa vantagem seria fácil arranjar um emprêgo. Mas, até hoje, onze anos depois, não o encontrou. Descobriu que em todo o país, inclusive na agricultura, não há mais de 300 mil empregos regulares.

Para sobreviver, Jean-Philippe fêz um pouco de tudo. Pediu esmolas, engraxou sapatos, foi môço de recados e finalmente — depois de aprender um pouco de inglês — conseguiu fixar-se como guia de turistas.

Com isso, há alguns anos, conseguia fàcilmente o que comer. O turismo rendia seis milhões de dólares por ano, trazidos por 100 mil visitantes (90 por cento norte-americanos). As notícias sôbre o terror duvalierista reduziram êsses números a 10 por cento.

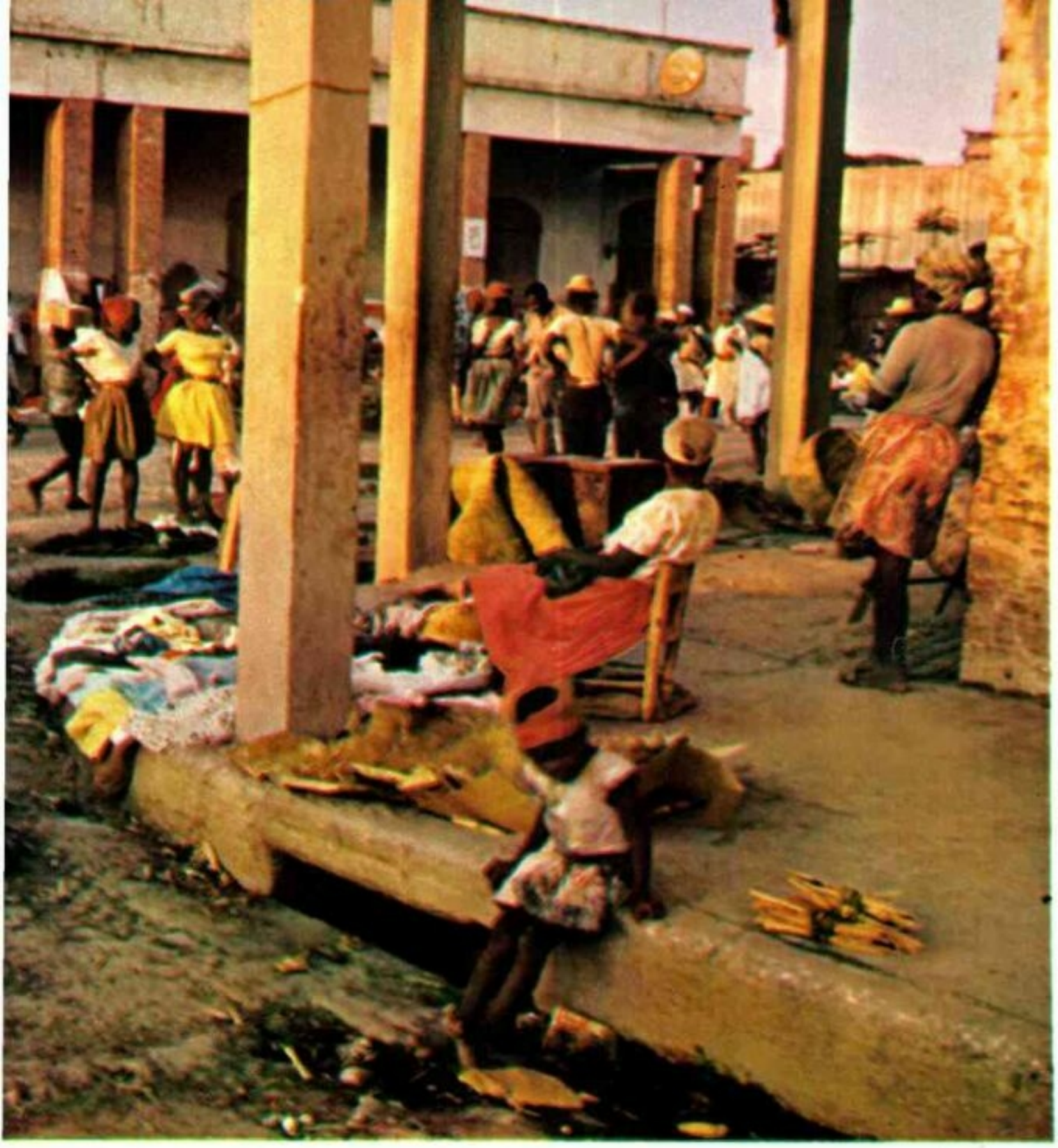
Hoje, Jean-Philippe mal consegue umas 20 ou 30 gourdes (10 a 15 cruzeiros novos) por mês. Uma refeição, mesmo que seja apenas um **ris et pois** (arroz e feijão), custa uma gourde (540 cruzeiros) e, se Jean-Philippe quiser acrescentar um pouco de **tassot, griot** ou **cabrit** (pedaços de boi, porco ou cabrito bem grelhados e apimentados), então não conseguirá gastar menos de duas gourdes e meia. Por isso, de vez em quando, êle vende uma peça de roupa para comer. Isso não é difícil: um dos negócios mais comuns é a **maison d'affaires,** a versão haitiana do belchior, e que lá muitas vêzes funciona no meio de uma rua.

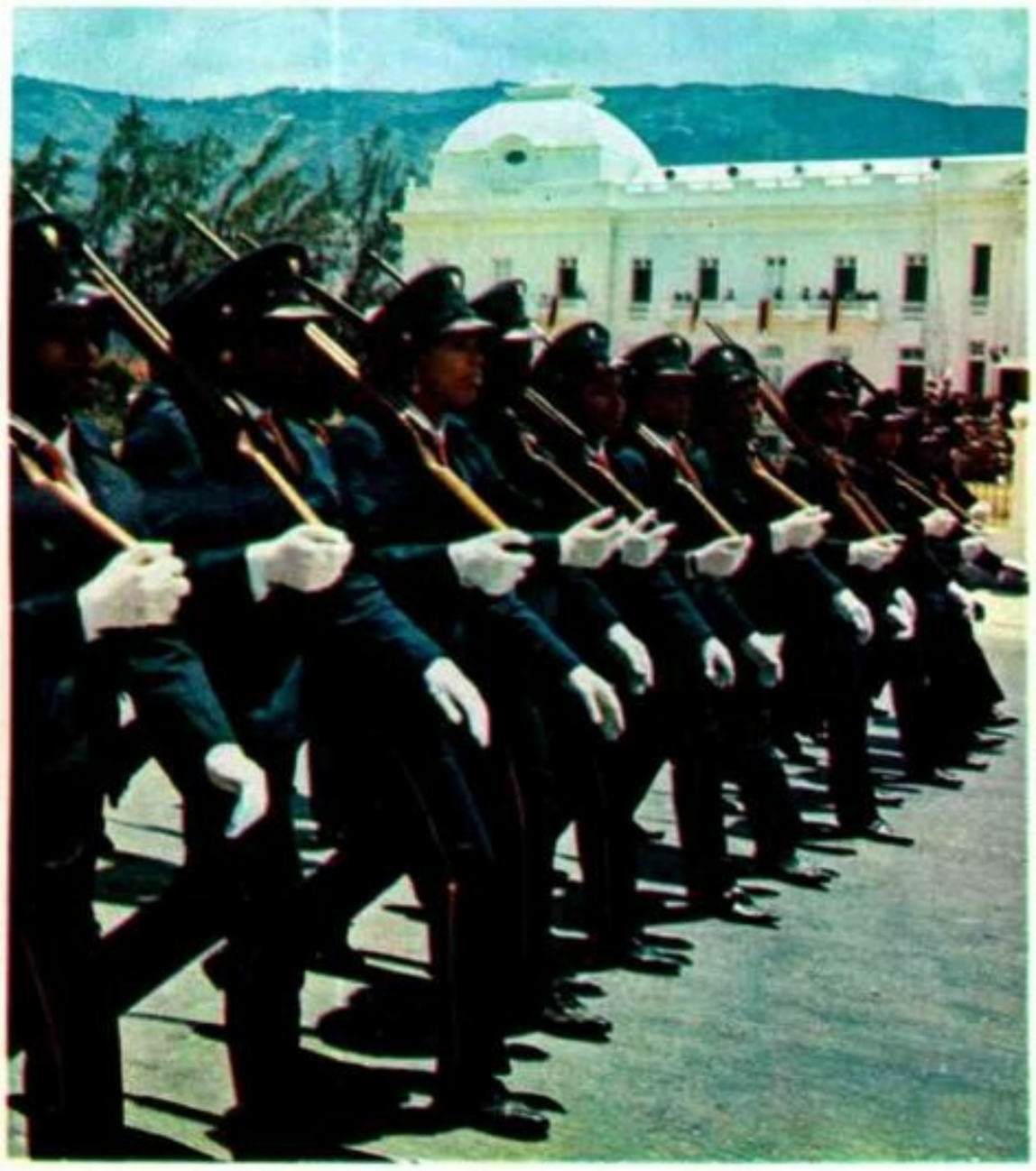
O paradoxo da estabilidade

Paradoxalmente, o Haiti tem a moeda mais estável da América Latina. Há mais de 20 anos o valor da gourde é o mesmo: um quinto de dólar (o dólar circula normalmente, sendo tão familiar a qualquer haitiano, como a moeda nacional). A inflação é um fenômeno desconhecido no país. Para ser a moeda estável e garantir o equilíbrio orçamentário, o govêrno lança mão de medidas drásticas, além do aumento constante dos impostos. O funcionário público, por exemplo, recebe o cheque de seu salário no último dia de cada mês. O problema é descontar o cheque, pois o **Banque National de la Republique d'Haiti,** o banco oficial, exige também um carimbo. E êsse carimbo o funcionário chega a esperar de um até seis meses.

Os salários estão pràticamente congelados e são baixíssimos: uma bordadeira ganha oito dólares por mês; um mecânico de automóvel, 60; um trabalhador das plantações de cana, 30 (e só trabalha seis meses por ano). O custo de vida, entretanto, aumenta sempre. Nos últimos três anos, segundo dados da ONU e de fontes diplomáticas, o padrão de vida do povo sofreu um rebaixamento de, no mínimo, 15 por cento. A renda **per capita** anual é avaliada em 65 dó-

O pequeno comércio é uma das poucas alternativas de sobrevivência numa cidade em que os empregos são cada vez mais escassos e um gigantesco amontoado de tabuleiros se desdobra pelas ruas próximas ao pôrto e a La Saline. Para os que defendem o desenvolvimento econômico e social como único caminho capaz de dar melhores condições de vida à mulher haitiana, Papa Doc mantém dois elementos na paisagem: o presídio de Fort Dimanche e as milícias femininas.





lares. Baixìssima, inferior à do Nordeste brasileiro.

As indústrias se contam pelos dedos e a produção do país não chega a acompanhar a taxa de crescimento populacional. que é de quase três por cento ao ano.

Nem mesmo a cota de exportação de café para os Estados Unidos foi preenchida nos últimos dois anos.

O orçamento para 1967 é de pouco mais de 140 milhões de gourdes (76 milhões de cruzeiros novos). A agricultura receberá menos de 12 milhões de gourdes, a educação 16, obras públicas, 8. Mas o aparelho de repressão terá mais de 40 (fora, naturalmente, as taxas "voluntárias"). Há, além disso, organismos burocráticos sem outra finalidade senão a de premiar amigos ou **congelar** pessoas cuja eliminação poderia causar problemas. É o caso do **Grand Conseil Technique,** cujos dez membros nada têm a fazer senão exibir o título pomposo e consumir mais verbas do que a Faculdade de Medicina e Farmácia. O mais recente nomeado para o Grande Conselho foi o ex-diretor do **Office National du Tourisme et Propaganda,** Gerard de Catalogne. Luc-Albert Foucard, o outro genro do presidente e substituto de Gerard no Turismo e Propaganda, explicou os motivos da saída: "Êle era um incompetente. Mas não vá dizer isso em sua reportagem, sim?"

Não é de estranhar, por tudo isso, que a administração pública seja inexistente na prática. A última edição da lista telefônica, tem mais de dez anos, mas isso não preocupa ninguém, pois o serviço é dos piores. Os cortes de luz são freqüentes. A barragem de Peligre deveria ter custado 15 milhões de dólares. O Haiti deve 32 milhões aos bancos que financiaram o empreendimento, e ainda não foram colocadas as turbinas que resolveriam o problema do abastecimento da Capital.

O gigante adormecido

O haitiano assiste a tudo com resignação aparente. E, às vêzes, até se diverte à sua moda. À noite, em La Saline — uma favela miserável ao lado do cais — ouve-se o ritmo quente do merengue e o povo dança nas ruas.

O nível cultural é baixíssimo, pois nem os meios mais elementares de informação, como cinema e TV, estão ao alcance do povo. A razão é simples: SEGUE

Qualquerparte, E.U.A

Reservamos sua passagem e fàcilmente levamos você até lá. À hora que quiser. Podemos levá-lo direto, sem mudança de avião, de São Paulo, Rio ou Brasília aos E.U.A. Nova York, Miami, Los Angeles. Ou San Francisco: somos os únicos a voar direto do Brasil a essas quatro cidades. Nelas você tem fáceis conexões para outras cidades americanas. Basta chamar o seu Agente de Viagens, que tratará de todos os detalhes para você. Ou chame a Pan Am. E, no caminho para os "States", você terá a boa sensação de voar pelo melhor que existe.

A linha aérea de maior experiência do mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao redor do mundo!

PAN AM

73.220

Um homem tem tudo na ditadura: o delator

HAITI
CONTINUAÇÃO

a língua oficial do país é o francês, mas 85 por cento da população o desconhece, falam apenas **creole.** Mesmo as crianças que vão à escola, e aprendem o francês, muitas vêzes o esquecem quando voltam para casa. Existem uns poucos programas de rádio em **creole;** a Sociedade Missionária Americana editou uma Bíblia; há dois ou três livros didáticos, mas nunca se fêz um programa de alfabetização em **creole.**

Durante o período colonial, os franceses tinham o cuidado de misturar os negros das várias tribos. Sem um idioma comum, os escravos aprendiam a língua do senhor — geralmente o dialeto normando — sincopando as palavras e adaptando-as à sintaxe africana. Com o correr dos anos, foram sendo incorporadas palavras de outros idiomas, inclusive do português (macaco, freguês, sapoti e, curiosamente, muitos palavrões).

A elite intelectual, em sua maioria, resiste a qualquer esfôrço de alfabetização em **creole.** Seu argumento parece fascinante: o francês abre as portas do mundo para os haitianos. Na verdade, abre essas portas apenas a uma insignificante minoria da população. O resto fica na ignorância, mal compreendendo aqui e ali uma palavra de um filme ou de um programa de TV.

Carnaval para Papa Doc

A ditadura não se esquece de alimentar a alegria natural e ingênua do povo: o ponto alto das comemorações do aniversário do Papa Doc foi um segundo carnaval. Durante três dias — de 14 a 16 de abril — todos tiveram o direito de pular nas ruas, acompanhando as orquestras que disfilavam em carros ornamentados.

No segundo dia, porém, explodiu uma bomba no meio do desfile, matando duas pessoas e ferindo 30. No dia seguinte, nem o ritmo quente do merengue conseguia apagar o mêdo de todos os rostos.

Quem soltou a bomba? "Mas é claro que foi o próprio govêrno — afirma tranqüilamente um diplomata latino-americano. — Eu soube que Papa Doc chegou ao hospital de capacete e tudo, quase ao mesmo tempo que os feridos. Se Papa Doc um dia fôr expulso daqui, poderá ganhar a vida fàcilmente como ator." A afirmação parece verdadeira, pois não houve — estranhamente — nenhuma prisão depois do "atentado".

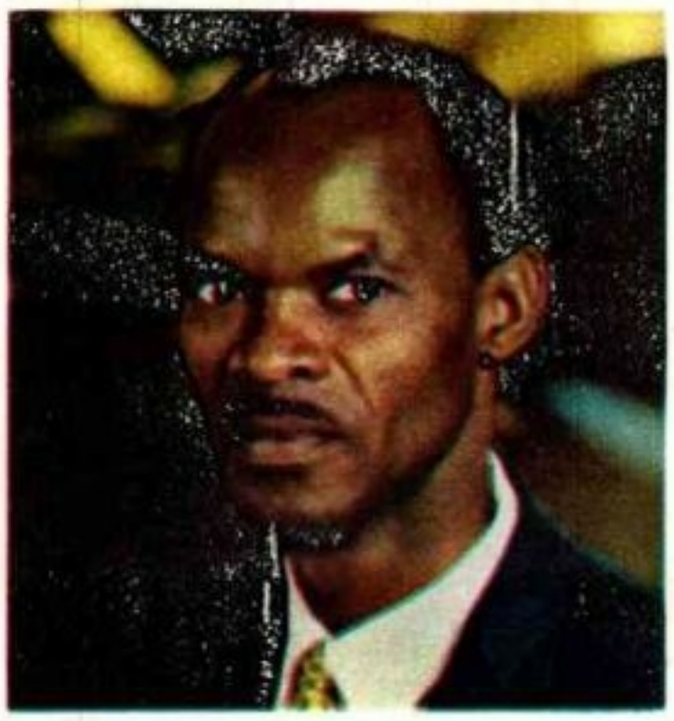
A alegria do povo serve também para alimentar a alienação da elite que habita as agradáveis colinas de Pétionville e de lá vê apenas a linda paisagem que Port-au-Prince oferece a distância. Uma senhora haitiana, branca, descendente de italianos, mostrou essa alienação numa frase: "O povo é feliz apesar da miséria. Êle dança tôdas as noites e aqui quase não há crimes. Nossos negros não são como aquêles horríveis negros americanos."

Nessa desconcertante comparação, há pelo menos uma verdade: o índice de criminalidade é surpreendentemente baixo, levando-se em conta a situação social. Pode-se caminhar pelas ruas de qualquer cidade durante a madrugada, sem nenhum mêdo; são raríssimos os assaltos. Um estudante de Direito deu ao fenômeno uma explicação anedótica, idêntica a uma piada que os gaúchos inimigos de Getúlio contavam após a revolução de 30: "Os ladrões estão todos no govêrno".

Os extremos contrastes

No cassino controlado pelo govêrno, antigamente os turistas lotavam três mesas de roleta e uma de "21" até o Sol raiar. Hoje, o gerente está bocejando às duas da madrugada, irritado com a resistência das fichas de dois comerciantes mulatos, que impede os empregados de irem embora para casa.

Na única boate que oferece um **show** nessa mesma noite (com a crise, os hotéis fizeram um acôrdo, pelo qual cada um dêles só oferece atrações uma vez por semana), talvez ainda haja algum boêmio inabalável. Mas as ruas da cidade estão pràticamente desertas. Nelas apenas algumas prostitutas, na teimosa esperança de umas poucas gourdes.



Aubelin Jolicoeur: cronista, poliglota, tonton macoute e personagem de Greene.

A prostituição atinge níveis impressionantes no Haiti e, por ironia, os bordéis elegantes estão cheios de mulheres dominicanas e de outras nacionalidades; os haitianos que podem freqüentar essas casas preferem o exotismo de uma branca ou uma morena clara.

As prostitutas só desistem da vigília quando começam a passar centenas de outras mulheres a caminho do mercado. São as **marchandes,** que fazem caminhadas diárias de 10 a 20 quilômetros com os seus enormes cestos, o que comumente lhes causa deformações na cabeça e na coluna. Nesse encontro estão representados os dois únicos destinos possíveis para 90 por cento das mulheres haitianas.

Durante o dia, nenhum turista consegue andar pelas ruas sem quatro ou cinco crianças atrás de si. Elas repetem o tempo todo: **Moin grande gout** (tenho fome) ou — com menos apêlo dramático e mais objetividade — **five cents.**

Mas os supermercados, embora pequenos, exibem nas prateleiras manteiga dinamarquesa, margarina alemã, massas italianas, doces suíços e vinhos franceses, cercados de muita lataria americana.

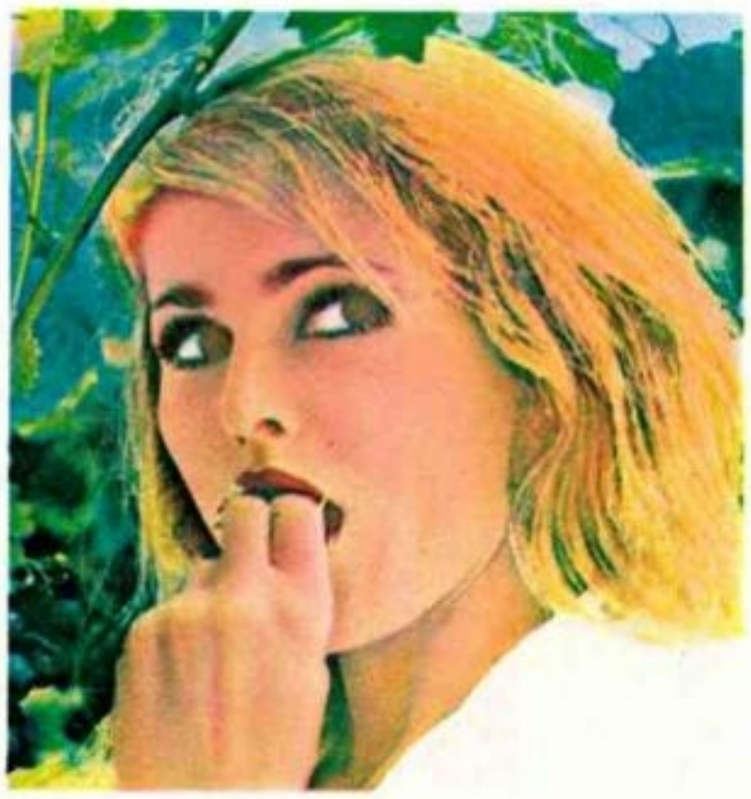
Made in Haiti só se encontra mesmo café e açúcar (existe, em todo caso, alternativa de café solúvel e açúcar em tabletes, vindos de outras terras).

Nas ruas, os carros 67, de tôdas as marcas, são uma coisa comum. Não há bondes e os ônibus são poucos. O único transporte coletivo é o **publique:** automóveis e camionetas, que circulam pela cidade sem itinerário certo. A pessoa faz sinal, diz para onde quer ir e o motorista vê se é de seu interêsse, levando em conta os locais para onde vão os passageiros que já estão no carro. O preço é um só: dez centavos americanos (270 cruzeiros), caríssimo para a maioria do povo, que geralmente só anda a pé.

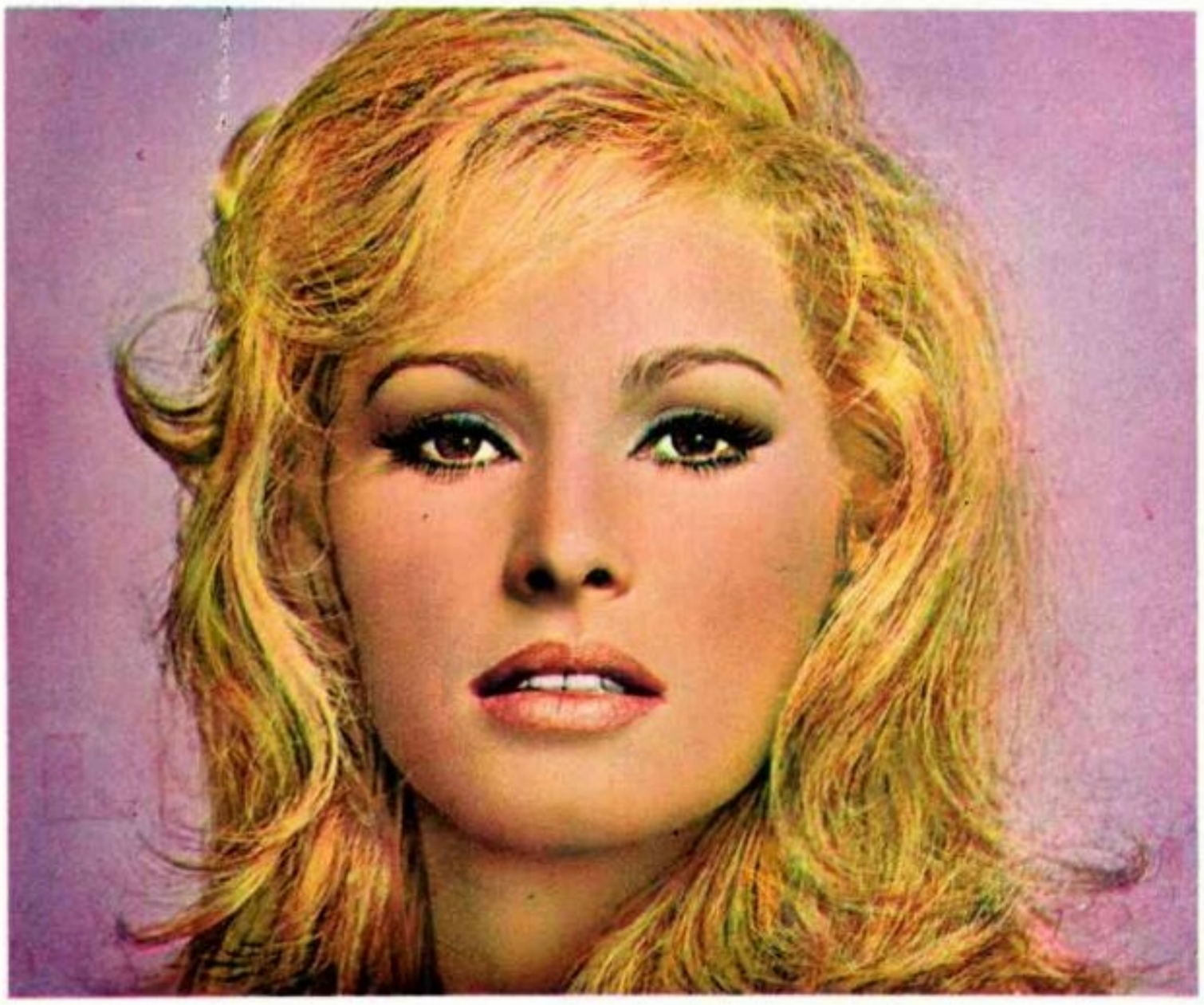
A grande esperança

Os **tonton macoute** são odiados por tôdas as classes sociais. Rara é a família que não teve alguém prêso, torturado ou simplesmente roubado pelos VSN. Mas, para quem mora na favela de La Saline e para a população negra em geral, há uma palavra que desperta tanto ódio como **tonton:** mulato. SEGUE

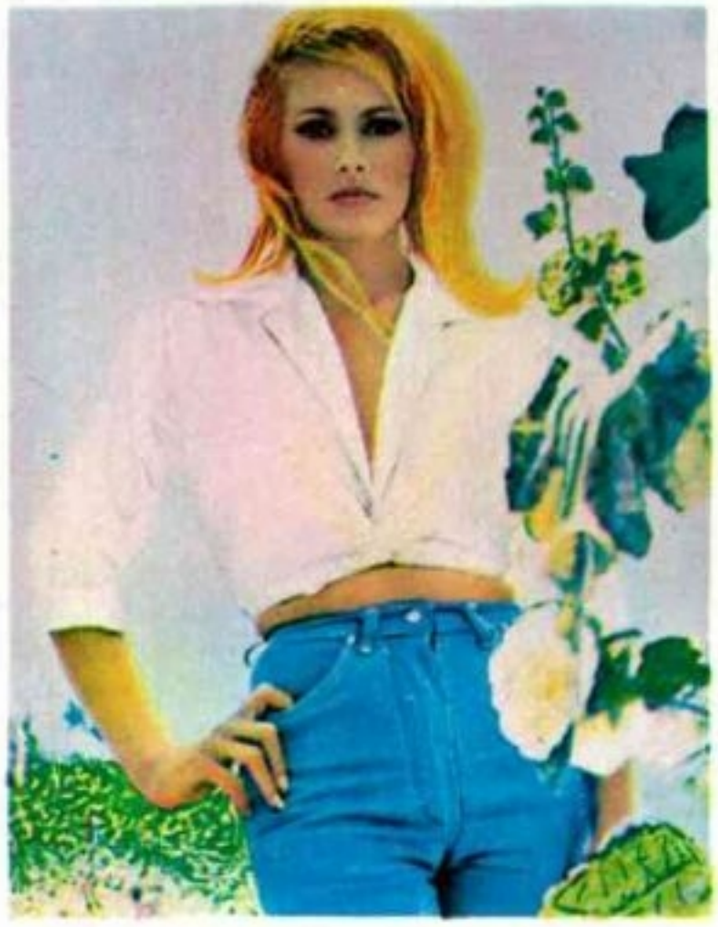
Ursula Andress
– a mulher mais bela do mundo –
adora a espuma cosmética de Lux!



Foi êste o nosso pensamento: "Se Ursula é considerada a mulher mais bela do mundo, deve ser interessante ouvi-la falar sôbre beleza..." Então fomos procurá-la em sua pequena fazenda — um lugar sossegado, à beira do mar, nas proximidades de uma cidadezinha pacata. É ali que ela costuma descansar — fazendo companhia à mãe — nos intervalos entre uma e outra filmagem. O vento, o sol e a água do mar (ela adora nadar...) representam uma constante ameaça de ressequimento à pele de Ursula. Mas ela sabe como proteger sua beleza. "Tôdas as manhãs" — disse-nos ela, enquanto chupava uvas de seu parreiral — "dou a meu rosto a espuma cosmética do sabonete Lux. Que delicioso momento! Lux é tão suave, tão puro, tão delicadamente perfumado! Lux é espuma que embeleza a gente!" Passeando pelos campos (até saturar-se de sol) ou indo à cidadezinha vender as flôres do



jardim de sua chácara, Ursula não pode estar se preocupando com etiquêtas, com trajes finos, com um demasiado cuidado pela aparência. Mas por outro lado, não pode desapontar aquêles que a consideram a mulher mais bela do mundo. "É claro que eu tenho recursos para custear tratamentos de beleza caros. Mas por que me preocupar, se Lux basta para garantir minha aparência suave, feminina, que os outros dizem ser encantadora?"



Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

Neste país são editados 20 livros por ano

HAITI
CONTINUAÇÃO

Mulato é uma palavra que tem sentido mais social do que qualquer outra coisa. Mulato é rico, o que mora nas colinas elegantes de Pétionville, a elite que descende diretamente dos mestiços libertos da época colonial e que mantiveram sua superioridade econômica e social através de tôda a história do Haiti.

Duvalier também sente êsse ódio e o explora. Com êle subiram aos postos de comando, civis e militares, elementos saídos da pequena classe média negra. E alimentar o ódio aos mulatos é a maneira mais cômoda de anestesiar o ódio à ditadura.

Por outro lado, quem vai ao clube **Cercle Belle Vue** e vê a elite mulata jogando tênis, **badminton** (uma espécie de tênis com peteca) ou bridge, pode pensar que ela está satisfeita com a situação. Mas a verdade é que a depressão econômica atinge-a diretamente. Pertencem aos mulatos, por exemplo, quase todos os excelentes hotéis de Port-au-Price. Há dez anos era necessário fazer uma reserva com um mês de antecedência para se arranjar um apartamento de 30 a 90 dólares diários no Riviera, no Vila Creole, no El Rancho ou no Ibo Lelê, durante a **saison,** que vai de outubro a abril. Na última temporada, chegou a ter metade de seus apartamentos ocupados. E alguns — como o Riviera — chegaram a fechar as portas.

O número de lugares para Port-au-Prince nos aviões é também cada vez mais reduzido, em benefício da Jamaica e Porto Rico. E os navios que fazem roteiros turísticos pelas Antilhas geralmente deixam o Haiti para última escala, quando os viajantes já estão pràticamente sem dinheiro.

Todo o comércio sofre os efeitos da recessão e dos impostos cada vez maiores. A revolta dos mulatos é evidente, e só a presença do Fort Dimanche e dos **tonton macoute** impede uma ação mais ousada.

Nos últimos cinco anos, houve uma média de dois desembarques de exilados por ano, todos querendo derrubar a ditadura. Mas êles nunca chegaram a ter a menor possibilidade de sucesso, pois não têm qualquer apoio da população negra.

Assim, a grande esperança da maioria dos mulatos é uma nova intervenção americana. Seus olhos ganham nôvo brilho quando lembram o que ocorreu em São Domingos:

— Veja — disse um típico comerciante mulato — o que ocorreu com nossos vizinhos. A intervenção trouxe estabilidade política e, já no ano passado, houve investimentos maciços, mais de cem milhões de dólares. Aqui estamos num impasse: os investimentos não virão enquanto não houver estabilidade e nosso govêrno não merecer confiança.

Esquerdas sem rumo

Se a elite mulata só tem uma esperança — os Estados Unidos — as esquerdas não têm nenhuma. O Partido Comunista foi completamente destruído há dez anos. Depois, aos poucos, surgiram três organizações clandestinas: o Parti Entente Populaire, o Parti Populaire de Libération National e a Ligue Paysanne Haitienne que — após muitas divergências e discussões sôbre como e quando derrubar Duvalier — constituíram a Frente Unida Nacional.

Mas ela não tem, dentro do Haiti, 300 membros. E a maioria dos antigos membros do Partido Comunista não ousam ter o menor contato com a FUN, porque são vigiados de perto pelos **tonton macoute.** Fora do Haiti — principalmente nos EUA — a Frente conta com amplas simpatias entre os exilados, mas isso parece ser muito pouco para que se chegue a uma ação concreta contra Duvalier.

Além disso, os comunistas e outros esquerdistas haitianos têm consciência de que os Estados Unidos não assistirão impassíveis a qualquer movimento revolucionário que afete seus interêsses na região antilhana, ou sua estratégia mundial.

Um jovem comunista nos disse: "Nós sabemos que não há outro remédio se não esperar. Nossa situação geográfica e nosso nível de desenvolvimento não nos permitem aspirar a um regime socialista, mesmo a médio prazo. Estamos prontos a qualquer entendimento para a derrubada de Duvalier, mas a maioria dos burgueses que se propõem a isso também ambicionam a uma nova ditadura.

No final das contas acabamos sendo um trunfo na manga de Duvalier, que nos utiliza em suas chantagens contra os Estados Unidos e também contra a burguesia local".

A drenagem de cérebros

Em Port-au-Prince, há um médico para cada cinco mil habitantes e, no interior, um para 30 mil; no conjunto do país, um para 11 mil. Há menos médicos no Haiti do que médicos haitianos trabalhando em outros países.

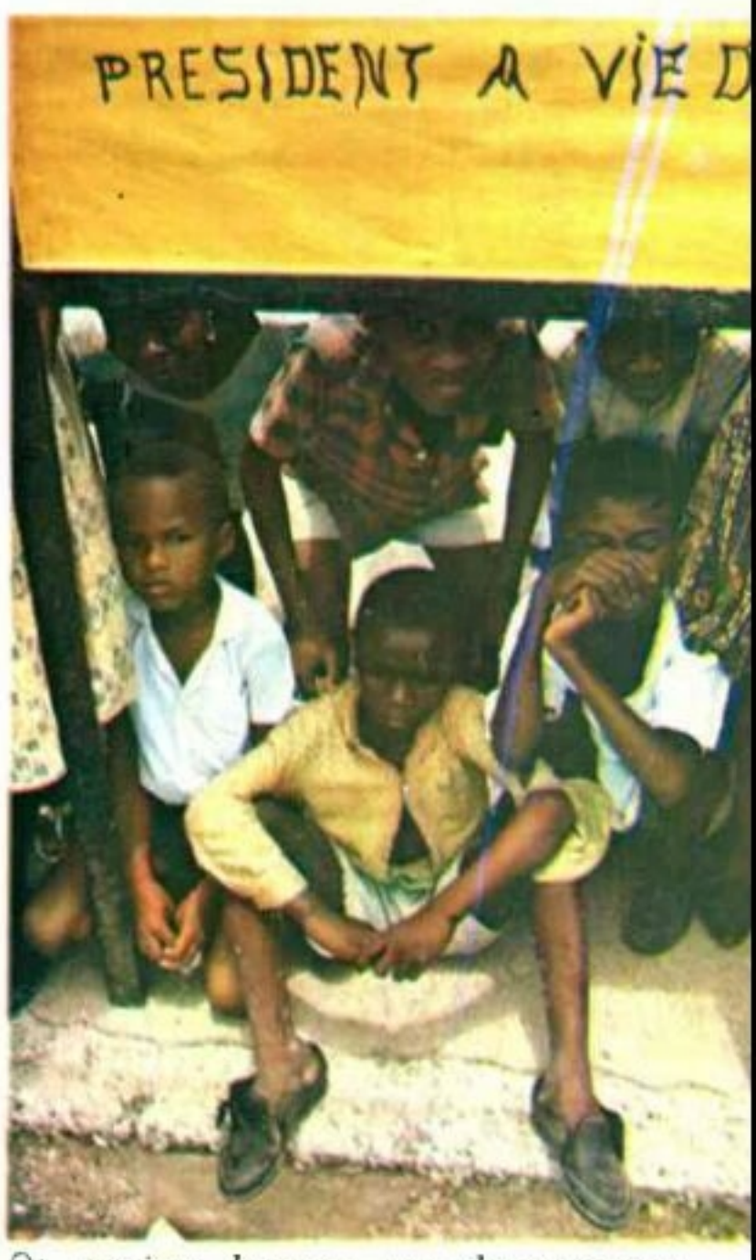
Êsse é apenas um dado — talvez o mais trágico — de um fenômeno comum a todos os países subdesenvolvidos, mas que atinge proporções terríveis no Haiti, onde a cultura não encontra clima para florescer.

O número de livros editados anualmente não chega a 20 — mesmo incluindo-se as "obras essenciais" de Papa Doc. A Universidade e seus 1.600 alunos são mantidos sob contrôle rigoroso: no ato da matrícula, o estudante tem de assinar um documento, declarando-se anticomunista e fiel partidário da revolução duvalierista, sendo sumàriamente expulso se fizer qualquer crítica.

— Há dezenas de delatores profissionais entre nós — conta um terceiranista de medicina — e muitos de nossos colegas tiveram de terminar seus cursos no exterior, depois de serem torturados em Fort Dimanche. E outros não sobreviveram.

Não há movimento literário, embora o Haiti tenha produzido muitos nomes de fama mundial, como Jacques Roumain.

SEGUE



Os meninos levaram sua desesperança vitalícia para a festa de Papa Doc.

Quero lembrar êste momento...

Como é maravilhoso poder lembrar – e ser lembrado! Basta o "click," e um momento como êste fica retido para sempre – para ser vivido e revivido através dos anos. E não é para isto mesmo que os filmes Kodak são feitos?

Os filmes Kodak Ektachrome e Kodachrome produzem "slides" vivos e brilhantes. Para cópias em côres, utilize o filme Kodacolor. Procure o seu Revendedor Kodak.

Kodak

Ódio do povo se divide-ditador e mulatos

HAITI
CONTINUAÇÃO

O novelista Stephen Alexis tentou ficar e resistir: foi prêso e talvez tenha sido executado no presídio de Port Dimanche.

Diante da impossibilidade de uma cultura livre, os intelectuais só têm duas alternativas: ou se exilam, ou passam a servir ao regime. Um exemplo típico dêstes últimos é o poeta Gerard Daumec, que declamou a seguinte obra-prima no aniversário de Duvalier: "Capitão de tôdas as coragens/SALVE!/Vós, que preferistes o sofrimento à desonra/SALVE!/Vós, que convocais as vitórias e não tendes qualquer encontro com a derrota/SALVE!," e continua por aí afora.

Há cinco jornais diários em Port-au-Prince e dez semanários no país. Todos dizem as mesmas coisas, dando metade de seu espaço para elogios a Duvalier. A estrêla da imprensa é Aubelin Jolicoeur, **doublé** de cronista social e relações públicas do govêrno, que Graham Greene celebrizou como o Petit Pierre em seu livro **Os Comediantes.** Jolicoeur fala vários idiomas, passa o dia inteiro no aeroporto de Mais Gatte e informa a polícia sôbre a chegada de visitantes indesejáveis.

Um dos nossos primeiros cuidados em Port-au-Prince foi convencer Petit Pierre de que éramos jornalistas da revista **Quatro Rodas** e íamos fazer uma reportagem turística no país. Fomos honrados como a primeira notícia de sua longa coluna diária e, graças a isso, pudemos nos manter livres de suspeitas durante algum tempo.

Pode-se comprar nas livrarias, clássicos marxistas, ou jornais e revistas de qualquer país. Todos, porém, são censurados antes de ser postos à venda. Se houver qualquer notícia contrária a Duvalier, o censor corta-a cuidadosamente, ou simplesmente arranca a página. Aí, podem ser vendidos livremente.

Uma Igreja que espera

A religião oficial do país é a católica e 90 por cento da população declaram praticá-la. Os restantes dez por cento são protestantes.

Na verdade, entretanto, a religião do povo é uma mistura de catolicismo e vudu. Mesmo as famílias ricas, embora o escondam, acreditam no vudu e suas mandingas.

O vudu está intimamente ligado à história do país. Foi nas cerimônias vuduísticas que nasceram as primeiras rebeliões dos escravos, e até hoje êle é um instrumento político: Duvalier estimula-o quase abertamente; muitos **tonton macoute** são **hungans** (pais-de-santo) e os **hunfors** (terreiros) têm ajuda financeira oficial.

A Igreja Católica, até pouco tempo, também se acumpliciava aos equívocos em relação ao Haiti: para lá eram enviados os padres franceses de nível cultural mais baixo.

Com o tempo, foi sendo formado um clero local, mas sem outra orientação pastoral além da catequese e do combate ao vudu.

Sob Duvalier, a Igreja conheceu ásperos tempos que culminaram com o fechamento de um jornal dos padres jesuítas, **La Phalange,** a expulsão do arcebispo e conseqüente excomunhão de Papa Doc.

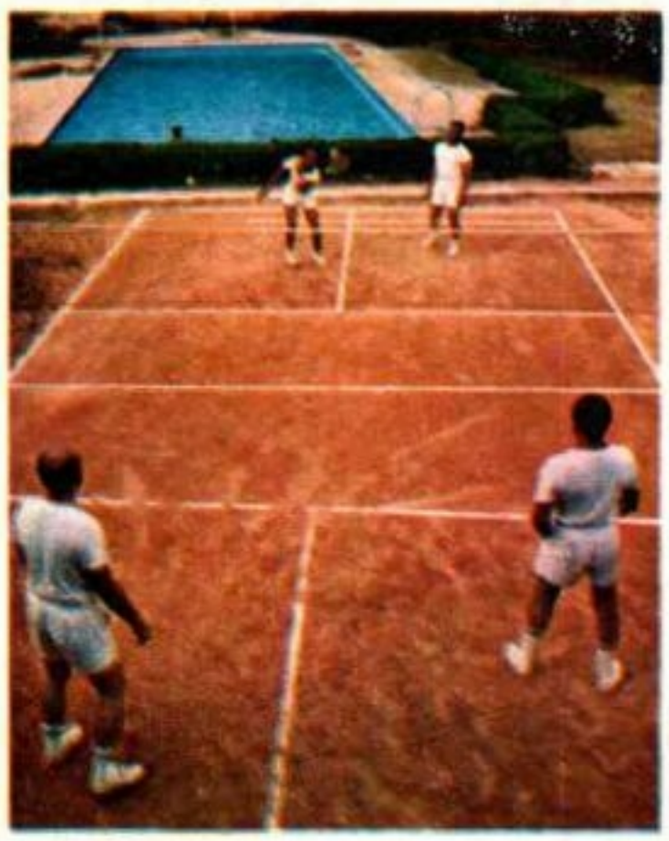
Paulo VI, todavia, é um diplomata que aprendeu a lidar com políticos de tôdas as tendências. Um acôrdo foi celebrado recentemente e o atual arcebispo Wolff Ligondé, haitiano, segue a orientação de Roma, certo de que o tempo dará a vitória final à Igreja.

Nem todos os padres, contudo, têm essa paciência. Um dêles, Jean-Baptiste Georges, participou recentemente de um desembarque fracassado, e há notícias de outros empenhados em atividades clandestinas contra o regime.

O dilema americano

A política dos EUA em relação ao Haiti tem agora sutilezas únicas. Duvalier até hoje não causou qualquer problema aos poucos investimentos americanos, mas faz do antiamericanismo uma de suas armas de publicidade. E, às vêzes, arma de chantagem, como ocorreu em Punta del Este, em 1962. Duvalier até o fim recusou-se a assinar o documento que expulsou Cuba da OEA, condicionando sua aprovação ao financiamento para construção do aeroporto de Port-au-Prince por firmas a êle ligadas pessoalmente.

Os Estados Unidos capitularam, mas não esqueceram o golpe de que foram vítimas.



Os mulatos privilegiados esquecem no esporte as preocupações com o futuro.

Burocratas, única oposição possível

A ajuda técnica e econômica americana ao Haiti é a menor de tôda a América Latina (US$ 0.77 **per capita,** contra $ 4.60 ao Brasil e $ 32.10 à República Dominicana, em 1966). Os investidores particulares são discretamente desestimulados a se dirigir ao Haiti.

E por que os EUA não ajudam a derrubar Duvalier?

A resposta vem de um agente da CIA (Central Inteligence Agency), John, que trabalha como técnico no Haiti (mas um diplomata revelou sua outra e mais importante profissão). No bar "Dan Allen", centro da colônia americana em Port-au-Prince, o agente da CIA fala como simples observador:

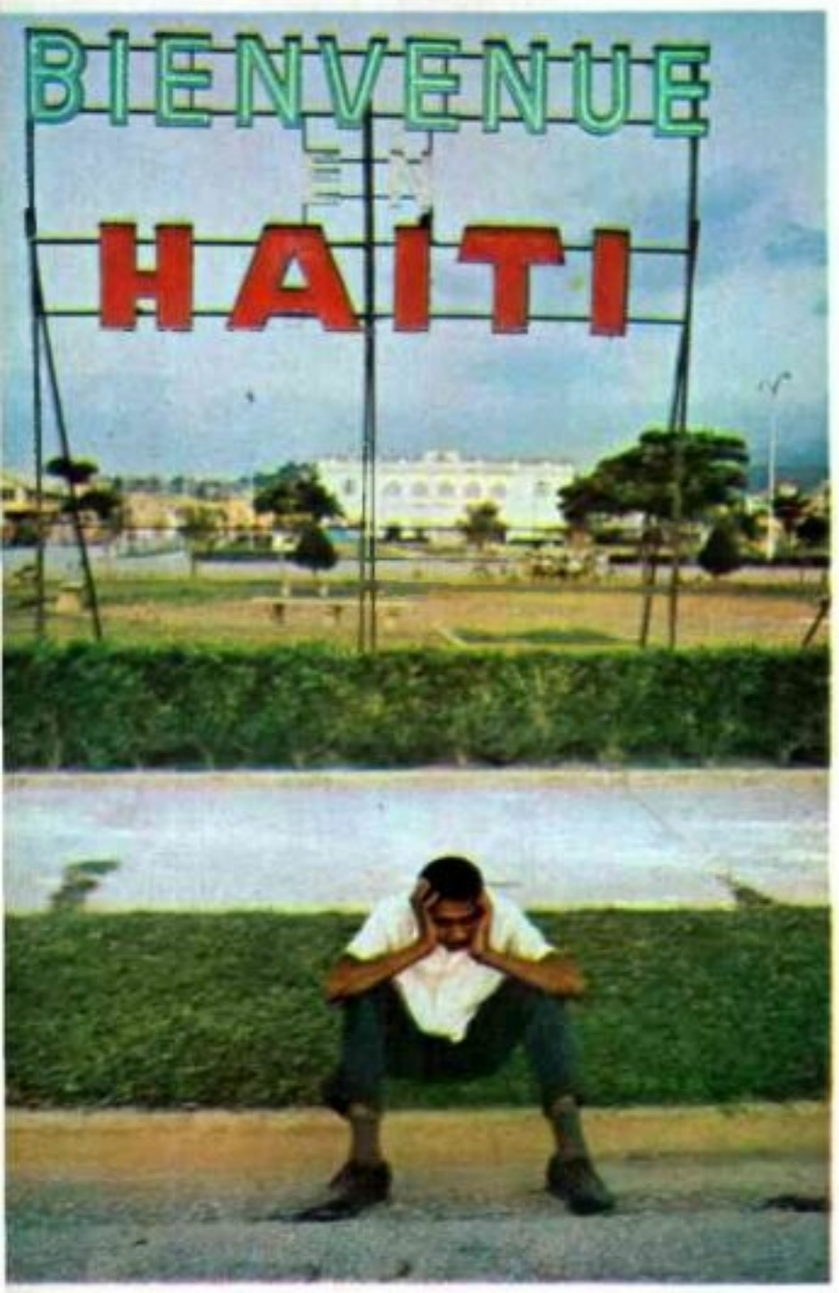
"Temos aqui um problema único. Cometemos muitos erros no passado, fizemos uma intervenção militar de quase 20 anos. Em 57, procurando achar o caminho para a estabilidade, acendemos o sinal verde para Duvalier, um negro identificado com a maioria da população, um técnico educado segundo os melhores padrões. Agora os EUA têm uma batata quente nas mãos e os exilados em Nova Iorque vivem insistindo em obter ajuda para derrubar a ditadura. Mas êles são todos mulatos, muitos dêles já passaram pelo poder e foram tão corruptos quanto Duvalier. Além disso, são odiados pela maioria do povo. Os comunistas são fracos, mas poderiam emergir em uma nova onda de violência e ódio. Para os EUA, só há uma alternativa: esperar o surgimento de uma oposição dentro da própria burocracia negra que subiu com Duvalier e torcer para que, nela, haja um homem moderado e de vocação democrática." SEGUE

John não vai além disso, mas não é muito difícil adivinhar os nomes em que pensa.

O coronel Jacques Laroche é certamente o n.º 1 da lista. Com menos de 40 anos, é um dos oficiais mais prestigiados do Exército e tem fama de ser homem sensato. Na área civil o favorito é Ulrick St. Louis, presidente da **Chambre Législatif.** Advogado e jornalista, fêz oposição ao govêrno Magloire e, com o advento de Duvalier, tornou-se diplomata e parlamentar. Costuma falar vazia e pomposamente como seus companheiros de govêrno: "É no Haiti que existe a verdadeira democracia, no sentido grego, etimológico da palavra. Nossa democracia não é formal, é programática, e nós pensamos que ela é um exemplo para os outros países da América, que ainda andam a procura de seu caminho."

Mas St. Louis é também um homem hábil, um negro de classe média que se manteve sempre na crista dos acontecimentos nos últimos 15 anos. E é suficientemente maleável para aceitar uma eventual ascensão à Presidência, sob a condição de fazer uma abertura às liberdades.

Êsse é o Haiti de 1967. Um país onde não se tem esperança, a curto prazo, de paz ou de progresso. FIM



O terror torna cada vez mais inútil a espera dos turistas com seus dólares.

UM PAÍS INVIÁVEL

O Haiti ocupa o têrço ocidental da ilha que Cristóvão Colombo batizou de Hispaniola (os outros dois terços constituem a República Dominicana) e é do tamanho de Alagoas, com pouco menos de 28 mil quilômetros quadrados. Sua população — cêrca de 5 milhões — é, entretanto, quatro vêzes maior do que a alagoana, o que faz do Haiti o país de maior densidade demográfica da América — mais de 160 pessoas por quilômetro quadrado.

Os negros constituem cêrca de 90 por cento da população, os restantes dez por cento são mulatos e há uma insignificante porcentagem de brancos, quase todos de origem sírio-libanesa ou italiana e, em geral, inteiramente alheia ao processo político.

Uma canção folclórica haitiana diz que "atrás das montanhas, há montanhas". E a própria palavra Haiti significa "terra montanhosa" na língua dos **arawaks,** os índios que Colombo encontrou na ilha. O formato do país lembra uma ferradura, com dois longos braços envolvendo o gôlfo de Gonaives, no fundo do qual está Port-au-Prince, a capital, com quase meio milhão de habitantes.

Técnicos da Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas, costumam dizer que o Haiti é um país "inviável". Acham que a pressão demográfica já atingiu um nível insuportável para um território sem grandes recursos naturais. A produção mineral — bauxita e cobre, principalmente — é pequena. As terras montanhosas já apresentam sérios sintomas de erosão; as terras aráveis dividem-se em dois tipos de propriedade, ambos inadequados: ou o latifúndio (geralmente no Norte) ou o minifúndio, que constitui o maior problema, pois a propriedade média é de 1,25 hectare, insuficiente para o sustento de uma família.

Quando a Revolução Francesa empolgava Paris, havia no Haiti 32 mil franceses, 24 mil **affranchis** (libertos, na maioria mestiços) e 500 mil escravos negros. A colonização francesa começara por volta de 1650, depois que os espanhóis, tendo destruído os índios e esgotado as minas de ouro, abandonaram o território.

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade também empolgaram a colônia e, no início do século 19, Napoleão enviou um exército de 25 mil homens, sob o comando de seu cunhado, Leclerc. O objetivo era esmagar uma rebelião comandada por Toussaint L'Ouverture, um ex-escravo que conquistara a patente de general francês nas lutas contra inglêses e espanhóis. Com o apoio dos mestiços, Leclerc obrigou Toussaint a capitular e mandou-o prêso para a França, onde morreu.

A resistência, todavia, continuou a ser mantida por bandos de guerrilheiros, enquanto as doenças tropicais também causavam grandes baixas aos franceses. O próprio Leclerc morre de febre amarela em fins de 1802 deixando o exército colonial sob o comando do general Rochambeau.

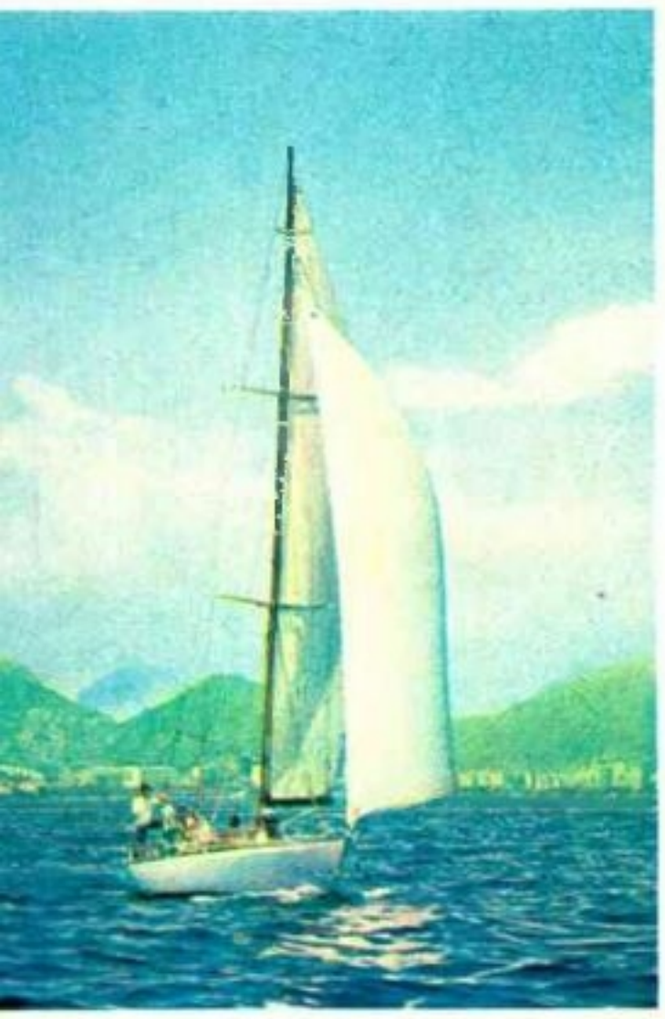
Buscando esmagar a resistência, Rochambeau se esmera em crueldade. Certa vez, convida senhoras negras para um baile em palácio. À meia-noite, as convidadas são levadas a uma peça vizinha ao salão, onde padres entoam o **Dies Irae** diante de uma fila de caixões cobertos de negro. Friamente, Rochambeau explica às damas que elas agora assistiam aos funerais de seus maridos e irmãos.

A revolta é sempre maior. Oficiais mulatos e negros do exército colonial aliam-se aos guerrilheiros e todos concordam em entregar o comando da rebelião ao general Jean-Jacques Dessalines, também um ex-escravo que não sabia ler nem escrever, mas com excepcional capacidade de liderança. Rochambeau capitula em fins de 1803, o Exército francês retira-se do país e Dessalines proclama a independência do Haiti a 1.º de janeiro de 1804.

Dessalines não dura muito no poder. É assassinado em 1806 e o país se divide em dois: ao Norte, o negro Henri Christophe proclama-se rei e, ao Sul, o mulato Alexandre Pétion torna-se presidente. Só em 1820, o Haiti é reunificado por Jean-Pierre Boyer, que bate o recorde de permanência no poder, mas é também derrubado em 1843. Os problemas econômicos e sociais não deixam o país viver em tranqüilidade. Dos 16 governantes que sucedem a Boyer até 1911, 11 são derrubados por golpes. E, nos quatro anos seguintes, um presidente vai pelos ares com o palácio, outro é envenenado e mais três são derrubados.

No dia 27 de julho de 1915, rebeldes atacam o palácio e o govêrno manda matar todos os presos políticos. O povo, no dia seguinte, arranca o presidente Vilbrun Sam da Embaixada da França — onde êle se refugia — e o arrasta pelas ruas até a morte. Nessa mesma tarde, fuzileiros navais americanos desembarcam em Port-au-Prince.

A ocupação militar americana durou até 1934, quando o presidente Franklin Roosevelt ordenou a retirada dos **marines.** Em 1946, uma revolução de caráter popular leva ao poder um presidente negro, após uma longa série de governantes mulatos: Dusarmais Estimé. Algumas reformas são realizadas, mas em 1950 nôvo golpe derruba Estimé e o coronel mulato Paul Magloire assume a Presidência. Em 1956, o Exército também obriga Magloire a renunciar e, após vários presidentes provisórios em poucos meses, François Duvalier assume o poder em 22 de setembro de 1957.



Sol e sal. Brisa marinha.
Aventura. Ritmo impetuoso.
Alegre. Jovial.
O ritmo da vida moderna.
E um cigarro moderno.

Capri

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Foto de Luiz Parreira

Estas obras-primas, cobiçadas pelo mundo inteiro,
estão no Brasil faz muito tempo.
Como vieram parar aqui?
O homem da foto, Pietro M. Bardi,
sabe a resposta. Eis aqui

A ARTE DE FAZER UM MUSEU

Texto de Hamilton Ribeiro

Hollywood perde no leilão

O dia 2 de outubro de 1947 foi uma quinta-feira comum em São Paulo. Às nove horas da noite, um prédio em construção da rua Sete de Abril, com elevador de tábuas e todo rodeado de tapumes, tinha o segundo andar todo iluminado e cheio de gente. Lá dentro, em volta de 50 quadros, na maioria emprestados de um colecionador particular, o governador do Estado e um conhecido homem de imprensa estavam inaugurando um museu de arte. No dia seguinte, a maioria dos jornais noticiava: "Vai ser mais um museuzinho brasileiro, dêsses que têm dia certo para nascer e outro para morrer".

Hoje, 20 anos depois, o "museuzinho" é considerado o mais jovem grande museu do mundo, e o único formado depois da segunda guerra. É a mais importante galeria de arte da América Latina e a mais discutida do país, por duas razões principais: a) sua coleção de obras-primas, avaliada em mais de cem milhões de dólares, é cobiçada por todos os museus do mundo; b) os meios utilizados para conseguir recursos com que comprar aquêles quadros foram, segundo muitas pessoas, muito pouco artísticos e chegaram a dar até motivo para processo de chantagem.

No discurso de inauguração, naquela quinta-feira, seu fundador, o sr. Assis Chateaubriand, disse que a idéia lhe tinha nascido de uma visita à galeria de arte do Museu do Ipiranga. Vira lá três meninos encantados diante de um quadro muito modesto, e prometera-se, um dia, montar no Brasil um museu para valer.

O dia chegou, continuou êle. Ou o fazemos agora, com muita pressa, ou nunca mais o faremos.

O momento para se instalar um museu no Brasil era justamente aquêle por causa de quatro circunstâncias: 1) com a limitação forçada de importações durante a guerra, o Brasil tinha reservas financeiras; 2) a taxa cambial (valor do dólar então em tôrno de 20 cruzeiros) era favorável; 3) o café estava em grande alta; 4) a Europa ainda não se compusera econômicamente e fazia qualquer negócio para arranjar dinheiro.

Dizia ainda o fundador do museu que o "materialismo da burguesia brasileira" ia ser sacudido e que os ricos passariam a ter uma oportunidade de se livrar do inferno doando obras para o museu. Se dessem bastante dinheiro ganhariam o céu; se dessem só um pouco, garantiriam um purgatòriozinho. E quem não desse nada iria para o fogo eterno. Era uma linguagem figurada, mas muita gente preferiu virar Mecenas a ter que experimentar que espécie de inferno era aquêle. As grandes doações foram surgindo e as primeiras obras começaram a chegar.

O diretor técnico do museu era, já na inauguração, Pietro Maria Bardi — presidente de uma organização artística de Roma e crítico de arte — trazido para São Paulo especialmente para aquêle cargo. O diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Válter Zanini, diz hoje que a experiência de Bardi foi fundamental para o êxito do Museu de Arte paulista.

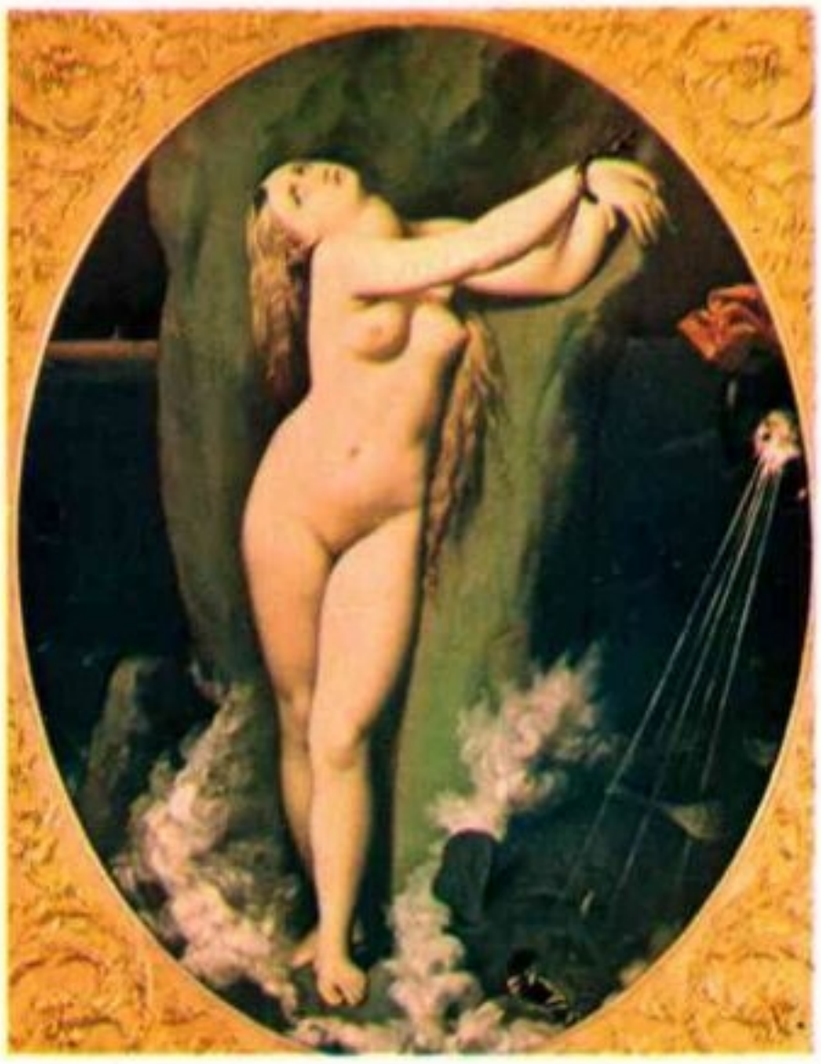
— Até então, museu no Brasil era coisa de amador. Bardi foi o primeiro profissional a dirigir um museu entre nós, e isso foi decisivo.

Com total liberdade e crédito ilimitado, Bardi entrou logo em contato com os grandes "marchants de tableaux" (mercadores de arte) da Europa e dos Estados Unidos. O museu começou com um Picasso e um Rembrandt, e já em 1948 adquiriu um importante Cézzane e um raríssimo Mantegna. No ano seguinte, com a compra de Gainsborough e Tuner, virou notícia internacional. Winston Churchil, no clímax de sua atuação política, resolve leiloar, em benefício de uma instituição artística, um de seus quadros, "A Sala Azul". O leilão torna-se acontecimento social de grande repercussão, e o Museu de Arte de São Paulo vence a parada, depois de um duelo sensacional de lances com um artista de Hollywood, Montgomery. As aquisições continuam. Em 1950 chegam, de uma só vez, nove quadros de Toulouse Lautrec, entre êles "O Divã" e "Mr. Fourcade". Em 1951 é a vez de El Greco e Goya, sendo dêsse pintor o conhecido retrato do cardeal vermelho de Vallabriga. 1952 é o ano dos Van Gogh. O primeiro dêles — "O Escolar", ou "O Filho do Carteiro" — é um dos mais representativos óleos do genial pintor. Foi encontrado num tabelião, em Zurique. SEGUE

Goya é considerado o grande precursor da arte moderna, embora tenha vivido no fim do século dezoito e começo do dezenove. Neste quadro aparece o cardeal dom Luís de Vallabriga grande figura política da Espanha; além de primaz da igreja, era filho do rei Felipe IV.

Rembrandt, mestre holandês do século dezessete, pintou vários auto-retratos. Para um dêles deixou a barba crescer, retratou-se e depois cortou a barba; êsse é o quadro "Barba Nascente", que o museu de São Paulo tem.

Francisco Zurbarán é o artista da vida nos conventos espanhóis do século dezessete. Sua pintura é severa, grave e mística. A figura desta obra é Santo Antônio de Pádua, identificado através de seus atributos: o livro e os lírios.



"Angélica Acorrentada", de Jean Auguste Ingres. Êsse pintor, que morreu em 1867, é o último grande artista do neoclassicismo, movimento ainda prêso aos valôres da arte grega. Sucede-lhe o romantismo, com Delacroix.

Quando ainda jovem, Rafael trabalhou no ateliê de Verocchio, ao lado de Leonardo Da Vinci e Boticelli. É dessa época "A Ressurreição", pintado quando êle tinha apenas 20 anos; custou 400 mil dólares ao museu.

"O máximo de expressão na pintura universal, usando um mínimo de componentes pictóricos" — eis Velazques. Êste seu quadro é avaliado em dois milhões de dólares.

Almôço ruim para boa arte

O dono tinha desaparecido durante a guerra e a família, precisando de dinheiro, forçou a venda da obra que, junto com um Renoir, estava depositada em cartório. O museu fica sabendo da história e passa um telegrama: "Nós compramos os dois quadros".

— Foi a primeira vez — conta Bardi — que vi obras de arte negociadas por telegrama.

Descobre-se, depois, numa capela perto de Sevilha, o quadro "Tentações de Santo Antônio", de Jeronimus Bosch, e o museu vai buscá-lo. Ao lado de compras isoladas, o museu fazia outras, e vieram então grupos de obras de Bellini, Bernini, Botticelli, Zurbarán, Chagall, Delacroix, Picasso, Dègas, Memling, Tintoretto, Tiziano, Van Dyck, Franz Hals, e outros, que os brasileiros só conheciam em fotografia. Tudo feito à valentona. Enquanto o Parlamento italiano discutia se deveria comprar um ou dois quadros de Modigliani para um dos museus do Estado, chegam seis Modigliani — inclusive o famoso "Retrato de Leopoldo Sborowski" — para São Paulo. Numa recepção em Nova Iorque, o diretor do Museu de Chicago chega a interpelar o fundador do Museu de Arte de São Paulo para saber qual o mistério que tinha feito vir para São Paulo "O Grande Pinheiro", de Cézzanne, para o qual Chicago tinha todo interêsse e tôdas as verbas.

A cada chegada de um quadro importante, o museu, ligado a enorme rêde de divulgação, faz um festival. O comandante do avião que traz uma obra-prima vira herói, de repente. Dá entrevista aos jornais, aparece na televisão, é reconhecido na rua. E cada quadro, antes de incorporado ao acervo, recebe batismo solene. Para marcar a vinda de um óleo famoso de Van Gogh organizou-se uma recepção cultural na casa de uma senhora da sociedade. Mas um dos convidados levou na brincadeira e apareceu vestido e maquilado como se fôsse o próprio pintor. Baby Pignatari resolveu então quebrar de uma vez a seriedade, contratou na hora dois conjuntos de boate e transformou a solenidade num baile de carnaval, em estilo **doce vida.**

As compras são feitas à brasileira: primeiro fecha-se o negócio para depois pensar-se como pagar. Um quadro de Renoir — "A Banhista e o Cachorrinho" — foi disputado com Nélson Rockfeller, que tinha opção para a compra mas o achava caro. Trouxeram a obra. Como pagar? O fundador não se preocupava. Usando sua rêde de publicidade para transformar, de uma hora para outra, em grande protetor das artes um desconhecido fazendeiro ou um pacato homem de emprêsa — ou para fazer um mau caráter virar herói, e vice-versa — êle tinha argumentos de sobra para conseguir doadores para os quadros. E — quase sempre — conseguia, embora surgissem alguns casos como aquêle do capitão de indústria José Ermírio de Morais. O industrial não gostou da idéia de ser Mecenas à fôrça e entrou na justiça, com Sobral Pinto por patrono, com um processo de chantagem.

Enquanto a ação corria na Justiça — e corre ainda hoje — o museu continuava comprando. Qualquer método servia para juntar dinheiro: precisando de 10 mil dólares para comprar dois quadros do pintor francês Boucher, o fundador do museu organizou um banquete com exportadores de café de Santos, a 200 cruzeiros por pessoa, Isso em 1950, quando o dólar estava a menos de 30 cruzeiros; 1.400 pessoas aderiram. Na hora do banquete, apenas um prato comum de restaurante foi servido, e a explicação veio no fim: o preço real da participação de cada um no **almôço** era 12 cruzeiros O restante — 188 — ia ser usado pelo museu para pagar os dois quadros.

Desculpando-se da peça, o autor dela disse, discursando:

— Quando se é da Normândia, das ilhas Britânicas ou de Itamaracá — e eu sou de lá — tem-se algo de pirata no sangue...

Detalhe: no catálogo do museu, hoje, não existe nenhum Boucher.

Ao lado da aquisição em massa de obras mundialmente famosas, o museu mantinha grande atividade. Henri Clouzot, diretor francês do filme Rififi, e Alberto Cavalcanti, cineasta brasileiro então vivendo na Inglaterra, vinham da Europa falar de cinema, a instituição promovia cursos de arte, de desenho, de cerâmica e tecelagem.

SEGUE

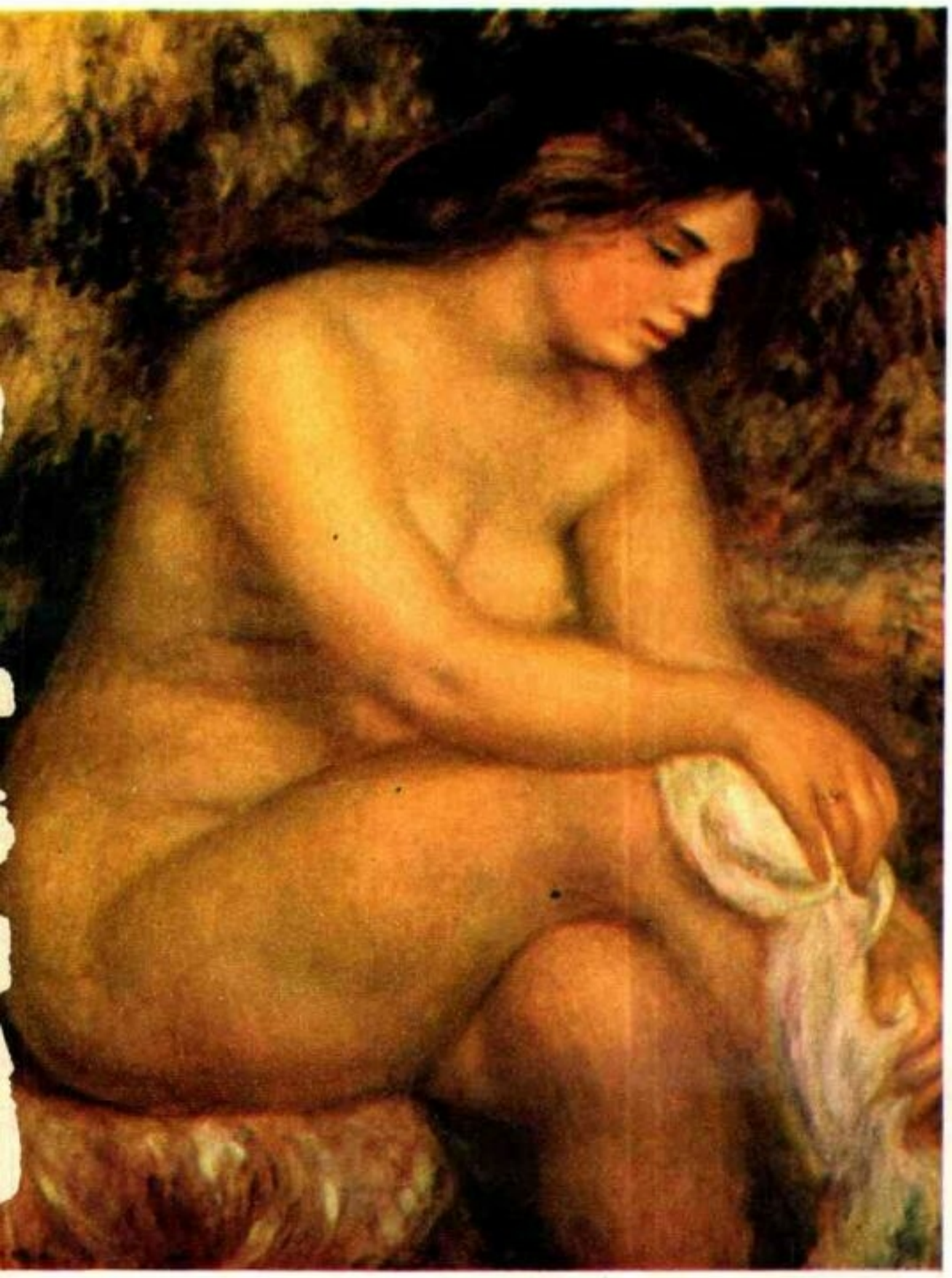
Toulouse Lautrec é o grande mestre da arte do fim do século 19. "O Almirante Viaud", também chamado de "O Pirata", é a obra de maior tamanho do pintor, mede 1,39 m. Ficava sempre no quarto do artista, de onde só foi retirado depois de sua morte.

Modigliani, que não se prendeu a nenhuma escola, é conhecido como o pintor dos pescoços compridos. Morreu com 36 anos, em Paris, embora fôsse italiano. Leopoldo Sborowski, retratado nesse seu quadro, foi o seu maior amigo, sustentou-o a vida tôda.

"Passeio ao Crepúsculo" é da última fase de Van Gogh, quando êle, já perto de decidir-se pelo suicídio, pintava as visões que tinha da janela do hospício. O museu tem cinco quadros dêle, que valem milhões de dólares, embora o pintor não tenha conseguido, em vida, vender nenhum.

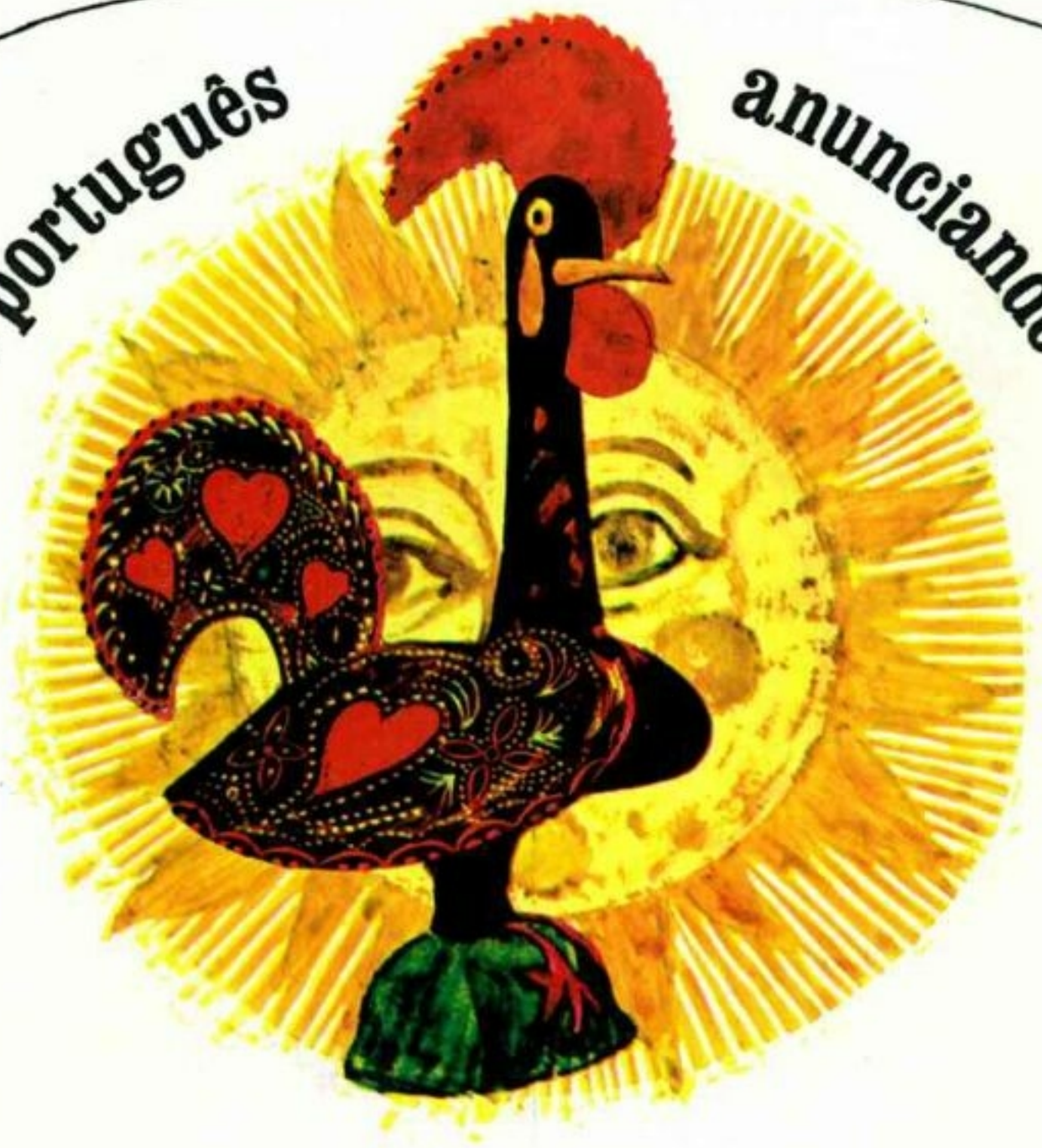
A Canoa sôbre o Epte", de Claude Monet, é um retrato das irmãs Blanche e Marthe Hoschedé, filhas do primeiro matrimônio da segunda espôsa do pintor. Monet nasceu em Paris (1840-1926) e estreou em 1856, como caricaturista. É grande impressionista.

Renoir é o mais completo pintor do impressionismo. Esta sua obra-prima, "A Banhista Enxugando-se", é um dos 13 Renoir que o museu tem. A modêlo era a empregada do pintor, que morreu há pouco tempo, esquecida, na Califórnia. Renoir nasceu em 1841 e morreu em 1919.



Cézanne parece-se com Velazques, naquela história de usar-se o mínimo de componentes pictóricos para um máximo de expressão. Morreu em 1906 e sua técnica foi utilizada por Picasso para criar o cubismo. Êste "Madame Cézanne em Vermelho" é um dos quatro retratos de sua mulher.

canta o galo português anunciando uma nova éra



O galo sempre simbolizou, desde a antiguidade, a aurora de um nôvo dia ou a aurora de novos tempos. Seu canto tinha o poder de afugentar os demônios e despertar a fôrça dos homens para uma existência alegre e sadia. Em Portugal, o lendário galo de Barcelos (que você lá encontrará representado em todos os tamanhos e nas mais variadas formas folclóricas) provocou, ao cantar na mesa do juíz, um episódio famoso em que triunfou a justiça e a liberdade.

Ao voar nos novos **BOEING 707-320C** da Varig, **RIO-LISBOA sem escalas** numa esplêndida viagem (podendo prosseguir para Paris, Londres ou Frankfurt), você gozará o confôrto de um lauto jantar e daquela atenção pessoal das comissárias a bordo dos mais modernos jatos da atualidade. O galo português saudará a sua viagem no "320 C" como o início de uma nova éra na união entre Brasil e Portugal.

CONSULTE SEU AGENTE IATA DE VIAGENS OU

VARIG

O PROGRESSO BRASILEIRO VOANDO A JATO

Primeiro, comprar; depois, arranjar o dinheiro

Abria uma escola de propaganda, outra de manequins, que se transformou em atividade precursora de uma moda essencialmente brasileira e organizava até uma orquestra sinfônica juvenil, ao lado de conjuntos de dança e cursos de balé. A participação dos alunos era gratuita. Para formar a orquestra, o museu deu até bôlsas de estudo e comprou os instrumentos mais caros. O primeiro desfile internacional de moda do Brasil — coleção Christian Dior, com os mais famosos manequins de Paris — foi feito no museu, em passarelas que passavam ao lado de telas de Tintoretto, Van Gogh, Tiziano e Soutini. Para o desfile, foi encomendado a Salvador Dali um traje especial — "Roupa para a Mulher do Ano 2005", que está até hoje no museu. Mas, consultado sôbre se aceitaria vir ao Brasil, o pintor maluco declarou sêcamente:

— Não piso na América Latina por dinheiro nenhum.

O museu vivia cercado de euforia. Mas em alguns círculos, começaram a surgir dúvidas sôbre a autenticidade de obras-primas que misteriosamente apareciam no acanhado museu de São Paulo, quando os grandes museus do mundo — principalmente dos Estados Unidos — queriam tê-las para si. Até que um dia, um jornal, de linha política contrária à do fundador do museu, publica com tôdas as letras: "Os quadros do Museu de Arte são falsos."

Era o ano de 1953. O museu acabava de adquirir quatro telas famosíssimas do pintor Nattier. Eram os retratos das filhas de Luís XV, pintados sob encomenda do rei para decorar um quarto do Palácio de Versalhes. Os quadros tinham desaparecido durante a Revolução Francesa, e agora o govêrno da França estava interessado em reavê-los. Mas as quatro princesas já tinham recebido o batismo do Museu de São Paulo e de lá nunca mais haviam de sair. O mistério de virem para São Paulo obras que Paris tanto queria aumentava ainda mais o suspense: tratava-se de novos "quadros falsos"?

Em silêncio, o museu preparava a grande resposta, que veio em fins de 1953, anunciada em Paris: "As obras-primas do Museu de Arte de São Paulo serão expostas no Museu do Louvre!"

Do Louvre, a exposição seguiria para a mais famosa galeria de Londres, a Tate Galery. E iria depois para outros museus europeus, terminando o giro internacional com uma exposição no Metropolitan Museum de Nova Iorque. Era o grande desafio. Na Europa e nos Estados Unidos estão os mais rigorosos críticos de arte do mundo. E na vida de um crítico de arte há dois momentos culminantes: quando êle prova ser falsa uma obra tida como boa, ou quando descobre o valor artístico ou histórico numa obra abandonada. A exposição do museu de São Paulo era uma oportunidade de ouro para todos êles. A máscara haveria de cair, então.

Começa a organizar-se a exposição no Louvre. Bardi vai à Embaixada do Brasil em Paris e pede que o embaixador convide pessoalmente o presidente da República francesa para inaugurar a exposição. O embaixador não atende e, mais ainda, manda dizer que não estará presente na inauguração. O cargo não lhe permite arriscar-se "a um ridículo". Por outros caminhos, o presidente Auriol é convidado e aceita. A exposição se abre, recebe 55 mil visitantes nos primeiros cinco dias e segue sem incidentes até o fim. Foi necessário reeditar três vêzes o catálogo das obras, para atender a todos os pedidos. Do Louvre, os quadros vão para Londres, dali para a Bélgica, Alemanha, Suíça, Holanda, Itália e, finalmente, Estados Unidos.

Quando a exposição volta ao Brasil há uma grande festa, no Rio, com a presença do presidente da República. O governador de Santa Catarina, Jorge Lacerda, declara na ocasião:

— Com um só quadro do museu eu faria a emancipação financeira do meu Estado!

Na semana da Páscoa de 54, encontram-se em Nova Iorque Bardi e o fundador do museu e recebem um telefonema da Casa Knoedler, especialista em obras raras:

— Se os senhores dispõem de meia hora, passem por aqui que temos uma coisa importante.

Lá foram os dois, mais o sr. Válter Moreira Sales. A "coisa importante" era um Rafael, ou uma hipótese de Rafael: o quadro — "A Ressurreição" — era atribuído ao renascentista italiano, mas jamais havia sido publicado em qualquer livro de arte do mundo. Não existia documentação certa que provasse ter sido mesmo pintado pelo terceiro gênio — ao lado de Da Vinci e Michelângelo — do Renascimento italiano. O dilema era êste: comprar, e agüentar depois o dissabor de possuir uma obra falsa; ou desistir, e depois chorar a amargura de ter tido nas mãos um Rafael — coisa que não acontece todo dia na vida de um museu — e tê-lo desperdiçado. Preço do quadro: 400 mil dólares; prazo para pensar: 24 horas.

Em 24 horas, Bardi revirou bibliotecas públicas, consultou os livros que pôde e no outro dia apareceu com a decisão:

— Compramos.

O sr. Moreira Sales entrou com o dinheiro — emprestado — e tornou-se, assim, "um benemérito doador do museu". Algum tempo depois Bardi recolhia dois elementos decisivos para provar a autenticidade da "Ressurreição": havia na primeira monografia escrita sôbre Rafael uma nota de pé de página sôbre aquêle quadro; e descobriu-se, no Museu da Universidade de Oxford, um esbôço de Rafael dos dois soldados que aparecem no quadro guardando o túmulo de Cristo.

Outro golpe de sorte ia permitir trazer para São Paulo, ainda em 54, sua mais valiosa obra-prima: "Retrato do Conde-Duque de Olivares", de Velazques, avaliado hoje em dois milhões de dólares (cêrca de 5,5 bilhões de cruzeiros velhos). O conde de Olivares, primeiro-ministro de Filipe IV, foi protetor e amigo de Velazques. Para nós, há um valor a mais: o conde atuou na política quando o Brasil, tanto como Portugal, estava sob o mando da Espanha. Assim teve participação na luta pela expulsão dos holandeses da Bahia.

Com um Velazques todo museu sonha; com **aquêle** Velazques, o museu de São Paulo sonhava dobrado. O quadro estava à venda em Londres, e o proprietário era o mesmo do prédio de nossa embaixada, o que facilitou o negócio.

Mas, como no caso do Rafael, o Velazques era discutível. Seria uma cópia, pois dizia-se que o original se queimara no incêndio do Palácio de Alcazar, em Toledo. A documentação era imprecisa. E mais uma vez correu-se o risco e valeu a pena: tempos depois descobriu-se o recibo original do pintor, dando a pista segura para explicar por que o quadro fôra parar em Londres.

Mas a grande meta, em 1954, continuava sendo os impressionistas, que estavam subindo de preço assustadoramente. E o museu realiza então, em Nova Iorque, sua maior aquisição, no valor de três milhões de dólares. No grupo de obras vinham principalmente impressionistas, como Manet, Monet, Gauguin, Renoir, Cézanne, Lautrec — mas também Rubens, Goya, Bellini, Matisse, Clouet e Chardin.

A grande compra, como as outras, foi feita à brasileira também: amarrar o negócio e depois ver de onde podia sair o dinheiro.

Mas o Brasil naquele ano entrou numa de suas crises político-militares. O presidente Vargas se suicida, há recessão geral no país. O museu sente tudo isso, a dívida de três milhões de dólares fica áberta. O ano seguinte é incerto, em 1956 apela-se a um empréstimo no Chase Bank. Os próprios quadros servem de garantia. A primeira parcela a vencer é de 500 mil dólares. Há um sôpro de otimismo com a posse de Kubitschek, mas o ano de 1957 ainda é de expectativa. SEGUE

O drama do espaço é torturante na atual instalação do museu.

Já em 1968 será o maior museu da América Latina

Vence a primeira prestação, vence a segunda, o Chase Bank ameaça levar as obras-primas. O presidente Kubitschek vai em socorro da instituição e determina que a Caixa Econômica Federal pague os três milhões de dólares ao banco americano. A dívida, transformada em cruzeiros, passa ao govêrno federal, para ser saldada em cinco anos. Como garantia, o acervo fica penhorado à Caixa, que mantém no museu, desde então, um interventor. A situação é essa ainda hoje, quando, após dez anos, o museu só pôde pagar pràticamente os juros. Se a dívida fôsse mantida em dólares, seria hoje de mais de 8 bilhões de cruzeiros velhos. Convertida ao dólar oficial da época, porém, está ao redor de 300 milhões, que podem ser pagos, se houver necessidade, com a venda de um só dos quadros comprados então.

De 1954 para cá, por causa das dívidas, poucas compras foram feitas, mas já naquele ano o museu era considerado um fenômeno do século. Suas mil obras postas em fila formariam um tapête de um quilômetro, mais valioso do que se fôsse de ouro. Algumas das peças, muitos não entendem como vieram parar aqui. Dègas, o grande pintor do impressionismo, foi também escultor e, em tôda a vida, moldou 71 figuras de bailarina: o museu tem a série completa. Cézanne pintou quatro vêzes sua mulher, cada vez com uma côr: a madame Cézanne em vermelho, uma das mais citadas, também está em São Paulo, assim como as famosas meninas de Renoir. Em matéria de impressionismo, a série é uma das principais do mundo, com 13 Renoir, 10 Toulouse-Lautrec, cinco Cézanne, quatro Manet, cinco Van Gogh, dois Monet (o fundador da escola), cinco Corot, quatro Delacroix, três Ingrès, três Gauguin e muitos outros. Entre os de Manet, — pintor que viu o carnaval carioca e escreveu que "a gente, nessa festa maluca, é ao mesmo tempo participante e vítima" — há o célebre "Retrato de Pertuiset, Caçador de Leões", vencedor do Salão de Paris de 1900.

Da pintura de todos os tempos, segundo Bardi, o museu tem "um pouquinho expressivo de cada escola", ao lado de grandes obras brasileiras, clássicas e contemporâneas.

Em 1954, apesar dos compromissos a saldar, uma nova tarefa se impôs à diretoria: a sede. A instalação do museu é um drama permanente. Fica num prédio comercial, servido por elevadores comuns e sob o risco constante de ser destruído. Já houve cinco incêndios nos últimos anos e, num dêles, que destruiu tôda a coleção de filmes da cinemateca — que lá também funcionava — a água jogada pelos bombeiros invadiu a galeria de arte por pouco não atingindo quadros e vitrinas. Tôda vez que há ameaça de golpes ou revolução, a pinacoteca é desmontada, pois teme-se a invasão ou empastelamento dos jornais, rádios e emissoras de televisão que funcionam no mesmo prédio. Finalmente, a falta de espaço é torturante.

Em 1958, a diretoria estabeleceu um convênio com a fundação Álvares Penteado. O museu entraria com os cursos e o acervo, a fundação cederia sua bela sede e o casamento havia de ser feliz. Mas não foi. Após uma série de atritos, terminou:

— O divórcio fêz bem — diz Pietro Bardi. Permitiu que nós procurássemos uma sede definitiva, e daqui a um ano nós a teremos no local mais nobre de São Paulo. Aí, cuidaremos dos cursos e de outras atividades mais.

A futura sede está sendo construída pela Prefeitura na avenida Paulista, no local do antigo Trianon. O prefeito Faria Lima conta poder entregá-la no segundo semestre do ano que vem. É um edifício todo envidraçado, que dá vista de um lado para o centro de São Paulo, do outro para os bairros elegantes. Tem quatro andares, dois acima do nível da avenida e dois abaixo, sôbre a rampa do túnel Nove de Julho, com auditório, teatro, salas de aula, salão de congressos e espaço para belvedere e restaurante. O salão de exposição mede mais de dois mil metros quadrados e seu vão livre, com 70 metros de comprimento, é o maior do mundo. O projeto é da arquiteta Lina Bo, que não recebeu por êle nem um tostão.

— Um museu não se faz em 20 anos — diz Bardi. No entanto, quando o prédio do Trianon fôr aberto ao povo, teremos o maior museu da América Latina. Com outros 20 anos de trabalho sério o Brasil poderá montar o grande museu de que precisa.

O Museu de Arte de São Paulo pertence a uma associação civil, sem fins lucrativos, tradicionalmente dirigida por grandes personalidades. O capítulo IV de seus estatutos diz isto: "Ocorrendo extinção da sociedade, o patrimônio passará ao govêrno. A disposição dêste artigo deve permanecer inalterada, não podendo, em nenhuma hipótese, ser alterada."

— Cada obra aqui exposta tem uma história de drama e risco — diz o ex-senador Marcondes Filho, presidente da Associação do Museu de Arte de São Paulo.

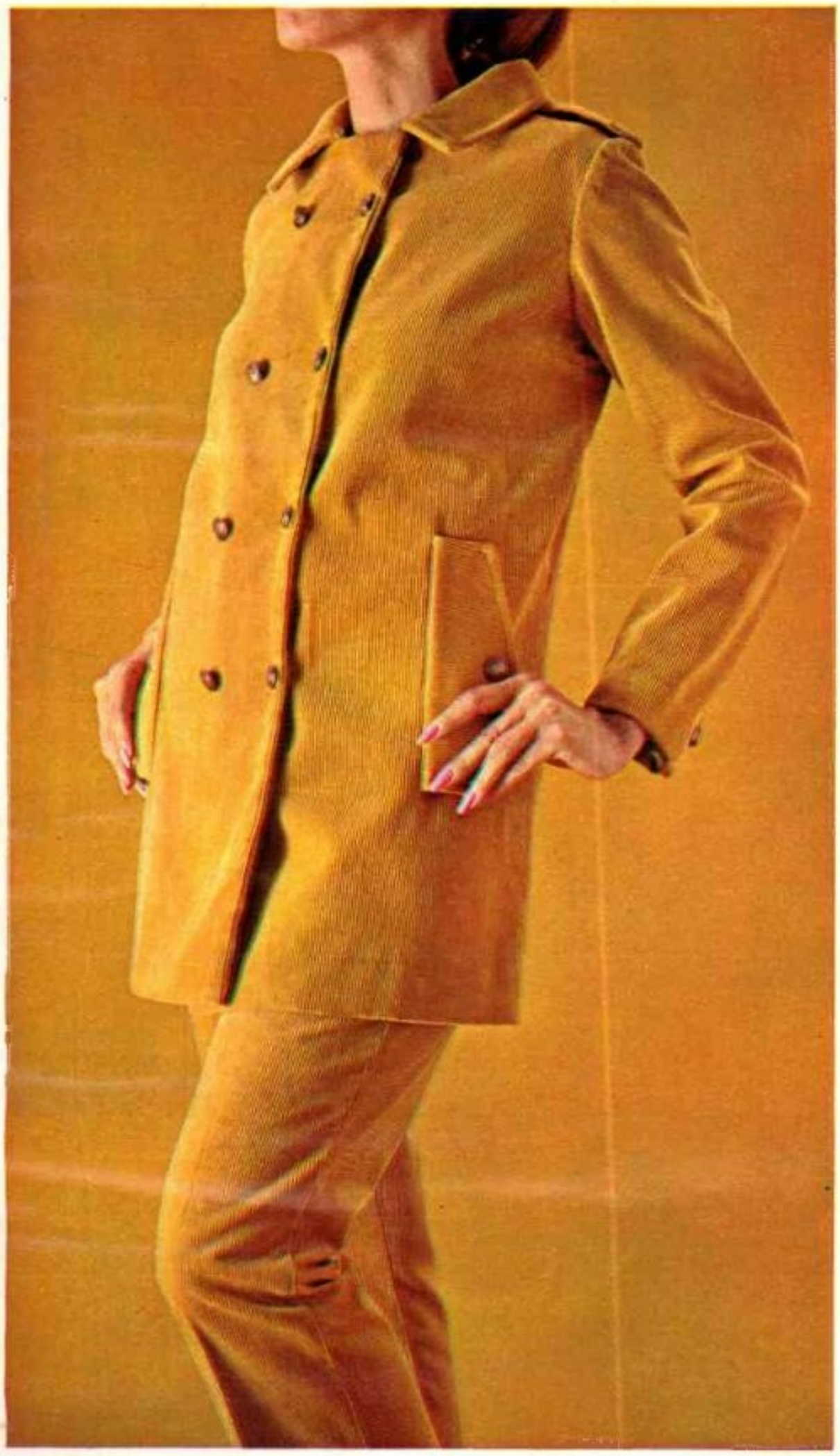
— Mas o bom, o bom como mel — diz Rodrigo de Melo Franco, diretor do Patrimônio Artístico Nacional — é que o Museu de Arte de São Paulo existe. E pertence ao povo brasileiro. FIM

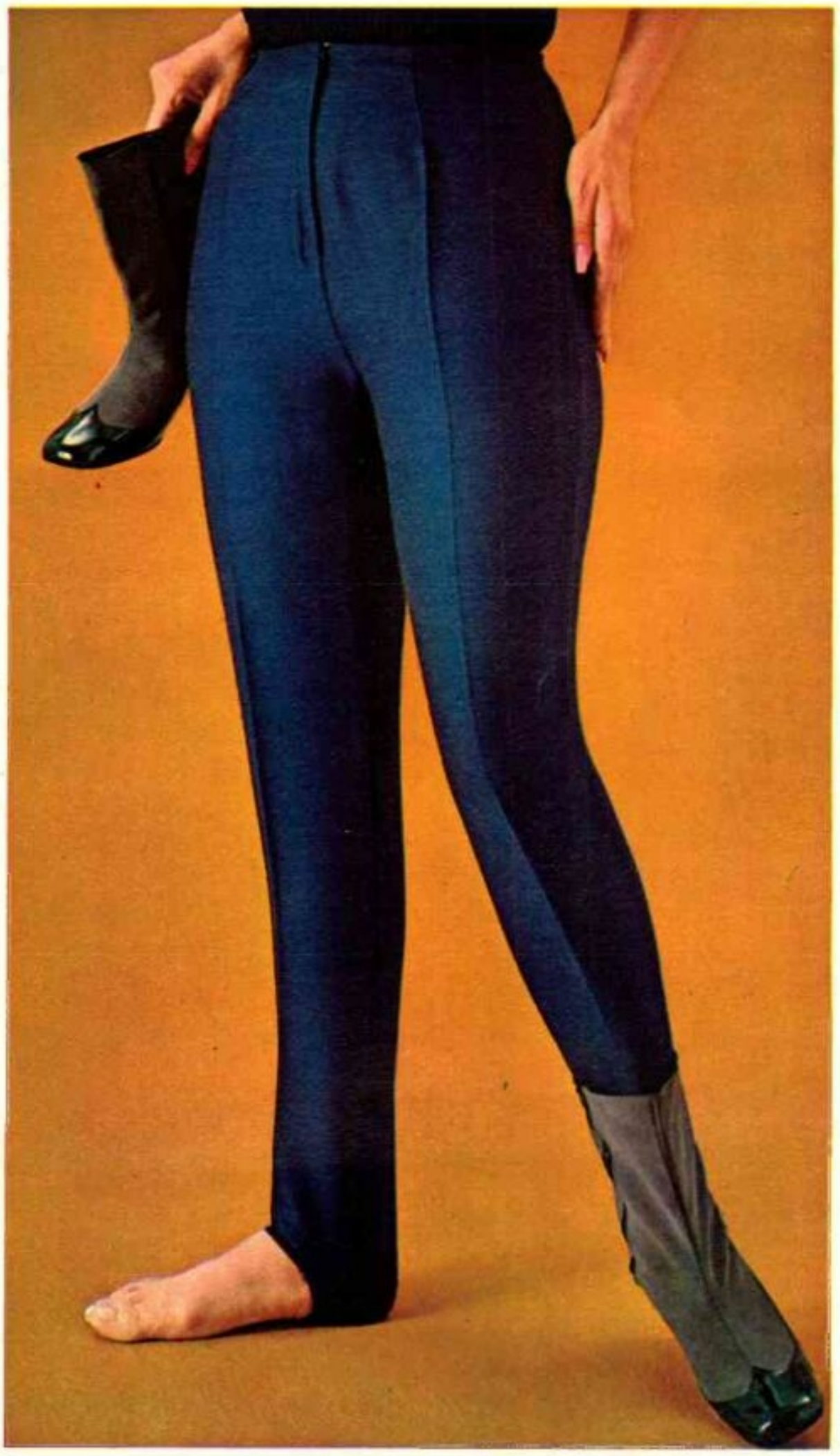
FOTO DE LEW PARRELA

A arquiteta Lina Bo testa um quadro — "O Escolar", de Van Gogh — nos suportes, que vão ser usados na nova sede do museu.

Deus do céu! Onde essas mulheres de hoje estão com a cabeça? Só pensam em moda, só falam na tal calça Berta, que elas usam até em sofisticadíssimas reuniões. Nossa!... Este mundo está mesmo mudado.

No meu tempo era diferente! Hoje esses brotinhos só querem saber de elegância, vivem pra lá e pra cá com os tais modelos Berta. Qualquer dia até eu vou comprar uma coleção Berta para saber o que existe de tão excepcional...





BERTA

RUA WISARD, 320 — CAIXA POSTAL, 11120 — SÃO PAULO

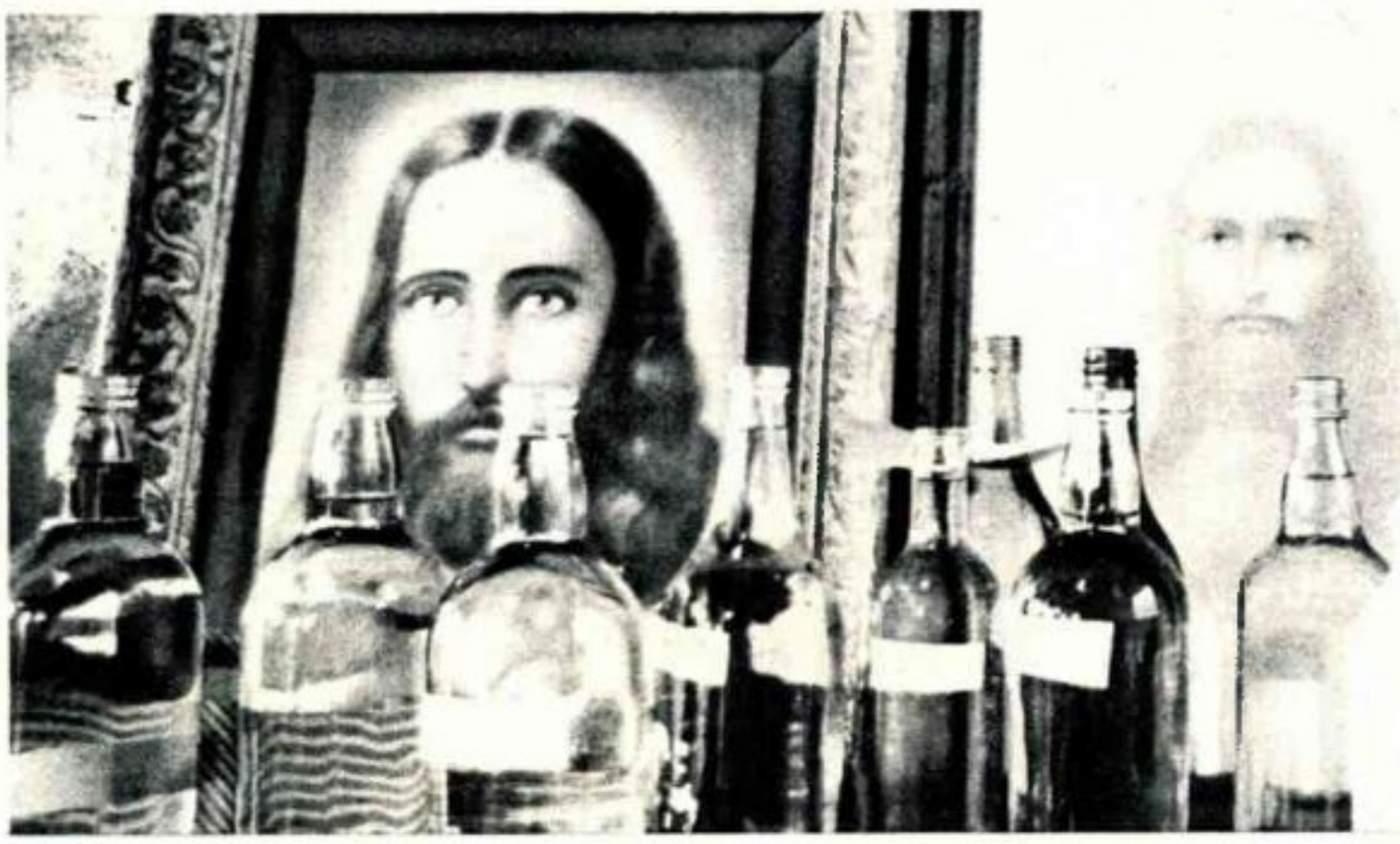
CONTRÔLE DE QUALIDADE Helanca TECIDO MISTO

Os artigos Berta foram aprovados no Contrôle de Qualidade "Helanca"

1) NOSSO LAR - 2) MENSAGEIROS
3) MISSIONÁRIOS ~~da luz~~ 4) OBREI
~~ROS DA VIDA~~ ETERNA 5) NOS
DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE -
6) A ENDA CRISTÃ - 7) AGRO E
REAÇÃO - 8) LIBERTAÇÃO -
9) SOL NAS ALMAS - 10) ENTRE A
TERRA E O CEU ETC.

ESPIRITISMO DE KARDEC
/M. UMBANDA E MACUMBAS
QUE CAUSAM DOENÇAS -
NÃO. NADA DE TERREIRO/
DR. FRITZ

NÃO SOMOS
SE QUEM JÁ
QUALQUER
PODERÁ VIR
SEM BEBER



Alguns o consideram um impostor. Estudiosos tentam explicá-lo cientìficamente. Religiosos dizem apenas: é a fé que o faz curar. Para os que já foram a Congonhas do Campo, Minas Gerais, tratar-se com êle, e para os que acreditam em seu poder de curar,

ARIGÓ É A ÚLTIMA ESPERANÇA

Texto de Roberto Freire • Fotos de Cláudia Andujar

Estamos sentados em toscos bancos de madeira. A grande sala é pequena para nós, somos cêrca de quinhentos homens, mulheres, crianças, brancos, negros, amarelos, de todo o Brasil. Há alguns uruguaios, argentinos também. Em silêncio, todos parecem olhar para dentro de si mesmos, onde vêem a mesma coisa: dor, doença, mêdo. Muitos vieram de longe, a pé, de ônibus, trem, caminhão, perseguindo a última esperança, a do milagre. Pode-se ver em seus olhos que estão rezando.

São seis horas da manhã. A luz que entra pela janela ilumina algumas fisionomias que já conheço. O velho apoiado na bengala é cego, veio de Goiás, sòzinho. O homem moreno e gordo é prefeito de uma cidade do interior de São Paulo: trouxe o filho de 13 anos, com gangrena numa das pernas, que os médicos decidiram amputar. O môço pálido, magro, chegou um dia antes da Bahia, está desenganado: leucemia. Há muitos outros rostos que não conheço, mas os olhos sofridos e os gestos nervosos me contam suas angústias.

Estamos todos na sala de espera do Centro Espírita Jesus Nazareno, na cidade mineira de Congonhas do Campo. Aguardamos a chegada de um homem que há 18 anos realiza curas fantásticas, através de receitas e operações inexplicáveis, sem jamais ter estudado medicina. Seu nome é José Pedro de Freitas, ou **Zé Arigó.** Tem 46 anos e já atendeu mais de dois milhões de pessoas. Todos os dias, romarias de centenas de doentes continuam chegando à cidadezinha de Congonhas do Campo, atrás de seus **milagres.** Grandalhão, de bigodes, barrigudo, ar simplório, êle aparece de repente diante de nós, gritando com sotaque caipira:

— Não sou eu, é Jesus quem cura. Também não é Jesus, mas Deus!

Tôdas as atenções se voltam para a porta: ao lado de um bispo baixo e magro, Zé Arigó fala gesticulando muito, a camisa esporte fora das calças:

— Meus irmãos, que Deus os abençoe. Vocês vieram de longe, vejo cegos, vejo paralíticos, gente desenganada. A todos vou atender. Só não posso operar, por causa do processo.

Êle se refere ao processo que lhe moveu a Sociedade Médica de Belo Horizonte, por exercício ilegal da profissão, e que lhe custou quase um ano de cadeia.

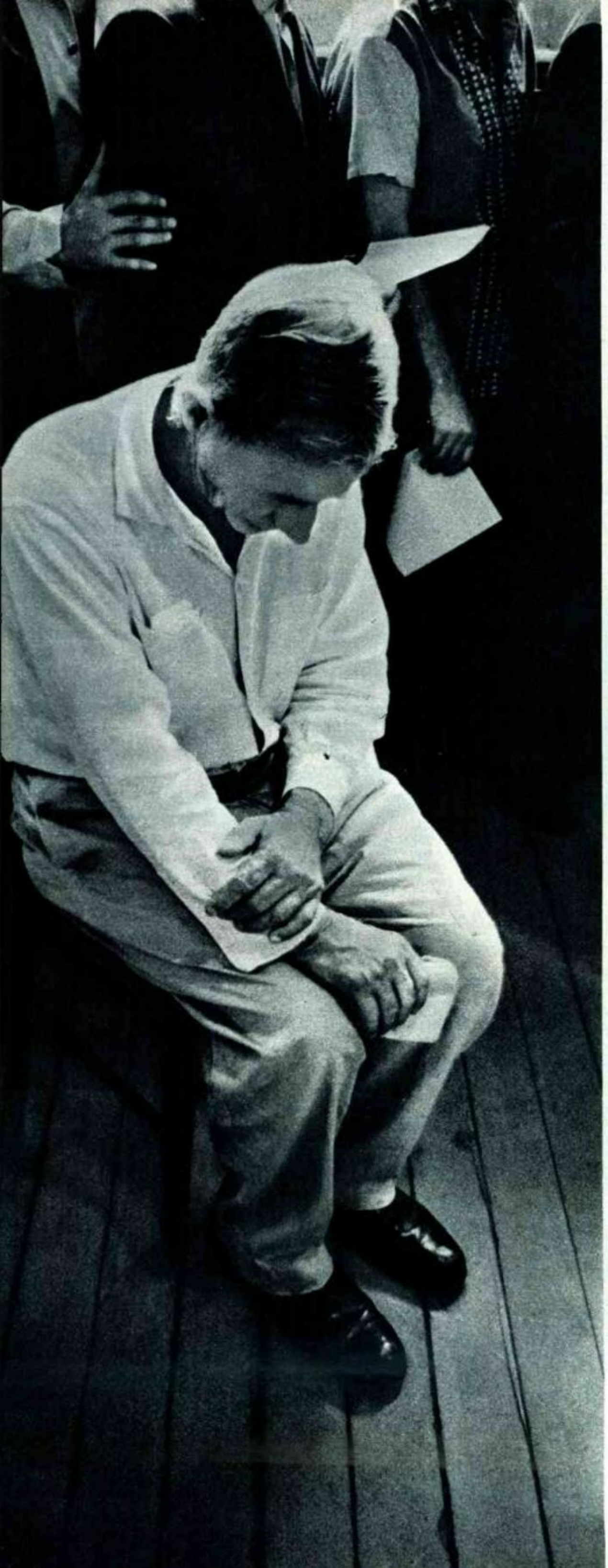
— Mas se Deus quiser, daqui a um mês terei meus instrumentos de volta para operar vocês, porque vou ganhar o processo. Tenham paciência. Até o fim do ano, vou operar de tudo — coração, olhos, pulmão, cérebro, até hérnia e osso.

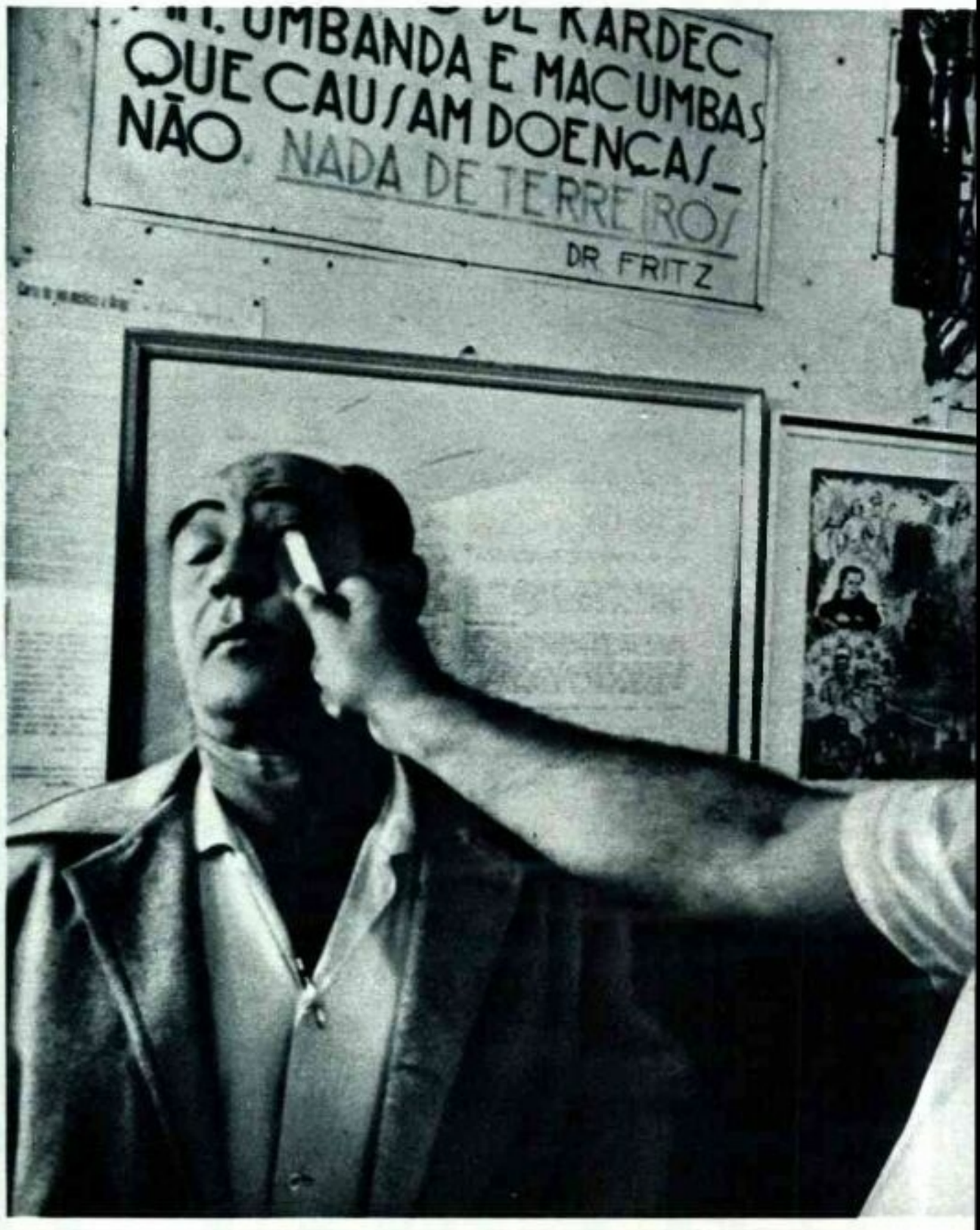
O bispo sacode a cabeça afirmativamente. Arigó olha-o e continua:

— Hoje temos um bispo aqui no centro. Nosso Deus é um só, cada um com sua religião. Não quero saber quem é católico, protestante ou espírita. Tôdas as religiões são boas. Isto é que é certo, é ou não é?

A resposta vem em côro. Arigó adverte:

— Mas religião de verdade, nada de macumba. Outra coisa: aqui ninguém paga, nunca. Jesus não recebe pelo que faz. Não se esqueçam: não sou eu, o pecador cheio de manchas, Zé Arigó, quem cura. Sou pecador como vocês, mas tenho autoridade para lhes avisar: o que desgraça a vida do homem é a bebida e o jôgo; o que desgraça a vida da mulher é o cigarro. Bebeu, mentiu, traiu, já não é mais homem de respeito. E o fumo: só mesmo uma sociedade podre pode achar bonito mulher pitando. De sua bôca sai o aroma da vida e do amor. Se a mulher fuma fica com cheiro de homem. Depois, me digam: entre a cheirosa e perfumada e a catinguenta, qual é a que o homem prefere? Resultado: o lar está desfeito. Sabem? Acho que nem é pecado trocar de mulher quando isso acontece. SEGUE





Quando atende os clientes, Arigó fala com sotaque alemão, porque — segundo o espiritismo — está incorporado *pelo espírito de doutor Fritz. Suas consultas são rápidas e êle receita remédios caros e quase sempre difíceis de encontrar. Cientistas que o viram agir concordam num ponto: a habilidade cirúrgica de Arigó desafia qualquer explicação em bases científicas convencionais.*

"Tenha fé, Jesus vai curar você"

E tem mais, Câncer da garganta: fumo; câncer do pulmão: fumo; dilatação da aorta: fumo; mulher que envelhece antes do tempo: fumo. Mulher que fuma depois dos 40 vira homem!

Faz uma careta, um bico com os lábios e solta um som grosso:

—U-u-u-u!

As pessoas riem, êle também. Em seguida volta a ficar sério:

— Vamos rezar a oração que Jesus nos ensinou.

Todos se erguem, Arigó espalma as mãos para cima e fecha os olhos. Terminado o **Pai Nosso,** vira bruscamente as costas e entra numa sala, onde se fecha por dentro. As consultas vão começar. Orientados pelos auxiliares de Arigó, os doentes formam uma fila. Minutos após, êle abre a porta, com movimentos mais bruscos. Está mudado, a cabeça empinada, o olhar mais duro. Berra com forte sotaque alemão:

— Prronto! Vamos começarr! Parra frrente! Asch!

Entrego minha carta de recomendação a um dos auxiliares e fico esperando. O silêncio que se refizera na sala é cortado pela voz áspera de Arigó, atendendo o primeiro cliente. Há cartazes nas paredes: "Todos serão atendidos com igual solicitude. a) Os Espíritos e José Arigó." E outro: "Não será atendido hoje quem já bebeu qualquer bebida alcoólica. Vir amanhã, sem beber. a) Dr. Fritz." Tive tempo de pensar no que presenciara até ali: pregação de baixo nível cultural, que já ouvira em tôda parte e em tôdas as religiões, espiritualidade simplória, mistificação demagógica. O auxiliar vem e me pede para acompanhá-lo até Arigó, que me olha rápido e aponta uma cadeira a seu lado:

— Sente-se. Aqui tudo é feito às claras. Pergunte o que quiser. Quem recomenda o senhor é um grande amigo meu.

Recomeça a atender os clientes, o sotaque alemão volta. Arigó olha o doente no rosto ràpidamente e, mal êste passa a contar o que sente, escreve rabiscos ilegíveis num pedaço de papel qualquer. O homem continua falando, mas Arigó parece que não prestou atenção nenhuma. Interrompe-o estendendo-lhe o papel:

— Prronto. Tome isto.

— Vou ficar bom?

— Claro! Se não sarrar, pago a receita e a viagem. Outro!

O cliente está insatisfeito. Quer perguntar alguma coisa. Decide-se:

— Andam falando, dr. Fritz... Posso tomar ipê roxo?

Arigó quase se irrita, dirige-se a todos:

— Nada de ipê roxo! Saibam disso: ipê roxo é garrafada de macumba. Nada de ipê roxo nem água oxigenada. Asch! Prra frrente! Outrro!

Um auxiliar chega perto do cliente, que tinha ficado sem graça junto da porta, com a fôlha de papel na mão. Indica-lhe outro auxiliar — chamado **Prêto** — que "traduz" os garranchos de Arigó numa fôlha datilografada: a receita. Ainda um terceiro rapaz explica a ordem em que devem ser tomados os remédios.

As consultas não duram mais que 30 a 60 segundos, Arigó trabalha mais rápido que o datilógrafo. Não lhe digo que sou médico, mas apenas repórter. Quero guardar segrêdo até o fim. Saio da sala, vou à fila dos clientes já atendidos e converso com um dêles. Conta-me o que sente e mostra-me a receita datilografada: vejo que as indicações de Arigó estão corretas. Trata-se de remédios de ótima qualidade, lançamentos recentes de conceituados laboratórios.

Volto à sala de consultas, é pequena, apenas uma janela e a porta. Sôbre a mesinha de Arigó, há um Cristo colorido, ao lado alguns retratos: Allan Kardec, Chico Xavier, Bezerra de Meneses — teóricos e médiuns espíritas. Há cartazes aí também: "Concentre-se, ore e não preste atenção na consulta dos outros." A fila de doentes entra pela porta, dá volta por três paredes e termina diante da mesinha. Um auxiliar pede constantemente que os clientes fiquem bem próximos uns dos outros e que mantenham o braço esquerdo colado à parede. "É para formar a corrente espiritual", explica-me o rapaz.

A relação de Arigó com o cliente — ou com o espírito do cliente — deve ser direta. Por isso quem consulta é que deve segurar a receita. No entanto, muitos vêm pedir tratamento para pessoas ausentes. Êle só pergunta onde mora, a idade, e receita da mesma forma. O môço baiano que tem leucemia está falando nesse instante, mostra uns resultados de exame de sangue. Arigó escreve, o rapaz chora. Arigó pára de escrever e segura-lhe a mão:

— Tenha fé, meu filho. Crristo vai currar você. Olhe parra êle.

O môço tranqüiliza-se, olhando o rosto sereno de Jesus. Arigó despede-o:

— Tome a receita. Faça novos exames daqui a três meses e volte.

Arigó está suando. Uma mulher pára diante dêle, bem vestida. Antes que ela fale, Arigó — sem levantar os olhos — já vai dizendo:

— A senhorra fuma, um atrás do outrro! Também bebe!

— Sim.. eu... não consigo parar... o senhor podia...

— Não posso nada! É isso: bronquite, tosse, não é? Tudo fumo. Como é que eu sabia? Parre de fumarr e não beba.

— É difícil. Eu...

— Prrometa, olhando parra Jesus!

— Prometo...

— Está currada. Pode ir emborra.

As consultas se sucedem. O cego está diante de Arigó.

— Não posso fazer nada ainda.

— O senhor mandou voltar...

— Eu sei, mas não acabou o processo. Sua catarata está madura. Quando eu operrar vai enxergar como antes.

Arigó ergue-se e empurra a mesa com gestos teatrais, estudados. Encosta o velho na parede e apanha uma faca comum, pontiaguda e afiada:

— Abra os olhos.

Com um gesto brusco, enterra a faca num dos olhos do cego. Mulheres cobrem o rosto, alguém grita. Levo um choque. Vou observar de perto: a faca entrou entre o globo ocular e a pálpebra do homem. Incrível que não haja ofendido o ôlho.

SEGUE

"Os médicos estão certos, é preciso amputar a perna"

Arigó volta-se para mim, dando as costas ao cliente, e move a faca lá dentro do ôlho. Ouço o roçar da lâmina nos tecidos e no osso. Arigó olha o Cristo na fotografia:

— Não querro sangue, Jesus!

O cliente está sereno, confiante. Arigó pede que eu segure a faca:

— Pode mexer à vontade, com fôrça.

Não posso, estou em pânico, minha mão treme, vou soltar a faca. Arigó percebe e põe sua mão sôbre a minha, obrigando-me a executar os movimentos. É terrível, desagradável. Êle pergunta ao velho:

— Está doendo, meu filho?

— Não. Sinto a faca, dor não.

Retiro a mão, descontrolado, mas ainda não é tudo: num golpe mais forte, Arigó obriga o globo ocular do homem a sair fora da órbita com imensa perícia. Poucos ali conseguem continuar olhando o que êle faz. Uma mulher desfalece, o pânico agora é geral. Êle percebe: agarra o homem pelo pescoço, vira seu rosto para todos e berra, sem retirar a faca:

— Olhem! Olhem! Por que ter mêdo? É preciso ter fé, gente. Olhem, que vou mostrar como o ôlho dêle está infeccionado. Olhem!

Retira então a faca e mostra-lhes a ponta molhada de secreções. Mas não há uma gôta de sangue. Limpa a faca na própria camisa e vai sentar-se. Examino o ôlho do velho. Correm lágrimas, apenas.

— Sente-se bem, não dói? — pergunto.

— Não, nada.

Arigó vira-se para mim:

— Você viu: não dói, nem sangra. Mas cuidado! Isso é exame apenas. Não estou operrando. Não vá usarr sua reportagem contrra o Arrigó! Vou trratar da infecção dêle e daqui a dois meses já posso operrar.

Saio da sala muito perturbado, mas logo começo a ficar mais calmo: um assistente está pingando colírio nos olhos do cego e aplicando uma pomada antibiótica. O bispo ainda está por ali. Dá algumas bênçãos e recebe beijos no anel. Só então acho estranho vê-lo ali. Lembro-me que foram alguns padres católicos de Congonhas que iniciaram a campanha contra as operações de Arigó. Fico irritado com os modos subservientes do bispo. Êle próprio ajuda os auxiliares de Arigó, dizendo aos doentes:

— Encostem-se na parede, para não cortar a corrente.

Da sala de consulta vêm sons de um coral, bem baixinho. Alguém ligou a vitrola. Depois da música, uma voz suave começa a contar passagens dos milagres de Cristo, tendo por fundo a Ave Maria, de Gounod. Percebo que todos se contagiam pelas músicas e orações. Alguns olham para cima, outros para baixo, fixamente. Há lábios balbuciando rezas. Chega a vez do prefeito. O filho, com a perna condenada, ficou lá fora, no carro. Arigó ouve a história e contrai o rosto:

— Meu irmão, os médicos estão certos. É preciso amputar a perrna.

O homem leva as mãos ao rosto, seus olhos se enchem de lágrimas.

— Pensei que o senhor...

— Não posso fazer mais nada, é tarde. Se não operrar logo, pode morrer. Vou rezar parra que tudo corra bem e seu filho seja feliz, sempre.

— O senhor não quer vê-lo, ao menos?

— Não precisa. Tenha fé, meu filho.

O homem vai saindo e Arigó aperta sua mão, largada ao longo do corpo. Os dois homens se olham. Arigó se esforça e consegue sorrir. O outro sai. Depois de um curto silêncio, Arigó me diz, com os olhos baixos:

— Arrigó tem cinco filhos... Outrro! Depressa!

Todos estão comovidos. Mulheres choram, um rapazinho de 15 anos, de pés descalços, vira o rosto contra a parede. Saio para a rua.

"Eu e minha mulher nos gostamos muito"

Ao lado do centro espírita fica o Hotel Freitas, de um irmão de Arigó. Hospeda quase todos que vêm em busca de cura. À esquerda da entrada do hotel uma pequena loja vende jornais, lembranças de Congonhas e bilhetes de loteria. Sôbre a banca de jornais, há gaiolas com sabiás, miniaturas das estátuas de Aleijadinho e cabeças de Arigó em louça.

Nas ruas pecebe-se que se misturam duas vidas: a dos que vivem ali e a dos que vêm atrás de milagres. A cidade está acostumada com os romeiros, não só os que procuram Arigó, mas também os que vêm todos os anos, no mês de setembro, para as festas de São Bom Jesus do Matosinho, que a Igreja realiza. Nessas festividades religiosas, a cidadezinha de 12 mil habitantes hospeda centenas de milhares de peregrinos que vêm pagar promessas ou pedir um milagre a São Bom Jesus de Matosinho. É uma tradição de dois séculos. No mês de setembro de 1765, morria em Congonhas um cidadão português de nome Feliciano Mendes, chamado **O Ermitão.** Sua vida e obra foram consideradas um milagre: muito doente, em 1757, êle pedira ao Senhor Bom Jesus que o salvasse, para dedicar o resto de seus dias à construção de uma cidade. Em 1796, quando a igreja ficou pronta, acontecia outro milagre em Congonhas: um mulato, com as mãos mutiladas por estranha doença, transformava-se num dos maiores artistas do barroco, esculpindo com cinzéis e formões amarrados aos punhos. Seu nome era Antônio Francisco Lisboa: o Aleijadinho.

Os padres, donos da rádio Congonhas, são amigos de Arigó e acham que alguns de seus feitos não podem ser negados sem maiores estudos. Arigó também os respeita e os procura freqüentemente. Foi através dos padres que pude entender a presença daquele bispo no centro espírita.

O próprio Arigó o levou no outro dia até a rádio. Depois de perceber várias contradições no que informava sôbre sua carreira religiosa, os padres acabaram descobrindo que se tratava de José Vieira de Melo e Silva, sagrado bispo por uma organização de católicos, mas civil: Missionários de Jesus. O mais grave, porém, era que o **bispo** estava pedindo doações para uma obra assistencial que dizia possuir no Estado do Rio. Depois de colhêr outras informações, a rádio Congonhas divulgou um comunicado esclarecendo à população que "não é bispo da Igreja Apostólica Romana o senhor José Vieira de Melo e Silva". Mas não fêz qualquer referência à sua presença no centro espírita de Arigó.

Os médicos de Congonhas perderam muitos clientes. Mas só um dêles depôs contra Arigó. Dos outros, alguns são mesmo amigos. Os comerciantes se beneficiam com o fenômeno. Quando Arigó estêve prêso, por exemplo, a companhia de ônibus que liga a cidade a Belo Horizonte reduziu suas cinco viagens diárias para uma apenas.

No terceiro dia em Congonhas, Arigó me convida para almoçar em sua casa. Encontramo-nos no fim da manhã em frente de sua perua Chevrolet cinza, último tipo. No dia anterior tinha havido um atrito entre o presidente do centro, Orlandino Ferreira, e alguns de seus auxiliares. No caminho passamos pela casa de Orlandino, que também é convidado para o almôço. Quando vamos chegando, percebo que a casa de Arigó é grande, confortável. Comento que o julgava um homem pobre:

— Ainda tenho dois sítios, você vai conhecer — responde êle.

Continuo provocando:

— Mas se não cobra as consultas e só tem o emprêgo no IAPETC...

Já estamos saindo do carro, êle vai andando na minha frente, agitado, explicando que há alguns anos se dedicou ao ramo de imóveis. Diz que faz ótimos negócios e não nega que deve muito à fama:

— Preciso ganhar bem, meus filhos estudam em Belo Horizonte.

Pára antes de entrar em casa, olha em redor:

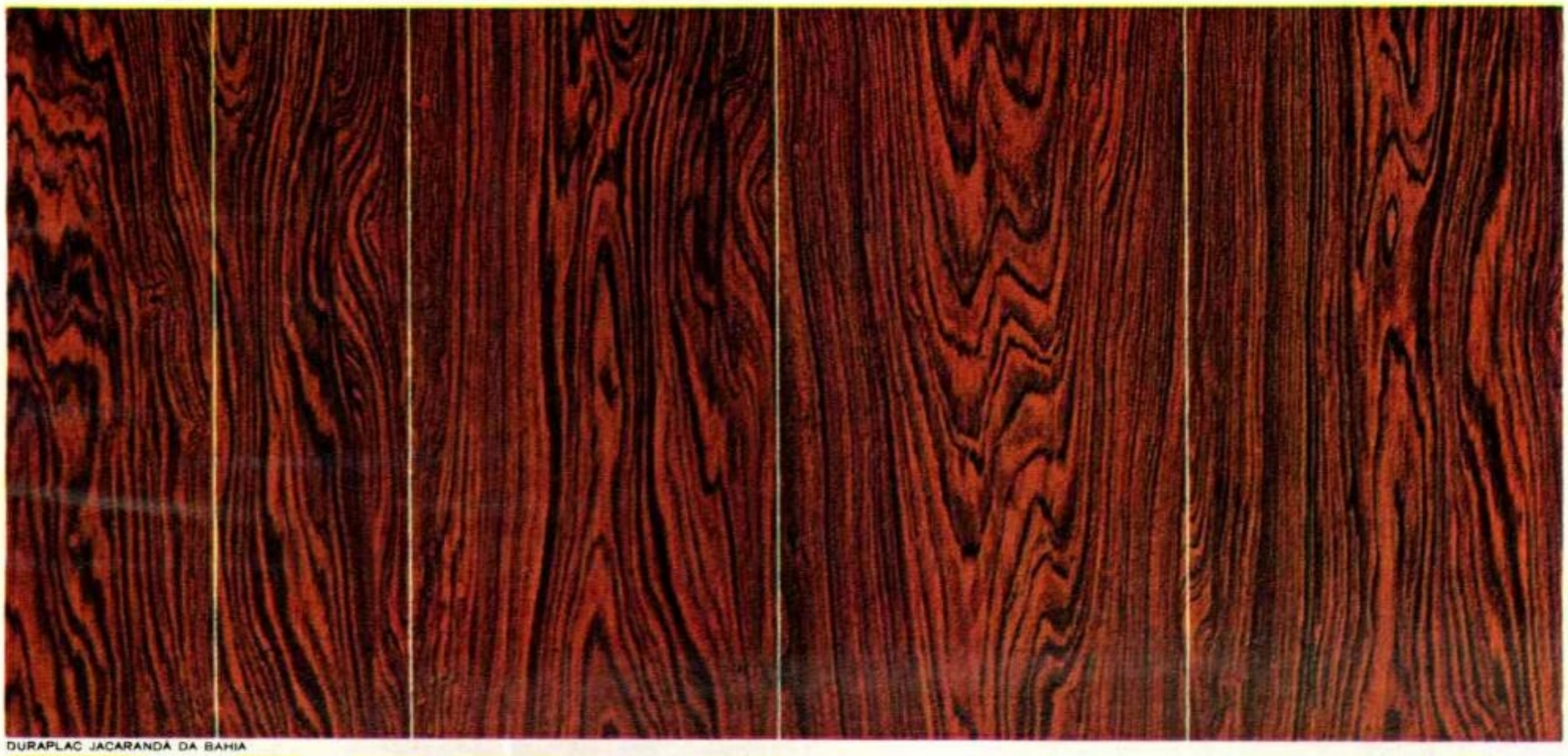
— Congonhas está cercada de propriedades de minha família: fazendas enormes. Lá minha tia; lá meu pai; lá meu irmão. Êles são ricos. Eu não.

Noto que as perseguições e acusações o marcaram: êle assume sempre atitudes de defesa e constantemente desafia as pessoas a explicarem seus poderes de médium. SEGUE

a melhor divisão

DURAPLAC CAVIÚNA E DURAPLAC AREIA

o melhor lambris



DURAPLAC JACARANDÁ DA BAHIA

DURAPLAC

orgulho e produto da **DURATEX** S.A.

Esta é a verdadeira caneta-cápsula: Parker 45. Dispensa o tinteiro.

Há canetas parecidas por aí. Eis as diferenças:

Comece comparando a cápsula PARKER com os cartuchos das canetas que adotaram nossa idéia. Nenhum dêles tem mais tinta. Faça você mesmo a experiência. Veja em seguida o acabamento, o funcionamento. E a variedade de côres, a beleza dos modelos. Em tudo, você nota diferenças, que fazem da PARKER a caneta mais desejada do mundo. A menor diferença está no preço... Enfim, a PARKER 45 é uma PARKER. A caneta que se compra para tôda a vida.

PS. SÓ A PARKER 45, a caneta-cápsula, pode ser usada também como caneta-tinteiro tradicional.
Nenhuma caneta de cartucho dá a você essa escolha.

PARKER
faz as canetas mais desejadas do mundo.

"Atendi mais de dois milhões e ninguém se queixou"

Entramos os três na sala de sua casa. Uma mulher de **boby** na cabeça, um lenço por cima, nos recebe. Arigó a abraça:

— Apresento-lhes minha irmã mais velha...

É dona Arlete, sua mulher, que ri da brincadeira. Arigó fala como se fôsse para ela:

— Também me acusam de ser infiel. Coisa que só interessa a ela.

Dona Arlete olha-me séria e fala mansamente:

— José é um homem de família, e bom. Deus sabe o que êle faz.

A mulher vai para a cozinha terminar o almôço. Volto às perguntas:

— E o hotel de seu irmão, Arigó? Dizem que vocês são sócios e que você só atende quem se hospeda lá...

Está de pé outra vez, gesticulando:

— Antes eu só atendia em casa. Uma das reclamações contra mim era que os doentes contaminavam as pensões e hotéis de tôda a cidade. Quando fiquei prêso, meu irmão Válter construiu o hotel. Não recomendo coisa nenhuma! O senhor viu: durante as consultas só peço que tenham fé, rezem e tomem os remédios. Provem que somos sócios, examinem minha conta nos bancos. Deus não me ajudaria nas curas se eu fôsse desonesto.

O almôço é servido. Há tutu de feijão, carne e frango. Arigó ataca o prato com grande apetite. Comenta que só faz aquela refeição por dia e já que trabalha muito precisa alimentar-se bem. No entanto, peço-lhe que conte como descobriu que tinha o poder de curar, e êle fala uma hora sem parar, já estou na sobremesa e seu prato ficou intacto.

Arigó foi criado na fazenda dos pais, onde cursou até o terceiro ano primário. Trabalhava na roça ou cuidava dos animais. "Coisas estranhas" começaram a acontecer em sua vida muito cedo. Uma voz mansa o orientava ao procurar reses desgarradas, ou quando fazia coisas erradas.

— Contava aos mais velhos, diziam que eu estava bestando. Mas eu obedecia à voz. E nas poucas vêzes que desobedeci entrei bem.

Já rapazinho, morando em Belo Horizonte, trabalhava num escritório. Um sábado, programou "umas malandragens" com os amigos. À tardinha, antes de sair do prédio, foi ao mictório. Quando percebeu, a porta fechou-se e não havia trinco por dentro. Gritou, chutou a porta, mas ninguém o ouviu. Ficou trancado até segunda-feira.

— Quando voltei ao meu quarto, a voz me perguntou se tinha me divertido muito no sábado. Nunca mais me meti em farras. Casei virgem, não porque quisesse, mas porque os espíritos não me deixavam em paz.

A família sempre foi católica. Nunca entendeu de espiritismo. Mas, um pouco antes do casamento, coisas mais estranhas aconteceram. Estava deitado no quarto, olhando para o teto. Viu aparecer uma fumaça e ouviu uma voz diferente — ríspida, autoritária, ininteligível.

— Fugi daquilo durante meses. Tive mêdo de ficar louco. Então resolvi casar. Arlete é minha prima, nos gostamos muito.

As visões não pararam depois do casamento. Resolveu enfrentá-las: e viu, no meio da fumaça, um rosto enorme, vermelho, sem cabelos, falando aquelas coisas que êle não entendia. Em pânico, correu para a rua, onde a mulher o alcançou, no meio do povo espantado: estava só de cuecas. Perdeu a paz. Emagreceu 30 quilos, foi ao médico: nada de anormal, a não ser as alucinações. Mas depois da consulta começou a melhorar. Foi então que começou a coisa mais estranha:

— Eu ia visitar um amigo doente, no outro dia êle melhorava. A notícia correu, o povo começou a me chamar de todo lado. O pior é que, depois das visitas, vinham me contar que eu fazia coisas que não me lembrava de ter feito — curativos, exames e até operações com faca de mesa. Diziam também que eu falava uma língua estrangeira. Um dia, então, de dentro da fumaça, a cara vermelha falou comigo em português, com sotaque alemão: era o doutor Adolf Fritz.

Doutor Fritz. O guia espiritual de Arigó. Trata-se de um médico alemão que estudou na Polônia e morreu na primeira Guerra Mundial. É êle quem cura, opera e receita "pelas mãos de Arigó". O fenômeno é chamado pelos espíritas de **incorporação.** Incorporação do espírito do médico alemão no corpo do médium José Pedro de Freitas. No comêço, a transformação de Arigó em doutor Fritz era penosa. Hoje, ao entrar na sala de consultas, sòzinho, êle ora e em seguida sente um formigamento dos pés à cabeça e já sabe que incorporou o espírito. No fim das sessões, o fenômeno acontece em sentido inverso.

Arigó pára de falar e começa a comer. Espero que termine e descanse um pouco para fazer a pergunta que venho preparando desde a manhã:

— Arigó, dizem que você recebe dinheiro dos laboratórios farmacêuticos para receitar seus produtos...

Êle se levanta imediatamente e anda pela sala, fazendo gestos como se estivesse numa de suas pregações:

— Sim, dizem. Isso consta do processo. Mas não há provas. O doutor Fritz indica remédios de todos os laboratórios...

— Mas receita uns produtos mais do que outros — insisto.

— Depende do caso e do doutor Fritz. Cada dois ou três meses êle modifica completamente o receituário. O que êle quer é curar. Agora, eu pergunto: por que só eu? Por que não investigam todos — os médicos, os outros centros espíritas, as farmácias? Por que só o Zé Arigó?

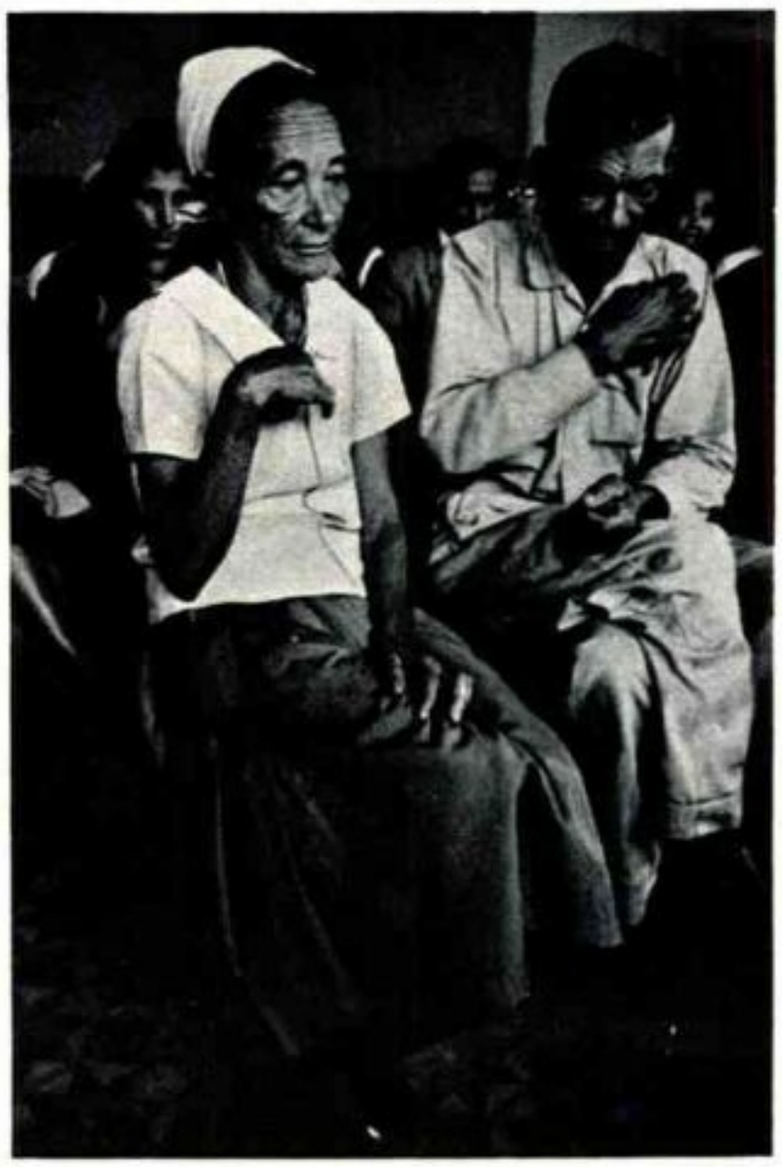
Acalma-se um pouco, fala mais baixo:

— Já atendi mais de dois milhões de pessoas, nunca ninguém se queixou. Não agüento mais perseguições sem provas!

Consulta o relógio. Está na hora de voltar para as consultas. Quando me despeço de dona Arlete, êle brinca outra vez:

— Gostou de minha mãe?

Ela sorri. Arigó promete a Orlandino que conversará mais tarde sôbre o centro e entra no carro. Saio pela cidade com Orlandino, o



"Tenham fé, rezem e tomem os remédios."

presidente do centro espírita de Congonhas. Êle me explica os fenômenos de Arigó sob o ponto de vista do espiritismo. Eu já havia notado que o médium Arigó vive muito a formação católica que teve. Não conhece os estudos religiosos e científicos do espiritismo e apenas repete e aceita explicações dos amigos do centro. O fenômeno que êle mais cita é reincarnação, para explicar as doenças e misérias humanas.

Orlandino mostra uma casa em ruínas, perto do Hotel Freitas:

— Aqui, fazendo experiências de materialização, certa vez o doutor Fritz apareceu para nós e explicou muitas coisas. A gente podia até tocar nêle. Voltou mais vêzes. Tinha dia que até deixava seu avental materializado, quando partia. Passou 16 anos preparando Arigó e nos informou que não teria feito isso se êle fôsse desonesto.

Antes de descobrir Arigó, tentou preparar um médium da Bahia, mas desistiu porque percebeu que o homem ia usar os poderes em seu próprio benefício.

Estamos diante da banca onde há cabeças de Arigó, em louça, ao lado de miniaturas dos profetas de Aleijadinho. Lembro-me de um cartaz que vira na sala de espera do centro: "Profeta era o antigo nome dos médiuns." Ligo com algo que já li: as relações que tanto Arigó como o doutor Fritz fazem entre suas obras e as do mestre Aleijadinho. Orlandino confirma: certa vez, Fritz teria dito numa sessão: "Se estou aqui, a culpa é do Aleijadinho."

Mas as relações de Arigó com o mundo dos espíritos é mais complexa do que se pensa, explica Orlandino.

SEGUE

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Sua família gosta de viajar sem ficar longe de casa?

Muito justo.

Afinal, se o mundo progrediu tanto nestes últimos anos, por que não levar êsse progresso a tôda parte que a gente vai?

Se já existem geladeiras portáteis, por que não levar uma para a excursão?

Idem, vitrola de pilha e uma pilha de discos.

Idem, espreguiçadeiras desmontáveis.

Idem, idem, idem.

Com uma Kombi Luxo Volkswagen v. pode levar todos aquêles "idens" que tornam um passeio mais agradável.

Ela tem 3 grandes bancos que convidam para se ficar bem à vontade.

Na verdade, a Kombi VW tem 4 bancos, pois o da frente foi dividido em duas partes: uma delas só para quem dirige, com assento regulável em várias posições.

E se v. quiser aumentar o já amplo espaço para bagagem, retire um dos bancos traseiros.

É coisa de minutos, pois basta tirar quatro parafusos-borboletas.

Além de levar tôda a família e as coisas que v. mais gosta em sua casa, a Kombi VW tem mais 15 vantagens extras: suas janelas, por onde vão passando grandes áreas verdes, bois, cavalos, rios, lagos, e tôda uma aula viva de geografia.

Ou será que das janelas de sua casa seus filhos podem ver tudo isso?

"Na Argentina me adoram, vou embora, o povo perde"

Além de Fritz, outros espíritos foram aparecendo: Aleijadinho; Frei Fabiano de Cristo, do convento de Santo Antônio, no Rio, morto em 1947 — é o enfermeiro; dr. Katarashi, ginecologista japonês; dr. Gilbert Pierre, oftalmologista francês; Papudo, comandante de um exército de pigmeus africanos, que guarda a sala de operações, cercando o centro com "poderosas corrente magnéticas". Há ainda outros médicos e, finalmente, Allan Kardec, que orienta e esclarece os fenômenos. O desejo de todos êstes espíritos é curar o próximo, conservando Deus no comando supremo de suas ações na terra e Jesus na chefia dos trabalhos.

Orlandino conta que frei Fabiano, o enfermeiro, seria o responsável pela assepsia e anestesia geral dos pacientes. Conta que as feridas abertas por Arigó cicatrizam imediatamente: basta que êle junte as duas partes da abertura. Outras vêzes, frei Fabiano faz descer sôbre o ambiente um jôrro de luz verde, que anestesia o paciente. Nessas condições Arigó ergue um algodão sêco no ar e êle logo se embebe de um líquido, que é aplicado no corte: a cicatrização ocorre logo, da mesma forma.

Muitos livros e centenas de reportagens foram escritos sôbre Arigó. O assunto pode ser encarado pelo lado religioso (espiritismo) ou científico (parapsicologia). Há também quem não acredite em nada e o considere um charlatão que abusa da crendice do povo. Mas tôdas as posições a respeito de Arigó são incômodas. Aos espíritas pode-se alegar que êle cura com remédios e operações, e que em casos irremediáveis êle se recusa a mexer (o menino com gangrena, por exemplo). Aos descrentes, pode-se informar que médicos nacionais e estrangeiros — embora assistemàticamente — já atestaram que êle realmente cura e opera. Aos parapsicólogos pode-se contrapor que a parapsicologia é uma ciência engatinhando, que ainda não atingiu o fundo dos fenômenos ditos **paranormais** (possíveis, mas não comuns, nem explicáveis lògicamente porque o conhecimento humano ainda não pôde chegar lá).

Entre os estrangeiros que viram Arigó trabalhar **incorporado** por doutor Fritz estão o médico e parapsicólogo norte-americano Andrija Puharich, o psiquiatra Robert Laidlaw, diretor do hospital Roosevelt, de Nova Iorque, e os parapsicólogos argentinos José Fernandez e Alexandre Eru. Todos concordaram que o fenômeno Arigó exige investigações que poderão levar as pesquisas científicas a novos rumos e que a parapsicologia ainda é insuficiente para explicá-lo.

Puharich foi mais longe: deixou Arigó operá-lo de um tumor no braço. A operação, bem como outros trabalhos filmados em Congonhas, foi exibida para cientistas e professôres na Princeton University e na sede da American Society for Psychic Research, em 1965. Após assistir aos filmes, o professor Robert Laidlaw escreveu:

"Impressionaram-me os seguintes aspectos: quando Arigó opera, sua expressão facial é suave, como em transe; notei alta eficiência técnica e movimentos precisos com a faca, enfiada entre o globo ocular e a pálpebra superior do paciente; todos os pacientes submetem-se às operações sem nenhuma desconfiança ou tensão muscular; observei pouquíssima hemorragia; na operação do tumor, vê-se que os tecidos dos dois lados do corte logo se aproximam, sem o uso de pontos; a habilidade cirúrgica de um homem que não teve educação científica ou médica é um fenômeno que desafia qualquer explicação nas bases científicas convencionais. Esperamos que o sr. Arigó nos forneça outros filmes e expressamo-lhe nossa apreciação pela notável contribuição que traz a nossos estudos."

Êstes mesmos filmes foram mostrados a Arigó, que desmaiou durante a projeção e, ao voltar a si, negou-se a continuar assistindo.

— É horrível — comentou, deixando aflito a sala.

No último dia, à tarde, Arigó me levou para ver um de seus dois sítios. Pergunto-lhe se gosta de futebol. Não, não gosta. Além de curar, gosta apenas da família, dos **arigós** simples como êle, de música antiga e de rosas. Tem seis mil roseiras plantadas ali. Êle mesmo cuida, poda, enxerta — vejo que obteve rosas azuis.

Falo do processo contra êle na justiça:

— Do primeiro me livrei por indulto de Juscelino em 58. Devo-lhe muito, é um amigo de verdade.

Dizem que Arigó tratou e curou um parente do ex-presidente. Num dos dias em que estive em Congonhas, Arigó foi receber Juscelino em Belo Horizonte. No dia seguinte, um jornal publicou a foto de Arigó beijando-lhe a mão. Comento isto, êle responde sério:

— Devo minha liberdade àquela mão que assinou o indulto.

Mas Arigó beijou a mão do juiz que o condenou. Na ocasião, seu comentário foi êste: "O juiz cumpriu com seu dever, assim como cumpro o meu, servindo a Deus nas operações."

— Na segunda condenação, em 1964, não aceitei indulto: não pratiquei crime nenhum, a justiça precisa reconhecer minha inocência.

Agora seu processo está no fim. O próprio promotor é a favor de Arigó. Lembro-lhe que podem vir novos processos. Êle se agita:

— Na Argentina, me adoram. Vou-me embora, provo tudo nos Estados Unidos, ou na Inglaterra. Com que cara ficam os brasileiros? Que venham médicos e cientistas do Brasil, do mundo inteiro. Submeto-me a qualquer exame, mostro o que faço. Depois discutam e decidam. Mas não me prendam mais sem provas. O povo é quem perde.

Poda com a mão algumas roseiras. Está nervoso.

— Você pensa que gosto de tratar de doenças que os médicos curam? Atendo porque não têm dinheiro para médico e hospital.

Eu tinha ficado sabendo que Arigó mantém uma casa com 40 camas para romeiros que não podem pagar hotel. Mas suas receitas são caras. Digo-lhe isto, êle se desculpa:

— Que posso fazer, se os remédios são caros? Às vêzes consigo com médicos amigos algumas amostras grátis. Outras vêzes até pago receitas.

Anoitecia quando voltamos para a cidade. Arigó ia me contando o que tinha acontecido na madrugada daquele dia: um encontro com leprosos num lugar escondido, à entrada da cidade. Um acontecimento comum: leprosos de vários Estados fogem dos hospitais, fretam caminhões e vão a Congonhas, guiados por outros leprosos já curados por Arigó, atrás da última esperança — o milagre.

Eram três horas da madrugada quando êles o acordaram pelo telefone, marcando o local do encontro. Arigó vestiu-se e foi correndo em sua perua Chevrolet. Estava escuro, mas de longe pôde ver o clarão das velas. Eram uns trinta, homens e mulheres, escondidos atrás do caminhão parado à margem da estrada. Quando Arigó chegou, cercaram-no comovidos, muitos o abraçaram. Depois sentaram-se em fila no chão, as velas de cada um acesas ao lado de garrafas d'água.

Enquanto conversava com êles, Arigó ia-lhes aplicando água nos rostos, nas mãos, nas pernas, nos pés. Todos rezavam seguidos Pai Nossos. De repente — conta Arigó — a água das garrafas começou a borbulhar. Cheios de fé, os leprosos voltaram às orações com mais vigor. Era quase de manhã quando cuidou do último doente. Entrou no carro e deu partida: chorando durante todo o trajeto para casa.

Peço a Arigó que me deixe diante do hotel, e só então lhe digo que sou médico. Êle apenas sorri, não diz nada. Nos olhos há um brilho de confiança. Pousa a mão em meu ombro, está sério agora:

— Você é católico?

— Sou — respondi.

— Bem, nosso Cristo é o mesmo. O resto não tem importância. FIM

"Curo de graça: o povo não pode pagar."

Uma jóia para o seu carro

agora no Brasil

O toca-fitas
(Importado)

STEREO UNIVERSAL

Modernissimo, o toca-fitas Stereo Universal importado, adapta-se ao seu carro para que você ouça apenas as músicas de sua real preferência. Tão simples quanto ligar o farol... basta colocar o cartucho e você terá em seu carro, em reprodução estereofônica da mais alta qualidade, a música que você quer ouvir.

Eis algumas das vantagens do STEREO UNIVERSAL:

Reprodução Perfeita: Curvas fechadas ou estradas esburacadas não afetam o som.

Repertório: Os cartuchos usados são de quatro canais, o sistema mais aceito no Brasil e Estados Unidos.

Alto-falantes: Já estão incluídos no preço 2 alto-falantes da mais alta qualidade.

Garantia: Êste aparelho é garantido por 90 dias. No ato da entrega faremos uma demonstração ao vivo do aparelho.

Economia de NCr$ 60,00: O Stereo Universal é o único aparelho que não exige transformador de voltagem. (Valor de um transformador NCr$ 60,00)

Boa música a tôda hora: Êste toca-fitas pode ser fàcilmente adaptado para uso em casa.

Compacto
Mede 15 cm de largura por 12,5 cm de altura.

Fácil Manejo
Basta inserir o cartucho (com o mesmo gesto que você aperta o acendedor de cigarro) e pronto!

Duração
Cada cartucho tem a mesma duração de 1 LP de 12 polegadas.

Oferta especial:

O melhor repertório ao menor preço! Escolha os cartuchos que deseja adquirir - anotando os números que os identificam no cartão de pedido: (esta é uma oferta especial válida apenas para os compradores do toca-fitas) Todos os cartuchos desta oferta são estereofônicos.

Êstes são apenas alguns dos cartuchos de nosso estoque. Brevemente estaremos lançando outras gravações.

Cartuchos de NCr$ 13,23

(1) **THE LATIN ALBUM**
Trini Lopez
Perfidia • Besame Mucho • Angelito • La Malaguena • Adelita • Piel Canela.
Cu Cu Ru Cu Cu, Paloma • Quizas Quizas Quizas • El Reloj • Chamaika • Quando Calienta el Sol.

(2) **BOOTS - Nancy Sinatra**
As Tears Go By • Day Tripper • Move • It Ain't Me Babe • These Boots Are Made For Walkin'.
In My Room • Lies • So Long, Babe • Flowers on The Wall • It Hold Love Me • Run For Your Life.

(3) **TRINI - Trini Lopez**
I'm Comin' Home • Cindy Fly Me to the Moon • The Shadow Tune • I Will Wait For You • The 32nd of May • Baby, the Rain Must Fall • Yesterday • If You Were Me • One of Those Songs • Call Me Trini's Trini • I'm Gonna Be a Wheel.

(4) **STRANGERS IN THE NIGHT**
Frank Sinatra
Strangers In the Night • Summer Wind • All or Nothing at All • Call me • You're Driving me Crazy I • On a Clear Day • My Baby Just Cares for Me • Downtown • Yes Sir, That's My Baby • The Most Beautiful Girl in the World.

(5) **MICHELLE - Billy Vaughn**
Michelle • I Will • Elaine • Organ Griner's Swing • Chine Chin Chinee.
Mexican Shuffle • I Could Have Danced All Night • Watermellon Man • See See Rider • In The Chapel In the Moonlight • Bluebird of Happiness.

(6) **IF YOU CAN BELIEVE YOUR EYES AND EARS - The Mammas and the Papas**
Monday, Monday • Straight Shooter • Got a Feelin • I Call Your Name • Do You Wanna Dance • Go Where You Wanna Go • California Dreamin • Spanish Harlem • Somebody Groovy • Hey Girl • You Baby • In Crowd.

(7) **SEE WHAT TOMORROW BRINGS - Peter, Paul and Mary**
If I Were Free • Betty & Duprae • The Rising of the Moon • Early Mornin Rain • Jane, Jane • Because All Men Are Brothers.
Hangman • Brother (Buddy) Can You Spare a Dime? • The First Time Ever I Saw Your Face • Tryn'to Win • In a Desert Island (With You In My Dreams) • The Last Thing on My Mind.

(8) **THE ASTRUO GILBERTO ALBUM**
Once I Loved • Água de Beber • Meditation • And Roses And Roses • O Morro (Não tem vez) • How Insensitive.
Dindi • Photograph • Dreamer • Só Tinha de Ser Você • All That's Left Is to Say Good Bye.

Cartuchos de NCr$ 21,85

(9) **GUANTANAMERA**
The Sandpipers
Guantanamera • Strangers In the Night • Carmen • Cast Your Fate To The Wind • La Bamba • La Mer. Louie, Louie • Things We Said Today • Enamorado • What Makes You Dream, Pretty Girl? • Angelica.

(10) **SOUTH OF THE BORDER**
Tijuana Brass
South of the Border • The Girl From Ipanema • Hello Dolly! • I've Grown Accustomed to Her Face • Up Cherry Street • Mexican Stuffle.
El Presidente • All My Loving • Angelita • Amor y Dinero • Numero Cinco • Adios Mi Corazon.

(11) **SERGIO MENDES - BRASIL 66**
The Joker • Mas que Nada • One Note Samba • Going out of My Head • Din, Don, Don • Day Tripper • Água de Beber • Slow Hot Wind • O Pato • Berimbau.

(12) **THE MORE I SEE YOU**
Chris Montez
The More I See You • The Shadow of Your Smile • Call Me • Fly Me to the Moon • The Very Thouget of You • One Note Samba • There Will Never be Another You • Day by Day • How High the Moon • Hey Baby • You I Love You • Little White Lies.

IMP.: Se você não é morador do Rio ou de S. Paulo (capital) mas deseja adquirir o toca-fitas, basta dirigir-se à Rua Teodoro da Silva, 907, Rio - GB ou à Rua Maranhão, 620 - 12.º andar São Paulo (capital) onde poderá aproveitar os seguintes preços: NCr$ 410,00 contra entrega ou entrada de NCr$ 99,00 e mais 4 prestações de NCr$ 89,00.

Preencha hoje mesmo o cupom ao lado e envie-o a Seleções do Reader's Digest. Rua Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro, GB

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST
Rua Teodoro da Silva, 907 - Rio, GB

Queiram enviar-me o toca-fitas (c/2 alto-falantes) "Stereo Universal" pelo qual pagarei apenas

☐ **NCr$ 410,00 contra entrega**

☐ **ou entrada de NCr$ 99,00 e 4 prestações de NCr$ 89,00**

(Favor marcar o quadrado acima indicando qual a modalidade de pagamento que prefere)

Quero o toca-fitas para carro de

☐ **6 volts** ☐ **12 volts**

Se desejar comprar cartuchos de fita escreva aqui o número correspondente ao (s) de sua escolha.

___/___/___/___/___/___/___/___/___/___/___/___

(Veja nesta página o repertório e o número que identifica o cartucho)

NOME _____

ENDEREÇO _____ ZC _____

CIDADE _____ ESTADO _____

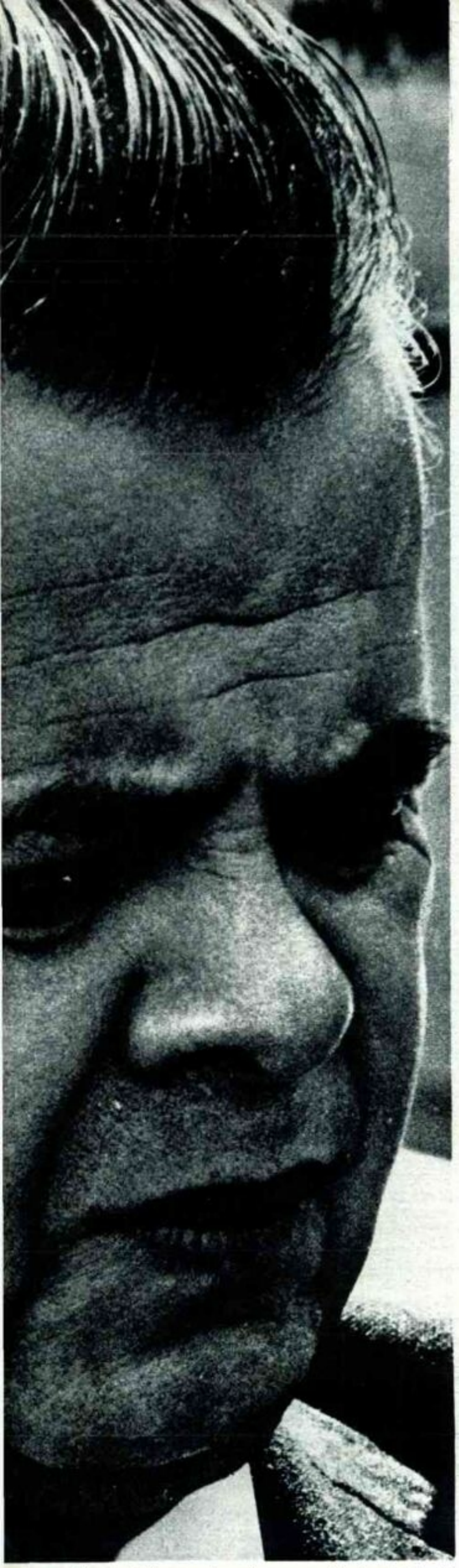
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

ATENÇÃO: Esta oferta é válida apenas para os moradores das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo (capital).

ESTA CIDADE NÃO PAROU PARA PENSAR

Texto de Carlos Azevedo
Fotos de Luigi Mamprin

São Paulo - como dezenas de outras metrópoles no Brasil e no mundo - cresceu demais. E tão depressa, que não teve tempo de organizar seu crescimento. Por isso, os homens que vivem na cidade grande tropeçam uns nos outros, moram apertados, respiram a fumaça das fábricas, suas crianças não têm praças nem jardins para brincar, os carros não andam. Embaixo da terra, as coisas andam tão mal como em cima. Canos de esgôto e gás se misturam com os condutos de eletricidade e telefone, a água de beber é poluída. Pensando em resolver os problemas de milhões e milhões de pessoas que vivem no meio desta confusão, há um homem que precisa trabalhar muitas horas por dia: o prefeito da cidade grande.



Faria Lima enfrenta uma cidade cheia de problemas, que não se preparou para crescer.

Uma capital grande demais

SÃO PAULO
CONTINUAÇÃO

Há em São Paulo um homem preocupado em recuperar o tempo que a cidade perdeu. Precisa trabalhar muito e freqüentemente começa o dia às cinco da manhã. É o senhor prefeito, um homem carrancudo que acorda os auxiliares pelo telefone e vai logo ao assunto:

— Meiches, você já verificou por que a pavimentação da Alcântara Machado está atrasada?

Do outro lado da linha a voz mal-dormida do secretário de Obras responde:

— Mas o senhor só me falou nisso ontem às nove da noite...

Nova ligação:

— Jair, o que dizem os jornais sôbre a CMTC hoje?

Jair Monteiro, assessor de assuntos complicados, responde meio sonolento.

— Os jornais ainda não chegaram em casa, brigadeiro.

— Você precisa ler jornal, homem.

O assessor fica calado. Magoou-se, mas o prefeito nem percebeu.

O sol ainda não apareceu e a equipe que comanda a Prefeitura já começa a trabalhar: o prefeito quer saber uma porção de coisas nos próximos 15 minutos. Acordados, os auxiliares do prefeito podem ouvir um longínquo zumbido: são milhares de ônibus, caminhões, automóveis, trens — o barulho de um milhão e 300 mil trabalhadores viajando, muitas vêzes, duas horas até chegar ao lugar de trabalho, que pode estar a 50 quilômetros de sua casa.

A maioria dêles conhece pouco mais que o bairro onde mora. Apenas sabe que envôlta nessa neblina suja, mistura de fumaça com orvalho, está uma grande metrópole. Ela sempre se chamou São Paulo, mas hoje ninguém sabe até onde êste nome pede ser aplicado. A cidade estendeu-se sôbre 27 municípios vizinhos, transformou tôda uma área de 8.500 quilômetro quadrados num só aglomerado, em que sete milhões de pessoas vivem amontoadas desordenadamente: é a Grande São Paulo, como a chamam os técnicos atualmente.

Nessa metrópole os veículos não têm por onde circular. Aumentando sempre em número, arrastam-se com dificuldade cada vez maior por ruas cada vez mais congestionadas. As escolas, hospitais e postos de saúde que são construídos jamais alcançam as necessidades. O abastecimento, caro e inconstante, dominado por atravessadores, é sempre inflacionado. Os terrenos são loteados sem planejamento e — na maioria das vêzes — vendidos através de uma colossal especulação imobiliária. De tôdas as terras que ainda restam para a horticultura, 55% pertecem a apenas cinco proprietários.

As crianças foram esquecidas: há muito poucas praças e jardins. Onde não é prédio, é asfalto, compondo uma paisagem agressiva, suja, desumana.

Esta era a única região do país que tinha energia elétrica sobrando quando, ao sair da 1.ª Guerra, o Brasil começava a industrializar-se. Assim, a grande indústria se concentrou aí, atraiu mão de obra, estrangeiros e brasileiros de outras regiões. Mas o desenvolvimento notável se processou de maneira anárquica, sem nenhuma orientação. E São Paulo, que tinha 637 mil habitantes em 1922, despreparada para o crescimento, chegou a 1967 inteiramente desorganizada: não consegue educar, transportar ou alimentar satisfatòriamente seus cinco milhões e 200 mil habitantes de hoje.

Tudo aconteceu muito ràpidamente. Mas não é desculpa para os governos passados, que — com raríssimas exceções — assistiram ao crescimento sem fazer nada. De tal forma se omitiram, que as administrações posteriores não tiveram meios para sequer conhecer ìntimamente o gigantesco aglomerado.

Os governos estaduais jamais planejaram com grande alcance a região industrial. E até hoje os prefeitos dêsses 28 municípios, que formam um só organismo, mal se conhecem: em fins de março passado foram apresentados uns aos outros na ocasião em que, pela primeira vez, se reuniram com o governador Abreu Sodré, para tratar de um futuro planejamento global. Começando agora, o Estado e as 28 prefeituras estão 40 anos atrasados. Mas o importante é o início do entrosamento entre os governos estadual e municipal.

Os problemas também são grandes

Enquanto as autoridades ainda estão nos contatos iniciais, o aglomerado caminha para uma crise que será desastrosa para a nação. Porque nessa área que corresponde a 3,4% do território de São Paulo estão 74,1% de seu movimento mercantil e 75,3% da população do Estado, com uma densidade de 616 habitantes por quilômetro quadrado. Essa população em 1980 será de nove milhões, e no ano 2000, de 13 milhões (com uma densidade de 55 habitantes em cada 10.000 metros quadrados, próximo do ponto de saturação, que é de 64 habitantes por 10.000 metros quadrados).

Os problemas são colossais. O deficit atual de água é de 380 mil metros cúbicos por dia, o que obriga um milhão e 700 mil pessoas a consumir água de poço, freqüentemente poluída. E no ano 2000 São Paulo precisará de cinco vêzes mais água.

Para servir ao município da Capital, o Departamento de Águas e Esgotos, órgão do govêrno do Estado, está aproveitando a água do rio Juqueri, que fica no município do Moji das Cruzes, a 60 quilômetros de São Paulo. Também se prepara para construir uma grande reprêsa no município de São Miguel, distante 45 quilômetros. E enquanto priva êsses municípios de seus recursos de água, deixa de aproveitar os principais rios da bacia da região. Rios degradados, o Tietê e o Tamanduateí foram transformados em canais de esgôto. Só ao Tamanduateí estão ligados esgotos de 300 mil habitantes e duas mil indústrias, o bastante para contaminar tôda a bacia e ainda vários municípios vizinhos.

As águas dêsses rios terão de ser recuperadas e poços artesianos deverão ser abertos para que haja água à vontade. Os curso dos dois rios terão de ser retificados, alargados e aprofundados, em vários municípios, como foi feito com o Tamanduateí no seu trecho dentro da Capital, o que já impediu êste ano a repetição das enchentes nas áreas mais atingidas antigamente, como o Mercado.

SEGUE

PULP
STOP

Cidade moderna precisa cremar seus mortos

E, como a população necessita de paisagem, o Tietê, o Tamanduateí e o Pinheiros precisam voltar a ser rios; às suas margens é preciso que nasçam parques e jardins.

Esgôto pode inundar bairros

A rêde de esgôto depende do Tietê, Pinheiros e Tamanduateí, que são os seus escoadouros. A rêde da Capital, a mais deficiente de todos os municípios da região, foi feita em 1940, quando atendia a 62% das casas. Seus ramais vêm sendo ampliados, mas mesmo assim em 1950 ela atendia 50% das casas e, em 1963, só 40%. Atualmente tem quase dois mil quilômetros e está ligada a cêrca de 250 mil edifícios.

Desde 1940 não foi ampliada sua capacidade de escoamento e até mesmo as bombas que há 30 anos puxavam os esgotos para o Tietê são as mesmas. Se elas pararem os esgotos da cidade inundarão o Brás e bairros vizinhos, com 300 mil habitantes.

A Light já deu tudo

O sistema Light de energia elétrica, que possibilitou o desenvolvimento industrial da região de São Paulo, já alcançou sua potência máxima de instalação hidroelétrica. Logo, êsse sistema que em 1963 deu 70% de sua produção a São Paulo, representará pequena parcela no fornecimento de luz e fôrça da região (em 1966, só a Fábrica Volkswagen consumiu mais de 95 milhões de kwh, que daria para abastecer uma cidade, sem indústria, de tamanho de Campinas, que tem 266 mil habitantes).

Como já se prevê que em 1970 o consumo de luz e fôrça da Grande São Paulo será 188% maior do que em 1960 (4 bilhões e 800 milhões de kwh), é importante que a região tenha, além da energia que receberá do Sul e do Interior do Estado, condições para logo instalar usinas termoelétricas.

Sem um planejamento global a Grande São Paulo não poderá enfrentar e vencer suas dificuldades. Há problemas até agora inteiramente esquecidos, como o da poluição do ar. Não há, contudo, nenhuma entidade federal, estadual ou municipal que tenha sequer iniciado um simples levantamento sôbre o problema. Enquanto isso, progressivamente, a cortina escura de fumaça das indústrias cobre o planalto, destrói a vegetação e aumenta as doenças da população.

Onde enterrar os mortos?

"Se as coisas continuarem assim, logo vamos ter de enterrar os mortos em pé." Prestes Maia, ao dizer isto, foi o primeiro prefeito que se preocupou com o problema dos cemitérios.

Atualmente, quando morre alguém em São Paulo, a família enfrenta dificuldades imensas, que vão da falta de espaço à própria conservação das sepulturas. Faria Lima criou um grupo de trabalho que em fins de 1965 apresentou relatório sugerindo: 1 — replanejamento total dos cemitérios existentes, extinguindo-os de uma vez ou transformando-os em praças ou jardins públicos; 2 — criação de novos cemitérios.

Em abril último, o prefeito promulgou lei aprovada pela Câmara Municipal, autorizando a construção de fornos incineradores, sob a responsabilidade da Prefeitura ou de "organizações religiosas de tradição". As cinzas serão colocadas em pequenas urnas, o que fará diminuir o espaço ocupado pelos mortos. Em abril ainda, o prefeito autorizou a Secretaria de Obras a providenciar a construção do cemitério de Vila Alpina, que deverá estar pronto dentro de seis meses. Outro cemitério, o de Vila Nova Cachoeirinha, será inaugurado logo. Êstes novos cemitérios não terão mausoléus ou túmulos. Apenas lápides brancas. Serão ajardinados, conterão lagos, locais para estacionamento, bancos, árvores e fornos crematórios.

Não existe mais lugar para os mortos.

Em 1966 a DST (agora DET — Departamento Estadual de Trânsito) licenciou um carro em cada dois minutos dos dias úteis, num total de 416.029 veículos: 60.683 a mais do que havia licenciado no ano anterior. Por isso, as novas ruas e viadutos que a Prefeitura entregou foram imediatamente tomados e logo estavam também congestionados. O viaduto sôbre a estrada de ferro, ao lado da Estação da Luz, estava com trânsito engarrafado no dia seguinte ao de sua inauguração.

No fim do mesmo ano a Capital tinha 4.939 ônibus para o transporte coletivo; 1.039 ônibus da CMTC, que serve 93 linhas, 25% do total. As outras 229 linhas eram servidas por 3.900 ônibus de companhias particulares.

Nos primeiros dias da "Operação Bandeirantes" no trânsito da Capital, assistiu-se a um ensaio da grande crise que poderá chegar dentro de alguns anos: circulação de veículos extremamente difícil, queda da produção e até desvalorização imobiliária nas áreas de trânsito pior. Poderá haver uma descapitalização com prejuízos para a nação inteira.

Por isso, é preciso que a própria nação auxilie o financiamento das grandes obras que se desenvolverão na região. Pois, como afirma o prefeito Faria Lima: "O Brasil tem dois problemas fundamentais. O primeiro é ocupar a Amazônia. O segundo, é ordenar o desenvolvimento dos grandes aglomerados urbanos, porque nessas áreas está a sustentação econômica do país."

A Capital sofre mais

Mas o prefeito Faria Lima já tem problemas suficientes no seu município.

Em 1966 a Capital tinha 663 mil edifícios (409 mil de mais de um andar, 4 mil de mais de 10 andares), numa área construída de 114 milhões e 800 mil metros quadrados. Só em 1966 foram iniciadas construções de 6.229 novos edifícios: 16 por dia, sem contar 1.170 reformas e ampliações iniciadas. Em cada dia útil do ano passado a Prefeitura aprovou cêrca de 30 projetos de construção.

Duzentos e cinqüenta mil pessoas, das quais, 67 mil eram nordestinos, vieram morar ou nasceram em São Paulo no ano de 1966. Uma média de 686 novos moradores por dia. No mesmo ano a população da cidade chegou a cinco milhões e 200 mil. Nem a Prefeitura sabe quantos loteamentos foram vendidos, nem quantos novos bairros surgiram em conseqüência dêsse aumento. Mas saberá logo quando os moradores forem reclamar água, luz, esgôto (atribuição do govêrno do Estado) e pavimentação.

Em 1966 a cidade tinha 8.947 ruas oficialmente reconhecidas, com mais de 6 mil quilômetros de extensão, dos quais 4 mil quilômetros sem pavimentação.

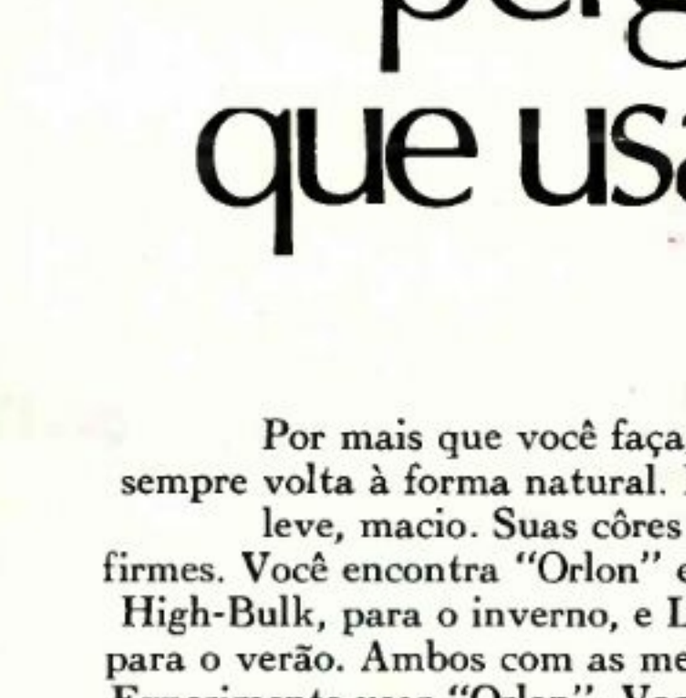
SEGUE

Existe malha que
agüente uma prova destas
sem perder a forma e sem amarrotar?

Se v. duvida, pergunte às mulheres que usam **Orlon**®.

Por mais que você faça, "Orlon" sempre volta à forma natural. E é tão leve, macio. Suas côres são vivas e firmes. Você encontra "Orlon" em dois tipos: High-Bulk, para o inverno, e Light-Weight, para o verão. Ambos com as mesmas qualidades. Experimente usar "Orlon". Você poderá até se dar ao luxo de, por exemplo, descarregar uma crise nervosa na roupa. Se isso acontecer, não se preocupe: "Orlon" agüenta. Sem perder a forma. Nem amarrotar.

Para conhecer outras vantagens de "Orlon", é fácil: "Orlon" já está à venda em tôdas as boas lojas e boutiques.



DU PONT

"Orlon" é fibra acrílica produzida pela DU PONT

Cada dia, mais 160 carros rodando nas ruas

Ninguém sabe quantas ruas apareceram durante o ano, pois elas são abertas à vontade pelas emprêsas imobiliárias. O Plano Diretor que disciplinará o crescimento da cidade por enquanto é só um projeto. A especulação com terrenos em São Paulo se consuma assim: parte de uma grande gleba é loteada e posta à venda. Logo que ali são construídas algumas casas, pede-se instalação de luz, água e esgôto. Se o pedido é atendido, tôda a área fica valorizada. Então, põe-se o restante da gleba à venda por preços muito mais altos. Em conseqüência, os benefícios logo se tornam insuficientes e nem sempre podem ser ampliados para todo o **bairro** que acabou de nascer.

Com 1.600 praças e jardins, São Paulo tem 2.210 hectares de área livre, o que corresponde a seis metros quadrados por habitante. E o mínimo exigível por habitante são 16 metros quadrados. Êste deficit de 63% é o que torna tão sufocante a paisagem da Capital. Em 1967 a Prefeitura construirá mais 367 praças e iniciará o ajardinamento das margens do rio Tietê.

Telefone é segurança nacional

Em 1965 a cidade tinha 177.620 linhas de telefone, uma das mais pobres rêdes do mundo. Em 1966 a Prefeitura implantou mais 12.350 linhas. Preparava-se para implantar mais 24 mil linhas neste ano quando, por ter se tornado de interêsse da segurança, o setor de telefones foi transferido para a administração federal. O contrato, que prevê a implantação de 300 mil linhas novas, continua vigorando, e a Prefeitura está solicitando ao govêrno Federal que reveja sua posição e lhe devolva a administração dos telefones.

Setenta por cento do gás de fogão é distribuído por caminhões e isto pode chegar a prejudicar o trânsito. Do outro lado, a Prefeitura quer ampliar o serviço de gás através do encanamento de rua, que — segundo ela — é mais barato, seguro e moderno.

São Paulo precisa de mais 90 mil focos de luz nas ruas. A Prefeitura conseguiu instalar só 4 mil até agora. Em 1967 deverá instalar mais 16 mil.

Até fins de 1967 a Prefeitura terá comprado mais 120 coletores de lixo, mas nem assim terá vencido a deficiência da coleta nos bairros da periferia, onde às vêzes o lixeiro só passa uma vez por semana. A Prefeitura abriu concorrência para quem se interessasse pela industrialização do lixo para fazer adubo. Nenhuma emprêsa se apresentou. Acontece que por outros métodos a indústria está conseguindo produzir adubo melhor e mais barato. Assim, o lixo terá que ser incinerado, ou ser beneficiado pelos Poderes Públicos.

O humilde requerimento, datado de 17 de outubro de 1966, chegou à mesa do prefeito na manhã de 28 de março dêste ano. Uma funcionária pedia licença do trabalho para amamentar o filho recém-nascido. O requerimento tinha andado pelos **canais competentes,** recebera 53 pareceres, todos favoráveis, e agora estava ali, na frente do prefeito, cinco meses depois de enviado. Faltavam 11 dias para o prefeito comemorar dois anos de gestão, que todos os jornais e o povo em geral têm julgado cheia de realização. Os assessôres foram chamados. Logo depois iam saindo com ar preocupado. Jorge Ferreira, assessor de Imprensa, comentava:

— Parece que o homem tomou veneno de cascavel.

Esta máquina emperrada, cujos 33 mil funcionários, no geral mal remunerados, consumiram um têrço do orçamento da Prefeitura em 1966, é o organismo com o qual o prefeito conta para executar seus planos. A administração está sendo reformulada. A cidade foi dividida em nove setores (no futuro serão 12) chamados Administrações Regionais. O administrador regional é um engenheiro da Prefeitura e sua função é a de um subprefeito. Duas novas secretarias — do Bem Estar Social e dos Serviços Municipais — foram criadas. A Secretaria de Turismo e Fomento só não foi criada ainda, segundo o prefeito, porque êle não achou até agora "um homem bom para o lugar". Criou-se também a Companhia Municipal de Habitação e um Departamento Municipal de Estradas de Rodagem.

Mas os salários são baixos — motorista ganha NCr$ 150,00 — e o prefeito não consegue estimular seus funcionários. Também não tem tempo para esperar que a situação melhore. Sobrecarrega sua equipe de confiança e procura fazer tudo através dela. Um jornalista já disse que muito do êxito da administração Faria Lima se deve à sua equipe, "de gabarito presidencial". Dela fazem parte Quintanilha Ribeiro, nas Finanças; José Meiches, Obras; Araripe Serpa, Educação; Luís Sangirardi, Urbanismo, entre outros. Na assessoria direta estão Marco Antônio Mastrobuono, Paulo Vilaça, Jair Monteiro, Jorge Ferreira, Fausto Castilho, Arnaldo Cortez e outros. Vários dêles foram assessôres do ex-presidente Jânio Quadros. É um pessoal dedicado, que está sofrendo grande desgaste físico na administração da cidade.

A Prefeitura só tem 25% dos ônibus.

A fórmula é agressividade

Há 30 anos dedicado à administração e ao planejamento, o brigadeiro Faria Lima tem uma só fórmula para produzir bem:

— É preciso ter um estilo agressivo de trabalho.

Com êste estilo êle foi secretário de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo nos governos de Jânio Quadros e Carvalho Pinto. Quando Jânio foi presidente êle dirigiu o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. E antes, na FAB, foi êle quem construiu o Parque de Aeronáutica de São Paulo.

Nesse tempo Faria Lima foi aprendendo a nunca estar satisfeito com o trabalho de seus subordinados. Muitas vêzes, discutindo aos berros magoa o subordinado e êste se demite. Então, o prefeito, amigo pessoal dos assessôres, vai fazer plantão na casa do funcionário ofendido, tenta aproximar-se dêle através de sua mulher, já que não raras vêzes é compadre do casal.

Mas raramente cede no seu ponto de vista sôbre um problema. E nisto está todo mundo de acôrdo: quase sempre é êle quem tem razão.

O homem mais visado pelo prefeito é José Meiches, o secretário de Obras, porque seu trabalho é o ponto nevrálgico da administração. Já recebeu 50 memorandos do prefeito num só dia. Faria Lima consegue ditar dez memorandos em 15 minutos.

Meiches é o único dos auxiliares que, como o prefeito, tem os detalhes das obras da cidade na memória. Também como êle gosta de dizer que São Paulo hoje "é um canteiro de obras". Faria Lima diz que êle é um dos seus mais eficientes auxiliares. Talvez por isso reclame mais dêle do que de qualquer outro.

Numa manhã, visitando as obras do viaduto Jaceguai, sôbre a avenida 23 de Maio, o prefeito verificou que estava tudo pronto, apenas as demolições de prédios já desapropriados estavam atrasadas. Irritado, comentou: SEGUE

©Willys-Overland - 67.1114

É muito difícil contentar as pessoas de bom gôsto.

São muito exigentes.

Preocupam-se com detalhes. Conhecem de longe o que é bom.

Querem saber tudo a respeito do que compram.

Sabem escolher.

Gostaram muito do Itamaraty, o primeiro carro brasileiro classe "A", justamente porque o Itamaraty tem luxo e confôrto, classe e apuro técnico em cada um dos seus detalhes.

O Itamaraty 67 tem mais um detalhe exclusivo: ar condicionado, clima a seu gôsto*.

Ainda mais: nôvo motor de 3.000 cm³, nova grade, novas maçanetas, novas calotas, novas lanternas traseiras, painel totalmente reestilizado, nôvo estofamento.

Mais luxo e confôrto: tapetes de veludo, aplicações de Jacarandá legítimo no painel e nas portas, luz de leitura com foco dirigível, acolchoamento de lã de rocha sob o capô para absorver os ruídos do motor.

O Itamaraty é o único carro brasileiro com garantia de 20.000 km.

Só assim é possivel contentar as pessoas de bom gôsto.

ITAMARATY 67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de
alta qualidade.

*opcional

Em cima ar envenenado, embaixo água poluída

SÃO PAULO
CONTINUAÇÃO

— Isto é um crime. Se o Meiches estivesse aqui eu dava nêle.

Noutro dia o prefeito queria saber por que ainda não havia sido publicado o edital de concorrência para pavimentação da segunda etapa da avenida Água Funda. Meiches respondeu:

— Está tudo pronto aqui em cima de minha mesa.

E o prefeito:

— Ora, doutor, em cima de sua mesa não é lugar. Mande logo para o **Diário Oficial.**

Importante é a execução

As grandes obras da Prefeitura são entregues a companhias particulares. O prefeito não gosta de contratos longos, por isso divide uma obra em trechos e faz contratos de três a quatro meses para pavimentação e um ano para construção de pontes. Não reforma contrato e exige a entrega da obra no prazo. Costuma dizer:

— Na vida só há duas coisas irremediáveis: a morte e o tempo que passou.

Tem muita pressa porque sabe que "a obra feita depressa sai mais barata, o dinheiro que circula ligeiro dá mais lucro".

O prefeito visita obras duas vêzes por mês. Conversa com os operários. Quando não encontra o engenheiro manda recado: "O engenheiro tem de estar sempre na obra. Não gostei." Mas se o encontra vai logo perguntando:

— Por que sua obra está atrasada?

Para êle tôda obra sempre está atrasada.

— Choveu demais, sr. prefeito, não pudemos...

— Ah, está atrasada, não é? Mas eu quero que seja entregue no dia marcado.

Os assessôres calculam que o prefeito usa a palavra "atrasada" 500 vêzes por dia.

Faria Lima se justifica:

— É absolutamente necessário ser agressivo, enérgico. No Brasil há planos bastantes para transformar o país num paraíso, mas não há execução. Aprendi que planejamento são 10% e execução os 90% restantes.

O resultado dessa fórmula foi que pela primeira vez em sua história a Prefeitura conseguiu trabalhar mais depressa que a Light, a Telefônica, o Departamento de Águas e Esgotos e a Companhia de Gás. Faria Lima encontrou funcionários da Light numa obra. Perguntou:

— Vocês estão outra vez atrasados?

Um funcionário respondeu:

— Não. O senhor é que anda muito depressa.

E o prefeito, num dos seus raros sorrisos:

— Que nada. Vocês é que estão ficando velhos.

Foi embora comentando com um jornalista que o acompanhava:

— Vamos fazer uma cidade nova, meu caro.

"Uma cidade nova" é o **slogan** de sua administração.

O dia começa com canhões

O prefeito vai para o gabinete aí pelas oito e meia da manhã. É uma sala grande, de dez metros por quatro de largura. Senta-se à cabeceira de uma mesa, onde cabem 12 pessoas. A parede de seu lado esquerdo é tôda de vidro e dá para um jardim e um gramado do Ibirapuera. Dali também se avistam as suaves linhas dos edifícios do parque. Êle comenta:

— A paisagem é a melhor coisa desta Prefeitura.

Na parede em frente, há uma pintura de Benedito Calixto, que reproduz uma salva de canhão em comemoração à proclamação da República:

"Assim começa nosso dia", dizem os assessôres referindo-se aos canhões.

Na parede que fica atrás da cadeira do prefeito há outro quadro. É um bandeirante exausto, o chapéu caído de lado, descansando recostado a uma árvore. Os assessôres dizem:

"E assim termina o nosso dia".

Dinheiro em primeiro lugar

Em 1964 a cidade de São Paulo ficou com seis cruzeiros e 80 centavos de cada cem cruzeiros arrecadados. O restante tinha sido dividido entre a União e o Estado. Logo depois de tomar posse Faria Lima resolveu arrecadar mais fazendo um grande aumento nas taxas dos impostos municipais, que na época, segundo êle, eram irrisórias.

Poluição do ar: um problema ignorado.

Em seguida, afirmando que São Paulo, como tôdas as capitais, era prejudicada pelo sistema tributário, atirou-se sôbre o govêrno federal. Reivindicava a alteração do artigo 20 da antiga Constituição, que privava as capitais de receber, como os outros municípios, os excessos de arrecadação.

A nova legislação tributária, promulgada em 1966, atendeu-o. Previa uma participação das capitais em 30% da arrecadação. Mais tarde, porém, os Atos Complementares n.ºs 27, 31 e 34, de Castelo Branco, reduziram essa participação a 20%. E São Paulo teve suas previsões de arrecadação para 1967 reduzidas em cêrca de NC$ 50 milhões.

A opinião do prefeito sôbre isso:

— Eu concordo plenamente em que o dinheiro de São Paulo sirva para abrir estradas na Amazônia ou fazer usina de energia elétrica no Nordeste. Mas considero um crime que os grandes aglomerados humanos — São Paulo, Rio, Recife, Pôrto Alegre — sejam prejudicados.

A cidade nova está nascendo

Quando anda pelas ruas o prefeito gosta de perguntar às pessoas:

— O que o senhor achou dos impostos êste ano?

E quase sempre recebe esta resposta:

— Desta vez o senhor **salgou,** prefeito. Mas a gente entende, estamos vendo as obras.

"As obras" são um conjunto de projetos antigos, especialmente do falecido ex-prefeito Prestes Maia, remodelados e postos em execução: a radial Leste, que saindo do centro da cidade está se estendendo até o extremo Leste. Uma obra gigantesca, exigiu quilômetros de desapropriações. Na radial Leste está o viaduto Alcântara Machado, quase pronto, com 950 metros. Será o maior do Brasil.

A avenida Água Funda, projeto que tem 40 anos, sai do Museu do Ipiranga e será a nova saída para Santos. A avenida 23 de Maio brevemente será ligada à nova avenida Prestes Maia e então se poderá ir do centro da cidade ao aeroporto em poucos minutos. A avenida Cruzeiro do Sul — com sua ponte sôbre o Tietê já concluída — continua avançando para os bairros da zona Norte. Dentro de dois anos a cidade estará servida pelo sistema de avenidas radiais, que partindo do centro se encaminharão para os quatro cantos da cidade. E, se o govêrno estadual fizer a sua parte, que é o anel rodoviário, aproveitando as margens do Tietê e do Pinheiros, São Paulo terá um sistema eficiente de circulação de tráfego.

SEGUE

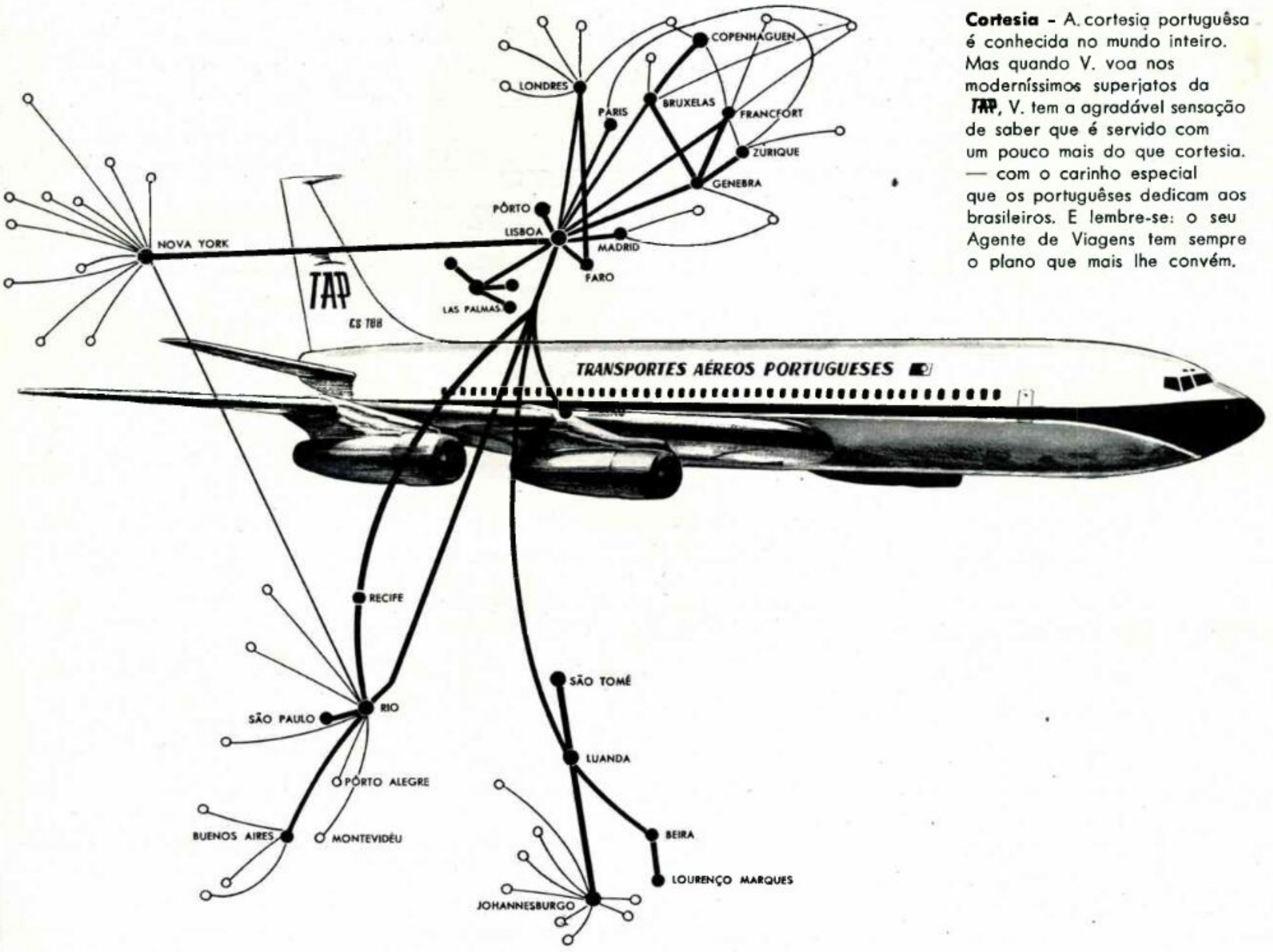
Superjatos - Os mais avançados jatos comerciais do mundo — o Boeing 707-320B, o trirreator Boeing 727 e o Caravelle — estão a serviço da TAP. O primeiro, nos percursos longos, e os outros, nos percursos médios, ligando 27 cidades em 12 países.

Vôo Direto - Tôdas as sextas-feiras V. voa diretamente de S. Paulo/Rio a Lisboa, em aproximadamente 9 horas, no superjato que parte de Buenos Aires. E às quartas-feiras, o Boeing 707-320B, que parte de S. Paulo/Rio, faz escala em Recife.

Europa Tôda - E de Lisboa, depois de conhecer tudo o que Portugal tem de mais belo em história e tradição, V. tem os demais países da Europa ao seu alcance através de inúmeras conexões aéreas, rodoviárias e ferroviárias.

Vôo Triangular - Em sua próxima viagem de negócios ou mesmo de recreio aos Estados Unidos, V. pode voltar via Nova York-Lisboa e realizar aquêle velho sonho de conhecer a Europa. A TAP lhe oferece conexões para diversos países em vôos diários.

Cortesia - A cortesia portuguêsa é conhecida no mundo inteiro. Mas quando V. voa nos modernissimos superjatos da TAP, V. tem a agradável sensação de saber que é servido com um pouco mais do que cortesia. — com o carinho especial que os portuguêses dedicam aos brasileiros. E lembre-se: o seu Agente de Viagens tem sempre o plano que mais lhe convém.



Quem sabe viajar...
viaja pela TAP porque sabe que
a TAP é sinônimo de técnica,
atenção e pontualidade

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

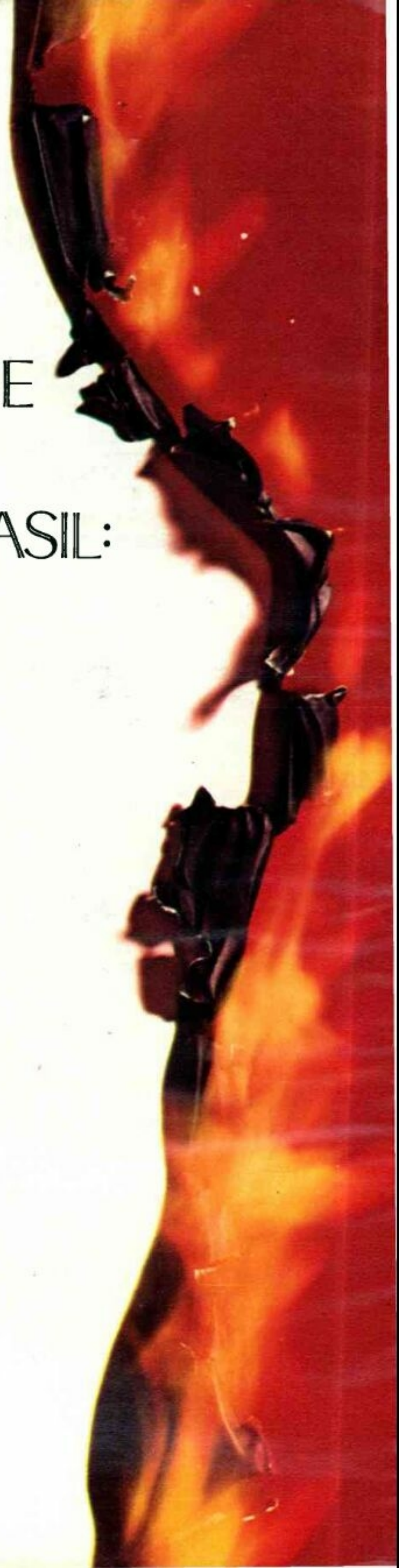
RIO • SÃO PAULO • SANTOS • BELO HORIZONTE
PÔRTO ALEGRE • RECIFE • SALVADOR • BELÉM

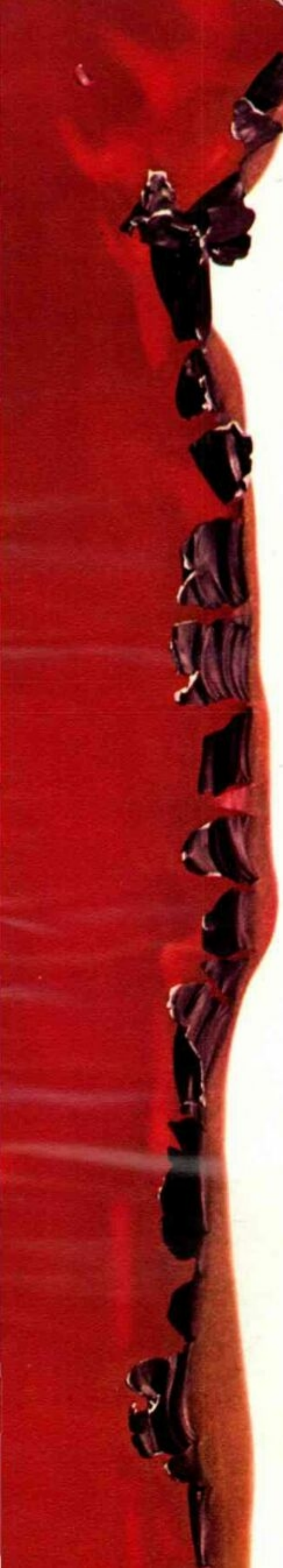
TÉCNICA ATENÇÃO PONTUALIDADE-A JATO

IATA

S. J. de Melio - 68.004

FRASE QUE SE OUVE
MUITO NAS BOUTIQUES
DE PARIS, LONDRES, ROMA
E NOVA YORK SÔBRE
Imprévu, O MESMO PERFUME
QUE A COTY ESTÁ
LANÇANDO NO BRASIL:





"Nunca um
perfume tão
suave foi tão
provocante."

uma criação internacional da

Coty

Êle trabalha, mas há muito que fazer ainda

Mas as previsões demonstram que até as novas avenidas também ficarão congestionadas dentro de poucos anos. Por isso, o transporte coletivo precisa de outra solução, que não seja continuar enchendo as ruas de ônibus. Cinco emprêsas — duas alemãs e três brasileiras — que venceram a concorrência trabalharão durante um ano e meio, a partir de junho de 1967, fazendo um estudo completo para a construção do metrô. Sòmente êste plano diretor custará 8 bilhões e 100 milhões de cruzeiros velhos.

Pelo menos uma linha inicial de uns 20 quilômetros — a Leste-Oeste ou a Norte-Sul — poderá ser construída em cinco anos. Assim, se as obras começarem imediatamente após a entrega do plano diretor a primeira parte ficaria pronta em 1974.

O metrô é caríssimo. Nos outros países tem custado cêrca de 8 milhões de dólares (21 bilhões e 600 milhões) por quilômetro. A Prefeitura poderá investir, a partir do ano que vem, Cr$ 40 bilhões anualmente. E já mantém entendimentos com o govêrno do Estado, o govêrno Federal e organismos internacionais para obter maciços financiamentos adicionais.

O homem é político

A Prefeitura substituiu os galpões de madeira por bons edifícios escolares e aumentou a rêde de ensino primário (o único de sua competência), principalmente na periferia. Só em 1966 foram criadas 408 novas classes. Agora são 2.170 classes atendendo a 86.800 estudantes (16 mil matricularam-se em 1967). Êste ano foram inaugurados também os cursos pré-vocacionais: trata-se de oficinas montadas nas escolas para dar ensinamentos técnicos elementares aos alunos de 4.º e 5.º ano.

Eu não gosto de quase nenhuma diversão, por isso trabalho, costuma dizer o brigadeiro Faria Lima.

Êste político de 56 anos, carioca de Vila Isabel, diplomou-se em Engenharia Aeronáutica na França e também estudou nos Estados Unidos. Foi pioneiro no Correio Aéreo Nacional e na Segunda Guerra Mundial recebeu do presidente Truman a medalha da Legião do Mérito dos Estados Unidos.

Agora, após tantos anos de vida pública, poderia ir descansar com dona Iolanda, sua mulher, ouvir música popular, brincar com seus 12 cachorros no jardim da casa colonial que tem perto do Ibirapuera.

Mas continua trabalhando, de 12 a 15 horas por dia. Deve se admirar seu espírito público. Mas também é preciso admitir sua ambição política: "o poder tem gôsto de mel, comentou um dos seus assessôres".

Faria Lima se elegeu prefeito com 463.364 votos, quase 40% do eleitorado da Capital, contra sete candidatos, muitos votos nulos, brancos e abstenções. Nesses dois anos seu prestígio aumentou. Uma pesquisa recente mostrou que 90% da população está satisfeita com êle. Mostrou também que seu maior reduto eleitoral são os bairros pobres, onde é parado nas ruas para receber cumprimentos. Êle comenta orgulhoso e mesmo sorridente:

— Nem todos os prefeitos de São Paulo foram cumprimentados assim na rua.

Faria Lima foi projetado na vida pública pelo janismo, movimento de que fêz parte desde seu início e a quem já deu mais do que recebeu. Hoje é, com certeza, depois de Jânio, a figura mais popular do movimento, que continua tendo grande base, mas está desorganizado na cúpula. E, na medida em que Jânio se omite perante seu movimento, a liderança de Faria Lima vai naturalmente se acentuando, mesmo quando êle não faz nada para isso.

Recentemente, cronistas políticos de São Paulo começaram a prever até mesmo uma cisão dentro do janismo. Dizem que Jânio preferiria apoiar qualquer outro candidato, faria até aliança com Ademar de Barros, mas não apoiaria Faria Lima para governador do Estado. E explicam por quê: Faria Lima poderá inaugurar um janismo sem Jânio.

O prefeito costuma dizer:

— Se houvesse reeleição eu ficaria com gôsto mais quatro anos na Prefeitura de São Paulo.

Mas como não haverá reeleição, o brigadeiro irá adiante. Mas só irá, politicamente, para a frente se conseguir realmente resolver ou enfrentar os grandes dramas de São Paulo. FIM

"Não me divirto, por isso trabalho."

PARA ONDE VAI O DINHEIRO

Em 1964, a arrecadação na Capital foi de Cr$ 1 trilhão e 2 bilhões. Dêsse total, a cidade ficou com Cr$ 68 bilhões, 6,8% do que se arrecadou.

Em 1965 a Capital ficou com Cr$ 118 bilhões e 631 milhões, 7,49% de uma arrecadação de Cr$ 1 trilhão, 638 bilhões e 737 milhões. Isto é, contribuiu com Cr$ 904 bilhões e 993 milhões para a União, 25,1% de tôda a arrecadação federal. E com Cr$ 560 bilhões, 112 milhões para o Estado, 50,1% da arrecadação estadual.

Em 1966 São Paulo ficou com Cr$ 242 bilhões e 460 milhões, 9,7% de uma arrecadação de Cr$ 2 trilhões, 429 bilhões e 200 milhões. Contribuiu para a União com Cr$ 1 trilhão e 375 bilhões, 29,6% do total da arrecadação federal. E com Cr$ 874 bilhões e 711 milhões para o Estado, com 49,7% de sua arrecadação.

A Prefeitura acredita que em 1967 receberá uns Cr$ 400 bilhões, cêrca de 10% sôbre tôda a arrecadação. E acha também que a cidade continuará recebendo apenas 10 cruzeiros de cada cem que arrecada.

COMO SE FAZ UMA CIDADE NOVA

Em dois anos, a Prefeitura pavimentou 176 quilômetros de ruas e 35 trechos de grandes avenidas, pôs 224 quilômetros de guias em 823 ruas, fêz 10 pontes ou viadutos e 90 pontilhões, desapropriou um milhão de metros quadrados, canalizou e limpou rios e córregos, pavimentou 38 quilômetros de estradas municipais. Gastou 112 bilhões de cruzeiros nisso.

Mais 29 bilhões foram gastos na compra de caminhões e coletores de lixo, instalação de 4 mil novos focos de luz e continuidade de construção de edifícios municipais. Para comprar 445 novos ônibus e 73 trólebus e recuperar 208 ônibus velhos da CMTC, a Prefeitura empregou 23,8 bilhões. Com o ensino — novas salas de aula, gabinetes dentários, cozinhas, oficinas, bibliotecas, centros educacionais recreativos com piscinas, quadras, campos de futebol — a Prefeitura gastou em dois anos 19,5 bilhões. No setor de parques e jardins, o dinheiro foi pouco: 700 milhões para reformar, ampliar e construir cêrca de 200 praças.

O programa de obras para 1967 é mais amplo: 200 bilhões para telefones; 120 bilhões para pavimentar 203 quilômetros de ruas e 18 trechos de grandes avenidas, 240 quilômetros de guias em 703 ruas, 46 pontilhões, cinco viadutos, canalização de rios e galerias e pavimentação de 41 quilômetros de estradas municipais; mais cinco bilhões para 367 praças e jardins; 14 bilhões para continuar as obras municipais; 16 bilhões para instalar 16 mil novos focos de luz; 6 bilhões para comprar novos veículos; 8 bilhões e 230 milhões para construir 1.690 casas próprias; e 20 bilhões e 884 milhões para a CMTC — 143 novos ônibus, 101 trólebus, mais 79,5 quilômetros de rêde para trólebus.

Tempo de sorrir...

...Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum. É por isso que oferecemos aos universitários brasileiros os premios Esso de Literatura e de Ciência, bôlsas de estudos, estágios em nossa organização ou ainda livros técnicos.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo. Mas vamos um pouco além.

ESSO

Gente como você trabalhando para servi-lo

Em Brasília, 17 funcionários
públicos decidem que filmes crianças
podem ver, o que os adultos
podem ver e o que ninguém pode ver.
Com êsses 17 homens
está o poder de decretar:

ISTO É PROIBIDO

Texto de José Carlos Marão e Afonso de Souza

Êle aparece todos os dias, em todos os filmes — desde um desenho animado até uma tragédia mexicana.

Êle trabalha atrás de uma mesa de aço, no quarto andar de um edifício de paredes de vidro, em Brasília.

Mais criticado que elogiado, é êle quem determina o que o brasileiro pode e o que não pode ver no cinema.

Êle é o censor, e nas telas seu nome e assinatura nunca falham: "A. Romero do Lago, chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas".

— Trabalho de censor desperta curiosidade muito grande — comenta um pouco vaidoso.

Romero do Lago chefia uma equipe de 16 homens, encarregada de cortar, dos filmes, cenas que — segundo êles — chocam, despertam violência, ofendem o decôro público ou subvertem. Com nível de cultura de média para baixo, êsses 16 cidadãos têm o poder de proibir filmes para menores, cortar cenas e até interditar uma fita inteira.

Já houve tempo que se limitava um filme "impróprio para menores até..." só pelo título. Hoje não. Tôdas as fitas, nacionais ou estrangeiras, são vistas.

O chefe Romero do Lago, porém, não gosta de cinema. Quase nunca entra na sala de projeções do departamento. Sem confessar sua indiferença, explica que não assiste aos filmes para poder opinar posteriormente, em **grau de recurso,** sôbre qualquer dúvida surgida entre os censores.

A equipe agüenta ver quatro filmes de longa metragem por dia, mais um tanto de documentários e jornais cinematográficos. A ordem de exibição é a de chegada, mas os nacionais têm preferência. Os censores trabalham em grupos de dois, três ou quatro. No subsolo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (onde a Censura ocupa metade do quarto andar); êles têm uma sala de projeção: 300 lugares, luz e som perfeitos.

Depois de visto o filme, cada censor dá seu parecer por escrito. Se houver empate, Romero do Lago, ou um segundo grupo de censores, desempata. Se não houver, Augusto da Costa, que já teve seu nome conhecido no Brasil inteiro, pois foi o beque da Seleção Brasileira na Copa de 1950 — recebe os pareceres, prepara os certificados, passa ao chefe para assinar e despacha aos distribuidores.

Funcionários federais (dos níveis 17 e 18), os censores ganham no máximo NCr$ 356,50 por mês e só podem ter outro emprêgo se forem jornalistas.

O censor nasceu de um beijo

A censura do cinema começou um pouco antes do cinema. Em 1896, no filme **A Viúva Jones** (do tempo da lanterna mágica), Mary Irvin e John C. Rice assustaram o público americano com um beijo mais ou menos longo. Membros do clero, escandalizados, denunciaram a fita como **a lyric of the stockyards** (um lirismo de matadouro).

Estava criada a censura. O censor **oficial** foi a conseqüência.

No Brasil, 71 anos depois, o censor é um funcionário público que ainda faz restrições aos beijos:

— O beijo passa, é claro, mas se o galã começa a dar mordidinhas nos lábios da mocinha, aí vamos estudar o caso.

No **estudo do caso,** há pelo menos 16 critérios para julgar o que o povo não pode ver: um para cada censor. Além da **orientação geral** de Romero do Lago, através das portarias que vai baixando.

SEGUE

Quando você usar Alert, cuidado!

Existem homens que temem cair em tentação. Se fôr o seu caso, não use Alert.
Alert lhe dará um estranho poder de atração. E as mulheres inventarão os mais absurdos pretextos para estar a seu lado. Alert estraçalha as mais enérgicas resistências femininas e torna suaves gatinhas em perigosas panteras. Mais ainda se você usar todo o arsenal Alert - creme de barbear, loção após a barba, o creme transparente para cabelo, desodorante, o talco e a irresistivelmente máscula colônia. É natural que as mulheres gostem de homens. Homens mesmo. Portanto, tornamos a avisar:
Não use Alert, se você quiser evitar problemas... femininos.

Para os censores o bandido não pode ganhar

CENSURA
CONTINUAÇÃO

O Serviço de Censura de Diversões Públicas foi criado em 1946, dentro do Departamento Federal de Segurança Pública (hoje Departamento de Polícia Federal). Na mesma ocasião foi feito um regulamento de 136 artigos, onde só um — o "41" — fala das coisas que são proibidas: "Será negada a autorização sempre que a representação, exibição ou transmissão: a) contiver qualquer ofensa ao decôro público; b) contiver cenas de ferocidade ou fôr capaz de sugerir a prática de crimes; c) divulgar ou induzir aos maus costumes; d) fôr ofensiva à coletividade ou às religiões; e) puder prejudicar a cordialidade com outros povos; f) fôr capaz de provocar o incitamento contra o regime vigente, à ordem pública, às autoridades e seus agentes; g) ferir, por qualquer forma, a dignidade e o interêsse nacional; h) induzir ao desprestígio das fôrças armadas."

São proibidas por lei, portanto, entre outras, cenas que ofendem o decôro público. Mas, como até hoje ninguém definiu nem indicou quando o decôro público é ofendido, os censores usam, para julgar, a intuição e o **bom senso pessoal.**

Baiano não entende "O Silêncio"?

Todo censor é a favor da censura:

— Como é que aquela gente do interior da Bahia vai entender ou suportar um filme como **O Silêncio,** se não fôr cortado?

A frase é de Pedro José Chediak, que antecedeu Romero do Lago na chefia do departamento. **O Silêncio,** filme de Ingmar Bergman, premiado no mundo inteiro, saiu da censura brasileira com quatro cortes de cenas consideradas imorais: duas de relações sexuais, uma de masturbação e outra em que aparece um seio de mulher. Apesar de alguns dos censores admitirem que foram filmadas tão sutilmente que não chegavam a **ferir o decôro público,** Chediak foi categórico:

— **O Silêncio** não tem mensagem nenhuma, é vazio. O Ingmar Bergman fêz fama e deitou na cama.

A vez da Subversão

Recentemente, o filme nacional **Terra em Transe,** de Glauber Rocha, foi submetido à censura, sendo inicialmente interditado por cinco votos contra um. Romero do Lago nem precisou ver o filme; examinou os pareceres e deu o veredicto:

— Realmente êsse filme leva uma mensagem marxista de subversão da ordem.

José Vieira Madeira, o único censor que opinou por sua liberação, pensa diferente:

— O filme é pura ficção, que pode ter semelhança com o Brasil de hoje, mas pode ter também com outros países latino-americanos. É exagêro dizer que o tirano do filme seja Castelo Branco e o **Governador do Estado do Alecrim** seja João Goulart.

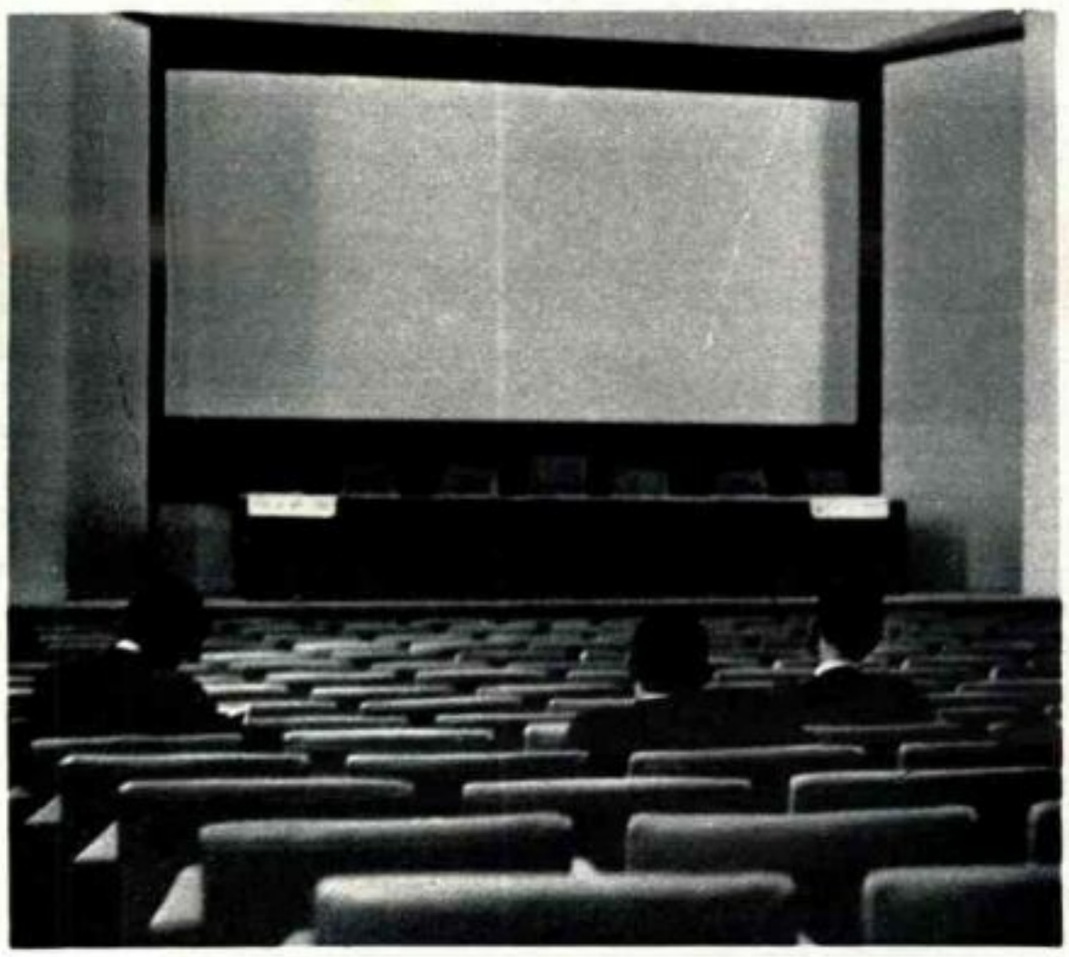
Enquanto isso **Terra em Transe** era inscrito no Festival de Cannes, na França.

O recorde de cortes na censura é de um filme também nacional: **Noite Vazia,** de Walther Hugo Khouri. Cinco cenas foram cortadas — a considerada mais forte era aquela em que Norma Benguel e Odete Lara apareciam numa cama. Essa cena teve que ser exibida só com o comêço e o fim, sem o meio.

Outro filme brasileiro, **Canalha em Crise,** só foi liberado dois anos e meio depois de sua entrada no departamento. Nesse período houve trocas na chefia e, quando a fita ia sendo liberada por uma equipe, Miguel Borges, o diretor, não concordava com os cortes e entrava com o recurso. De mudança em mudança, afinal, **Canalha em Crise** saiu de Brasília — depois de dois anos e meio — com duas cenas de sexo a menos, e ainda deixando os censores preocupados, porque é o bandido quem ganha no fim.

Mas acontecem coisas ainda mais estranhas: **Katu no Mundo do Nudismo,** liberado com alguns cortes, encontra-se em exibição. Enquanto isso, seu **trailer** está há vários meses aguardando liberação, pois chegou a Brasília atrasado.

Viva Maria, francês, foi liberado por acaso: tinha sido interditado pelos censores por ser considerado subversivo. Acontece que ao mesmo tempo o general Riograndino Kruel — então diretor do Departamento de Polícia Federal — via o filme em exibição especial e dava boas gargalhadas com as "guerrilheiras" Brigitte Bardot e Jeanne Moreau. SEGUE



Todos os filmes que entram no Brasil são exibidos primeiro para os censores: Êles resolvem: livre ou proibido.

Fabulosa! Tem farol embutido!

Reclam

NOVA

Monark

GALÁXIA 67

— com sua Estrêla da Sorte

É a mais moderna bicicleta do mundo

A única com farol embutido. Tem a qualidade Monark, famosa em 5 continentes. A resistência do aço temperado. Linhas aerodinâmicas. Deslizar macio. Selim Confôrto Flutuante. Tração Monobloco, forjada numa só peça. Cintilantes côres espaciais: Vermelho Galáxia, Azul Cosmos, Verde Gemini, Verde Espacial. E o exclusivo farol embutido, com foco panavision, que abre caminho dentro da noite. Ainda por cima, Monark tem a Estrêla da Sorte, para ajudar Você a vencer na vida. Nem precisava. Pois todos sabem: sorte de quem tem Monark - a melhor bicicleta do mundo!

COMPRE SUA BICICLETA. MAS, COMPRE LOGO A MELHOR. COMPRE A NOVA MONARK GALÁXIA 67

Crime com arma branca e sangue êles cortam

CENSURA
CONTINUAÇÃO

Quando soube da interdição, não achou graça nenhuma. Chefe do chefe da censura, mandou que **Viva Maria** fôsse liberado.

Pode acontecer também que o público nem fique sabendo que certos filmes entram no Brasil. **Delírio Noturno,** japonês, foi devolvido pela censura para reexportação, por "imoral e antiestético". Outros, começam a passar e depois são apreendidos: **Tentação Morena,** mexicano, teve sua exibição interrompida em Belo Horizonte. Os distribuidores tinham **esquecido** de tirar daquela cópia uma cena cortada pela censura, em que a atriz Izabel Sarli toma banho num rio, completamente nua.

Mas nem só sexo e subversão dão trabalho aos censores:

— Crime com arma branca que tem sangue, eu corto — diz um dos homens do serviço.

005 *contra o "strip-tease"*

O ex-chefe Chediak baixou uma portaria — de número 005 — proibindo o **strip-tease** para todo o território nacional. Romero do Lago derrubou essa portaria. Agora o **strip-tease** não é mais proibido, desde que as câmaras estejam a mais de cinco metros do objetivo. Isso é o que diz a nova portaria, que assim exige um requisito a mais dos censores: golpe de vista.

Além dessa liberalidade, Romero do Lago juntou uma importante inovação ao Serviço de Censura de Diversões Públicas:

— O SCDP — diz êle — concederá certificados especiais de censura cinematográfica a filmes considerados de valor educativo, para exibição em entidades culturais, onde entidade cultural é definida como universidade, cinemateca, fundação cultural ou cineclube filiado à Associação Brasileira de Cinema de Arte.

Veridiana, de Luiz Buñel, foi o primeiro a obter essa categoria de filme de valor educativo, tendo sido liberado integralmente, com a condição de não ser exibido comercialmente. Antes da portaria, o filme fôra censurado e cortada uma cena em que um grupo de mendigos se banqueteia numa mesa com talheres finíssimos, num salão medieval, durante a ausência dos donos da casa. A cena é uma paródia da passagem bíblica pintada por Leonardo Da Vinci.

Augusto da Costa, o ex-beque da seleção, afirma:

— É uma tentativa de ridicularizar a Santa Ceia, e o filme é anticlerical.

Antônio Fernandes de Sylos, um dos censores, está com o beque:

— E quem é que garante que não é mesmo a Santa Ceia?

Proibido para censores

Extraconjugal, filme italiano com quatro histórias, entrou na censura normalmente. A última das histórias deu um susto nos censores: era **forte** demais. Resolveram interditar a fita a não ser que aquêle episódio fôsse eliminado.

Os distribuidores entraram com recurso, pedindo reexame. **Extraconjugal** foi revisto e a censura acabou autorizando a emissão do certificado, mas proibindo o filme para menores até 21 anos. Assim, um brasileiro de 18 anos, pode ser eleitor, funcionário público (e até censor), mas está proibido de ver a fita.

Não existe nenhuma lei, decreto ou portaria que permita proibir filmes em estágios fora dos níveis de 10, 14 e 18 anos. Uma vez ou outra, porém, há essas exceções: **Dr. Jivago,** de custo caríssimo, tinha sido proibido para menores até 18 anos. Os distribuidores, desesperados, apresentaram recurso. Resultado — foi proibido para menores até 16 anos. Afinal, o filme mostrava muita guerra, um herói que vivia feliz com a amante e o romance fôra proibido em seu país de origem, a Rússia.

Mas não são apenas essas as fórmulas de censura vigentes no Brasil. Cinemas de propriedade de padres e igrejas, principalmente nas cidades do interior, de vez em quando suspendem a exibição de algum filme, quando os gerentes foram **enganados** pelo título, na escolha do programa mensal.

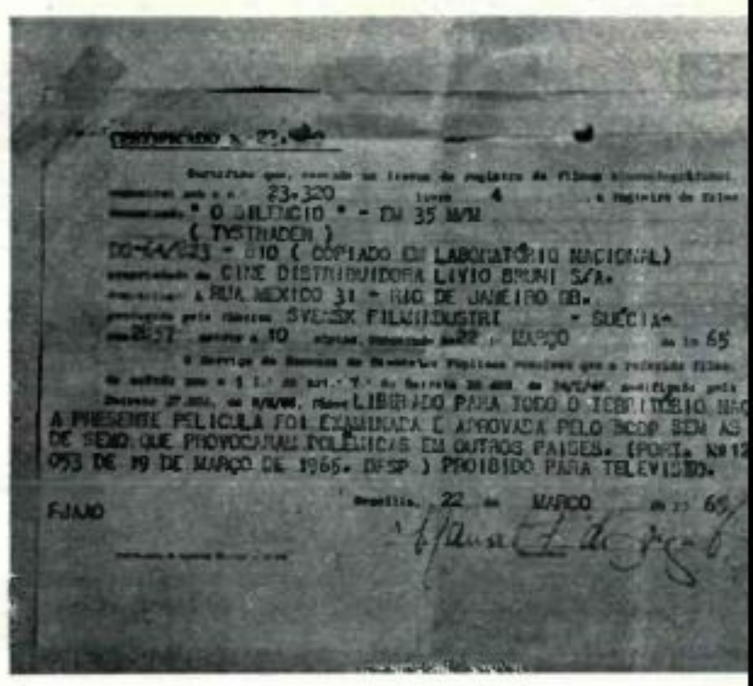
Há pouco tempo, em Niterói, o governador do Estado do Rio, Jeremias Fontes, que é protestante, censurou a própria censura. Rasgou e jogou no lixo uma foto de mulher nua que encontrou emoldurada, carimbada **censurado,** enfeitando a mesa do chefe da censura estadual.

Quem está contra a censura

Nem todos, porém, pensam como o governador Jeremias Fontes. Entre os intelectuais brasileiros, por exemplo, será difícil encontrar-se alguém favorável à censura. Para Carlos Diegues, cineasta, diretor de **Ganga Zumba** e **A Grande Cidade,** "não deveria existir censura nenhuma". Esta é a sua opinião:

— Sou contra qualquer tentativa de impedir a expressão livre de quem quer que seja.

SEGUE

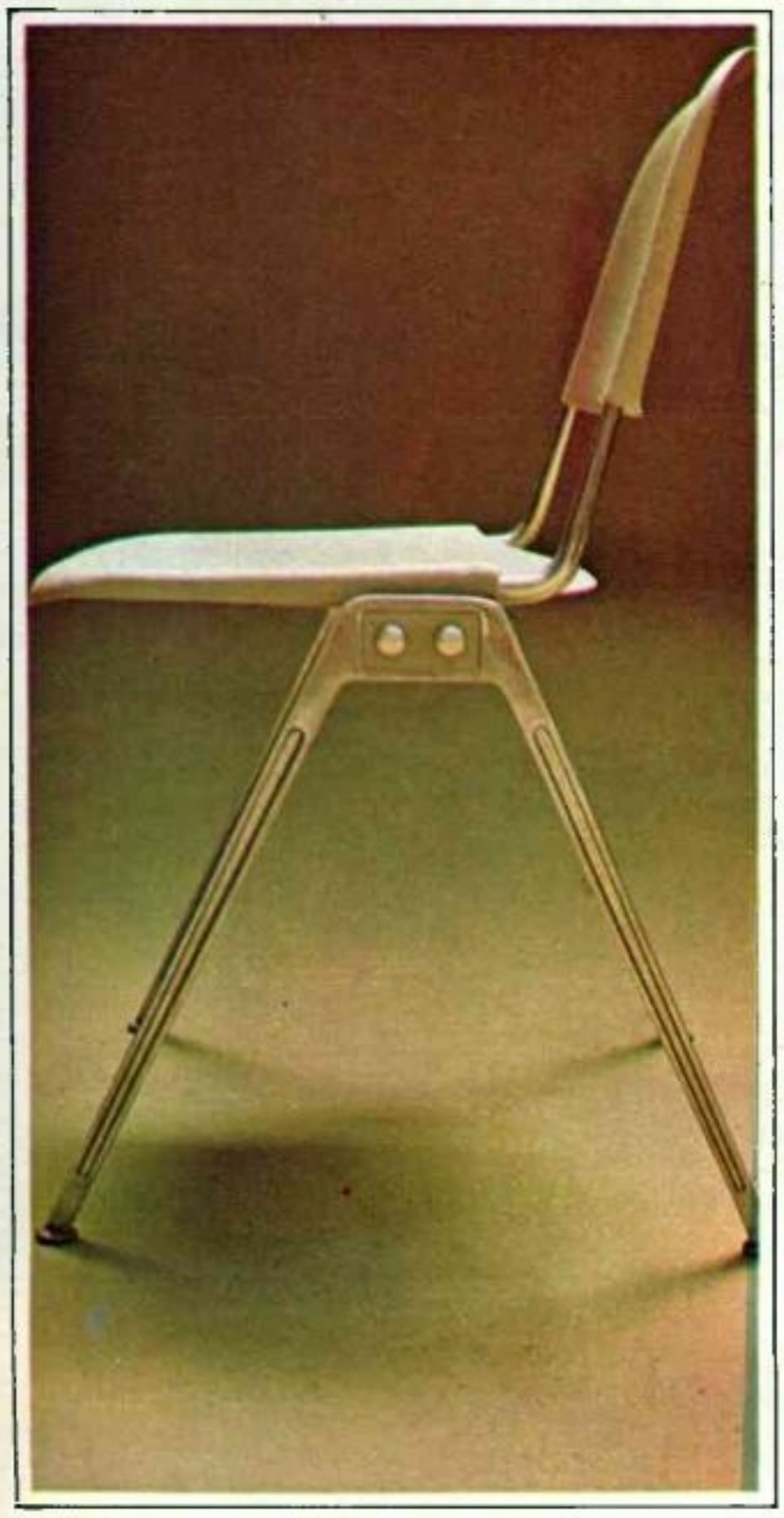


Censor não quer saber de muita violência, nem de sexo em demasia. "O Silêncio" só foi liberado com cortes.

625 cadeiras em 9 m²

Você empilha 625 cadeiras em 9 m²
ou se quiser só 125 cadeiras então
precisa de menos de 2 m²,
isso além de ser a cadeira mais
versátil jamais vista, em Auditórios,
elas podem ser unidas formando
fileiras (por meio de um dispositivo
especial) ou em restaurantes elas
tem a resistência exigida para
um uso rude e constante,
ou bem ao ar livre,
elas não tem problema de ferrugem
pois sua construção em plástico e
alumínio fundido a torna
invulnerável ao sol e a chuva,
o ideal para clubes.

knoll international



Peça em nossas lojas uma demonstração e depois temos a certeza que você achará ela realmente a cadeira mais versátil no mercado, mais um lançamento da Knoll International através da Forma.

Ah! mais um detalhe para você se lembrar, o nome desta cadeira é Albinson.

Patente nº 169.184

forma s.a. móveis e objetos de arte

rua b. de itapetininga 224 14º
telefone: 35 5644
rua augusta 2399 tel: 80 8983
são paulo

rio de janeiro
av. churchill, 129 4.º andar gr. 403
telefones: 22 41 25 22 32 61

belo horizonte
rua tamoios, 200 6.º andar
telefone: 4 39 77

forma

"Um país civilizado não tem mêdo de censura"

Por outro lado compreendo os motivos pelos quais o Estado se protege através de instrumentos odiosos como o da censura: êle precisa se precaver contra as "doenças sociais", animadas, quase sempre, pelo livre pensamento condutor da opinião pública e da crítica. A censura moral encobre, no final das contas, a censura política. E é em nome desta que se faz a primeira. Para quem faz cinema (ou qualquer outra coisa) a presença da censura é asfixiante, estamos sempre **medindo** nossa possibilidade de enfrentá-la. A única maneira de conviver com ela, já que é impossível evitá-la, é lutar pela sua liberalização, tentar fazê-la progredir, para que possa se transformar num instrumento menos obscuro, como já é em tantos países do mundo. O melhor modo para se chegar a isso é estabelecer uma discussão da qual ela sairá, quase que fatalmente, mais moderna.

"Sou contra qualquer tipo de censura"

O jornalista, ensaísta e crítico literário Paulo Francis faz comparações entre o Brasil e os Estados Unidos:

— Sou contrário a qualquer tipo de censura: política, moral etc. É evidente que o excesso de liberdade pode acarretar alguns excessos anárquicos. Mas está provado, pela experiência de países como os Estados Unidos, que qualquer sociedade civilizada é perfeitamente capaz de absorver êsses excessos sem nenhum prejuízo para a sua estrutura. Um bom exemplo é a peça **Mac Bird,** onde o presidente Johnson é explìcitamente acusado de haver assassinado o presidente Kennedy. A peça não foi censurada, e o govêrno Johnson não caiu. Isto é válido também para a censura dos livros ditos obscenos. No Brasil, em particular, a censura tem sido um fator de obscurantismo político e sexual. Um bom exemplo do primeiro caso foram as apreensões de livros no govêrno Castelo Branco; e, no segundo, as apreensões de livros como **O Casamento** e **Fanny Hill.** Uma sociedade que não pode ler a respeito de um ato fisiológico normal, como é o sexual, não está preparada para o desenvolvimento industrial e para a era da tecnologia.

"Crítica sim, censura não"

Josué Montelo, escritor e membro do Conselho Nacional de Cultura, também condena a censura:

— Só aceito como válida à obra de arte a censura feita em nome de princípios de ordem estética. E esta é exercida ou pelo artista — no momento da criação — ou pelo espectador, diante da obra realizada. Esta censura chama-se crítica e só interfere na criação por iniciativa de seu criador. Fora daí, a censura aparece numa faixa de ordem ética. Fala a moral onde deveria falar a estética. Ora, a obra de arte deve ser permanente, como mensagem humana, enquanto os princípios de ordem ética — onde a censura se baseia — variam com o tempo e as latitudes.

"O censor vive assustado"

O jurista Evaristo de Morais vê o problema assim:

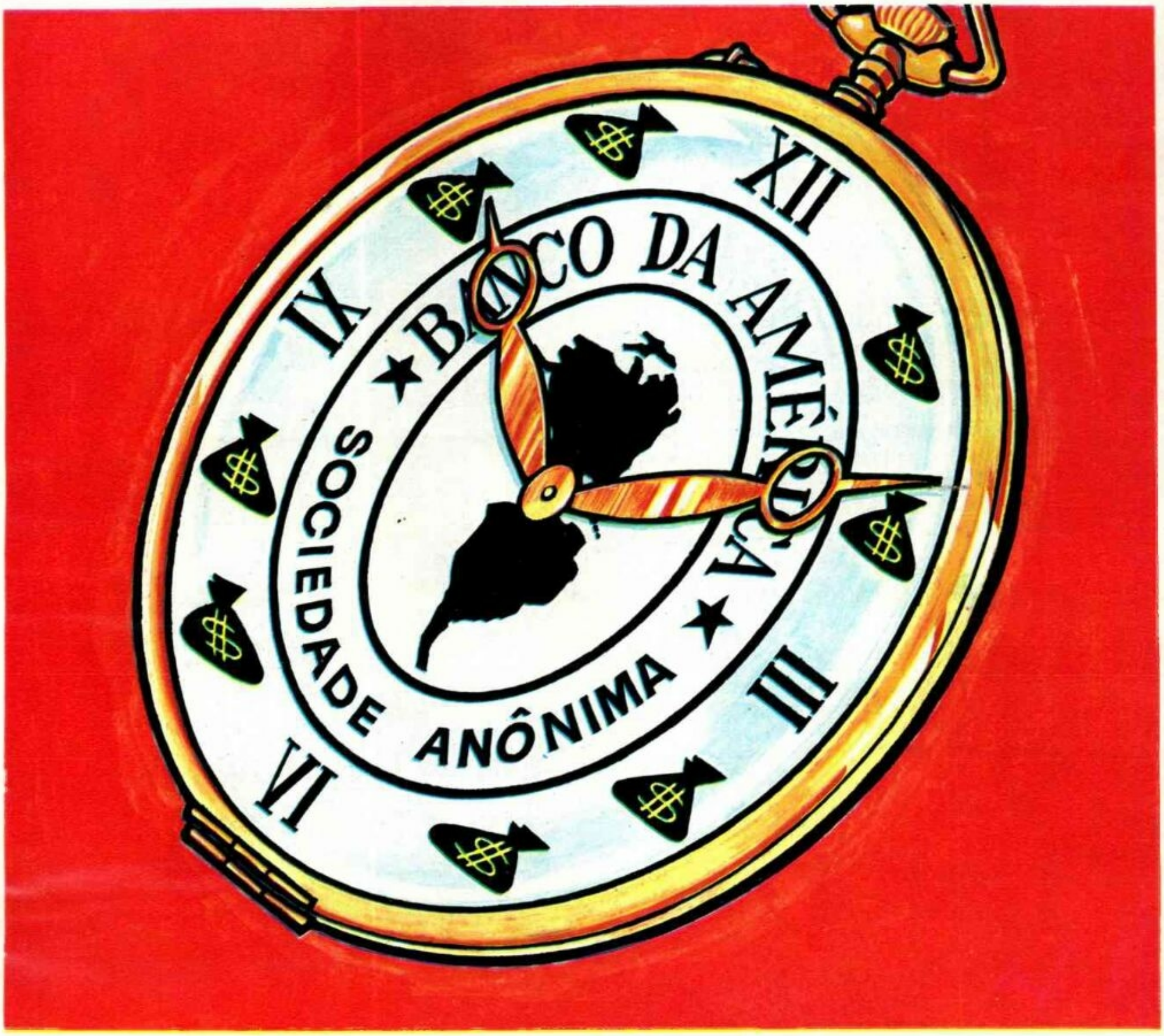
— A censura, do ponto de vista jurídico, pouco se diferencia da censura do ponto de vista sociológico. Pois ela representa nada mais do que aquêle contrôle social, difuso e inorganizado, mas formal e institucionalizado através de códigos, leis e tribunais e policias. Em qualquer país do mundo, a censura é sempre a defesa da ordem social e econômica constituída. Por isso mesmo, o govêrno — apesar de tôdas as críticas — prefere sempre a censura prévia, em lugar da exercida depois do fato consumado, com plena responsabilidade de seu autor. Com a censura prévia o que se procura é evitar que o público tenha conhecimento daquilo que poderá causar dano aos valôres, interêsses e crenças dos poderes constituídos. Infelizmente, salvo raras exceções, os censores vivem assustados e vêem atentados contra a ordem dominante por tôda parte, mutilando as livres criações do espírito humano.

"Ela cria hipócritas"

Napoleão Moniz Freire, autor e atualmente diretor do Departamento de Teatro da Guanabara, encerra a série de críticas:

— Há um perpétuo conflito, na marcha do mundo, entre o bem e o mal. Existe a idéia. Existe a liberdade de pensamento. Existe a liberdade de opinião, de exame e deliberação. A liberdade de expressão sofre, às vêzes, censura. Acontece que, existindo a liberdade de pensamento e a de opinião, não será a censura que irá eliminar a idéia. Uma idéia só poderá ser eliminada quando voar e sofrer o embate da dignidade. Nunca será eliminada pela censura, que sòmente cria hipócritas. FIM

"Veridiana" e "Terra em Transe", mais dois filmes censurados, por "irreverência religiosa" e por "subversão".



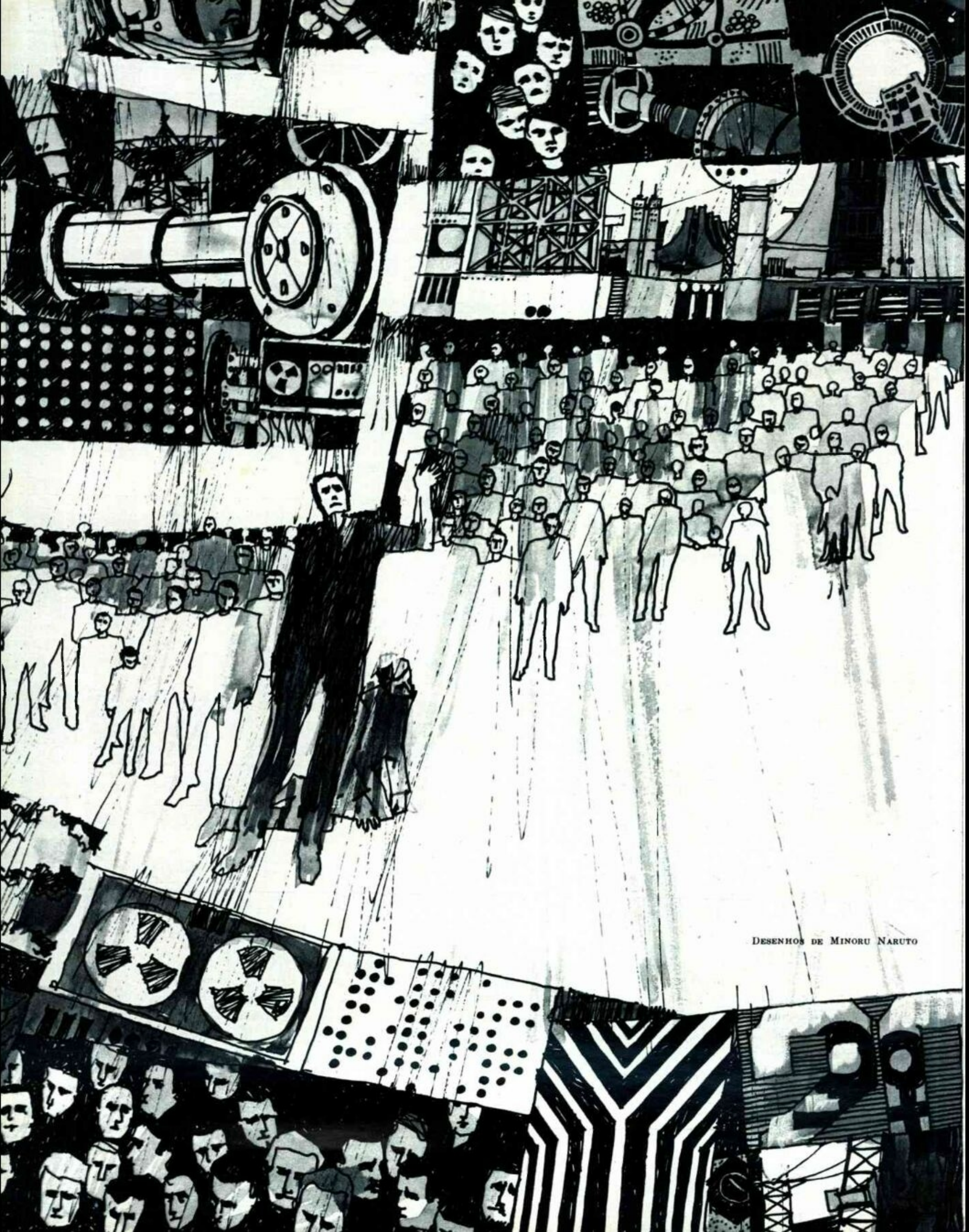
TEMPO É DINHEIRO... GANHE TEMPO SERVINDO-SE DO BANCO DA AMÉRICA

Você ganha tempo já pelo fato de haver sempre pertinho de seus negócios uma agência do BANCO DA AMÉRICA. Mas há mais: se você o preferir, vá de carro e nem saia do carro, servindo-se do sistema motorizado de "drive-in" bancário. No BANCO DA AMÉRICA é tudo assim: as informações são prestadas pela rapidez do telex, os dados são conferidos com a exatidão do processamento eletrônico. O tempo vale muito mais quando você se serve dos modernos serviços do BANCO DA AMÉRICA. No BANCO DA AMÉRICA voce sempre está em casa.

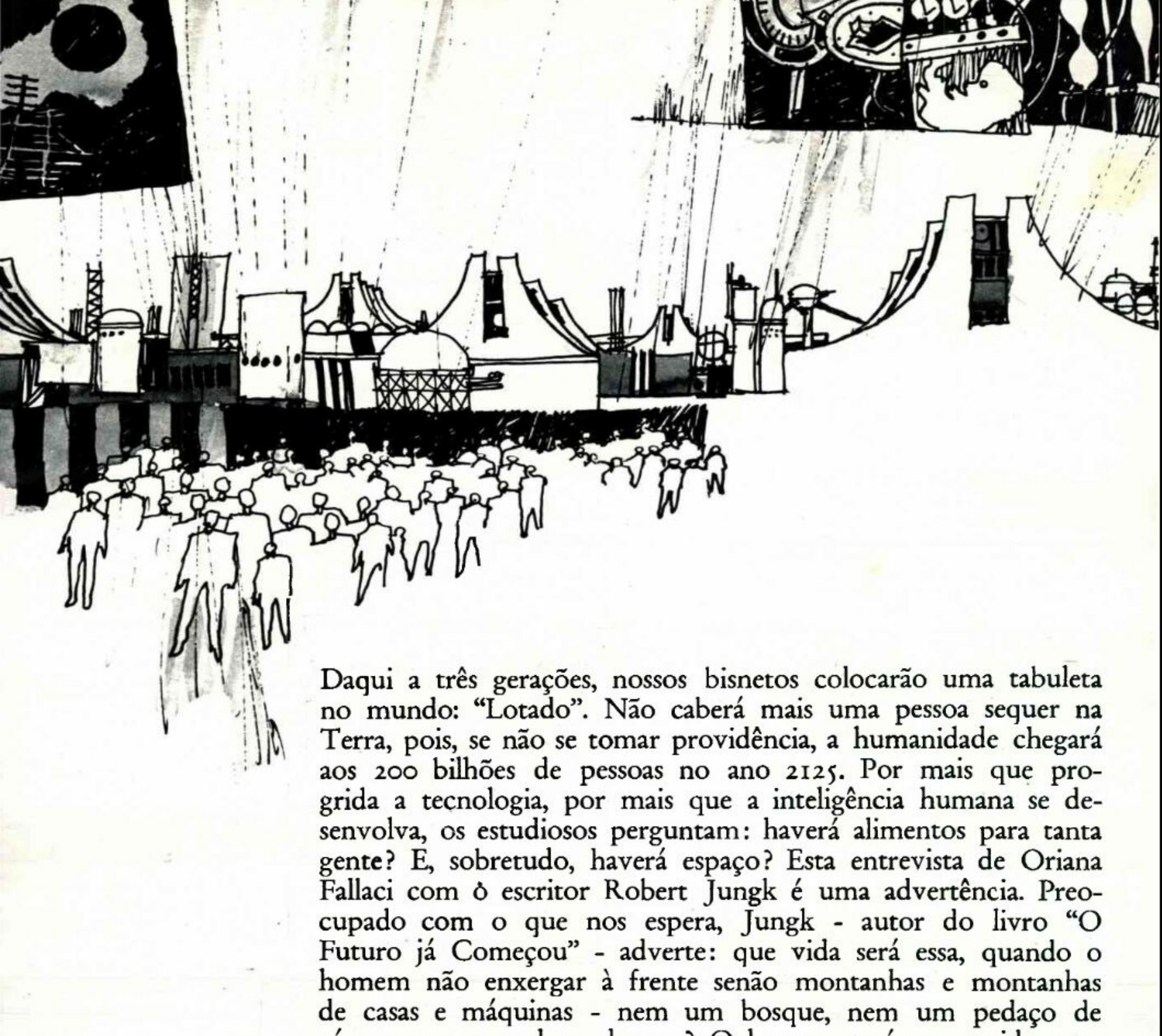
BANCO DA AMÉRICA S.A.

62 correspondentes em todo o mundo
e uma Agência sempre perto de você

SOMOS



DESENHOS DE MINORU NARUTO



Daqui a três gerações, nossos bisnetos colocarão uma tabuleta no mundo: "Lotado". Não caberá mais uma pessoa sequer na Terra, pois, se não se tomar providência, a humanidade chegará aos 200 bilhões de pessoas no ano 2125. Por mais que progrida a tecnologia, por mais que a inteligência humana se desenvolva, os estudiosos perguntam: haverá alimentos para tanta gente? E, sobretudo, haverá espaço? Esta entrevista de Oriana Fallaci com ò escritor Robert Jungk é uma advertência. Preocupado com o que nos espera, Jungk - autor do livro "O Futuro já Começou" - adverte: que vida será essa, quando o homem não enxergar à frente senão montanhas e montanhas de casas e máquinas - nem um bosque, nem um pedaço de céu, nem um pedaço de mar? O homem terá conseguido prolongar sua existência até os 200 ou 220 anos, mas será que

VALE A PENA VIVER AMANHÃ?

algumas pessoas andam vendendo o

relógio **SEIKO**

sem a garantia que oferecemos

Agora, isso não pode mais acontecer.

A GARANTIA VAI ANEXA NO PRÓPRIO RELÓGIO

Por duas razões: para Você reconhecer o legítimo relógio SEIKO e para que Você fique tranquilo ao compra-lo.

Por favor! Compre qualquer outro relógio se Você não faz questão de garantia. Preferimos perder um freguês do que um Amigo.

TERMO DE

GARANTIA

RELÓGIO **SEIKO**

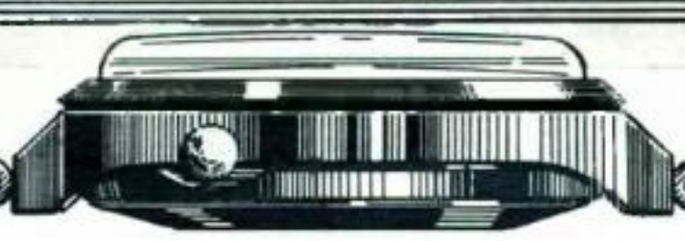
SÉRIE Nº 1>D6,501.422

Êste relógio SEIKO é totalmente garantido, durante um ano, a partir da data de aquisição, contra qualquer defeito de fabricação ou peças. Dentro desta garantia, qualquer irregularidade entre as acima mencionadas será reparada pelo representante, sem nenhum ônus para o comprador.

HASE & CIA. LTDA.
Representante exclusivo para o Brasil

(PARA DEMAIS INSTRUÇÕES VIDE VERSO)

Printed in Japan



Ao comprar o relógio SEIKO, procure um de nossos Revendedores autorizados e exija o **Certificado de Garantia**

SEIKO

DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Largo da Misericórdia, 24 - 5º andar - São Paulo
Av. Rio Branco, 156 - s/ 3124 - Rio de Janeiro
Rua Venâncio Aires, 777 - Porto Alegre - RGS

As crianças vão nascer em laboratórios

ANO 2000
CONTINUAÇÃO

Não é bem uma entrevista: é o brado de alarma de um homem que há tempos nos ensina a olhar para o amanhã de olhos abertos. Estávamos em Nova Iorque. Tínhamos jantado e agora tomávamos um café no apartamento, enquanto conversávamos sôbre o ano 2.000. Não está longe, faltam apenas 33 anos. Sentado junto de um mapa-mundi, Jungk refletia:

— Estamos no ano 2.000. Antes de mais nada, notamos que nos últimos 50 anos a tecnologia desenvolveu-se muito mais do que nos anteriores 5 mil anos. Agora continuará a aperfeiçoar-se, passaremos das viagens de avião a Acapulco às viagens de foguete a Marte. Os milagres acontecerão em tôdas as ciências, como na biologia. E os biólogos sentem o mesmo receio que os físicos atômicos depois da guerra: de repente dispõem de um poder para o qual não estão preparados. Ano 2.000: os cegos enxergarão, os surdos ouvirão, os aleijados sairão correndo, o câncer será curado, qualquer órgão será transplantado. E isto não é nada, se pensarmos que será possível fazer crescer um feto humano fora do útero: crianças nascidas sem a gravidez!

Eu ouvia com o respeito do aluno que acompanha o professor. Mas de repente interrompi-o, preocupada:

— Céus, Jungk! Isto será bom ou ruim?

Sob as sobrancelhas, embranquecidas como os cabelos, suas pupilas se iluminaram:

— Eis uma pergunta importante. Muitos vivem fazendo contas sôbre o futuro, dizem que acontecerá isto e aquilo. Mas ninguém pergunta: será bom ou ruim? Não devemos interessar-nos pelo futuro por simples curiosidade, mas por responsabilidade, a fim de evitar catástrofes. . .

Sem nem pedir licença, eu liguei o gravador e coloquei-o perto dêle:

— Que catástrofes, Jungk?

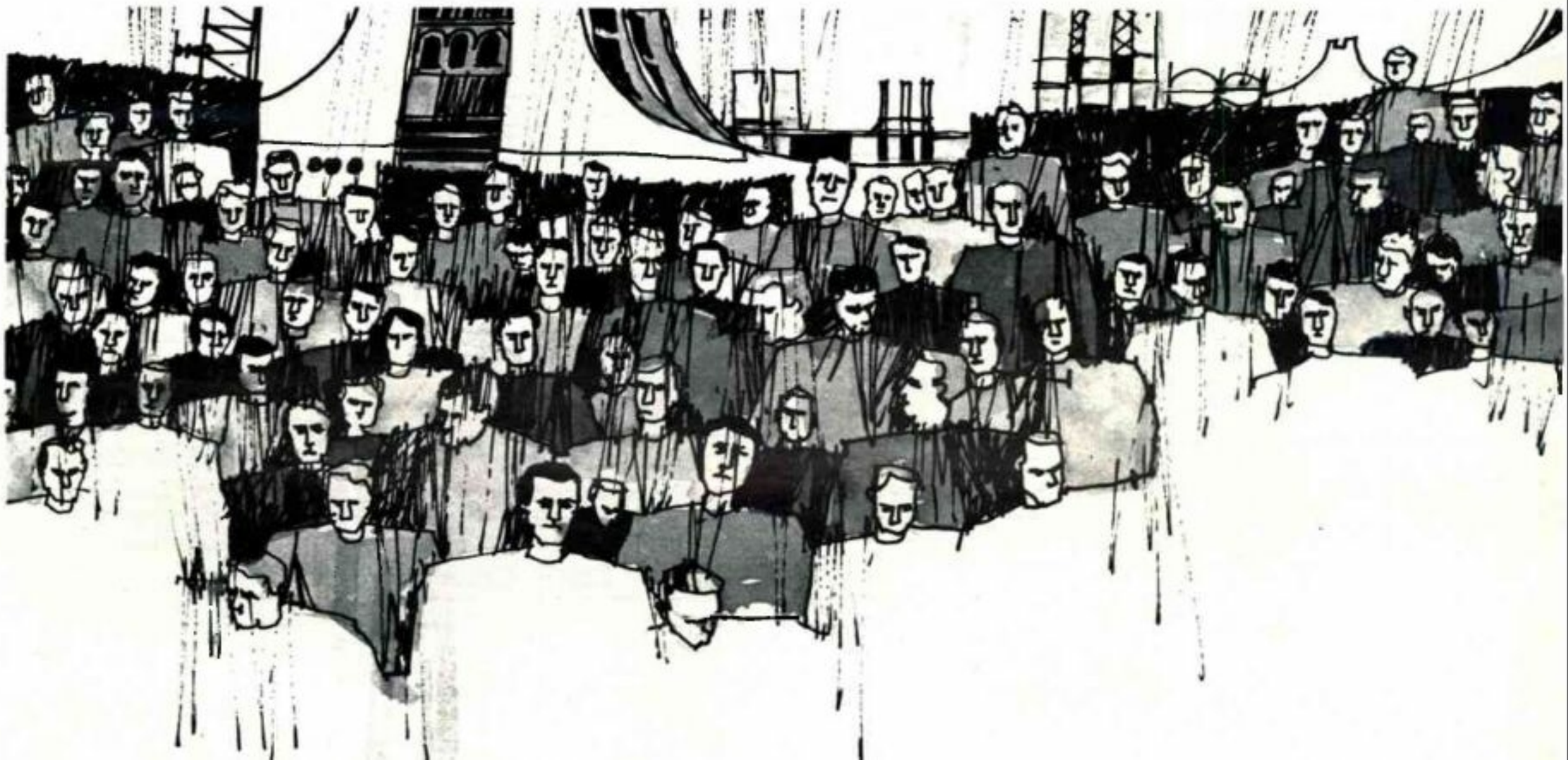
— Primeira: a catástrofe das catástrofes — o aumento da população terrestre. A ONU prevê que no ano 2.000 seremos seis ou sete bilhões. Isto significa que daqui a 33 anos viveremos como num cinema cheio de gente, a Terra quase não terá mais árvores nem minerais. A necessidade cresce com o aumento da natalidade. Nos últimos cem anos a humanidade consumiu mais florestas, mais minérios, mais carvão do que já tinha consumido desde que o primeiro homem aparecera. Mas há uma necessidade mais dramática: o espaço. Se voltarmos a falar nisso só no ano 2.000, será tarde demais. No ano 2.030 seremos 12 ou 14 bilhões, em 2.060, 24 ou 28 bilhões, e. . . Um estudioso católico calculou que a Terra pode alimentar de 60 a 80 bilhões de pessoas. Muito bem, mesmo que seja verdade, se não limitarmos a natalidade, dentro de 150 anos o número de 80 bilhões estará ultra-superado: seremos 200 bilhões de pessoas no ano de 2.125. Nessa data, segundo os estudiosos da Universidade de Michigan, a Terra não poderá hospedar mais ninguém. Como num cinema, onde não há mais lugar para sentar, o homem deverá colocar uma placa no mundo: "Lotado". E esta data não está longe. Está mais próxima que a Revolução Francesa. Como escritor, não fiz outra coisa a não ser escrever sôbre situações catastróficas — bomba atômica, automatismo, superpopulação. Certa vez, um cientista disse algo que me impressionou: "Se tivéssemos ao menos sabido que as conseqüências seriam estas." Pois bem: desta vez sabemos quais serão as conseqüências. Vamos evitá-las, portanto: limitando a natalidade. Obrigando as pessoas a usar anticoncepcionais, ou até "multando" aquêles que tiverem muitos filhos: o contrário do que foi feito até hoje. Ter filhos será um luxo para a humanidade, um luxo como usar abrigos de pele, perfumes.

Daqui a 33 anos será tarde

Eu estava abismada. A questão, porém, não é só do aumento da natalidade, mas também da diminuição do número de óbitos. Ou seja, no dia em que aprendermos a derrotar a morte, vamos ter de aprender a derrotar a vida? Jungk explicava:

— Parece contra a natureza. Mas derrotar a morte também é contra a natureza. Ora, se o homem agiu contra a natureza prolongando sua própria vida, da mesma forma precisará agir contra a natureza, limitando o nascimento de outras vidas. A população terrestre começou a crescer de verdade faz 200 anos, quando a medicina e a cirurgia arriscaram seus primeiros passos. Assim, a ciência modificou o processo da vida. Agora, para que o mundo não seja destruído, precisa modificá-lo de nôvo. E já. Não podemos esperar sequer êstes 33 anos, como fazem certas pessoas que precisam de uma operação, e vão adiando, à custa de pílulas e emplastros, até que um dia, quando se decidem, é tarde demais.

Por que prolongar a vida? — pensei comigo. Para que serve um mundo de velhos? Por que não deixar que os novos nasçam? Mostrei preocupação a Jungk, mas êle continuou: SEGUE



O que é que um carro assim bonito está fazendo num lugar como êste? Olhe de nôvo. É o Utilitário Chevrolet.

Chevrolet dá o exemplo e mostra que um utilitário pode e deve ser bonito. Fica bem em qualquer circunstância: trabalhando, como utilitário que é, ou na hora de passear, quando faz vista entre veículos menos versáteis... Tem de sobra o que se espera de um utilitário: solidez, confôrto, durabilidade, economia. É digno de confiança. E acrescenta, como exclusividade, essa beleza, essa classe, êsse brasão: Chevrolet.
Ao ver tanta classe, você só não comprará um Utilitário Chevrolet "0" km se preferir comprar um Chevrolet usado. É a única alternativa para quem quer um utilitário elegante.

Peça hoje ao seu Concessionário CHEVROLET uma demonstração grátis do utilitário brasileiro de classe. Êle tem as chaves de um Chevrolet à sua espera.

Um produto **GENERAL MOTORS**

O MAIOR E MAIS EXPERIENTE FABRICANTE DE AUTOMÓVEIS EM TODO O MUNDO

CHEVROLET • OPEL • CADILLAC • BUICK • PONTIAC • OLDSMOBILE • VAUXHALL • BEDFORD • HOLDEN • GMC.

GM BRASIL

O Japão já pensa em viver dentro da água

ANO 2000
CONTINUAÇÃO

— Um homem que não nasceu não existe. Mas um homem nascido é um capital precioso: precisa ser conservado o maior tempo possível. E a maior conquista do ano 2.000 não será aumentar a vida a 200, 220 anos: será podermos viver sem envelhecer. Os biólogos descobriram que se pode alterar o processo fisiológico do homem assim como se pode influenciar o processo físico da natureza. Ou seja: podemos penetrar nas células humanas como penetramos no átomo, podemos combater o envelhecimento das células assim como podemos desintegrar o átomo. Se conseguirmos chegar a isto, por que deixar que um homem morra de velho aos 75, quando pode durar bem conservado até 220? Depois dos 100 ou 150 anos, é bem verdade que a vida começa a ficar difícil, o cérebro entra em degeneração. Mas mesmo assim, é possível prolongar o funcionamento dêle. Um biologista sueco, professor Hyden, faz uma experiência que a muitos parece terrificante — a mim parece sublime: êle **educa** um rato e, quando o animalzinho aprendeu bastante, mata-o, retira-lhe do cérebro a parte onde se instalaram os ensinamentos e injeta no cérebro de outro rato ignorante. O professor Hyden provou que a sabedoria, a inteligência podem ser injetadas no corpo como se fôsse vitamina. No ano 2.000, isto pode ser feito com os homens. Não é entusiasmante?

Um mundo de velhos nos espera

Não pude responder. Durante alguns segundos Jungk calou-se, eu fiquei pensando no mundo que nos espera, um mundo cheio de velhos e vazio de crianças. Velhos de corpos jovens, que entrarão nas farmácias para comprar "inteligência" em ampolas. Em casa terão sempre a seringa de injeção preparada. E a nova inteligência a nascer ficará prisioneira no nada. No entanto, erga a mão aquêle que não deseja ver seu pai, sua mãe viver mais. Atire a pedra aquêle que não quer, êle próprio, chegar aos 200 ou 220 anos. Ou aquêle que não admite que Einstein, Tólstoi ou Michelângelo deveriam ter vivido muito mais, para produzir mais, deixar mais. Interrompi os pensamentos de Jungk:

— No ano passado o Papa estêve em Nova Iorque e falou à ONU: "Não podemos impedir que outros participem do banquete da vida." Se vivemos, por que outros também não deverão viver? Por que nós sim, e **êles** não? Eis tudo, Jungk.

Êle tinha a resposta pronta:

— Por que não será mais um banquete, será uma mesa vazia. As invenções nos ajudarão, fertilizaremos os desertos e nos socorreremos do mar. Porém levaremos no mínimo 30 anos para começar, e aí não haverá mais tempo. A FAO prevê uma grave crise de fome para a próxima década. E no entanto eu não falo apenas de alimentos. Não penso só no estômago, penso na alma! Penso nas casas, nas ruas, nas paisagens, no espaço. Devemos pensar na fome do corpo, sim, mas também na fome da alma. Está provado cientificamente que o homem, como outros sêres, fica mau, neurótico, louco, O homem endoidece na prisão. E nossas cidades, trens ruas, sem beleza e abarrotados, já não passam de prisões.

Concordei com Jungk e já podia prever o que êle continuaria dizendo:

— Em breve a Terra será tôda uma imensa prisão, sem céu, sem mar, sem florestas — e o que será de nós? Formigas? Acredito que Deus nos fêz para que fôssemos homens. Tenho mêdo de virarmos todos formigas. O raciocínio "se nós nascemos também os outros devem nascer" não cabe, portanto. A mim interessa a qualidade, não a quantidade. Quero uma humanidade humana, não uma humanidade numerosa. Até gostaria de fundar uma ordem: a Ordem para a Defesa dos Nossos Descendentes. Hoje todos têm sempre alguém ou algo que os defenda. Mas êles não têm defesa nenhuma.

— E vamos defendê-los não os deixando nascer?

— Exato. E não fazendo-os enlouquecer dentro dum "cinema" lotado, feio, sufocados por falta de espaço e beleza.

Mudar para Marte resolve?

Tentei continuar defendendo o direito de outros nascerem:

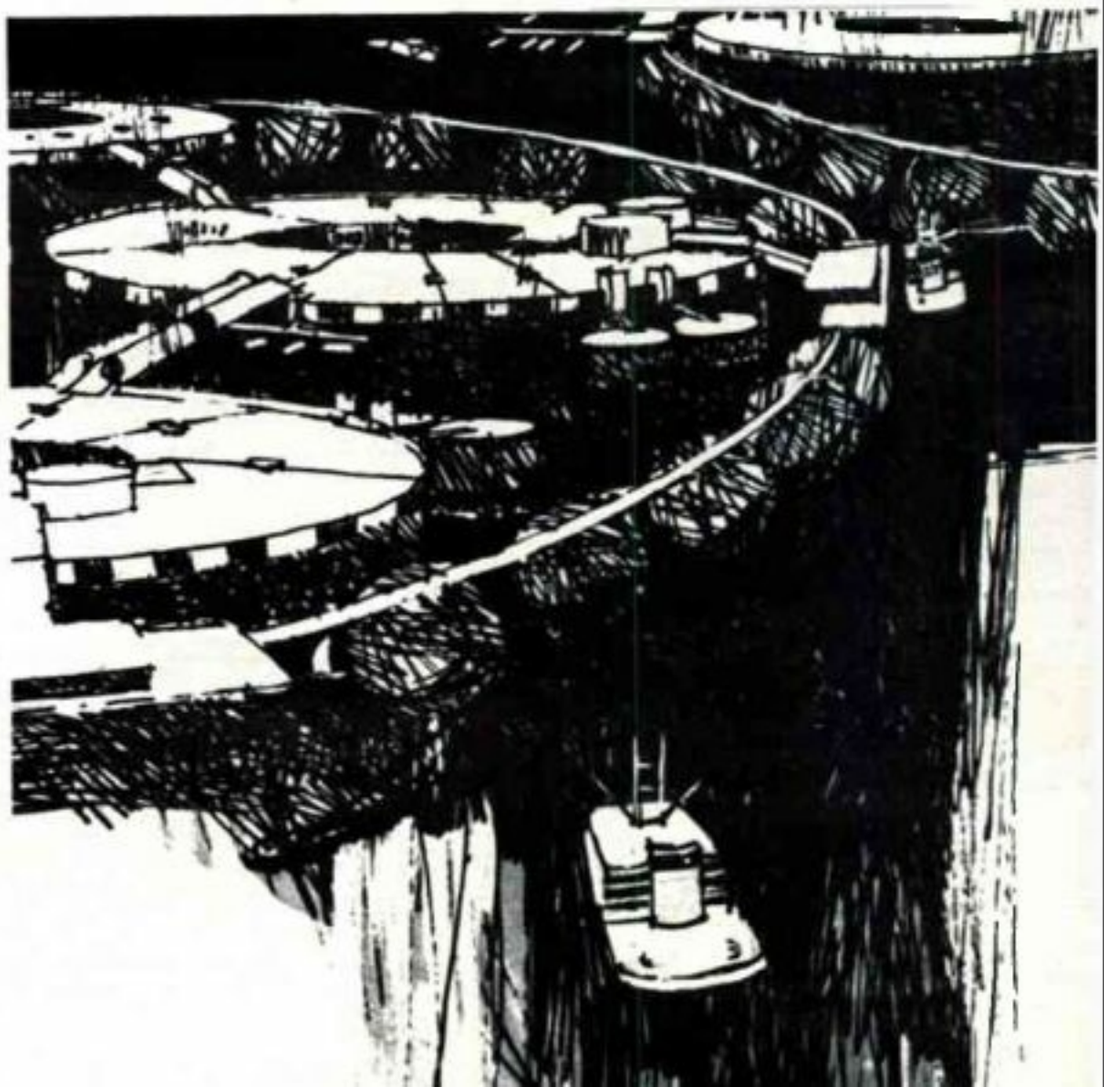
— Há muito espaço ainda. A Austrália está vazia, a Groenlândia também. Há muito lugar na África, na América Latina, nos Estados Unidos, União Soviética, Canadá...

— Êsses vazios serão logo ocupados. É como quando nos mudamos para uma casa maior. No início parece que ela nos servirá para sempre, mas logo a enchemos tôda de objetos e pessoas também: ela acaba ficando menor que a casa anterior. As prefeituras das grandes cidades abrem sempre novas avenidas, e no mesmo dia da inauguração elas já ficam congestionadas, aparecem mais automóveis de todos os lados. Quando não houver mais vazios, nem silêncio, não haverá mais amor, nem esperança. Para onde iremos?

Resolvi responder-lhe desta vez, disse-lhe que podemos ir para o oceano, para outros planêtas. Mas êle argumentou:

— A colonização de outros planêtas é pouco para resolver o problema da superpopulação. Colonizar significa transportar em massa. Suponha que um milhão de pessoas apenas estejam dispostas a emigrar para Marte ou Vênus. Quantos foguetes serão necessários para levá-los? E de que tamanho? Milhares e milhares de foguetes do tamanho de transatlânticos. Mesmo que seja possível construí-los e levá-los a Marte ou Vênus, eu pergunto: o que significa um milhão de pessoas a menos dentre bilhões? Nada. Você diz "ir para o oceano". Seria possível, mas que sentido teria? O homem tornou-se homem saindo da água, sobrevivendo fora dela, e a mim não interessa voltar a ser peixe. Existe uma só maneira de morar no mar: construindo uma cidade sôbre as águas. No Japão, mesmo experimentalmente, já começaram. E algum tempo atrás examinei o projeto de um austríaco, bastante razoável: uma imensa plataforma de plástico, quase um barco de muitos quilômetros de comprimento. Enfim, uma ilha artificial como Veneza.

O exemplo da cidade italiana construída sôbre as águas parece fasciná-lo, êle se entusiasma: SEGUE



Para sobreviver só estudando como loucos

— Parece uma contradição, mas se olharmos para o futuro, Veneza é a cidade mais moderna que existe. Um milagre que deveremos imitar. Até hoje tentamos adaptar as cidades aos automóveis, abrindo estradas e mais estradas, que vivem congestionadas sempre. Agora precisamos voltar às ruas estreitas, às praças. O maior achado na história das relações humanas: a praça, onde se pode parar para conversar e tomar café. Quando o progresso tecnológico chegar a tal ponto que o homem resolva eliminar os veículos dos centros urbanos, então as praças renascerão e as cidades imitarão Veneza. Ou Florença. Sim, viver sôbre o oceano é possível. A única coisa que me preocupa é a falta do verde, da terra. Só de água, ferro e cimento — vale a pena viver assim?

— Sempre vale a pena viver — respondi-lhe.

— Não, quando não existe beleza. Nos hospitais de loucos, os doentes choram sempre a falta de beleza...

Jungk levantou-se, foi à janela e começou a olhar para essa Nova Iorque sem árvores, pobre de praças — a metrópole mais moderna do mundo, mas que para êle não passa de um amontoado de gente e cimento armado.

Devemos imitar a natureza

— Acha que não temos muitas esperanças, Jungk?

— Temos esperanças se não ficarmos como idiotas, esperando de braços cruzados pelas catástrofes que nos ameaçam. Temos de fazer o cérebro trabalhar. Durante anos tive mêdo das máquinas, escrevi contra elas, queria destruí-las. Hoje não. Quero que elas sejam reconstruídas de acôrdo com a natureza. Quero que elas sejam silenciosas, minúsculas e que trabalhem escondidas, assim como nossos órgãos trabalham sob a pele. O homem, eis o mais perfeito modêlo para a tecnologia. Explico-me melhor: no ano 2.000 o automóvel começará a desaparecer. Ocupa muito lugar para uma só pessoa — mesmo duas ou três. Voltaremos aos transportes coletivos, trens, ônibus velozes. E subterrâneos, para que o mundo não se transforme num enorme bloco cortado de cimento e ferro. Precisamos esconder também tudo que enfeia: postes, fios, depósitos — tal como o corpo esconde as veias, os intestinos, os ossos. A torneira d'água, o exemplo da tecnologia humanizada. Antes a água nos chegava através de uma bomba barulhenta, visível. Agora vem por uma torneira pequenina e silenciosa, os canos por dentro das paredes e da terra. No lugar da bomba pode crescer uma árvore, ou brincar uma criança. A inteligência do homem até hoje trabalhou contra a natureza. Quando passar a imitá-la, a Terra voltará a ser bela, como é belo um corpo humano, do qual vemos os olhos, a pele, as feições, mas não os mecanismos escondidos lá dentro.

— E tudo será perfeito, e nos aborreceremos imensamente — provoquei.

— Se o futuro fôr o que imagino, e não a catástrofe que temo, jamais nos aborreceremos, porque seremos mais inteligentes. No ano 2.010 tudo será mecanizado e ninguém trabalhará mais de duas horas por dia. Mas os processos de produção serão tão complicados que ninguém poderá ser ignorante: para trabalhar numa máquina qualquer, o operário precisará fazer um curso universitário. Deveremos estudar como loucos para sobreviver. Note bem: só os ignorantes se aborrecem, o homem inteligente sempre encontra o que fazer com satisfação. E, quando não precisarmos mais brigar por um pedaço de pão, procuraremos outras coisas: nós mesmos, ou Deus. Um cientista, amigo meu, disse-me certa vez sôbre o protrosincrotron — a enorme máquina atômica de 600 metros de diâmetro que foi construída em Genebra: "Imagine que uma guerra destrua meio mundo e o nosso protosincrotron se salve. O resto da humanidade, ignorante, se aproximará da máquina pensando que aquilo deveria ter sido a igreja de algum culto, onde antigas civilizações rezavam."

Ano 2.000: *nôvo Renascimento*

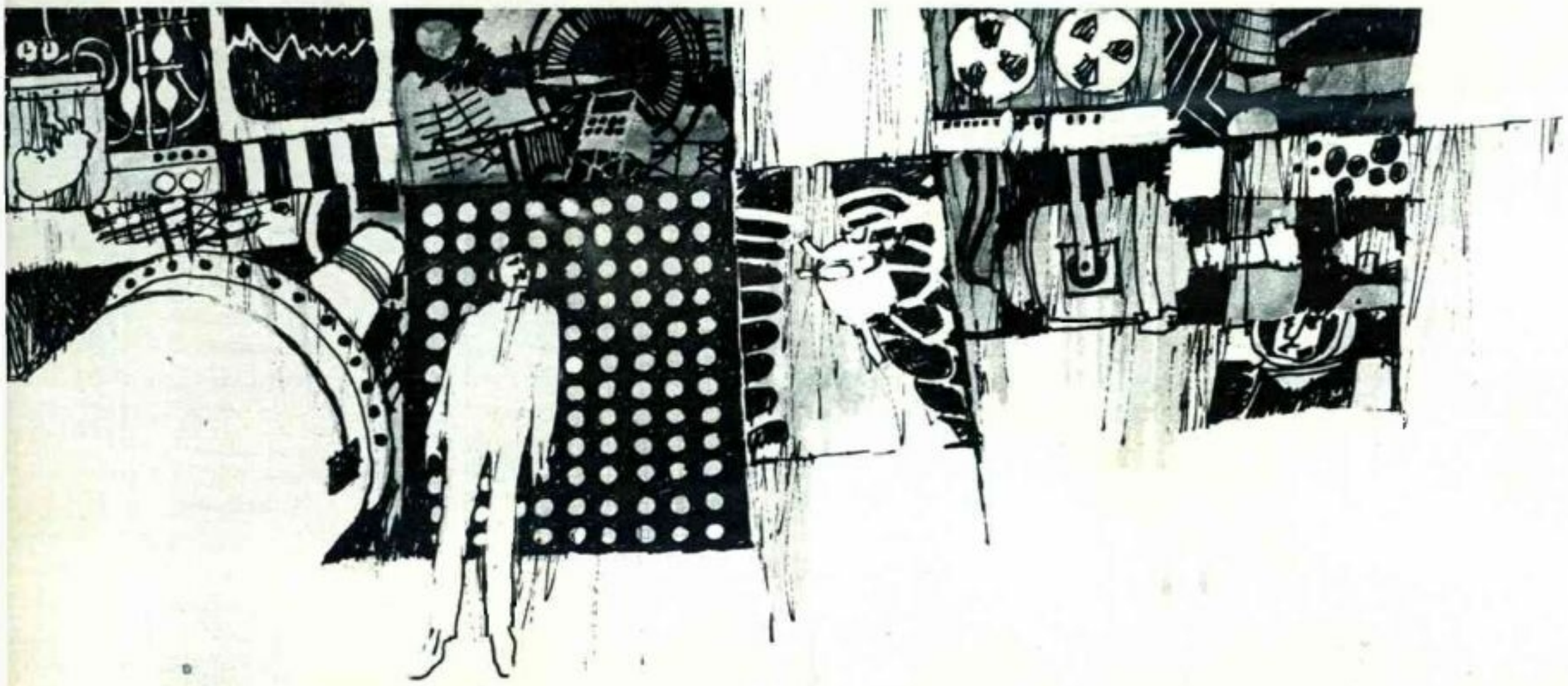
— Mas não podemos viver de ciência e mais nada.

— A ciência nos devolverá a arte. Se não nos multiplicarmos como môscas, o ano 2.000 trará um nôvo Renascimento. Ninguém pintou ainda as linhas e as côres sublimes da desintegração do átomo. Ninguém esculpiu ainda uma célula tal como aparece numa microfotografia. Os artistas traduzirão a ciência em música, pintura, literatura.

— Você acredita mesmo nisso, Jungk?

— Não sei, não sei. Meus sonhos são possíveis, mas não prováveis. O perigo é que o homem não consiga suportar as conseqüências de suas descobertas: nem fisicamente, nem moralmente. Isto me assusta mais do que tudo. Eu penso como Leo Szilird, inventor do reator atômico: "Existem 85 probabilidades em cem de que o mundo acabe, e 15 de que sobreviva. Vivo para aquêles 15 por cento." O dilúvio foi desejado pelo homem, que por um instante, enquanto Deus dormia, quis substituí-lo. Mas Deus acordou e disse a Noé para construir a Arca. Hoje está nos avisando de nôvo: falta pouco para o ano 2.000. Temos apenas 33 anos para que Deus não se arrependa pela segunda vez de ter colocado o homem sôbre a Terra.

FIM



Grande viagem aos maiores museus de todo o mundo.

Por apenas NCr$ 2,50 por semana.

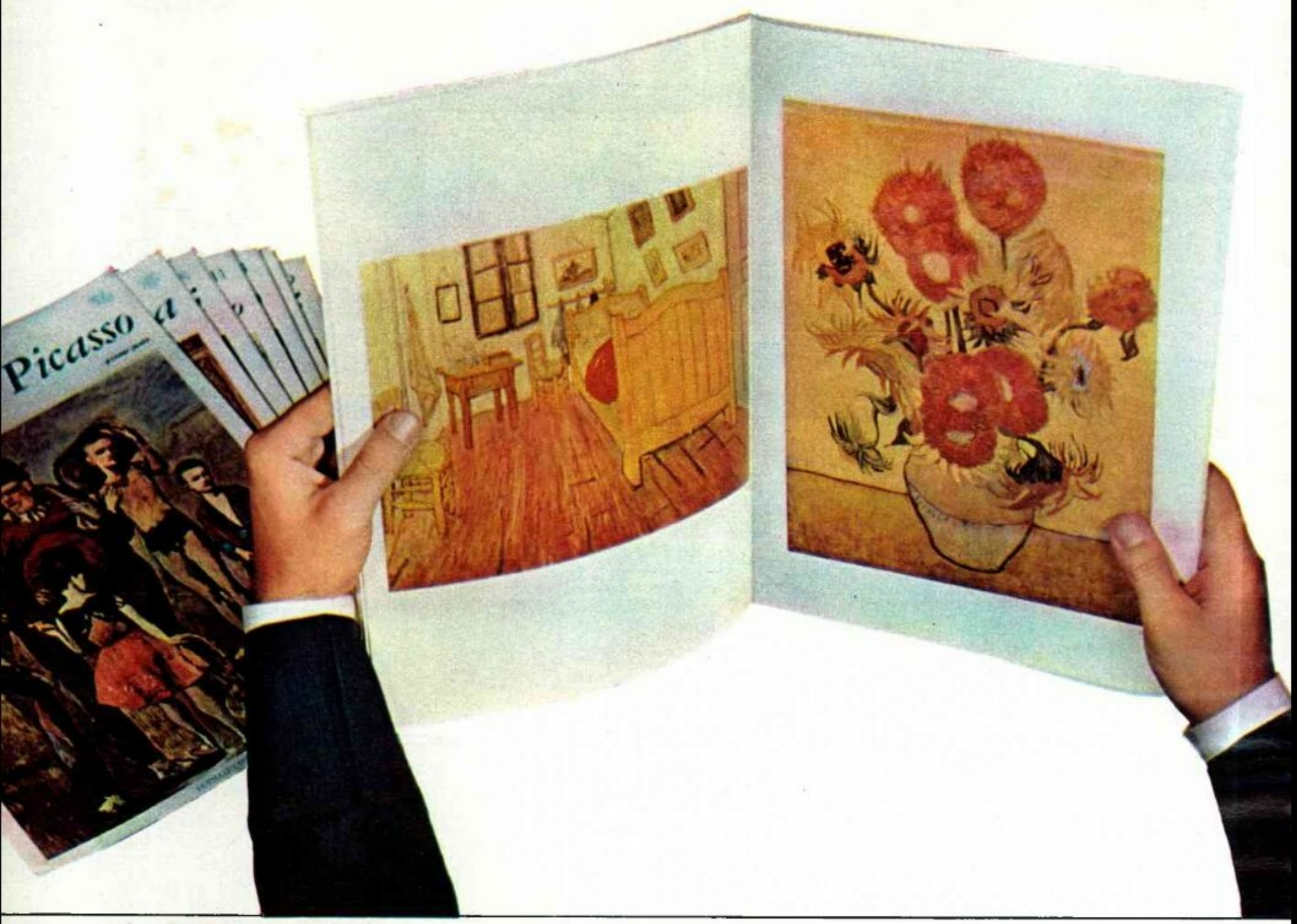
GÊNIOS DA PINTURA

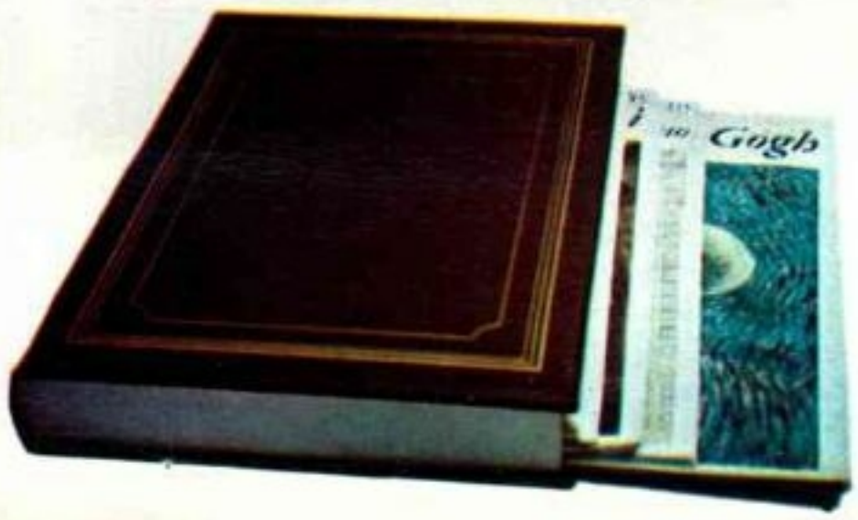
van Gogh

ABRIL CULTURAL

A Abril Cultura lança agora sua nova Coleção de fascículos:

GÊNIOS DA PINTURA





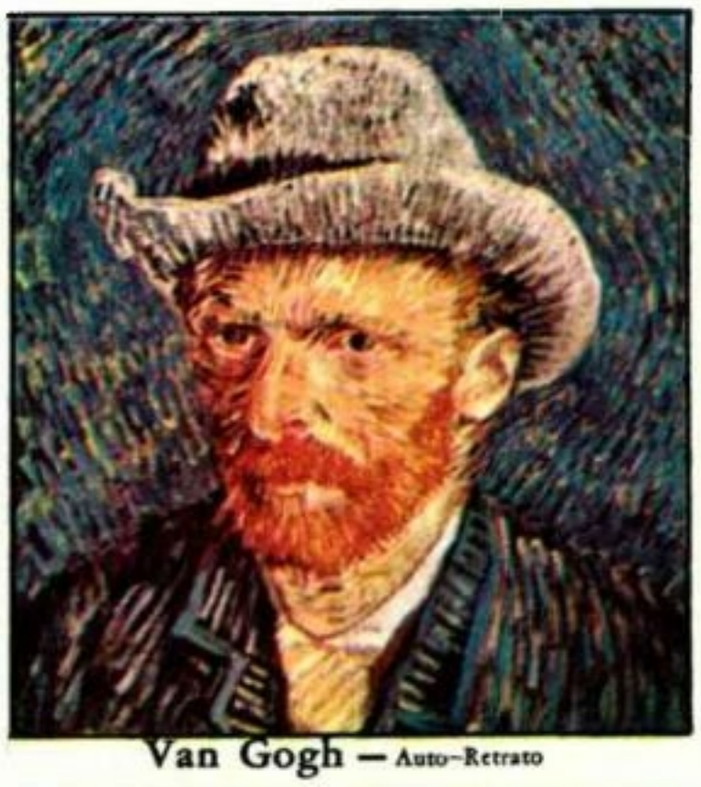
Uma coleção preciosíssima

Comprando um fascículo por semana e colecionando-os nas luxuosas Capas-Estojos que serão postas à venda a preço acessível, em pouco tempo você terá uma série de volumes abrangendo tôda a história da arte. E você os terá pago sem perceber. No entanto, que valor inestimável!

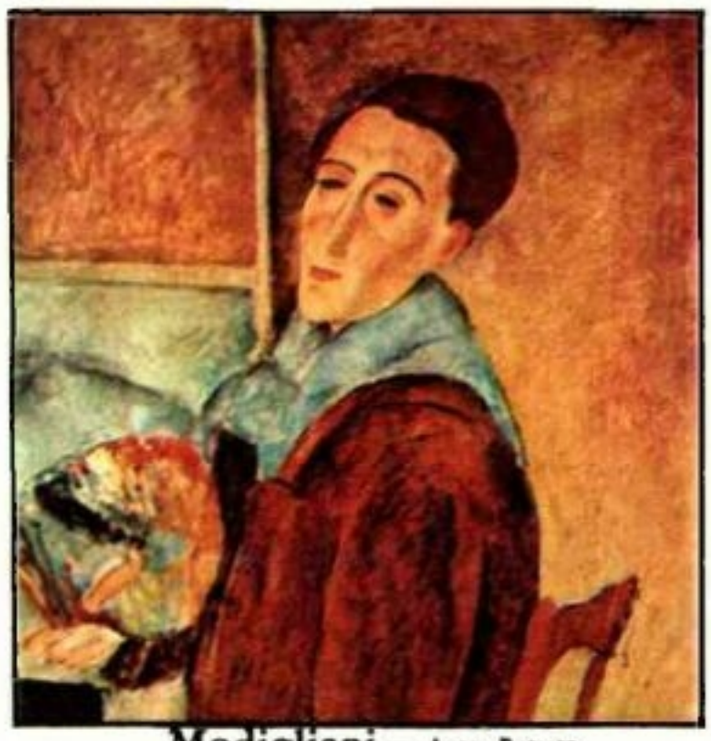
O importante, porém é que, comprando um fascículo semanalmente, você realmente os lerá. Em um mês você sentirá como já se aperfeiçoou; em um ano, você será uma outra pessoa. E tôda sua família também terá momentos de emoção e alegria com Gênios da Pintura. Para seus filhos, então, crescer entre gênios significa ter maiores chances na vida.

Rubens — Auto-Retrato

Rembrandt — Auto-Retrato



Van Gogh — Auto-Retrato



Modigliani — Auto-Retrato

Goya — Auto-Retrato

Picasso — Auto-Retrato

Eis aqui alguns dos homens que trabalharam a vida inteira para que isso fôsse possível.

Álbum de arte ou fascículo?

A Abril Cultural conseguiu combinar as vantagens dos dois. Gênios da Pintura é tão bem impresso quanto o melhor álbum de arte estrangeiro; é tão bem escrito quanto êle; tem o mesmo tamanho e o mesmo número de reproduções.

Por apenas NCr$ 2,50 semanais, você pode adquirir uma maravilhosa coleção das maiores obras de arte de todos os tempos. E adquiri-la fàcilmente, pois Gênios da Pintura está à venda nas bancas de jornais do Brasil inteiro.

E a Abril Cultural compromete-se a manter inalterado o preço de Gênios da Pintura pelo prazo mínimo de 6 meses!

Momentos de grande prazer estético

Por que alguém colecionaria álbuns de arte como Gênios da Pintura? Pela mesma razão porque você gosta de conhecer o mundo em que vive. Hoje em dia todos falam em Van Gogh, Rembrandt, Picasso, Portinari; são homens cujo gênio pertence a tôda a Humanidade. Você está preparado para entrar nessa conversa?

Comprando Gênios da Pintura, a cada semana você conhecerá as obras de um grande pintor.

E cada reprodução de seus quadros dará a você momentos de grande emoção e prazer. Cada quadro levará a sua imaginação a outras épocas e outros lugares.

Você se emocionará com Rubens perante à Descida da Cruz; Com Van Gogh, você visitará os campos floridos da França; com Modigliani e Toulouse-Lautrec você conhecerá os artistas e os bairros de Paris do século passado; Leonardo da Vinci fará você viver os dias da Renascença e Goya lhe apresentará algumas das mais belas mulheres da Espanha.

Em Gênios da Pintura, as perfeitas reproduções não existem apenas para que você as veja; existem para que você as sinta, para que você viva com elas!

Os primeiros fascículos de Gênios da Pintura

O primeiro fascículo de Gênios da Pintura apresenta a biografia de Van Gogh — uma vida emocionante. Situa a sua obra no contexto da época e traz 16 maravilhosas páginas de reproduções, além de um índice de ilustrações com comentários sôbre cada quadro. Na semana seguinte, todo o gênio de Leonardo da Vinci. Na outra, Rembrandt, Em seguida, Renoir, Goya, Portinari, Matisse, Rubens, Giotto, Manet, Botticelli e Van Eyck.

A cada doze fascículos, um volume será completado.

Depois, pelas semanas afora, você colecionará, Picasso, Gauguin, Fra Angelico, Braque, Michelangelo, Di Cavalcanti, Léger, Segall, Modigliani, Diego Rivera, Toulouse-Lautrec, Rafael e muitos outros.

Isso equivalerá a uma grande viagem, tôdas as semanas, aos maiores museus da Europa e América. Com a vantagem de que — no fim — você terá, em sua casa, a maior coleção de arte do mundo inteiro!

Colecione

GÊNIOS DA PINTURA

Um Álbum de arte pelo preço de um fascículo: NCr$ 2,50

Nas bancas de jornais dia 6 de junho.

Depto. Promoções - Editôra Abril

COMPRANDO CONTRABANDO VOCÊ COMPRA ÓTIMAS OPORTUNIDADES DE PASSAR POR TROUXA.

[Não seria melhor escolher um bom produto nacional?]

O contrabandista sabe que você não pode reclamar quando descobrir que comprou produto falsificado. Então, êle aproveita...
E você? Você compra "gato por lebre". Você passa por trouxa. E, ainda por cima, torna-se cúmplice de um criminoso.
Assim, é muito mais negócio comprar os bons produtos brasileiros. Você sabe quem os fabrica e tem tôdas as garantias de qualidade. E, em vez de dar dinheiro para um "fora da lei", você estará contribuindo, bem mais do que imagina, para o progresso do Brasil.

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

CIAL

CIAL

CIAL

CIAL

calçados CIAL
um produto
HERCULES

calçados

v. sabe o valor de um calçado mais leve?...

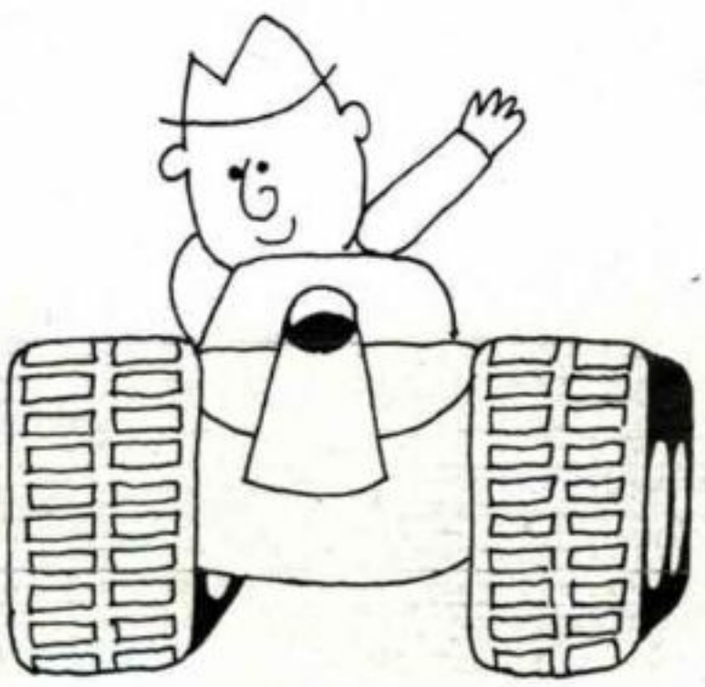
v. sente os pés mais confortáveis...

isto quer dizer: v. fica menos nervoso...

por isso CIAL é um calçado mais leve...

mas quem falou que CIAL é só leve?...

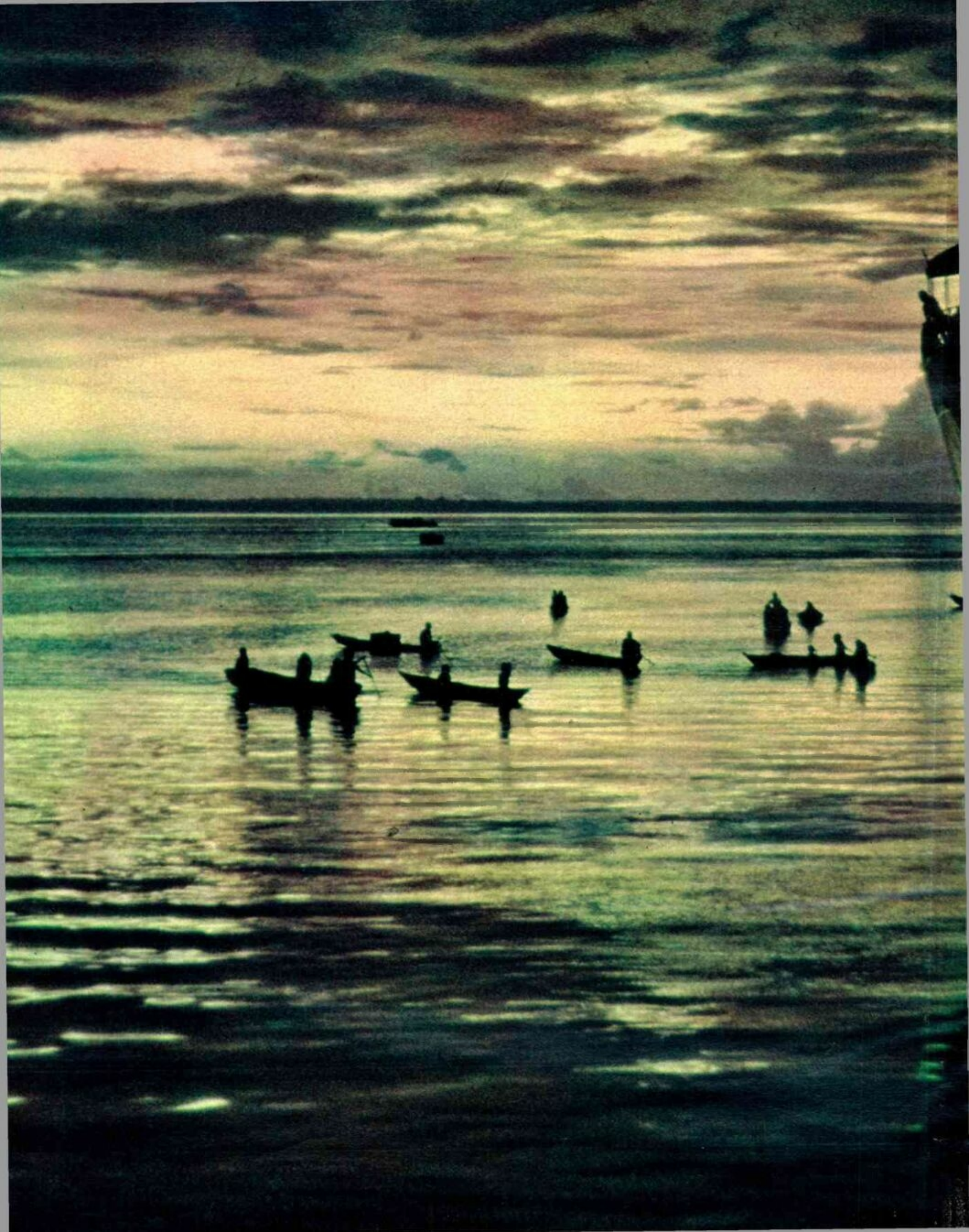
é mais resistente também...



e impermeável!...

a propósito v. sabia que CIAL é mais barato?...

delta



ESTAMOS EM PLENO RIO

Esta é a história de uma viagem entre Belém e Manaus, num dos poucos navios que fazem aquela linha. Conta-se aqui o que acontece dentro dêsse navio. Dramas e problemas de uma gente que já está na Amazônia, ou à sua procura, tentando vida nova, fortuna, ou simplesmente uma maneira qualquer de poder viver. Sempre com muita esperança, que quase nunca se realiza.

Texto de José Carlos Marão
Fotos de Jorge Butsuem

No Amazonas tudo é colorido, até a miséria

Com pouco movimento, só alguns tripulantes e o pra-lá-pra-cá dos estivadores levando carga, o "Augusto Montenegro" estava, desde a manhã, todo imponente no cais do pôrto de Belém do Pará. Dos 500 passageiros que deveriam embarcar, já havia chegado o primeiro. Estava lá longe, junto com o guarda:

— Não adianta, Ceará. Passageiro só entra depois das seis da tarde.

— Mas eu preciso entrar antes, você sabe.

O pedido do nordestino, sussurrado com ares confidenciais, não amoleceu o policial, que lhe sugeriu, como única saída, entrar correndo logo depois de abertos os portões. Assim fêz Ceará: às seis horas disparou portão adentro, levando sua rêde e, dentro da mala, seus secretos instrumentos de trabalho.

No navio, que tem dois salões para os passageiros de terceira classe, Ceará escolheu o de baixo, mais longe dos olhos dos oficiais. E armou a rêde perto da pia — higiene era fundamental para suas atividades. Instalado, ficou olhando sua mala e os passageiros que chegavam com as estranhas bagagens de sempre. Eram máquinas de costura, colchões, engradados com animais (macacos, cachorros, galinhas), móveis vários e outras coisas, que sempre enchem os navios do Amazonas.

Quando já eram umas nove horas da noite, o "Augusto", que estivera tão quieto à tarde, fervilhava de gente. Cada um com seu lugar garantido, havia certa tranqüilidade entre os passageiros e nem o aviso de que a partida fôra adiada de 10 da noite para 4 da manhã os abalou. Só Luzia, do primeiro andar da terceira classe, não estava tranqüila:

— Firme, mulher. Não nasce no navio não. E, se nascer, é de graça.

O único que não estava instalado ainda era Catarino, jovem oficial-de-sapateiro sergipano, mal sucedido nas terras de origem, que ia tentar a sorte em Pôrto Velho. Catarino não tinha conseguido armar a rêde, pois, sem conhecer o navio, tentou primeiro o bar, na primeira classe, e foi expulso. Desceu ao primeiro andar da terceira, (segunda não existe e ninguém sabe por quê), cheio demais. Quando foi descer para o outro, não pôde passar. A Polícia estava impedindo a passagem, enquanto tratava de retirar uma môça menor que tinha escolhido o "Augusto" para fugir com seu amor, um soldado de quase dois metros de altura.

Depois disso Catarino conseguiu entrar. Mas estava tudo ocupado também—e, não fôsse a ajuda de Antônio Araújo, enfermeiro e bom samaritano, ficaria sem lugar. Antônio chamou-o, conseguiu um vão apertado entre duas rêdes e assim ficou Catarino, tendo Antônio como vizinho pela esquerda, pela direita uma senhora com um filho e, por cima, um japonês velho e magrinho.

Partida: ilha muda de lugar

Pescada Preta, o comandante, assim chamado pela côr da pele muito morena, navegador da costa e não dos rios, tinha assumido o comando do "Augusto" no dia anterior, para substituir um colega em férias. Às quatro da manhã, em farda de serviço, dava sua primeira ordem ao prático:

— Pois é, vamos pegar êsse mundo de água e mato. Prático, pode dar atenção às máquinas.

O prático fêz questão de mostrar sua tarimba:

— A viagem pode ser dura, meu comandante. Muita ilha mudou de lugar, no rio, com essa cheia. E é tempo de chuva.

Quando o comandante ia responder, veio o **pronto** das máquinas. Então êle deu as ordens para desatracação. O "Augusto Montenegro" trepidou um pouco, e foi saindo, devagar, para enfrentar a Amazônia: a segunda região mais desabitada do mundo (só perde do deserto de Saara), 5% de todas as terras do mundo, 40% da América do Sul, 20% da água doce de todo o globo, cortada, três ou quatro vêzes por mês pelos navios do Serviço de Navegação da Amazônia, único transporte barato para as mercadorias e para aquela gente de poucos recursos e muita esperança.

— Vamos pegar os estreitos de Breve hoje à noite, comandante. Se o tempo estiver limpo, dá pra navegar.

O navio já entrando na baía de Marajó, prático e comandante continuam conversando, enquanto na terceira classe, com a trepidação da partida e com o sol já ameaçando nascer, começam a acordar os primeiros. Luzia acordou bem disposta. Seu filho não deverá nascer antes da chegada a Santarém, uma das principais cidades do Pará.

Catarino, o sergipano, acordou um pouco à fôrça, pois o japonês que tinha armado a rêde por cima da sua resolveu descer e quase caiu sôbre êle. Antônio Araújo também acordou:

— Vai a Manaus, serpigano?

— A passagem é só até Manaus. Mas preciso ir a Pôrto Velho.

— Ué, não entendi.

— O dinheiro só deu para comprar até Manaus. Minha esperança é vender um broche da minha mãe aqui no navio. Senão, não vou ter quem me ajude em Manaus, nem dinheiro pra comer. Em Pôrto Velho, tenho um tio.

Confusão: não há água

Correram bem as coisas na terceira classe, naquele primeiro dia de viagem, até ali pelas seis da manhã, quando estava já o "Augusto" em plena baía, com velocidade normal — 18 quilômetros por hora — e bom tempo. A terceira classe tem dois andares, cada um com uma sala onde podem caber, decentemente, umas 50 pessoas, mas cuja lotação oficial é de 200. Cada sala tem quatro pias, dois lavatórios, um para homens e outro para mulheres.

Aconteceu então que Cornélio, passageiro clandestino, resolveu lavar-se. Passou por baixo da rêde de Ceará, abriu a torneira e não conseguiu segurar um berro, que despertou os 400 passageiros:

— Não tem água!

Mesmo que muitos não tivessem sêde ou intenções de lavar-se, todo mundo ficou revoltado. Quis cada um verificar por si mesmo a falta d'água, lamentaram todos, choraram as crianças, até que alguém gritou:

— Vamos buscar água na primeira!

Foi falar e fazer. Tôda aquela gente, típica da região — mistura de descendentes de portuguêses e índios, de olhos puxados, retirantes nordestinos, japonêses — invadiu a primeira classe e tomou conta dos lavatórios. Correu a tripulação, fêz o povo voltar, e correram os maquinistas, para consertar os encanamentos. Ali pelas oito da manhã chegou a água, estavam todos calmos e Ceará já tinha aberto sua preciosa mala. Vendia bolos, cafèzinho, queijo e outras coisas. Dizem as más línguas que cachaça também, escondido. Mas é mentira. É que Ceará, desempregado, é obrigado a fazer dessas vendas quando viaja, para pagar a passagem e a comida dos cinco filhos.

SEGUE

Terceira classe, rêdes por cima de rêdes. Na abordagem, tentam vender alguma coisa dentro do navio.

Na imensidão do mato, de repente, uma casinha

Prosseguiu então tranqüilo o "Augusto Montenegro". Os passageiros procurando conhecer-se, falando de seus planos, a maioria querendo ficar rica na Amazônia, e Antônio Araújo aconselhando Catarino:

— Dizem que no Amazonas quem quer ficar rico, fica. Mas olha uma coisa, eu ainda não vi brasileiro recém-chegado fazer fortuna. Porque brasileiro não sabe trabalhar. Americano é que sabe...

— Tem muito americano aqui?

— Chi, rapaz. Tem até tribo de índio com menino loiro.

Nisso houve uma barulheira. Uns 10 ou 15 barquinhos encostaram no navio e seus ocupantes subiram carregados de cestas coloridas, frutas, cadeiras, peças trabalhadas em borracha. Era a chegada ao pôrto de Cocal, onde os caboclos aproveitam a chegada dos navios para vender seu pobre artesanato. Araújo aproveitou:

— Tá vendo? Enquanto brasileiro fica fazendo cestinha colorida, ou então só sabe catar as coisas no mato — borracha, castanha, cacau — estrangeiro vai procurar minério embaixo da terra. E é isso que o Amazonas tem de verdade, prá deixar todo mundo rico.

Cidadezinha: *todo mundo se conhece*

Estando o "Augusto Montenegro" no seu terceiro dia de viagem, tendo já passado por Corcovado e Gurupá, portos onde parou, ficaram os passageiros muito à vontade uns com os outros, todo mundo conhecendo todo mundo, todo mundo falando com e de todo mundo, como em qualquer cidadezinha pequena. Dois grupos jogavam buraco, um no bar da primeira, que fica no andar mais alto do navio, com exceção do andar da cabina de comando. O outro grupo jogava na sala de fumar, no mesmo nível do bar, na proa. Nesta sala também jogavam dona Maria, senhora belenense de seus 40 anos, **seu** Nami, comerciante sírio levando mercadorias para Pôrto Velho, Maurício e Francisco, ambos dizendo-se turistas, fazendo um pif-paf amigo, o dinheiro correndo.

Os demais conversavam em voz baixa, liam ou admiravam a paisagem do **inferno verde e sua imensidão de água,** como convém a bons passageiros de primeira classe, estabelecendo assim uma calma que só era quebrada por Catarino, tentando vender o broche de sua velha mãe.

Na terceira, a calma era quebrada por outro, Dinadiel — que gritava com Joana Santa, sua mulher. Êle vinha resmungando durante três noites e dois dias. Amanhecendo segunda-feira, Joana Santa procurou um tripulante:

— Olha, o Dinadiel pode ter um acesso. Êle é meio louco, sabe?

E o acesso veio. Dinadiel pegou no colo Dinael, a filha do casal, e correu para jogá-la no rio. Mas correu também o mestre do navio, e derrubou o louco com um golpe de judô. Confusão, gritos, entram outros passageiros, ajudam a segurar Dinadiel que, finalmente, vai prêso para o porão. Dinadiel, sem dinheiro, estava tentando a vida pelo Amazonas, e não tinha conseguido nada.

Mas o dia que tão calmo começou, ia ser agitado também na primeira classe. Primeiro, uma passageira teve que começar seu diário de viagem registrando o acontecimento desagradável: roubaram 70 contos de seu camarote.

Depois, **seu** Nami e Dona Maria também descobriram que estavam sendo roubados por Maurício e Francisco no "inocente" pif-paf:

— Aquêle seu amigo ali fica em pé, vê minhas cartas e dá sinal!

— Imagine, **seu** Nami. O Bacebera nem sabe jogar.

Conversa daqui, conversa dali, entram velhos conhecidos e comprova-se a trapaça. Só não ficaram tão impopulares os trapaceiros porque Maurício, muito hàbilmente, deslindou o caso do roubo dos 70 contos, apontando como ladra Eunice-Vaca-Mansa, que tinha descido em Gurupá e que êle conhecia de freqüentar os mesmos lugares que ela.

Pouco mais aconteceu nesse dia, além da descoberta de Cornélio, o clandestino, obrigado a descer no pôrto de Monte Alegre, e a expulsão do bar da primeira classe de Nadja, passageira lá-de-baixo que lia a mão por mil cruzeiros e fazia-se passar por cigana, sendo síria. Ao ser expulsa, ainda fêz uma proposta ao taifeiro Saraiva:

— Olha, eu já ganhei muito dinheiro e já dei vida mansa para muito vagabundo. Eu vou tentar a vida em Santarém, lendo mão, e vou ficar rica. Você não quer vir comigo?

Alegria: *Ivan nasceu de graça*

— João! Tou com a dor, João! É hoje.

João Pereira sentiu que era verdade. À meia-noite, conseguiu sair da terceira e procurou um tripulante. À meia-noite e quinze, Manuel, o enfermeiro de bordo, ex-enfermeiro da FEB, entrou na terceira classe, olhou Luzia e levou-a para a enfermaria.

Muito calmo, comentou no caminho:

— Toda viagem acontece isso. Dá sorte nascer a bordo.

À uma hora da manhã, nasceu, sem despesas de parto, o filho de João e Luzia, que se chamou Ivan Augusto, homenagem ao navio.

E, assim, na noite seguinte, têrça-feira, o "Augusto Montenegro", com um passageiro a mais e todo iluminado, tocou os apitos convencionais anunciando sua chegada a Santarém, na desembocadura do Tapajós, o rio das águas verdes, muito importante pelo garimpo e pela borracha, em cujas margens foi feita a famosa concessão da Fordlândia.

O prático e o comandante cuidaram da atracação. O imediato desceu para controlar a descarga, que começaria naquela hora mesmo e avisou:

— Parada em Santarém, um dia e uma noite!

Mesmo sendo noite, a maioria dos passageiros desceu. Entre os que ficaram, havia um grupo de estrangeiros: duas môças inglesas, um canadense, dois coreanos e dois peruanos, todos viajando sem dinheiro, com passagens de terceira, só pela aventura. Na primeira havia dois outros, um francês e um austríaco.

Aconteceu que as môças e os coreanos, além de não saber que era necessário trazer rêde, consideraram a terceira muito promíscua, e vinham dormindo nos sofás do salão de fumar. Sendo isto contra os regulamentos, resolveu a tripulação que ninguém mais dormiria naquela sala. Em resposta, os estrangeiros entraram na sala e lá ficaram, dispostos a **tomá-la.** Muita conversa, intervenções gerais e os oficiais provocaram uma cisão nos amotinados, conseguindo um camarote para as môças.

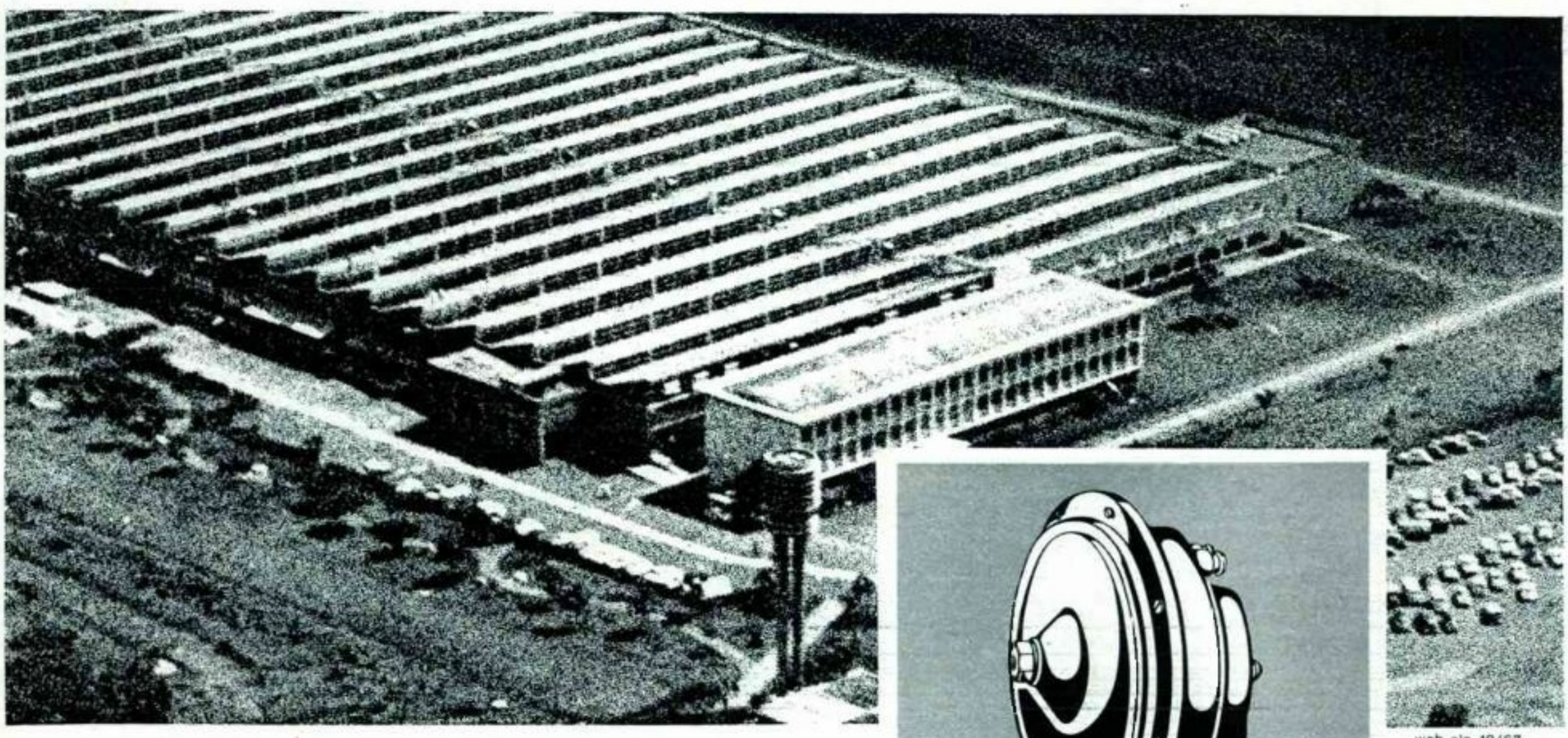
— Os homens que se arrumem.

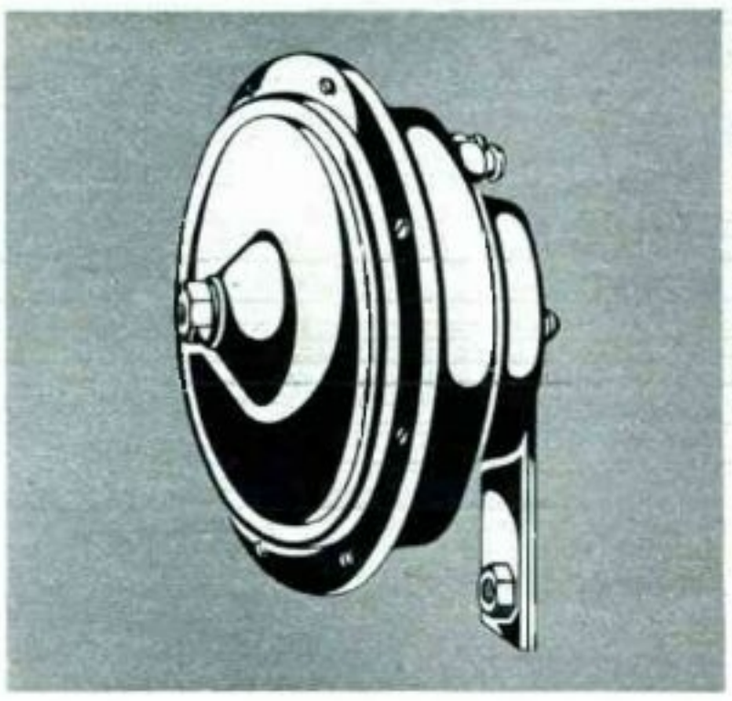
O dia passado em Santarém cada um gastou como quis... Catarino tentando vender seu broche, as mulheres indo ao cabeleireiro, a tripulação trabalhando e Guilherme, um pernambucano muito prosa, resolvendo nadar um pouquinho no rio Tapajós. Convidou tôdas as môças, avisou que nadava muito bem e lá foi êle.

SEGUE

Na viagem monótona, pouco se pode fazer, além de olhar a paisagem: selva e raras casinhas pobres.

fazer a melhor buzina é uma de nossas atividades





web-ela 19/67

Se V. abrir o capô do seu carro, logo saberá quais as outras atividades da Bosch: alternadores, dínamos, velas de ignição, motores de partida, distribuidores, reguladores de voltagem... Se V. olhar o motor do seu caminhão a óleo Diesel, distinguirá a bomba injetora e todo o equipamento de injeção com a plaquinha — "Bosch". Se V. tiver um trator, preste atenção: o equipamento hidráulico é Bosch. Em 12 anos de existência no Brasil, a Bosch foi aos poucos tornando-se a maior indústria de autopeças, não só daqui como de tôda a América Latina. E ainda encontrou tempo para produzir aquecedores de água a gás e ferramentas elétricas. Fórmula Mágica? Não tem. Apenas: dedicação e gôsto pela qualidade. Exatamente como na Alemanha.

ROBERT BOSCH DO BRASIL

Escritórios e Fábrica em Campinas (SP) à Via Anhangüera, Km. 98 • Fone 2-1031
Caixa Postal, 1195 • Filial em São Paulo: Rua Cesário Galeno, 477/483

O rio manda na vida da gente da Amazônia

AVENTURA CONTINUAÇÃO

Vinte minutos depois era trazido para terra, pelos exímios nadadores locais, sem querer falar com ninguém.

Alguns passageiros embarcaram em Santarém, inclusive Rosa, môça muito bonita, que chamou a atenção de dois companheiros, Anísio e Jorge:

— Foi pra mim que ela olhou.

— Não. Foi pra mim.

— Foi pra nós dois. Vamos disputar no jôgo de damas quem vai falar com ela.

Temporal: é preciso conhecer o rio

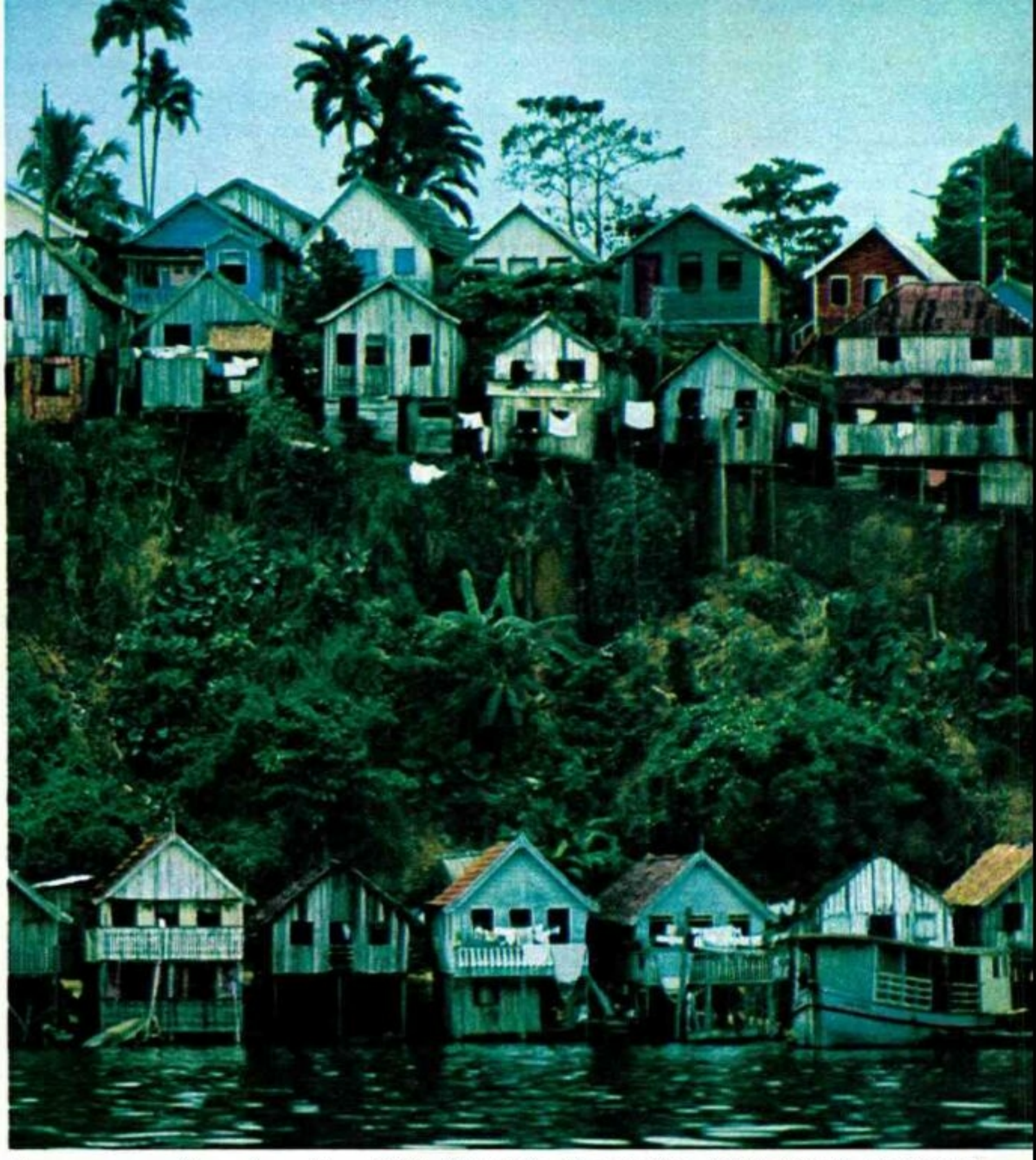
Saiu, muito tranqüilo e com bom tempo, o "Augusto Montenegro" de Santarém rumo a Alenquer, próxima escala. Várias pessoas jogavam, à noite, no bar, quando começou uma ventania. Todo mundo correu para os camarotes. O céu se iluminava. O navio jogou um pouco. Fêz frio. Lá em cima, na cabina de comando, o prático estava tranqüilo:

— Aqui no Amazonas, a gente tem de conhecer o rio. Para quem conhece o rio, tempo ruim não é problema.

A navegação, lá, é feita pelo canal do rio, pelos paranás e furos, que ajudam muito a cortar caminho. Paranás são rios de tamanho médio ou pequeno, que, no Sul, seriam grandes. Furos são menores ainda. E o "Augusto" estava em pleno paraná de Alenquer, que o prático e o outro conheciam bem.

Logo depois do **biguá,** nome da refeição dos marujos à meia-noite, tocou o sino de aviso. Subiu correndo o imediato. O comandante acordou. O vento começou a jogar o navio. O canal do paraná era muito estreito e qualquer desvio poderia fazê-lo encalhar na areia.

De repente, o canadense e um dos coreanos, que dormiam no meio das caixas de cerveja, no bar, acordaram com pedaços de árvore pela cara, passarinhos assustados e um camaleão. O navio tinha-se desgovernado todo e a pôpa ido de encontro à margem cheia de árvores, quebrando-se tôda a guarda do andar da primeira classe, acordando os dois estrangeiros, muita gente na terceira, que é tôda aberta, e até recebendo o camaleão como passageiro. SEGUE



Manaus: o que ficou da antiga cidade flutuante. Mas muitos ainda moram em barcos.

Esta é a diversão da gente que mora à beira do Amazonas: brincar na marola do navio.

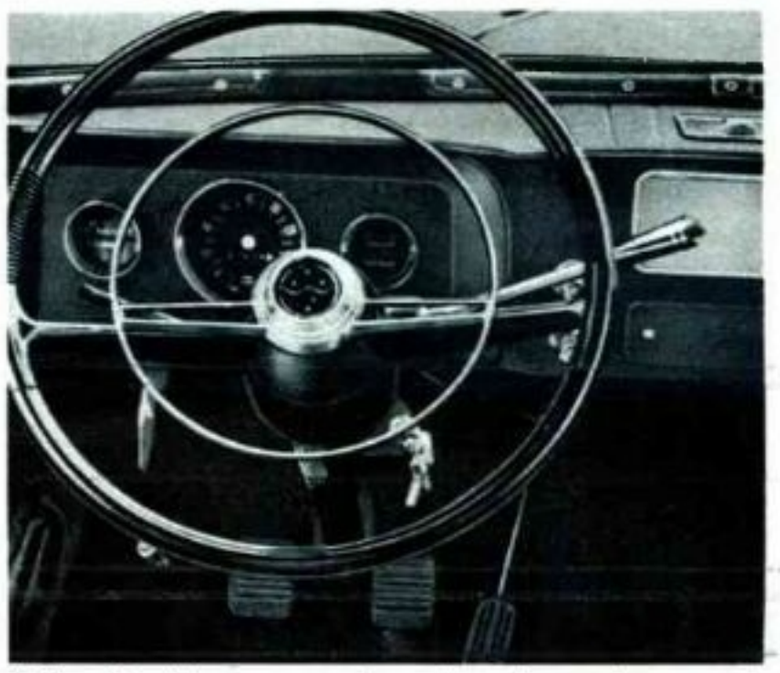
A 10 km/h quem vai pensar em segurança?

Willys-Overland - 66.1022

É bom lembrar que mesmo andando devagar, você pode ter problemas de segurança. Pense nas seguintes situações: estrada escorregadia à beira do barranco, subir e descer ladeiras lamacentas, atoleiros, caminhos acidentados, curva cheia de barro prometendo derrapagem.

Em qualquer dessas situações difíceis, a Rural garante o dôbro de segurança porque tem tração nas quatro rodas, o dôbro de tração.

Não importa o caminho nem o tempo, a Rural vai em frente, você viaja tranqüilo. Seja a 10 km/h ou muito mais depressa.



A Rural 4x2 tem agora 4 marchas sincronizadas.

E a Rural 67 tem boas inovações: nôvo painel de instrumentos, agora em frente ao motorista; trava de direção e roda livre como equipamentos originais; pedais relocalizados; nôvo estofamento; novas maçanetas e novas calotas.

RURAL '67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

Neste navio briga-se pela pressa e pela comida

AVENTURA CONTINUAÇÃO

Resolveu-se que o navio deveria ficar fundeado ali, até o tempo melhorar. E foram os tripulantes examinar os estragos. Viram que nada houve nos dois andares da terceira. Na primeira, viram que uma viga de sustentação e boa parte da grade estavam quebradas.

— Ainda bem que foi só isso. Amanhã o Itamar conserta.

— Pode mandar o coreano e o canadense deitar de nôvo.

— Eu mando, mas escuta uma coisa. Quem são aquêles outros dois, que também estão acordados e podiam muito bem estar no camarote, dormindo?

— Ah, é que êles têm muita rivalidade, nesse jôgo de damas.

Impaciência: *era atraso demais*

Na sexta-feira, com uma semana de viagem, os passageiros já andavam nervosos com os atrasos. Já nem se divertiam mais com os meninos que, quando o navio passava pelos paranás mais estreitos, vinham, em suas canoinhas, brincar na marola do navio e gritar um grito que parecia de índio, pela cadência:

— Me dá um pão aí!

Catarino então tinha irritado quase todos passageiros, tentando vender seu broche. O "Augusto" deveria chegar a Manaus no domingo, êle estava com pressa de vender. Rosa continuava olhando para Anísio e Jorge, que não se resolviam nas damas. Itamar, o primeiro maquinista, consertou o navio e, assim, o "Augusto Montenegro" chegou a Parintins.

A parada ia ser rápida, mas mesmo assim três homens desceram para tomar umas cachaças. Quando o navio apitou, resolveram comprar a garrafa, mas acabaram tendo de alcançar o "Augusto" a nado, pois quando chegaram ao cais, êle já estava a uns dez metros de distância.

Já Almino e Nazaré, casal em mudança para Manaus, onde pretendiam tentar nova vida, tiveram de pagar um barqueiro para levá-los até o navio, visto que também chegaram atrasados e não poderiam nadar, com a mudança e os onze filhos. Mas foram bem recebidos:

— Então, de mudança com a família?

— É, tentar a construção em Manaus. Aqui ninguém faz casa.

— Conhece Manaus, tem onde ficar?

— Conheço não. Mas me falaram de uma pensão barata, de uma dona Maria.

— O senhor tem o enderêço?

— Tenho não. Mas será que a gente não acha logo?

Alimentação: *comandante em apuros*

No sábado à tarde, Anísio e Jorge trocavam um sério diálogo:

— Bom, com essa, eu vou namorar a môça.

— Não vai não senhor, não vale porque aquêle cara deu palpite.

— Mas nós jogamos mais de 80 partidas e não decidimos ainda.

— E vamos jogar mais três.

Nisso foram interrompidos pela voz de dona Maria, a do pif-paf, que tinha ido tomar o chá da tarde e não estava muito satisfeita:

— Eu vou falar com o comissário. Eu vou falar com o comandante. Imagine, o pão sem sal. Aliás, tôda a comida está sem sal.

Os dois interromperam a discussão e ajuntaram:

— Isso mesmo, a comida aqui está muito ruim, onde já se viu, primeira classe comer assim, uma comida feita com desprêzo.

Outro que passava ajudou:

— Pois concordo e até aviso. Na próxima vez eu vou de terceira classe. Lá, pelo menos, há um pouco de liberdade para escolher a hora de comer. Se a gente quer comer cedo, entra logo na fila. Se quer comer depois, entra no fim da fila. Aqui, quem não chega às onze horas, não almoça. Quem não chega às seis, não janta.

Bastante animada, com todo o apoio, lá foi dona Maria, à cabina do comando. O bom **Pescada Preta,** não muito habituado a coisas assim, disse que ia cuidar do caso, que ela tinha tôda a razão. Muito aplaudida por sua enérgica atitude, desceu dona Maria no pôrto de Itacoatiara e comprou um tambaqui, peixe que pretendia ela mesma preparar, na cozinha do navio.

Anísio e Jorge só depois do jantar conseguiram voltar ao tabuleiro de damas, mas, mesmo assim, foram logo interrompidos, pela mesma dona Maria, que vinha convidá-los para o tambaqui, em seu camarote, às nove da noite. E promoveu ela uma pequena festinha, convidando as pessoas gradas do navio, em represália à má cozinha a bordo.

O peixe foi preparado na cozinha do navio, pelos cozinheiros do navio, fato que ninguém se lembrou de observar. E ali pelas nove da noite, estavam todos comendo o peixe, segundo o costume da população amazônica, de tradição indígena: sem talheres, com a mão e com farinha, que substitui o beiju, dos índios.

Rivalidade: *corrida até Manaus*

Na manhã de domingo, Catarino resolveu fazer sua última tentativa, pois ao meio-dia estaria em Manaus. Procurou um tripulante:

— Môço, eu preciso ir até Pôrto Velho, mas a passagem só dá até Manaus. Eu tenho um broche pra vender, sabe. Não dá pra pagar a passagem com êle?

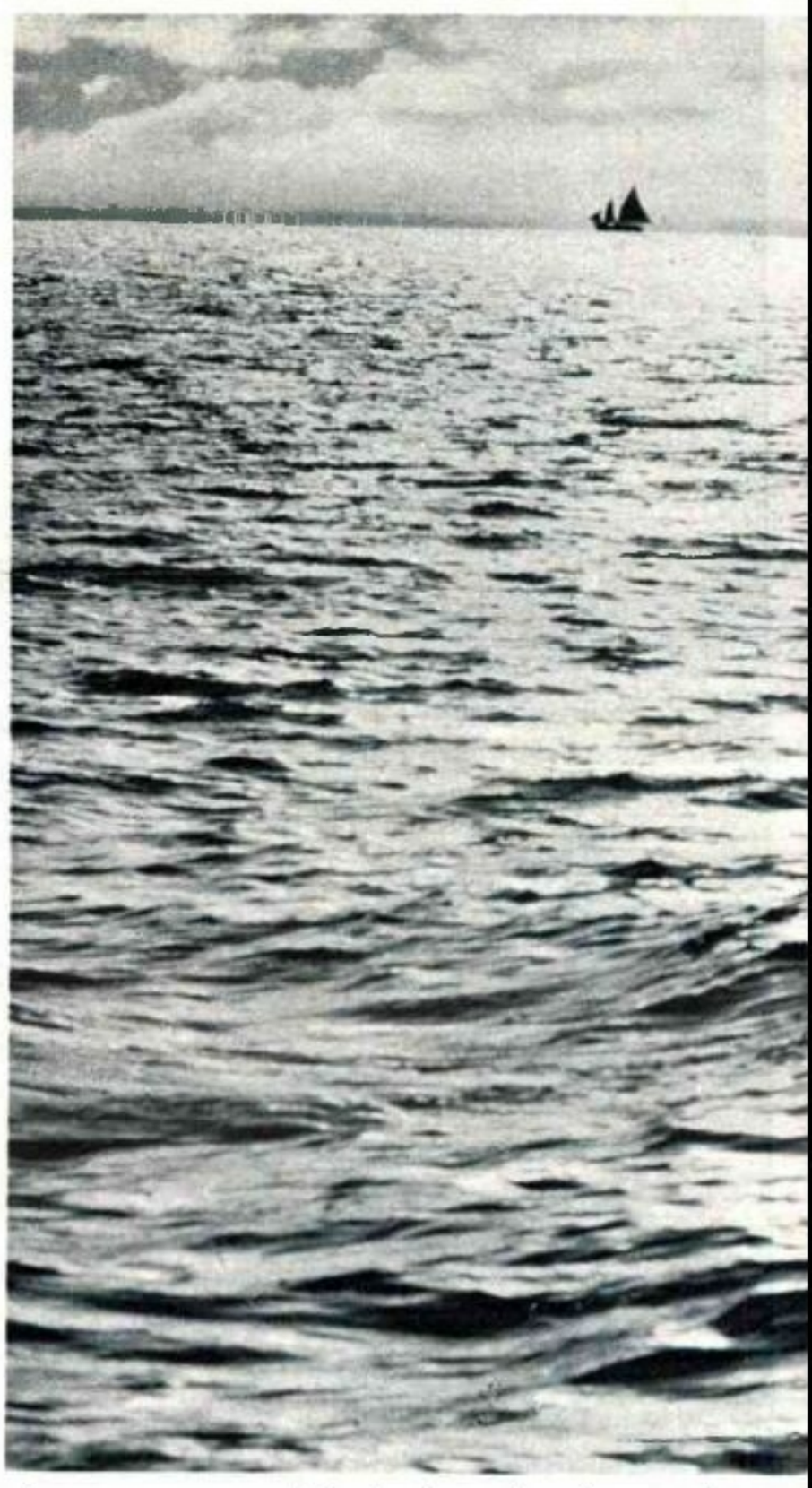
— Pagar com êle não dá. Mas tem gente que compra.

— Já falei com todo mundo.

— Então fala com aquêle marujo ali. Êle tem namorada em Manaus.

Enquanto Catarino tentava de nôvo sua venda, no navio havia uma quase euforia, por ser domingo e por estar anunciada com muita segurança a hora da chegada. Último dia de viagem.

A presença de gente, nas margens, já começava a ficar mais constante. De 500 em 500 metros, mais ou menos, havia uma casa de caboclo, onde sempre a família sai para ver o navio passar. SEGUE



Amazonas: um quinto da água doce do mundo.

AGORA EM BELO HORIZONTE

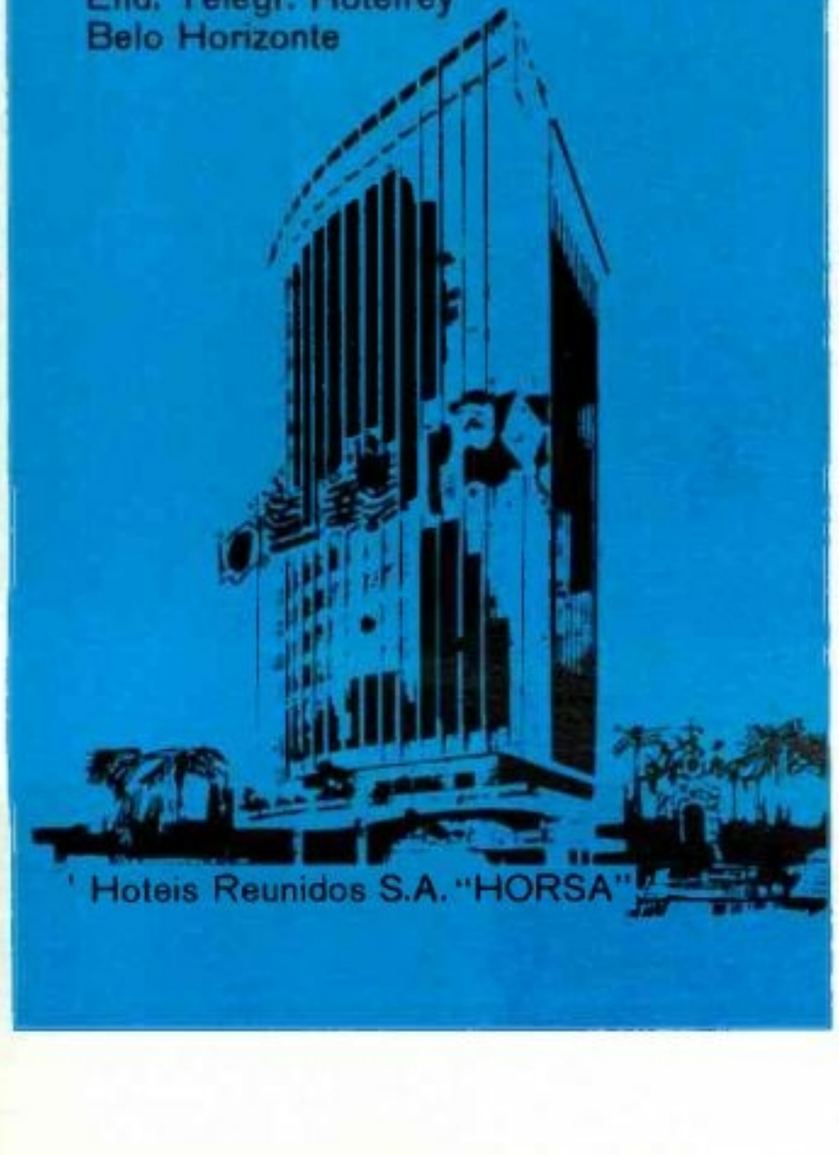
HOTEL
DEL
REY

270 apartamentos finamente
decorados no coração da capital mineira.
Presentes todos os requisitos
exigidos por um hotel da mais alta
classe internacional.

Faça sua reserva na agência
de viagens de sua preferência,
ou num dos hotéis da rêde "HORSA":
Hotel Nacional Brasília
Hotel Excelsior Copacabana Rio
Hotel Jaraguá São Paulo
Hotel Excelsior São Paulo
Hotel Marabá São Paulo
Hotel Excelsior Grão Pará

HOTEL
DEL REY

Praça Afonso Arinos, 60
Telefone: 4-7564
End. Telegr. Hotelrey
Belo Horizonte



Hoteis Reunidos S.A. "HORSA"

No fim, as despedidas, abraços e esperanças

AVENTURA CONTINUAÇÃO

Jorge, afinal, conformou-se de perder a namorada e Anísio levantou triunfante, para procurar Rosa, mas não a encontrou:

— Será que essa mulher vai ficar enfiada no camarote até Manaus?

O maquinista Itamar, que estava com gripe desde o consêrto da pôpa do navio, conversava, deitado em seu camarote, com um colega, lamentando a gripe que o impediria de passear em Manaus. E falava também de outras gripes.

— Uma vez, que tive de mergulhar três dias inteiros para limpar a hélice do navio, também peguei uma gripe assim, de jogar no chão. Se não fôsse por tôda essa gente, que precisa terminar a viagem, eu não trabalharia fora do meu turno. Mas essa gente precisa.

E foi mais ou menos por essa hora que vieram avisar: o "Lauro Sodré", navio igualzinho ao "Augusto Montenegro" estava chegando de Iquitos, no Peru, e vinha alcançando, naquela entrada de Manaus, o "Augusto", ambos já no rio Negro. Itamar não teve dúvidas. Levantou, vestiu a farda esqueceu a gripe e desceu às máquinas. Mandou dar tôda a fôrça.

— Se o "Lauro Sodré" pegar a gente, é só por causa desta porcaria cheia de carga que estamos levando. E êle vem vazio, olha!

A torcida foi grande. Os dois navios deram tudo. Andaram emparelhados, por alguns quilômetros, os passageiros gritando e torcendo, como em qualquer corrida. Se houve apostas, ninguém ficou sabendo. As máquinas trepidavam e cada embarcação jogava na marola da outra. Mas, para tristeza dos passageiros do "Augusto", o "Lauro Sodré" foi passando. Primeiro, devagar. Depois deslanchou e sumiu da vista na primeira curva do rio.

Chegada:
nasce um garimpeiro

Catarino entrou triunfante na terceira classe, sorrindo.

— Vendeu?

— Vendi.

— Vai ser sapateiro mesmo em Pôrto Velho?

— Ia ser. Agora vou ser garimpeiro. Estou vendo que quase ninguém usa sapato aqui. Que lucro eu vou ter?

A maioria da terceira tratava de desarmar suas rêdes, arrumar sua bagagem. O navio ia ficar quase vazio, mas outros iam subir, outros que já tinham tentado a sorte em Manaus e iam agora tentá-la em outro lugar qualquer. O navio deixaria esperanças e receberia esperanças, na sua terceira classe.

Lá em cima, na primeira, as malas já estavam tôdas fechadas. Começaram a aparecer no convés as primeiras mulheres, que, misteriosamente, estiveram a manhã tôda trancadas em seus camarotes. As que apareceram, estavam com seus vestidos de domingo e tôdas penteadas, pois havia a bordo uma môça que tinha curso de cabeleireira.

— Só a Rosa não aparece. Será que se jogou na água?

Anísio não participava muito da euforia geral.

O "Augusto Montenegro" já estava bem próximo de Manaus. A todo instante cruzava com canoas de remo, pequenas embarcações a motor, barcos que eram instrumento de trabalho e residência de muitas famílias. Navios maiores também já apareciam e, ao longe, podia-se ver uma grande embarcação da Marinha de Guerra. Pois no Amazonas navegam embarcações de qualquer calado. A tripulação, muito cuidadosamente, também preparou-se para a chegada. Todos vestiram a farda branca, de gala. Menos o segundo maquinista:

— Então, segundo, não vai ficar bonito também?

— Não sou môça.

Pescada preta, todo elegante, olhou Manaus de binóculo. Identificou os navios do pôrto, todos seus velhos companheiros, os tripulantes, até dos tempos em que êle era segundo-pilôto nos petroleiros da FRONAP, nas linhas dos Estados Unidos. Já se podia ver a cidade, os prédios, os restos da extinta cidade flutuante, cujas casas subiam ou baixavam com o rio. Os passageiros juntaram-se todos a estibordo, pois Manaus estava do lado direito e todos queriam ver.

Pescada Preta comandou, com tôda classe, a atracação. Êle e os práticos apareceram na ponte de comando e foram vistos por todo o povo que esperava no pôrto.

Os primeiros a desembarcar foram os da terceira. Ceará, que ia descer em Mananus, resolveu continuar viagem, pois o preço da passagem era a cama e comida mais barata que poderia encontrar no Amazonas. Além disso, o negócio estava indo bem. Cada um com suas trouxinhas humildes, foram todos descendo. Almino, sua mulher Nazaré e os onze filhos, um de colo, saíram perguntando onde era a pensão de dona Maria, lugar em que poderiam ficar por preço barato.

Na terceira, os poucos que iam continuar despediam-se dos amigos.

Só nessa hora, Anísio localizou a môça.

— Rosa, eu quero falar com você.

— Agora? Já é tarde. Está vendo aquêle rapaz lá no cais, de chapéu? É o meu marido.

FIM

ELEGÂNCIA EM

ALTO RELÊVO...

a nova malha "haut-relief" - obra prima da maravilhosa coleção **"OUTONO/INVERNO 67" DA**

Rendanyl

SÃO 70 MODELOS EXCLUSIVOS "caindo de lindos"... apresentando **BLUSAS, CASACOS, SAIAS E VESTIDOS** em malha nobre, na mais original tessitura ("haut relief") numa notável gama de côres e matizes luminosos, diferentes...

12 DE JUNHO — DIA DOS NAMORADOS

malhas

Rendanyl

MODELOS DE SEMPRE AMANHÃ

São Paulo - Fábrica: Tel. 65-3141
Guanabara - Isaak Berman - Tel. 23-3574
Belo Horizonte - Jayme Malamut - Tel. 2-8433
Pôrto Alegre - Mario Grinblat - R. Senhor dos Passos, 104

Em Criciúma, no sul de Santa Catarina, oito mil homens vivem uma aventura todos os dias. A aventura do carvão. São os mineiros, homens que quase nunca vêem o Sol.

ÊLES VIVEM EMBAIXO DA TERRA

Texto de Narciso Kalili
Fotos de Roger Bester

A setenta metros a luz é a única aliada

MINA
CONTINUAÇÃO

Emodeno sempre se levantou cedo. Mas naquela madrugada êle se sentia fazendo uma coisa nova: completara 21 anos e ia trabalhar na mina de carvão pela primeira vez. Tomou café ralo aproveitando-se do calor do fogão, pois estava frio. Foi saindo com a marmita na mão. Nem respondeu ao comentário da mãe anunciando um dia de sol. Isso não tinha nenhuma importância. Estava acostumado, desde seu nascimento, àquela paisagem sempre igual, cinzenta. As casas, o mato, as roupas, o céu, as pessoas, tudo é cinzento na região das minas de Santa Catarina.

Não havia ninguém na rua e as janelas das casas estavam quase tôdas fechadas. Emodeno se contraiu quando o caminhão da companhia apareceu na estrada. Vinha carregado de homens claramente identificáveis como mineiros: a pele enegrecida e a lâmpada, da qual durante o trabalho nunca se separam, pois é o seu guia na escuridão funda da mina.

Quando subiu para o caminhão, Emodeno estava emocionado. Tímido, procurou lugar sem olhar para os olhos dos 20 mineiros que estavam na carroceria. O sorriso de um negro alto e forte colocou-o mais à vontade, mas logo o mêdo de principiante voltou a sobressaltá-lo.

Como seria o trabalho? Será que agüentaria os 70 metros de profundidade? Olhava as poucas coisas da beira da estrada escura e lamacenta. O vento gelado batia no rosto. Um bando de crianças que corria para a escola parou para ver o caminhão passar veloz.

Os fantasmas na escuridão

Depois de 30 minutos de viagem o caminhão estava estacionado na bôca da mina. Só então os mineiros começaram a conversar, falando todos ao mesmo tempo. De caçadas, crianças, carvão, mulheres. Um dêles apontou para Emodeno:

— É hoje que vamos nos divertir. Cuidado com os fantasmas, menino!

Era uma brincadeira. Os mineiros costumam dar um trote nos principiantes. Lá embaixo da terra, levam-nos através de várias galerias, até que os largam numa delas, sòzinho, em meio à escuridão total. Emodeno sorriu. Sabia do que se tratava, pois ouvira seu pai, que é mineiro, falar muitas vêzes nesse trote e nas coisas da mina. Sentia-se familiarizado. As botas de borracha e o capacete de matéria plástica, que como os outros recebeu da mão de um capataz, e que vestira desajeitadamente, serviram para o igualar aos outros. Era um mineiro também.

Outros capatazes já estavam designando os mineiros para as várias galerias onde iriam trabalhar. Emodeno foi chamado para o elevador que os esperava à bôca do poço, de dois por dois metros. Era uma gaiola, que se encaixava quase perfeitamente entre as quatro paredes do buraco. Emodeno entrou no elevador junto com outros dez mineiros. Enquanto ia descendo para o fundo da mina, ficou olhando para cima, vendo a bôca quadrada ir diminuindo de tamanho ràpidamente. Uma voz ao seu lado preveniu-o:

— Abaixe a cabeça, rapaz, que cai muita água das paredes.

O aviso chegou tarde e Emodeno limpou com a mão a água pegajosa que lhe pingara no rosto. Tratou de baixar a cabeça, mas mesmo que não o fizesse, já não veria mais nada: tudo estava escuro como uma noite sem luar nem estrêlas.

Quando Emodeno já estava quase em pânico, uma claridade baça apontou metros abaixo e iluminou o rosto de seus companheiros. Êle sentiu que não estava sòzinho. O elevador parou diante de uma enorme galeria, um túnel de dois metros de altura que parecia uma avenida. Mais tarde, sôbre os trilhos dessa avenida, êle se cansaria de ver uma procissão interminável de pequenas locomotivas e carrinhos carregados de carvão.

Uma explosão sacode a mina

Emodeno ia andar pelo meio dos trilhos, até chegar ao lugar que lhe haviam reservado para trabalhar, a 1.200 metros do elevador. Era o que se chama na mina de uma **frente de trabalho.** Aqui os mineiros ficam apenas de calção. Suam muito e respiram com dificuldade. O calor não vai além de 25 graus, mas a taxa de umidade (nossas minas são das mais úmidas do mundo) é violenta, transformando em pasta a mistura de pó e suor que não se evapora de seus corpos. Luz, nenhuma; só calor, silêncio e o cheiro forte do carvão.

Pouco antes de Emodeno chegar à **frente** ouviu pela primeira vez uma explosão de perto. Quatro bananas de dinamite tinham estourado na rocha e, logo depois, outras sete, fazendo amontoar-se no chão uma quantidade de pedras bastante para lotar uns 30 carrinhos. Uma nuvem de poeira cobria tudo.

Os companheiros se distraíram e Emodeno não sofreu o trote. Disseram a êle que seu trabalho era encher os carrinhos com as pedras. Pendurou sua lanterna numa saliência da galeria e, com a picareta, começou a despedaçar as pedras, exatamente como muitas vêzes ouvira seu pai explicar. Logo se ajeitou ao serviço. Com a marrêta ia também esmigalhando os blocos maiores. A seguir, junto com um companheiro, foi enchendo o carrinho, usando a pá. Cada carrinho transporta uma tonelada e meia de carvão.

Depois de cheio, os dois o empurraram com tôda fôrça de seus corpos através de 30 metros de túnel, até a galeria principal.

O carrinho avançou lentamente, pelos trilhos provisórios de madeira. Nas bordas, Emodeno e o companheiro penduraram suas lanternas, que foram iluminando o caminho com luz fraca e indecisa. Os dois iam com o corpo curvado, a cabeça apoiada nos braços estendidos, os olhos voltados para o chão.

Quando chegaram à galeria principal, dois outros mineiros agarraram o carrinho e o transferiram, na fôrça dos braços, para os trilhos de ferro, engatando-o a outros que esperavam a chegada da locomotiva, que arrasta doze carros de cada vez até o poço, onde o mesmo elevador dos mineiros os levará até a superfície.

Emodeno e o companheiro pegaram um carrinho vazio e voltaram para o mesmo lugar. Têm que repetir a operação 30 vêzes por dia, para cumprir um dos itens de seu contrato de trabalho.

SEGUE

Êstes barracões caracterizam tôda a parte exterior de uma mina de carvão. São armações de madeira, em duas plataformas: uma ao nível do solo e outra a seis metros de altura. O elevador que traz os carrinhos de carvão do fundo da mina sobe até a segunda plataforma. Aí o carvão é selecionado e colocado num depósito. Caminhões entram embaixo dêsses barracões, o depósito se abre e o carvão é transportado para os trens, que o levam até o pôrto. Daí segue enfim para o Rio, São Paulo e Minas Gerais.

Aqui, tudo tem cheiro e côr de carvão

MINA
CONTINUAÇÃO

Às 11 horas êle já fizera a metade do serviço e já havia percebido que aquêle é um jeito duro de viver. Nessa hora alguém anunciou que "lá em cima" a sirene do almôço havia tocado. Foi pegar o elevador.

Arroz, feijão, farinha e carne

A lei manda que tôda mina tenha um refeitório, mas esta onde Emodeno começou a trabalhar — como muitas das minas de carvão de Criciúma — não tem nada. Os mineiros sentam-se em troncos, caixotes ou na própria rocha, com as marmitas sôbre os joelhos. A comida é igual em quase tôdas as marmitas: arroz, feijão, farinha e carne. Os mineiros comem quietos, concentrados. Enfiam na bôca grandes bocados que engolem quase sem mastigar. A comida, embora em grande quantidade, desaparece ràpidamente. Emodeno já sabia disso. Seu pai também come muito. Pois quem faz êste trabalho deve comer bem, principalmente carne, para compensar as calorias deixadas no fundo da mina.

Sentado numa pilha de carvão, ao lado da bôca da mina, acaba de engolir sua comida, toma um gole d'água, acende o cigarro e se ajeita para um descanso. À sua volta a conversa foi nascendo aos poucos. Primeiro tímida, vacilante. Depois de algum tempo, os mineiros já davam gargalhadas das palhaçadas de **Polaco,** um loiro enorme, olhos azuis, rosto de menino, que imitava um companheiro mau caçador.

Encôsto, doença dos mineiros

Ao meio-dia, quando a conversa tinha mudado do jôgo de bolão (uma espécie de boliche) para mulheres, era hora de todos voltarem para debaixo da terra. Emodeno se encaminhava para o elevador, na hora em que êste acabava de trazer para a superfície um môço alto, amparado por dois colegas. **Polaco** comentou:

— Êsse vai pro **encôsto.** Deu a dor das cadeiras nêle.

Emodeno já ouvira falar em **encôsto.** Significava ir para o Instituto. No comêço, até que o **encôsto** é bom: não se trabalha e se recebe salário integral. Mas logo as coisas pioram. O salário vai sendo reduzido pelo Instituto, até ficar em 50% do salário-mínimo. Alguns **encostados** não agüentam ver filho passando fome e voltam à mina, mesmo sem condições físicas. Mas isso dura pouco, pois vem nôvo **encôsto** e depois disso a aposentadoria é pràticamente obrigatória.

A lei diz que em mina de carvão só se pode trabalhar depois de 21 anos, idade em que o organismo tem condições para suportar a dureza dêsse trabalho. Por isso, Emodeno e mais sete irmão, até agora, foram sempre sustentados pelo pai e por pequenos biscates nas lavouras de mandioca e arroz da região. O primeiro dinheiro que ganhou foi vendendo resto de carvão que catava nos montes de escória, espalhados por todo canto. Até os 20 anos disputou pedacinhos de carvão com meninos de oito e dez anos, para defender pelo menos o cigarro.

Quase todos os moços da vila operária têm o mesmo destino: metade da vida esperando uma vaga na mina, pouco mais da metade embaixo da terra. Pois aqui, em geral, os homens não passam dos 50 anos.

Na galeria, os carrinhos estão de nôvo à sua espera. São mais quatro horas de trabalho, se o serviço não estiver atrasado. Quando isso acontecer, Emodeno terá de dar mais duas horas extras. Vai haver muito disso no futuro. E se êle pensar em reclamar, os companheiros mais antigos usarão a frase de sempre:

— Vá se acostumando; aqui você tem que fazer o que mandam, se quiser continuar no emprêgo.

Emodeno vai "roubar"

Acabou o primeiro dia de trabalho. Emodeno chegou em casa moído de cansaço, pedindo o jantar mais cedo que de costume. Enquanto comia, a mãe lhe contou:

— Sabe o Zé? O filho do Artur? **Roubou** a Maria ontem. Estão morando na casa do tio.

Emodeno continuou comendo, sem fazer nenhum comentário. Isso é comum na região. Êle próprio estava pronto para a mesma coisa. Seu casamento com Diva, a filha do Gringo, estava marcado para dali a dois meses. Mas, mesmo com o emprêgo, Emodeno não conseguiria nem comprar a cama. Quanto mais pagar escrivão, padre e tôdas as despesas. A solução era o **roubo.**

Diva já concordara. Só faltava combinar com a família dela o dia em que seria **roubada.** Êles vão viver na casa de um primo de Emodeno que só tem dois filhos. Com os pais do noivo é impossível, pois a casa tôda mede cinco por cinco e nela vivem os velhos e mais sete filhos.

O casamento civil ficaria esperando até que houvesse dinheiro para pagar o cartório, e o religioso até que alguma missão aparecesse na vila. Então todos os **roubos** seriam abençoados. E de graça.

Emodeno foi dormir pensando no dia seguinte. Seria tudo a mesma coisa. Êle tinha esperança, porém, de que seus filhos não precisassem esperar até os 22 anos para arrumar um emprêgo, e suas filhas não precisassem ser **roubadas.** Mas antes de adormecer, uma frase que ouvira na mina veio-lhe ao pensamento:

— Carrinho de carvão pesa como a vida; mas é preciso arrastar para continuar vivendo.

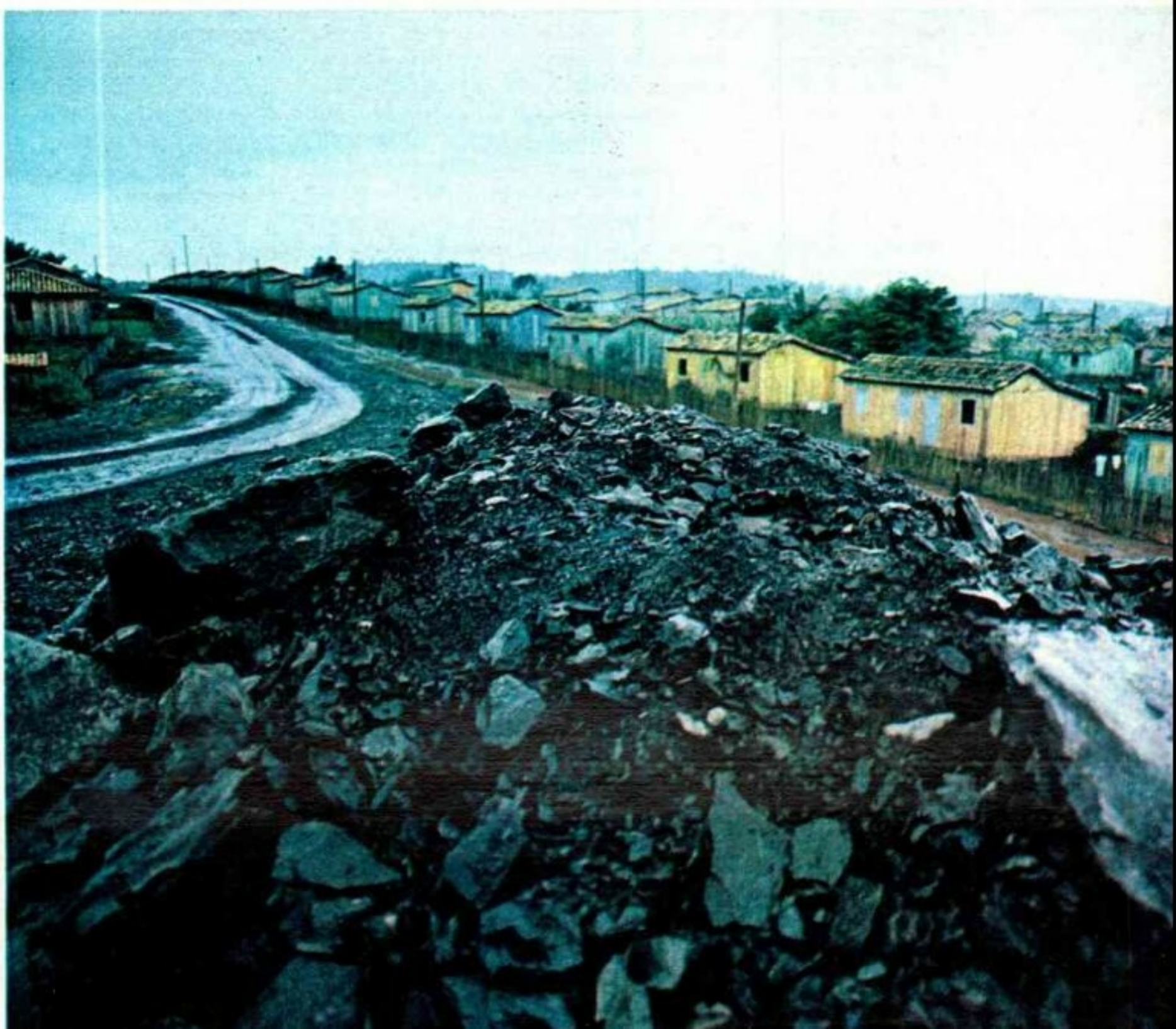
Criciúma, uma flor em meio ao carvão

A cidade onde vive Emodeno está plantada num vale estreito, cercada de montanhas. Criciúma surgiu quando 22 famílias de imigrantes italianos acreditaram nas promessas de agenciadores brasileiros na Europa e transferiram-se com mulheres e filhos para o sul de Santa Catarina. Desembarcando no pôrto de Laguna, êles foram para o interior, fixando-se numa região onde era abundante uma flor silvestre à qual deram o nome de criciúma.

Gente teimosa — embora provado que a terra era ruim e não havia assistência nenhuma — êles resolveram se estabelecer na região, desenvolvendo algumas culturas de mandioca e arroz.

SEGUE

Ao redor das minas surgem as vilas operárias, num total de mais de seis mil casas. Cinco mil são assim: 25 metros quadrados de construção de madeira, sem fôrro, sem água corrente, num terreno de sete por quinze metros. No quintal estão a privada e o poço d'água, dois buracos com quase a mesma profundidade. Essas casas são das companhias mineradoras, que cobram dos mineiros um aluguel simbólico de 15 a 30 cruzeiros velhos. As outras mil casas, fruto de uma nova política de assistência aos mineiros, são de alvenaria e foram, ou estão sendo, construídas pelo Banco Nacional de Habitação, em terrenos doados pelos mineradores.



Futuro dos filhos: viver da mina também

MINA CONTINUAÇÃO

Num dia de 1814, Giácomo Sonego, um dos imigrantes, perdeu-se nas montanhas e fêz fogo para esquentar-se. Ficou assustado quando não só a madeira que recolhera se incendiava, mas também uma pedra preta e mole quẽ existia em tôda a área. Estava descoberto o carvão de Criciúma.

A cidade cresceu, transformou-se em município em 1926, depois que foi instalada uma estrada de ferro na região. O carvão extraído era quase o mesmo. O comércio não se desenvolvia. Nem a agricultura dava muito mais do que no início da colonização. Mas é desta época o primeiro levantamento das reservas carboníferas de Santa Catarina, feito por um técnico estrangeiro contratado pelo govêrno brasileiro e posteriormente por novos estudos.

Segundo êsses estudos, Santa Catarina apresenta cinco grandes reservas: a **treviso** — onde a camada de carvão tem pequena espessura e se distribui em continuidade; **barro-branco,** a grande reserva catarinense, com dez bilhões de toneladas; **irapuá,** situada logo abaixo da **barro-branco,** de boa qualidade, mas formando "lagos" descontínuos, num total de dez milhões de toneladas; **ponte-alta,** camada situada abaixo do **irapuá,** mas de pequena espessura e muito dispersa; e **bonito**, de carvão inferior com reservas estimadas em 200 milhões de toneladas.

Do carvão conhecido no Brasil, Santa Catarina possui cêrca de 70 por cento das reservas. O resto está dividido entre Paraná e Rio Grande do Sul.

Mesmo conhecendo a potencialidade da região em carvão, foi sòmente com a deflagração da Segunda Guerra Mundial que o govêrno federal mostrou interêsse em explorá-la. Transformado em matéria estratégica, o carvão deixou de ser exportado pelos grandes produtores — Estados Unidos, Inglaterra — e o Brasil precisou recorrer ao carvão catarinense para movimentar as locomotivas e os navios das Marinhas Mercante e de Guerra do Brasil.

Em 1940, o govêrno Getúlio Vargas designou um coordenador com plenos poderes para supervisionar a extração de carvão de Santa Catarina. Os operários então foram convocados para trabalhar nas minas — os que se recusavam eram presos e condenados por insubordinação. A ditadura do Estado Nôvo não se importava como viviam os trabalhadores, nem perguntava o lucro dos proprietários de minas. Tinha apenas uma determinação: extrair o máximo de carvão, onde existisse. Hoje se contam histórias de muita gente que ficou rica por causa disso, como o velho Diomício Freitas, mineiro nas horas vagas e antigo funcionário da Estrada de Ferro Dona Cristina — a mesma que ajudou Criciúma a virar município. Depois de muitas cabeçadas e à custa de muito trabalho e fôrça, hoje o velho Diomício é um dos mais ricos mineiros da região.

No comêço, 12 horas de trabalho

A cidade crescia. Vindos de regiões as mais diversas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, mas a grande maioria do próprio litoral catarinense, com nenhuma instrução e baixo padrão de vida, os trabalhadores aceitavam as condições que lhes possibilitassem emprêgo fixo e salário regular.

Trabalhavam nas minas sem nenhuma proteção, em galerias de até 80 centímetros de altura, cavando e retirando o carvão com as próprias mãos. Sem botas, expostos ao calor e à umidade, trabalhavam num regime de até 12 horas diárias.

Mas o salário, comparado ao que os donos de terras pagavam aos colonos, ou então, ao dinheiro que os pescadores conseguiam ganhar no litoral, era muito maior. Criciúma começou a crescer. Onde houvesse uma bôca de mina, surgia uma vila de operários. E os proprietários das minas, querendo atrair ainda mais a mão de obra, ofereciam barracos de cinco metros quadrados para os mineiros acomodarem as famílias. Não havia assistência social, as leis trabalhistas não eram aplicadas e houve casos em que mineiros exploravam mineiros, isto é, tomavam um trecho da mina por empreitada das companhias e empregavam seus companheiros como ajudantes. As crianças morriam de febres intestinais e epidemias acabavam com famílias inteiras.

Todo o trabalho na mina, nesta época, era manual: abrir galerias, extrair o carvão, colocá-lo nos carrinhos e trazê-lo até a saída. E como não havia especialização, o mesmo mineiro que extraía, escorava as galerias, empurrava os carrinhos, levava-os para consêrto, bombeava água que se acumulava e fazia a escolha de carvão, separando-o das outras rochas, ali embaixo na mina. Para aumentar a produtividade dos mineiros, algumas emprêsas passaram a fazer a escolha na superfície, usando môças para isso, geralmente filhas e mulheres de mineiros.

Fazendo tudo sòzinho e ainda por cima trabalhando na base de empreitada — quanto mais carvão tirasse, mais o mineiro ganhava — eram muito freqüentes os acidentes, as doenças do pulmão e coração. Mas o que mais havia eram as lesões da coluna vertebral, provenientes do esfôrço empregado para empurrar os carrinhos e pelo fato de os mineiros passarem muito tempo agachados nas minas.

A primeira grande coisa

Quando a guerra acabou, a mineração de carvão entrou em crise no Brasil. A importação de carvão estrangeiro se restabeleceu, pois o nacional, mais caro e de qualidade inferior, não conseguia competir no mercado interno. Com isso surgiu a primeira grande crise na mineração brasileira, agravada pela substituição, em nossas ferrovias e na Marinha, dos motores a vapor pelos de óleo diesel.

O govêrno federal, em 1953, criou a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional — **Cepcan** — para resolver os problemas surgidos, tendo em vista três objetivos fundamentais: 1) mecanizar a extração; 2) melhorar o beneficiamento para obter um carvão de melhor qualidade; 3) restabelecer o equilíbrio de mercado entre o carvão metalúrgico e o carvão vapor e, ainda, entre a produção e o consumo.

Na opinião do Sindicato Nacional da Indústria da Extração de Carvão, e principalmente na de seu diretor seccional em Santa Catarina, o químico industrial Sebastião Neto Campos, o Cepcan nada fêz daquilo que o govêrno lhe atribuiu e, por isso, a situação foi cada vez se agravando mais.

Durante o govêrno JK, com o desenvolvimento das indústrias de base, a situação desafogou-se para voltar a complicar-se durante o período Jânio-Jango, quando os problemas surgidos entre patrões e empregados agravaram ainda mais a crise de preços e de mercados para o carvão.

SEGUE

É muito comum uma menina desta idade já ter de cuidar sòzinha de seus irmãos menores e de tôda a casa: sua mãe trabalha para fora, para ajudar o pai, que sai cedo e volta de noite da mina. Geralmente ela não chega a concluir nem o curso primário. Terá muita sorte se, mais tarde, conseguir, sem se prostituir, um emprêgo numa loja comercial da cidade. Após o emprêgo, só lhe resta ficar esperando ser roubada *pelo noivo, pois o dinheiro para o casamento não há.*

Até hoje sòmente um mineiro ficou rico

E isso transformou as regiões produtoras de carvão em focos de intranqüilidade social, principalmente em Criciúma, onde essa situação mais se evidencia.

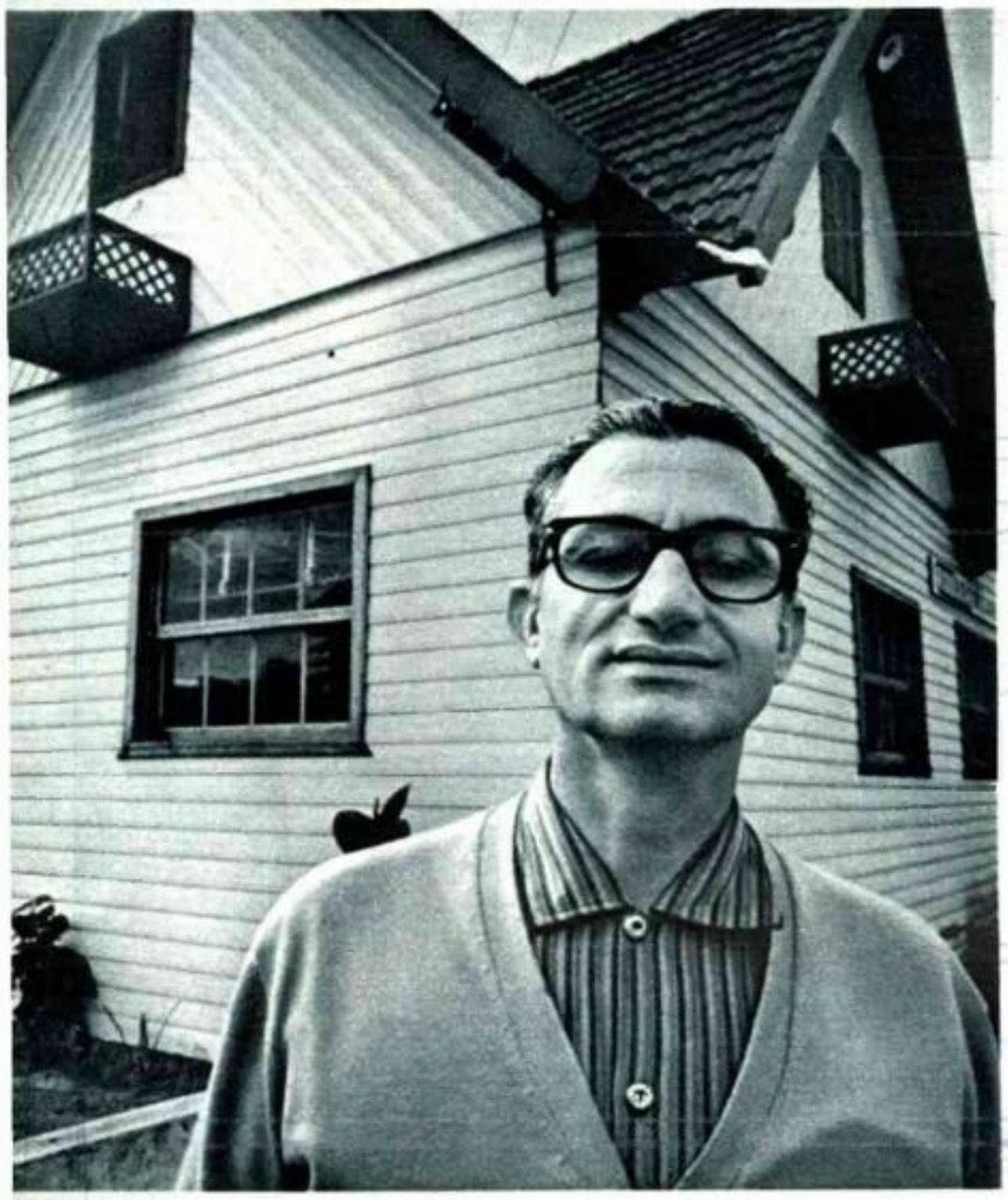
Sentados em cima de uma bomba

O centro de Criciúma é formado por uma área de dez quarteirões. Na praça principal se encontram o monumento aos mineiros, a enorme igreja matriz e mais dez pequenos bares, onde velhos e moços sentam-se para tomar um cafèzinho ralo. Entre os bancos de madeira envernizada, rapazes e môças conversam sem muita animação, andando sem rumo ou parados em pequenos grupos. Ao lado da igreja, um campo de bolão, espécie de boliche, reúne velhos em mangas de camisa e chinelos. Nas ruas, carros último tipo ao lado de velhos caminhões. Meninos descalços e maltrapilhos correm em grupos, uma caixa nas costas, uma palavra e um gesto de mão:

— Graxa?

Mulheres doentes com crianças nos braços pedem esmolas.

Tôda a cidade vive uma calma aparente, tentando esquecer a frase de um morador, repetida nas reuniões do Sindicato dos Mineradores, dos Mineiros, do Lions Clube, do Rotary e das congregações religiosas:



Diomício, ex-mineiro, ficou milionário durante a guerra.

MINA
CONTINUAÇAO

— Estamos sentados em cima de uma bomba. Qualquer dia dêsses ela estoura e vamos todos juntos para o inferno.

Essa bomba pode ser resumida num estudo feito pelo Sindicato Nacional da Indústria de Extração do Carvão em Santa Catarina e pelo IBGE de Criciúma.

A população de Criciúma é de 85 mil habitantes. O número de operários casados é de 7.000 e o de solteiros 1.000. Dêsses 8.000 trabalhadores em atividade dependem 37.000 pessoas, a maioria das quais (25.000) menores de 14 anos. Há 5.000 pessoas que vivem ùnicamente com a pensão dos institutos (os mineiros aposentados e seus familiares).

A totalidade dos jovens de 14 a 21 anos depende dos pais; não têm possibilidade de arranjar emprêgo e algumas vêzes conseguem dinheiro com serviços ocasionais. Ainda assim, aplicam êsse pouco dinheiro nas mais variadas formas de jôgo: desde o bingo — existem vários clubes no centro de Criciúma que o exploram — até o carteado e o jôgo de bicho. Organizam caçadas, treinam futebol com a preocupação de se tornarem profissionais e subir na vida, ou então freqüentam as casas de Maracangalha, fora da cidade, onde existem quase 100 prostitutas.

Os jovens, ameaça constante

Os jovens desocupados se marginalizam e nem pensam em abandonar a região, por ignorância, falta de visão e de dinheiro, para tentar a aventura.

O conhecimento do mundo é tão pequeno que os filhos de mineiros chegam a perguntar aos visitantes:

— Criciúma é maior do que São Paulo?

Em conseqüência da oferta de mão de obra, os trabalhadores sentem-se constantemente ameaçados de substituição por operários mais jovens. Isso possibilita a manutenção de uma política empresarial em que as admissões e demissões se fazem ainda dentro de um esquema de chantagem ou favores pessoais.

O comércio e a indústria local não têm condições de absorver a mão de obra ociosa. A falta de visão dos mineradores e comerciantes e a demora do govêrno em aplicar na região seu plano de diversificação de indústrias não abrem nenhuma perspectiva para o aproveitamento dos desempregados.

Além disso, o grande número de dependentes (cada mineiro tem em média cinco filhos) é responsável por uma situação contraditória: embora com salários relativamente altos — 160 cruzeiros novos — o mineiro vive mal e com mêdo de perder o emprêgo.

Crianças, em cada 100 morrem 10

Não obstante o trabalho de um médico gaúcho, David Boianowsky, à frente de uma associação mantida pelos mineradores, o índice de mortalidade infantil ainda é bastante alto: de 100 crianças até um ano, 10 morrem. Os consultórios médicos, hospitais e principalmente a agência do Instituto Nacional de Previdência Social estão sempre tomados por mineiros e seus familiares.

SEGUE

Para facilitar seus negócios em New York, comece procurando o único banco que fala português sem sotaque.

Vá ao 680 Fifth Avenue - New York, N.Y. 10019.

Lá está o Banco da Lavoura de Minas Gerais, o único banco brasileiro que tem filial nos Estados Unidos.

O que nós podemos oferecer a V. é exatamente o que pode lhe oferecer qualquer banco norte-americano.

A vantagem é que V. trata com brasileiros como V.

Começa pelo português sem sotaque.

Por mais que V. saiba inglês, não precisa ficar procurando palavras para pedir uma operação de câmbio.

Financiamos importação ou exportação.

Emitimos cartas de crédito.

Confeccionamos fichas cadastrais de firmas norte-americanas, transferimos numerário para qualquer parte do mundo, recebemos depósitos, vendemos "travellers checks", efetuamos cobranças em qualquer parte dos Estados Unidos e em qualquer outro país, etc., etc.

V. pensava que só um banco norte-americano podia fazer essas coisas?

Nós também. Até o dia em que passamos a ser "Branch".

Ou seja, uma das mais altas qualificações que pode ter um banco estrangeiro.

Por isso, temos tanta liberdade de ação.

Por isso, também é que temos prazer em lhe fazer um convite bem pessoal para aparecer por lá.

Você vai
compreender
udo aquilo
que ela
quis dizer.

As namoradas
acertam sempre.

Lintas

O perigo do fim

MINA

CONTINUAÇÃO

Não existe, pràticamente, nenhuma família de trabalhador em que um de seus membros não esteja sofrendo de alguma doença — infecção da coluna, tuberculose, subnutrição, desidratação, varizes e avitaminoses em geral.

Embora existam na região 60 estabelecimentos de ensino primário, com cêrca de 10 mil alunos matriculados, a maioria dos filhos de mineiros são semi-analfabetos, pois as crianças abandonam as aulas depois de um ou dois anos de freqüência: ou para ganhar algum dinheiro e ajudar em casa, ou porque o pai não a pode manter na escola. Existem três estabelecimentos de ensino profissional, comercial e normal, com 1.000 alunos, mas o número de filhos de mineiros matriculados é insignificante. No ginásio há 2.000 alunos, mas nenhum filho de mineiro.

As môças esperam ser "roubadas"

A gravidez é um estado quase natural das mulheres dos mineiros. Devido ao fato de não fazerem outra coisa senão cuidar da casa e dos filhos, elas envelhecem logo, sem participar de nenhuma atividade social: não vão a cinemas, não visitam amigos, não freqüentam a igreja.

As môças, na maioria, aguardam em casa a hora de serem **roubadas.** Quando têm mais iniciativa, ou a situação econômica da família torna-se insustentável, elas se empregam em casas de famílias ricas ou no comércio do centro de Criciúma. Afirma-se na cidade que, em muitos casos, a môça é obrigada a se entregar para conseguir colocação. Depois disso, não é difícil que a jovem chegue a prostituição: passa alguns dias em Maracangalha e, depois que arranja dinheiro para a passagem, some da região para não submeter a família a vexames.

O preço do carvão

Quem compra tôda a produção de carvão nacional, por lei, é o Cepcan. Êle paga aos mineradores depois de receber dos compradores, que são principalmente as siderúrgicas — Companhia Siderúrgica Nacional, Usiminas e Cosipa. O preço que paga aos mineradores é de 24,113 cruzeiros novos por carrinho (1,5 tonelada) de carvão beneficiado. Depois de fazer incidir sôbre êsse total uma série de taxas, fretes marítimos e ferroviários, impostos e ainda o prejuízo proveniente do não-aproveitamento integral do carvão, o Cepcan cobra das siderúrgicas, por um carrinho do produto, 92,253 cruzeiros novos.

Isso impossibilita qualquer concorrência com o carvão importado, que chega ao pôrto de Itatinga, no Espírito Santo, ao preço de 35,295 cruzeiros novos por carrinho. E mais: dizem os mineradores que 70% do preço pago pelo Cepcan é destinado a pagar a mão de obra e os encargos sociais nas minas, o que tira qualquer possibilidade de lucros compensadores.

Embora o presidente da Mineração Próspera, engenheiro Mário Balsini, afirme que com os preços atuais sua emprêsa teve um lucro aproximado de 500 milhões de cru-

zeiros velhos no ano passado, o sr. Sebastião Neto Campos, presidente do Sindicato dos Mineradores, contesta, dizendo que a indústria de mineração do carvão vive uma crise aguda. Segundo Sebastião Neto, o lucro obtido pela Próspera é decorrência dos privilégios que a Companhia Siderúrgica Nacional lhe proporciona como órgão do govêrno, pois é a maior acionista da mina — capitais, mecanização, cotas etc.

Uma indústria em crise

Os proprietários de minas encontram-se em crise permanente: de um lado, está a baixa rentabilidade de suas indústrias, pela falta de financiamento que lhes permitiriam modernizar os processos de extração e beneficiamento e pela ausência de mercado para todo o produto extraído; de outro lado, sofrem pressão contínua dos trabalhadores. Tentam minorar a situação, forçando o govêrno, fazendo pequenas concessões aos trabalhadores, atacando grupos interessados na utilização do carvão importado e fazendo, com seus próprios recursos, pesquisas para melhorar o aproveitamento do carvão.

A solução está num memorial

Essa é a situação do carvão e dos que trabalham com êle. Para êstes, a solução está na adoção de várias medidas, tôdas envolvendo vultoso emprêgo de recursos em dinheiro. As fundamentais estão contidas num memorial enviado ao presidente Costa e Silva e assinado pelo prefeito municipal, mineradores, comerciantes, , comerciários, mineiros, religiosos, vereadores e deputados de Santa Catarina.

A primeira delas é a não-aprovação, na Câmara Federal, de dispositivo que transfere para a indústria privada a escolha de usar ou não carvão nacional na siderurgia, o que poderá limitar ainda mais o mercado do produto. Em segundo plano está a instalação da Siderúrgica Catarinense, junto às minas, para aproveitamento do resíduo piritoso — rico em ferro — que sobra da transformação do carvão bruto em metalúrgico. O terceiro seria o aumento da capacidade de produção de energia elétrica da **Sotelca** — termoelétrica acionada a carvão-vapor — para consumo de maior quantidade do produto que está sendo atualmente armazenado, onerando os custos do carvão metalúrgico. A quarta providência seria a mecanização progressiva das minerações, através de financiamentos concedidos pelo Cepcan, o que representaria custos mais baixos e melhores condições para os trabalhadores. Atualmente sòmente numa mina — Próspera — a mecanização atinge 60%. Nas outras, é de 40% e na maioria não existe. A última providência é a instalação de uma indústria carvoquímica na região, para o aproveitamento do enxofre contido no resíduo piritoso, o que diminuiria ainda mais os custos do carvão metalúrgico. A medida é altamente econômica para o país, quando se sabe que o Brasil importa todo o enxofre que consome, e que êsse produto — considerado estratégico — está com sua exportação limitada pelos países produtores.

Essas medidas, segundo a população de Criciúma e de todos os seus líderes, melhorariam as condições de trabalho, a assistência social, médico-hospitalar, escolar, elevaria o nível de vida e afastaria os perigos do agravamento da crise latente na região. Enquanto tudo isso não se concretiza, Emodeno, o mineiro, repete, com a gente de Criciúma, a frase do velho morador da cidade:

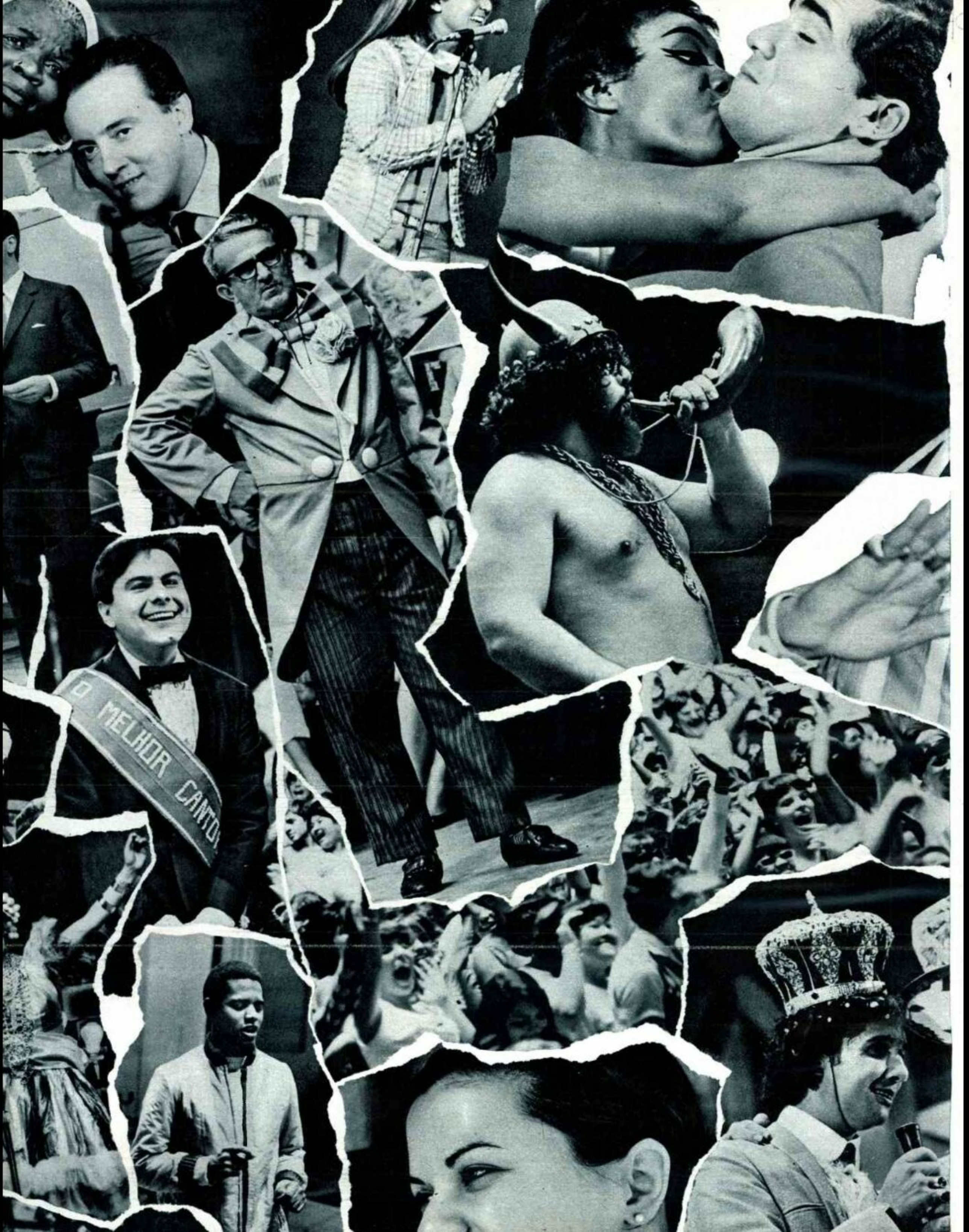
— Estamos sentados em cima de uma bomba. Qualquer dia dêsses ela estoura e vamos todos juntos para o inferno.

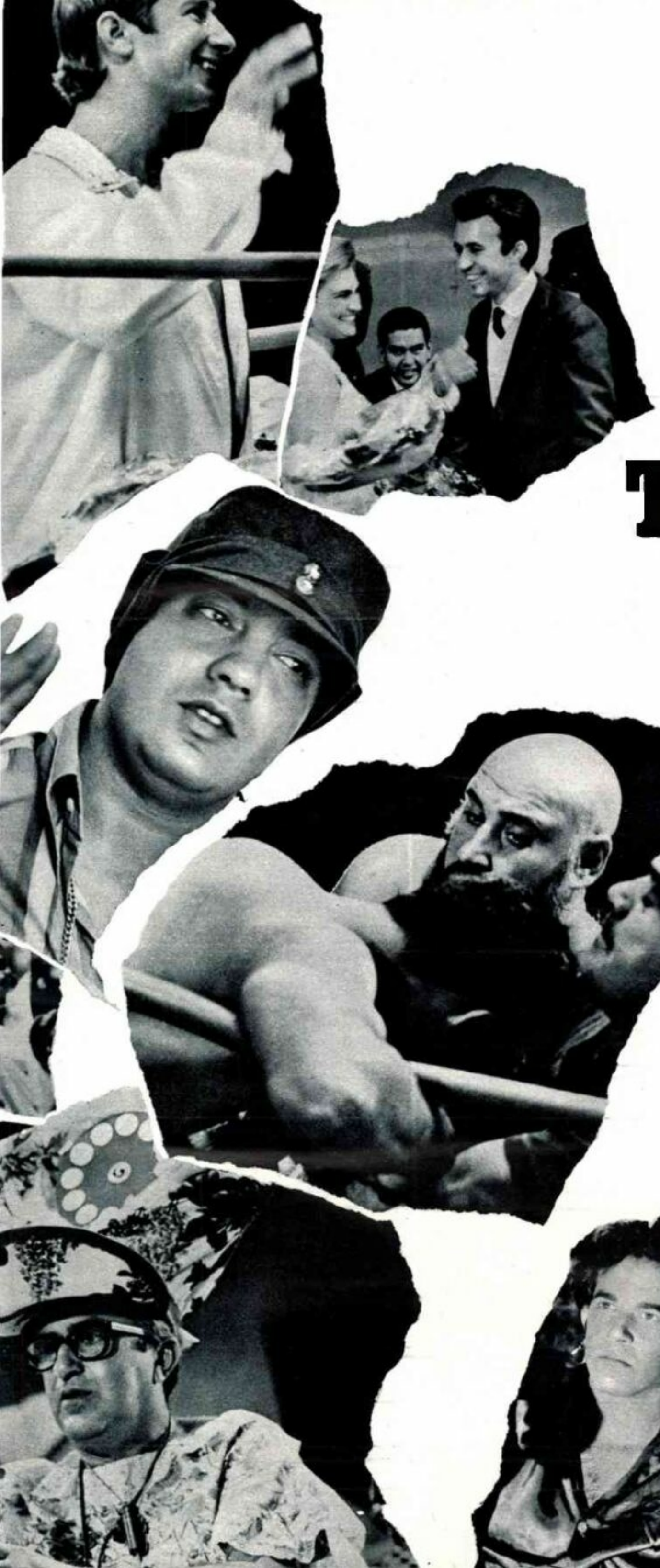
FIM

Para escolher entre estas colônias Atkinsons

êle pensou muito em você.

Os namorados acertam sempre.





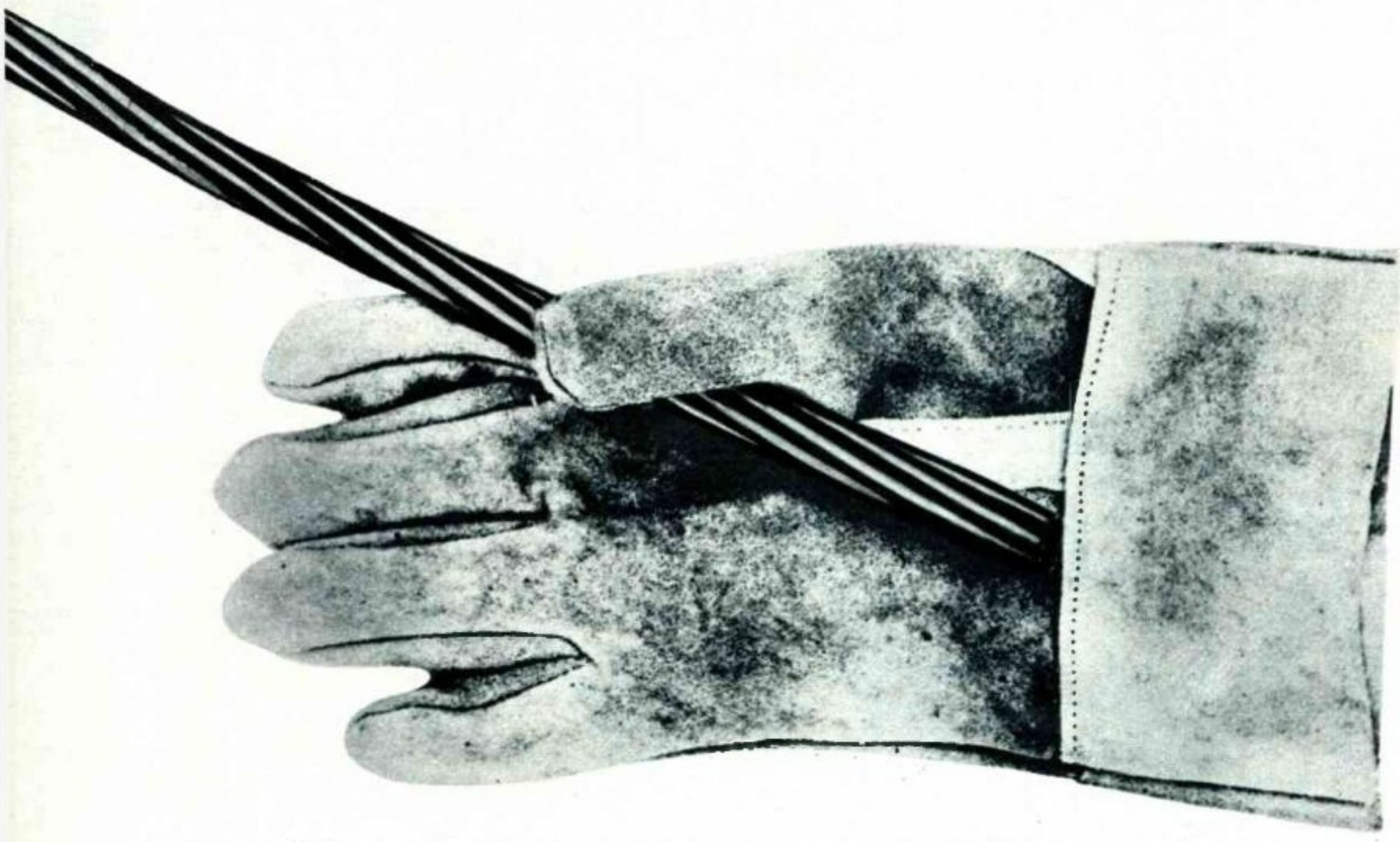
NOSSA TELEVISÃO ESTÁ COM DEFEITO

Em 17 anos de vida, a TV brasileira ainda não aprendeu a fazer nada direito. Agora vive a maior crise de sua história, com dívidas a pagar, programas ruins e um caminho a encontrar.

Texto de Lúcio Nunes

quem trabalha com eletricidade já sabe que o alumínio é ótimo condutor, é resistente, leve e econômico

é natural que o homem use, cada vez mais, cabos condutores de ALUMÍNIO



Cabo de cobre não é mais sinônimo de condutor de eletricidade: o uso de cabos de aluminio para a transmissão e a distribuição de energia é cada vez mais generalizado E quanto mais adiantado o pais, mais cabos de aluminio estão sendo usados. Além de oferecer ótimos índices de condutividade, o aluminio permite maior intervalo entre pontos de sustentação e não exige tôrres tão reforçadas (e caras) como os cabos comuns. Em nosso Pais, o aluminio ainda oferece mais vantagens, pois temos grandes reservas de bauxita no subsolo: recursos disponiveis para atender à procura cada vez maior de cabos condutores. Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, há cêrca de vinte anos no Brasil (lembra-se da nossa marca Albra?).

Estamos a postos para fornecer os cabos de aluminio que forçosamente serão necessários para a solução dos grandes problemas de transmissão e dos múltiplos problemas de distribuição de energia. Também nesse setor cabe a pergunta: "Por que não usar aluminio?" Estamos às ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A.

ALCAN

De vez em quando, um programa entre os anúncios

TELEVISÃO CONTINUAÇÃO

Sentados no chão da sala, os dois meninos assistem ao filme de mocinho. São seis e meia da tarde. Êles chegaram há pouco da escola e ainda vestem uniforme. As lancheiras e os cadernos descansam sôbre uma poltrona. Na cozinha, preparando o jantar, a mãe está atenta aos sons que vêm da sala: dentro de alguns minutos começa a primeira novela.

O pai também chegou, faz cinco minutos. Está tomando banho e se demorar muito é possível que jante sòzinho, com o que já se acostumou, assim como se acostumou com outras coisas: as crianças param mais em casa, a mulher não faz muita questão de visitar as amigas, e êle precisa ter sempre alguma coisinha para fazer depois do jantar, pois em dia de semana o chamado horário nobre da televisão dedica metade do tempo às novelas e aos anúncios. Até dois anos atrás, antes de comprar o televisor, êles costumavam jantar juntos, sem pressa, conversando — a mulher sôbre os filhos, os filhos sôbre a escola. Algumas vêzes iam visitar os parentes, outras vêzes iam ao cinema. Hoje isto acontece raramente, aos sábados ou domingos. A televisão mudou os hábitos da família brasileira.

A televisão — o maior instrumento de comunicação entre os homens. Há apenas 45 anos, atravessar o Atlântico por ar, ligando Portugal ao Brasil, foi uma aventura que dois portuguêses — Sacadura Cabral e Gago Coutinho — realizaram em mais de dois meses e sem testemunhas dos riscos que passaram, num hidroavião e fazendo amerissagens forçadas no mar.

Documentário velho no lugar da notícia

Hoje, sentadas em suas salas de visita, milhões de pessoas vêem os astronautas saindo de suas cápsulas em pleno espaço. Depois de ligar os continentes, por intermédio de satélites, a televisão põe o cosmo diante do homem. E, acompanhando os avanços da tecnologia, ela se prepara para novos aperfeiçoamentos. Nos Estados Unidos e Europa a transmissão de espetáculos em côres já existe em escala comercial. Mais um pouco, e o homem não dependerá mais de horário para assistir ao seu programa preferido. Um aparelho, recém-inventado e pronto para ser produzido a baixo custo, poderá ser ligado ao televisor e gravar numa fita magnética os programas desejados, enquanto se recebe visitas ou se vai às compras.

No Brasil, porém, estamos longe de bem usar a televisão. No Texas, em fins de 1963, as câmeras estavam presentes quando Lee Oswald era transportado de uma prisão para outra e, assim, milhões de americanos viram-no morrer assassinado por Jack Ruby com um tiro no estômago. No Japão, um líder socialista é esfaqueado por um fanático religioso durante uma convenção política e todo o país assiste ao crime: a TV estava transmitindo. No Brasil, no instante em que o governador deposto de São Paulo regressava ao país, a TV transmitia receitas de bôlo e documentários de 20 anos. Margot Fonteyn, uma das maiores bailarinas do mundo, estêve no Brasil, e a tevê recusou-se a pagar 15 mil cruzeiros novos para mostrar sua arte ao público. Chico Buarque e Nara Leão emocionaram o país inteiro com "A Banda", batendo recordes de venda de discos, e tudo quanto a televisão tirou dêsse sucesso, que ela mesma favorecera, foi um programa que se esvaziou a curto prazo.

Nossa televisão informa mal, diverte menos ainda e é insensível à cultura. Produções inteligentes e boas coberturas são raras. Hoje, a TV passa pela pior crise de seus 17 anos de vida. Um levantamento do sindicato dos artistas estimava em cêrca de 700 milhões de cruzeiros velhos o total de salários atrasados em São Paulo, no mês de abril passado. Só a Record estava em dia. No Rio, os cálculos para o mesmo mês iam a um bilhão em atrasados.

— No Brasil, tudo está errado desde o comêço — diz Walter Clark, diretor-geral da TV-Globo, da Guanabara.

E como começou? A televisão transmite as imagens por faixas de ondas-canais — que existem em número limitado. Por isso, estas faixas "pertencem" ao Estado. Na Europa quase tôda e nos países do bloco socialista, é o próprio Estado que as utiliza. No resto do mundo, elas são entregues a emprêsas que as queiram explorar. No Brasil, o govêrno distribui os canais de graça. Apenas exige, de quem os recebe, o compromisso de explorá-los no interêsse público. O Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) encarrega-se de fiscalizar. Com um detalhe: segundo o mesmo Walter Clark, muitos dêles foram concedidos "apenas para atender a interêsses políticos". Resultado: há televisão demais no Brasil.

A área metropolitana de Nova Iorque por exemplo, tem um canal para cada 2 milhões e 200 mil habitantes, enquanto a grande São Paulo tem dois canais para o mesmo número de pessoas; e Belo Horizonte, com um milhão de habitantes, já ganhou quatro canais.

Esta distribuição de concessões sem muito critério trouxe problemas. O principal dêles é econômico. Nos países em que o Estado explora a TV, os recursos vêm de uma taxa cobrada dos proprietários de aparelhos televisores. Na Itália, onde há cêrca de sete milhões de aparelhos, cada um contribui para o Estado com 36 cruzeiros novos por ano; na Bélgica, essa taxa é de 34 cruzeiros novos; na Inglaterra, de 26.

No Brasil, porém, quem sustenta a televisão é o ìndiozinho camarada que faz biscoito ou o esquimó que vende geladeiras: são as milhares de mensagens comerciais que aparecem no vídeo o dia inteiro. Nos Estados Unidos, em 1965, foram empregados mais de 5 trilhões de cruzeiros velhos (2,5 bilhões de dólares) em publicidade na TV. No Brasil, no mesmo ano, as 38 emissoras existentes não faturaram mais que cem bilhões de cruzeiros. Os canais, portanto, são muitos para as verbas de publicidade existentes.

Assim, as emissoras precisam brigar com tôdas as armas por êsse "pouco" dinheiro. Como aos anunciantes interessa atingir o maior número de pessoas, a grande batalha é a da audiência. Ao lado, disso, o preço do tempo vendido aos anunciantes é mantido baixo por uma concorrência feroz. Em São Paulo, uma organização de corretagem chegou a vender o tempo das emissoras a crédito, com descontos de até 50% sôbre os preços de tabela, dando ainda de presente a produção dos comerciais necessários. Ainda hoje, um grande anunciante pode comprar tempo na TV por até um quarto do preço de tabela. E o patrocínio exclusivo de programas pràticamente não existe mais.

— Oitenta por cento de nossa receita de publicidade, hoje, vem dos anúncios por intervalo — diz Fernando Severino, diretor-comercial da TV-Tupi, de São Paulo.

O anunciante não se arrisca a empregar tôda a verba num programa que êle não sabe se alcançará boa audiência. Por isso anuncia nos intervalos. E já que os preços são baixos, as emissoras precisam do maior número possível de anúncios. Cada vez que um artista canta uma música, é necessário um comercial para pagar o tempo gasto. Assim, um programa, para ir ao ar, precisa encontrar no mínimo 14 anunciantes. O canal-7, São Paulo, já chegou até a 19 anunciantes por programa. SEGUE

Pessoas jurídicas já podem investi · 50% de seu imposto de renda no maior projeto agro-pecuário ap ·ovado pela Sudene

Considerando a urgente necessidade de aumentar a oferta de alimentos e matérias primas no Nordeste, o III Plano Diretor da Sudene reconhece que "o processo de industrialização do Nordeste pode ser frustrado, caso não consiga, a curto prazo, obter regularização do mercado e aumento substancial na oferta de alimentos e matérias primas para a indústria regional."

Visando êsses objetivos, tradicional grupo econômico maranhense fundou com a colaboração da Sudene a Cia. Agro Pecuária do Maranhão – AGROPEMA, localizada em Coelho Neto.

Os acionistas fundadores da "AGROPEMA" são a Usina Itapirema, Semp Rádio e Televisão de São Paulo e Grupo Bacelar.

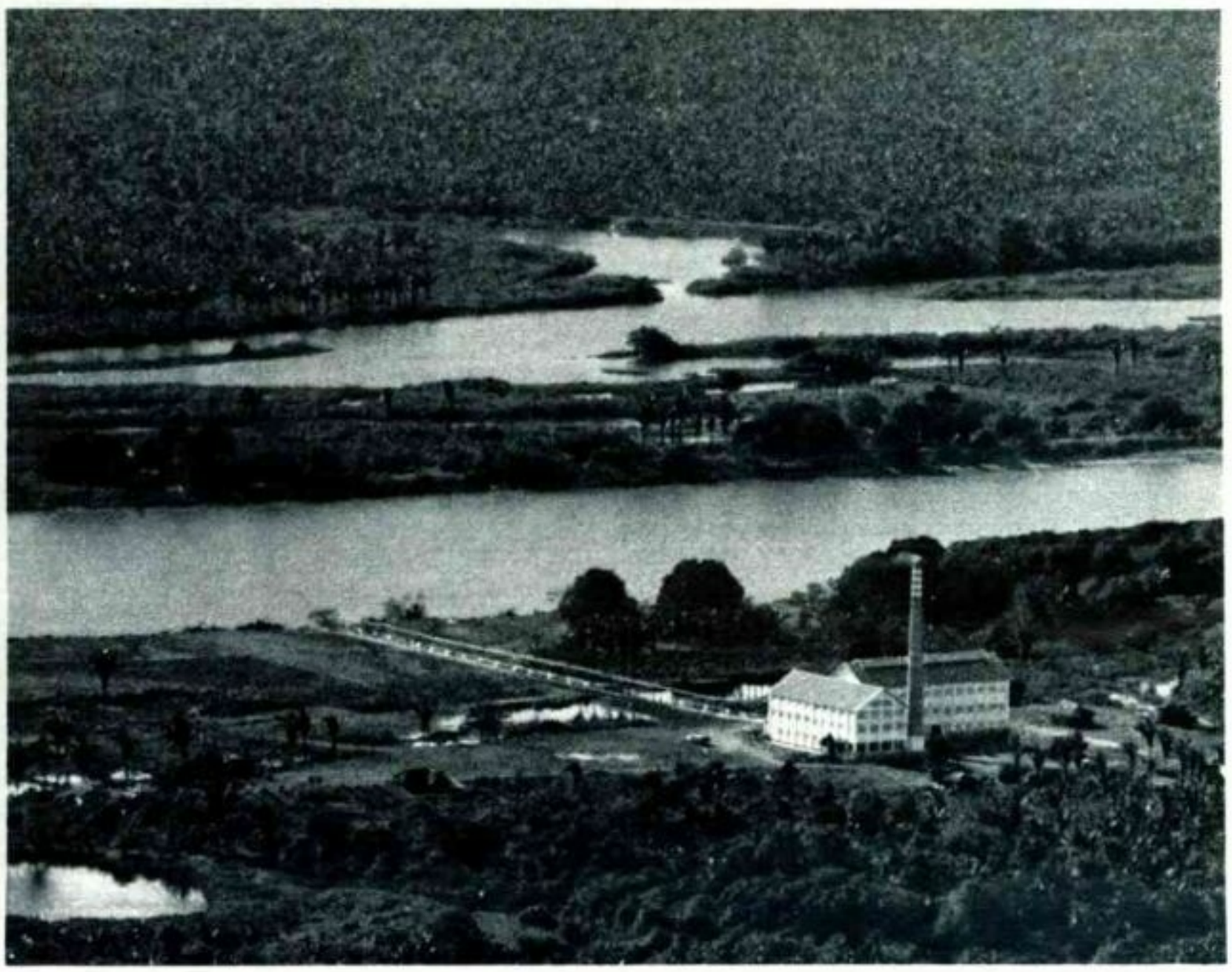
A "AGROPEMA" racionalizará as atividades agro-pecuárias e implantará com métodos modernos culturas de arroz, milho e mandioca, na Fazenda Macaúba, que ocupa a área de 10.000 hc. No setor pecuário, desenvolverá a criação de rebanhos da raça Nelore, sendo um puro e outro mestiço.

O local reúne condições ideais de clima, geologia, relévo, hidrografia, cobertura vegetal, vocação das terras e transporte fácil.

O rio permanentemente navegável assegura comunicação rápida e econômica, enquanto o sistema rodoviário permite utilização durante todo o ano, fatores indispensáveis ao êxito do empreendimento, pois garantirão o escoamento normal da produção.

A execução do projeto inicia-se no corrente ano, através da implantação de culturas, forrageiras, gêneros de subsistência, edificações e formação de rebanhos bovinos.

Inicialmente, os principais mercados consumidores serão os maiores centros urbanos do Piauí e Maranhão.



Usina Itapirema, região fértil banhada pelo rio Parnaiba, onde está sendo implantada a Agropema.

O programa de produção de culturas de subsistência representa modesta parcela frente à grande demanda de cereais nos Estados Nordestinos. Pràticamente será absorvida no próprio Maranhão.

De acôrdo com o parecer da Sudene, o projeto apresenta os seguintes méritos econômicos:

- aumento quantitativo e qualitativo da oferta de produtos agrícolas;
- aumento quantitativo e qualitativo dos rebanhos da Região;
- novas possibilidades de desenvolvimento tecnológico;
- melhoria dos padrões regionais de consumo, mediante maior oferta de proteínas animais;
- abertura de novas fronteiras agro-pecuárias na Região.

Os investimentos necessários chegam a NCr$ 4.584.444,00 sendo NCr$ 4.264.444,00 fixos e o restante em capital de giro.

O empreendimento, considerando os preços do ano de 1966, propiciará excelentes índices de rentabilidade, além da grande segurança.

Do investimento total da "AGROPEMA" a importância de NCr$ 3.464.333,00 será incorporada em forma de ações ou crédito. (arts. 34/18)

É importante salientar que o grupo titular dêste empreendimento já teve outro projeto aprovado pela Sudene — a Usina Itapirema S. A. — que no primeiro ano de atividade apresentou apreciável resultado financeiro, concedendo bonificações de 50%, o que lhe valeu a confiança de importantes emprêsas do centro-sul, investidores no exercício de 1966.

As ações da "AGROPEMA" serão preferenciais, com dividendos assegurados de 12%. O crédito renderá juros de igual valor.

A "AGROPEMA" constituiu sua procuradora exclusiva, para assessorar as pessoas jurídicas interessadas em aplicações dos depósitos do Impôsto de Renda à ordem da Sudene, inclusive os que forem efetuados no exercício de 1967, a NÔVO NORTE — Assessoria Econômico Financeiro Jurídica Ltda., com sede a Rua Sete de Abril, 345, 6.º andar, conjunto 602, telefone 35-5372, em São Paulo. Endereço Telegráfico: "NOVONOR".

A filial é no Rio de Janeiro, a Rua Anfilófio de Carvalho, 29, 8.º andar, salas 807/8, fone 42-0789.

Vale até concurso de miséria para ganhar audiência

TELEVISÃO CONTINUAÇÃO

Esta emissora paulista, durante uma semana de abril último, colocou no ar 2.482 mensagens comerciais, média de uma mensagem cada dois minutos.

No Rio, acontece a mesma coisa. Apenas a TV-Globo mantém algum respeito pela tabela de preços, enquanto as outras vendem o seu tempo com grandes descontos. Os anunciantes perdem com isso. A Frigidaire, há algum tempo, fêz um filme de 45 segundos que custou 10 milhões de cruzeiros e agora arrisca-se a vê-lo empurrado no vídeo junto com outras 14 mensagens, a maior parte das vêzes de baixo nível técnico, cansativas.

— O que se faz nessa área é um crime contra o anunciante e contra o público — diz o gerente-comercial de uma grande agência de publicidade.

Recentemente, uma portaria do Contel limitou a 15 minutos por hora o máximo de propaganda comercial pela TV. A fiscalização, porém, cabe ao Departamento de Correios e Telégrafos, que no início tentou agir com algum rigor. Pouco tempo depois, o diretor de uma emissora paulista dizia que não poderia obedecer à determinação do Contel, porque as concorrentes não o faziam, e o DCT não fiscaliza "porque não tem verbas para comprar os televisores de que necessita".

Daí, a avalanche de comerciais, tão grande que os publicitários gostam de contar a história do telespectador que chegou ao fim da noite certo de que "para a limpeza dos dentes, o melhor é Alka-Seltzer, que contém o aditivo ICA, com ação detergente e gostinho de uva gelada".

"Não faço programa para a classe A"

Sem dinheiro e com o tempo tomado pelos comerciais, a programação raramente supera o nível da mediocridade. É verdade que a televisão se dirige ao grande público, mas esta necessidade raramente é acompanhada por um esfôrço de melhorar as produções.

— Não faço televisão para a classe A — diz Alberto Saad, diretor da Rêde Excelsior — Faço para os que ficam em casa, por não poderem ir a lugar nenhum.

A audiência no Rio e municípios vizinhos, pesquisada pelo IBOPE, aponta 60% de pessoas que não passaram do curso primário. Contudo, os livros de bôlso também se dirigem ao grande público e não deixam de lançar os clássicos da literatura nacional e universal. Mas a televisão continua apresentando novelas de má qualidade. Em seus 17 anos de vida, ela não acumulou recursos nem formou bons profissionais. As exceções são poucas.

Na Itália, o romance **Os Noivos**, de Manzoni, um dos clássicos da literatura mundial, foi apresentado em oito capítulos e custou um bilhão de cruzeiros. Aqui, 25 capítulos mensais de uma novela custam entre 50 a 60 milhões. E, quando os gastos com a montagem e direitos autorais ficam muito caros, as emissoras esticam a história para diluir o custo inicial em centenas de capítulos. A novela **Redenção** é um exemplo: exigiu a reprodução de uma cidadezinha de interior nos estúdios da Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Ficou caro. Então, a emissora — Excelsior — fêz a história render mais alguns meses, incluindo novos personagens que apareciam não se sabe de onde, mudando todo o enrêdo.

Assim, as novelas saem mais baratas, e por isso ocupam 32% da programação no melhor horário de segunda a sexta em São Paulo; 29% em Belo Horizonte; 22% em Curitiba; 24% no Rio. O maior salário de ator é de Sérgio Cardoso, em São Paulo: 8 milhões; Carlos Zara, da Excelsior, onde exerce outras funções, ganha 5 milhões; Francisco Cuoco, da mesma emissora, recebe 3,5 milhões; Hélio Souto, 2,5 milhões; Rosamaria Murtinho, 2 milhões; Eva Wilma, 1,5 milhão.

Os musicais também são baratos: cenários pobres, estrutura de programas de rádio que se faziam 20 anos atrás. Pràticamente, a única novidade é a câmera, que leva ao espectador o que antes êle só veria se estivesse no auditório. Para garantir a audiência, dois ou três cantores de maior popularidade puxam um elenco barato. Chico e Nara sustentavam "Pra Ver a Banda Passar"; Roberto Carlos, Vanderléa e Erasmo Carlos suportam o "Jovem Guarda"; Elis e Jair carregam "O Fino"; Gilberto Gil, Cláudia e Maria Betânia garantiam "Ensaio Geral".

A monotonia acabou matando os musicais. No primeiro trimestre dêste ano êles começaram a perder público. E as emissoras, sem espírito empresarial, nunca tiraram dêles rendimento nenhum, a não ser índices de audiência. Roberto Carlos tem oito carros de luxo, imóveis e participação numa série de outros empreendimentos; Jair Rodrigues comprou imóveis em um bairro valorizado de São Paulo; Ronnie Von e Luís Vieira têm avião. Nada disso foi conseguido apenas com os salários pagos pelas emissoras, mas sim com o que lhes renderam os discos e **shows** no país inteiro. Durante meses, as próprias emissoras fabricam os ídolos, abrem-lhes o mercado em todos os Estados e depois deixam que a promoção de **shows** fique com o empresário e a venda de discos com as gravadoras.

No fim do ano passado, o Canal-7 de São Paulo fundou uma emprêsa de gravação — AU, Artistas Unidos — mas os grandes cantores, que podiam trazer lucros, já estavam todos presos a contratos com outras gravadoras.

O mundo-cão da nossa TV

No vale-tudo pela audiência, alguns produtores exploram as feridas da sociedade. Sílvio Santos foi condenado pùblicamente pelo **O São Paulo,** jornal da Arquidiocese paulistana, por ter levado ao seu programa alguns suicidas frustrados, que receberam prêmios para contar com detalhes as experiências que tinham vivido. O mesmo Sílvio Santos promovia um programa, **Rainha por um Dia,** que mostrava mulheres miseráveis contando seus sofrimentos. Depois, o auditório escolhia, batendo palmas, a história mais triste. E a mulher que a tinha contado se transformava em **Rainha por um Dia:** vestia um manto, punha uma coroa na cabeça e sentava-se no **trono,** além de ganhar o prêmio maior. As outras ganhavam prêmios de consolação.

Abelardo Barbosa, Chacrinha, até hoje mantém audiência elevada no Rio, explorando a irreverência e o protesto de um tipo com o qual acabou por confudir-se. Mas não deixa de explorar coisas como o **maior nariz**, ou a **mulher mais gorda,** provocando um desfile de deformidades físicas diante das câmeras.

Jacinto Figueiras Júnior, que apresentou no Rio e São Paulo **O Homem do Sapato Branco,** levou prostitutas, ladrões e homossexuais à televisão, para fazer sensacionalismo. Recentemente, recolheu nas sarjetas de São Paulo alguns marginais, colocou-os diante das câmeras e realizou uma **Mesa Redonda dos Mendigos.**

Até pouco mais de dois anos, os chamados **enlatados** batiam recordes de público. Foi o tempo de Richard Chamberlain — o dr. Kildare — e de Vincent Edwards — Ben Casey — que **recebiam** centenas de cartas por dia, endereçadas às TVs e revistas especializadas. SEGUE

Para homens de responsabilidade, criamos uma poltrona exclusiva...

...porque merecem o máximo confôrto e bem-estar ao sentar. O perfil do encôsto apresenta um apoio para os rins e fornece o suporte quê o corpo necessita. A poltrona *Giroflex* é anatômicamente certa.

Sua mecânica "relax", através da deslocação do pêso, obtém qualquer inclinação confortável. Construída segundo diretrizes fisiológicas de trabalho, a poltrona *Giroflex* é a reunião das mais recentes afirmações científicas às mais novas criações formais.

Linha Metropol - poltronas em forma de concha, com almofadas substituíveis em espuma, revestidas de genuíno Courvin ou tecido Indantren, com gomos. Pés de cinco pás. E o padrão é a qualidade *Giroflex*.

EM GENUÍNO Courvin

UM PRODUTO DE QUALIDADE Kelson's

O correto assento anatômico...

giroflex

Sòmente nas boas lojas de equipamentos de escritório

Giroflex s. a. - c. postal 449 - são paulo

Para onde vai essa TV em crise?

Outros filmes disputavam com os dois médicos românticos os índices de audiência: **Os Intocáveis, 77 Sunset Strip** (policiais), **Bonanza** e **O Fugitivo** (aventuras). Êstes dois ultimos ainda continuam no ar, mas os episódios são constantemente repetidos e já não agradam tanto.

Hoje, para a maioria dos homens, o futebol é tudo quanto a TV pode oferecer. Mesmo assim, com a proibição das transmissões diretas, o interêsse não é muito grande. Os vídeo-tapes são exibidos depois dos espetáculos e muitas vêzes entram pela madrugada.

Solução: a rêde nacional

Assim se arrasta a televisão no Brasil, hoje. Para tirá-la da crise em que se afunda, seus dirigentes sonham com uma solução: organizá-la em rêdes de cobertura nacional. "É o caminho natural para vencer nossas dificuldades", diz Fernando Severino, da TV-Tupi de São Paulo.

— A Excelsior caminha para a formação de uma rêde racionalmente estruturada — diz Alberto Saad.

Walter Clark também sustenta a necessidade das rêdes nacionais, mesmo considerando que a TV-Globo só tem três emissoras — Rio, São Paulo e Bauru. Nos escritórios de comando das outras emissoras, porém, já se informa com segurança que a TV-Globo assumiu o contrôle financeiro da TV-Guajajaras, de Belém, e prepara-se para funcionar também em Belo Horizonte, Recife, Pôrto Alegre e Salvador.

Primeiros passos concretos para a formação das rêdes nacionais: a criação do Telecentro, nas Associadas, com roteiro de custos por tôda a cadeia; instalação da Teleproduções Globo; e a Central de Produções Excelsior. À TV-Record de São Paulo, que ainda se mantém equilibrada, abre-se o caminho dos convênios com outras emissoras. E as demais, se estiverem em má situação, serão absorvidas. Ou morrerão.

O funcionamento em rêde criará um mercado obrigatório para as centrais de produção.

— O Telecentro das Associadas, no Rio, tem uma verba de 600 milhões e produz 30 **shows** mensais — diz Fernando Severino.

Apesar disso, em quase todos os Estados, as TVs Associadas ainda continuam comprando programas de outras emissoras, gastando entre 100 e 150 milhões de cruzeiros por mês. Em Belo Horizonte, o canal 4 apresentou a novela "O Sheik de Agadir", comprada à TV-Globo do Rio; além de "o Fino" e o "Côrte-Rayol Show", da Record de São Paulo. Mas já se sabe que as Associadas vão parar de comprar programas dos outros.

Muitas dificuldades pela frente

As dificuldades são muitas para se chegar à organização em rêdes. Para começar, nem sequer se sabe com segurança quantos televisores há. Recentemente o IBOPE informava ao Contel que o Brasil tinha quatro milhões de aparelhos. Mas, pouco antes disso, uma revista especializada em economia dizia que havia apenas dois milhões e 200 mil. Agora, o Contel pediu ao IBGE um levantamento geral.

As pesquisas de audiência também falham. Só o IBOPE se encarrega disso regularmente, assim mesmo limitando-se ao Rio e São Paulo. Em outras cidades, as pesquisas são feitas apenas a pedido de anunciantes, agências de publicidade ou emissoras. Na Guanabara, o IBOPE extrai os índices de audiência computando os municípios vizinhos de Nilópolis, Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita e Niterói — com cêrca de 900 mil residências, em que há aparelhos de televisão. Mas em São Paulo a pesquisa ficou só no perímetro urbano, sem os municípios vizinhos que formam a Grande São Paulo, acusando apenas 700 mil aparelhos. Dêste modo, os índices não podem ser uniformes: Chacrinha, por exemplo, que tem maior público nas camadas populares, sempre comandou a audiência no Rio, mas em São Paulo, onde certamente também é bem recebido, nunca chegou a posições destacadas nas pesquisas.

As rêdes precisarão vencer ainda dificuldades legais. Por determinação do govêrno, uma só organização não pode ter mais de cinco emissoras em todo o país. O prazo da lei para se regularizarem é curto, as dívidas precisam ser pagas, os programas caem cada vez mais. Os homens de televisão conhecem todos êstes obstáculos. Sabem que anúncios bem mais caros — e, portanto, em menor quantidade — aumentariam o faturamento das estações, possibilitando melhorar o nível geral da programação. Para isso, entretanto é imprescindível que se reduza o número de canais pois a verba dos anunciantes é fixa. Com mais dinheiro, nossa TV poderá até enfrentar a responsabilidade que tem com o país, criando programas verdadeiramente educacionais. São êsses os problemas. Resta ver, agora, se os homens da televisão vão saber enfrentá-los. FIM

Crescinco fará o futuro doutorzinho

Assegure o futuro de seu filho confiando suas economias a Crescinco. Você estará aplicando com sabedoria, sem arriscar os frutos de seu trabalho, pois Crescinco sempre oferece o máximo de rendimento consoante com o máximo de segurança. Procure-nos para escolher conosco o investimento que mais lhe convém: Fundo Crescinco, Letras de Câmbio ao portador, Obrigações Reajustáveis do Tesouro etc. Se o futuro doutorzinho pudesse opinar, certamente aprovaria sua iniciativa.

Crescinco - a maior organização do gênero na América Latina, com representantes em mais de 80 cidades em todo o Brasil. Veja nas listas telefônicas.

CRESCINCO - Depto. A-41

R. Direita, 250 - 26.º and. - C. Postal 8245-S. Paulo - SP.
Desejo receber, sem compromisso, informações sôbre os bons negócios Crescinco.

Nome: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... Estado: .....

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos IBEC - Capital e Reservas: NCr$ 678.064,14-Carta de Autorização do Bco. Central do Brasil n.º 116 - C.G.C. 60.872.991 Fev/67

Anunciamos a segunda parte do Strip Aéreo.

Como na primeira, continuamos a lutar contra a monotonia dos vôos longos.

Enquanto crescemos, fomos aterrizando em lugares de climas diferentes. Como por exemplo, Saigon e Groelândia.

Por isto concluímos que as comissárias devem vestir mais roupas... para mudá-las em vôo.

Mais uma vez corremos a Emilio Pucci, e, desta vez, pedimos que se superasse.

Êle fêz mais que isto:

Partindo de seu Strip Aéreo, Parte I, êle criou uma série de surprêsas as mais agradáveis:

"Shifts" multicores, "Tonguitos" bolivianos, "Leotards", abrigos de pele. Comparada à comissária do Strip Parte II, a do Strip Parte I lembra Mary Poppins.

E se a Parte I lhe agradou, a Parte II vai lhe encantar.

Braniff International

América do Sul México Estados Unidos

Mistificado, deformado por preconceitos, o parto se tornou um acontecimento doloroso. Agora, depois de muitas experiências e alguns erros graves, a medicina conclui que

A DOR DO PARTO NÃO EXISTE

Texto de Carlos Azevedo
Fotos de Lenita Perroy

Seis jovens senhoras, com idades que variam de 20 a 25 anos, estão reunidas numa sala branca, impessoal, um consultório médico. Tôdas estão no quarto ou quinto mês de gestação. O consultório é de um médico famoso, que conseguiu convencê-las de que é possível ter filhos sem sofrimento e sem anestesia. Várias delas ainda não conseguem entender como isso será possível na prática, e comparecem à reunião marcada pelo obstetra com a sensação de quem vai ouvir uma pessoa com poderes sobrenaturais.

Porque até agora, elas tinham certeza, pelas informações que receberam durante a vida inteira, que o parto é uma experiência muito dolorosa. "Se não houver dor, não haverá parto", diziam os velhos, que junto com isso lhes transmitiram ainda a noção de uma situação perigosa, muito próxima da morte. (Antes da medicina moderna, calcula-se que pelo menos uma em dez mães morriam durante o parto. Atualmente, nos países desenvolvidos, o índice é de menos de uma em mil.)

Desde menininhas, as môças ouviram cochichos entre suas mães e as amigas:

"A Laura ficou sentindo as dores dois dias, minha filha. Gritava como doida. A criança foi arrancada a fórceps. Estava roxa, quase morta".

"E a Cecília, então? Perdeu muito sangue e ficou tão machucada, pobrezinha".

"Deus me livre. Tive dois e nem quero ouvir mais falar nisso".

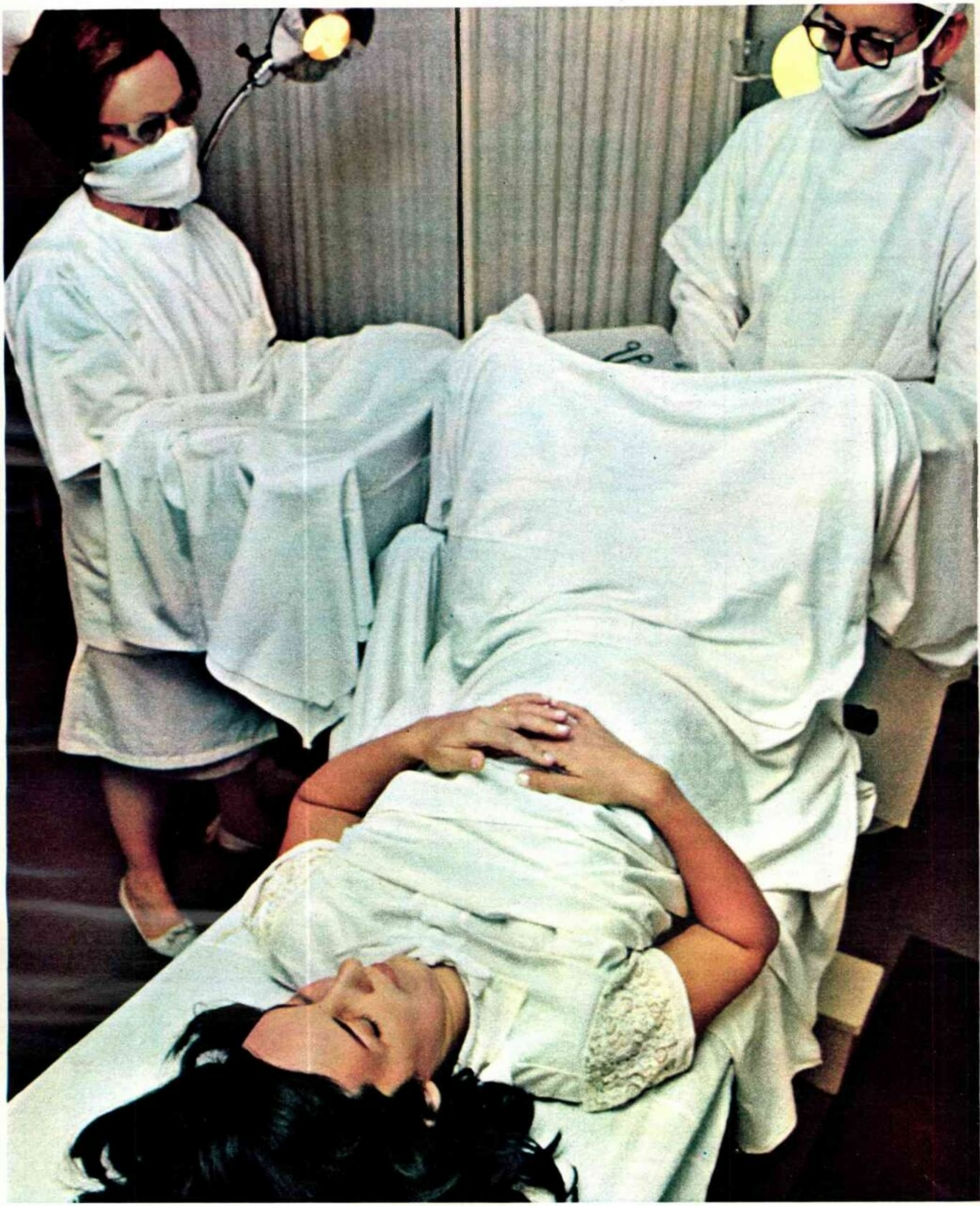
"Por quê? E seus partos foram difíceis?"

"Se foram! Para ter essa aí (aponta a menina que ouve de olhos arregalados) foi uma barbaridade. Ela não sabe como sofri por causa dela".

Mamãe e suas amigas naturalmente não citam a grande maioria de partos normais de que têm conhecimento.

Então, desde muito jovem ela teme ter a bacia apertada, que não deixará a cabeça do filho passar. Ou que o cordão umbilical poderá se enroscar no pescoço do nenê e matá-lo. Ou que a criança poderá estar fora de posição e não conseguir descer. A menina não sabe que sòmente 3% dos partos realmente têm complicações. E que, portanto, em cem chances ela possui 97 de ter um parto normal. E ninguém lhe disse que mesmo para êstes casos excepcionais a medicina hoje tem remédios eficientes.

Ela desconhece totalmente o mecanismo do parto. Na sua imaginação, a criança nasce rasgando as entranhas da mãe. SEGUE



No começo quase tôdas duvidam

E estas imagens que povoaram sua infância e puberdade, deixando profundas marcas inconscientes, acabam por significar para ela uma triste fatalidade que marca o destino das mulheres como o de um ser humano secundário.

Às deformações, se acrescentam ainda, as mais nebulosas informações sôbre sexo, a noção do pecado e a necessidade de um castigo através do sofrimento. A menina cuja mãe sempre acusou de tê-la feito sofrer muito durante seu nascimento, naturalmente espera ter um parto difícil — terá que "pagar". Só assim satisfará seu sentimento de culpa diante do "muito" que a mãe "fêz" por ela.

As proibições do sexo ligadas intimamente à moral religiosa (o pecado) e ao mêdo de gravidez durante as relações sexuais desenvolvem um sistema refinado de autopunição que normalmente terminam numa gestação cheia de sofrimentos (rejeição ao filho) e num parto doloroso.

A demolição dos mitos

Para os povos bíblicos (os judeus e os cristãos), está na Bíblia a referência mais antiga à dor do parto, apresentada como uma maldição à mulher por ter dado a maçã do pecado ao homem. No capítulo 3, versículo 16 do livro de Gênesis aparece o seguinte: "Disse (Deus) também à mulher: "Eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos. Tu parirás em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido, e êle te dominará".

Esta curta passagem bíblica tem causado muitas atribuições às mulheres de nossa civilização. Mas todos os outros povos da Antiguidade também formularam sua mitologia em tôrno do fenômeno do parto. E isso não podia deixar de acontecer, já que o parto é um dos momentos mais espantosos e importantes da vida.

Um dos costumes mais antigos, por exemplo, é o da **couvade,** que é a dieta e o **resguardo** feitos pelo marido durante a gestação e também após o parto. É um costume espalhado por tôdas as regiões da Terra — verificado inclusive entre os índios do Brasil. O regime é severo: durante a gravidez o pai, assim como a mãe, só podem comer determinados alimentos para que o parto possa ser bem visto pelos espíritos. Durante o nascimento o pai simula as dores do parto. Depois, repousa durante dois ou três meses, comendo também só determinados alimentos. Isto é para defender a mãe e a criança, no seu período crítico, da influência dos maus espíritos.

Até recentemente, um resquício da **couvade** foi verificado em províncias da Alemanha. Era costume pendurar a camisa do pai na janela do recém-nascido para protegê-lo de más influências. E em certos lugares na Itália e no Brasil ainda se usa colocar o chapéu do pai em cima da barriga da parturiente.

Há muitas **simpatias** para "ajudar" a gravidez. Amarra-se um barbante na cintura para o nenê "não subir". Na hora do parto, dá-se uma garrafa para a parturiente assoprar dentro dela (isto, porém, é útil porque força a musculatura da barriga e ajuda a expulsão).

O costume de a gestante ter **desejos** ainda sobrevive apesar de já bastante desmoralizado. Assim mesmo aparece a vontade de comer churrasco às quatro da madrugada ou morangos fora da temporada de morangos, sob a alegação de que não comer prejudica a gestação. O que obriga o marido tresnoitado a revirar a cidade em busca do alimento desejado. Na verdade os desejos fazem parte de um processo de valorização da mulher, que, sempre mantida numa posição subalterna dentro da sociedade e na família, se aproveita da situação da gravidez para obter mais atenção e carinho.

Mas à medida que os maridos perdem o comportamento patriarcal (até, uns 30 anos atrás, um homem jamais saía à rua com sua mulher grávida) e caminham para uma relação de maior igualdade dentro do casamento, à medida em que conseguem dar carinho e colaboração à sua companheira, nessa época em que ela fica muito sensível, os desejos vão desaparecendo.

Tudo isto demonstra porque o nascimento dentro da espécie humana se torna um acontecimento delicado, complexo, angustiante. De tal forma que exige cuidados específicos para recuperar sua naturalidade. Sobretudo, não se pode mais admitir o parto doloroso como castigo, como resultado de uma maldição bíblica que torna a dor um componente obrigatório do parto, mesmo para os que perderam a crença ou nunca a tiveram. Há casos até de parentes da parturiente não concordarem com uma cesariana necessária, porque com a operação o parto seria privado da dor.

Contudo, o Papa Pio XII, em declaração histórica divulgada em 8 de novembro de 1956, afirmou que "tudo que a ciência fizer para minorar a dor do parto será bem visto pela Igreja Católica".

A dor é um instrumento de defesa do homem e dos animais. Todos os órgãos que têm propriedade de se contrair podem originar fenômenos dolorosos. É o que acontece com o estômago, intestino, bexiga e outros órgãos, entre êles o útero.

A contração ou dilatação dêsses órgãos podem acarretar dores ou não.

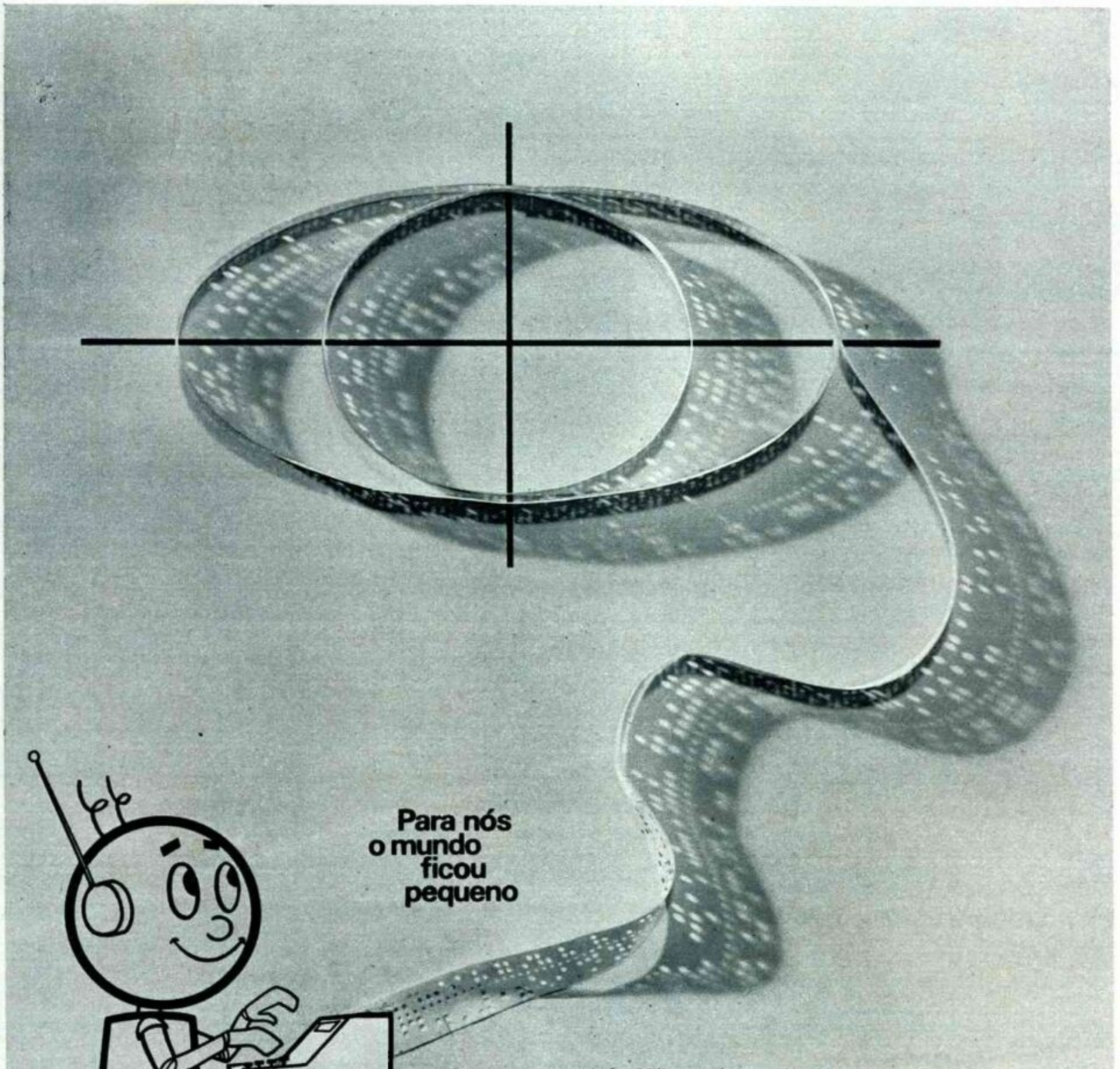
Normalmente o útero tem o tamanho um pouco maior do que um ôvo de galinha. A sua forma lembra a de uma pêra, com a parte mais fina voltada para baixo. No seu interior há uma cavidade coberta por uma superfície composta de filamentos sanguíneos, que quando a mulher não é fecundada, descola-se mensalmente formando a menstruação. Quando um ôvo fertilizado chega ao útero, êle se fixa nessa superfície macia e dela começa a viver. Esta ligação é o início da placenta. Quando o ôvo se instala, tem o pêso de cinco milésimos de miligrama. Em seguida, desenvolvendo-se como embrião, chega a pesar um quilo.

A proporção é a de um ôvo de galinha que fôsse aumentando até pesar dez toneladas. Desde o momento da concepção até o nascimento, o feto sofre um aumento de pêso de dois bilhões de vêzes.

Durante os nove meses da gestação, o útero se desenvolve junto com o feto através de um estiramento das suas fibras. Na ocasião do parto, estas fibras se contraem e repuxam outras fibras — as circulares do colo do útero — forçando esta parte, que é mais estreita, a se abrir para vir a dar passagem ao feto. Sob a ação dessa contração, o colo do útero vai se dilatando até alcançar a largura máxima: a dimensão de uma mão humana espalmada.

SEGUE

À esquerda, gestantes numa aula. Mas estão no começo, a incerteza ainda as domina.



Isso não é novidade. Milhares de usuários já comprovaram, através da utilização diária do Telex-Radiobrás, a eficiência, a rapidez, o sigilo e a economia que representa êsse modernissimo sistema de telecomunicações.

O Telex Radiobrás e os demais serviços de telegrama, telefone, radiofoto e canais arrendados para o exterior, colocam você em contato imediato com seus correspondentes no mundo inteiro.

Isso acontece há 41 anos, porque a Radiobrás possui, no Brasil, a maior rêde de canais diretos com o exterior.

Cia. Radiotelegrafica Brasileira **Radiobrás**

Rio - *Av. Rio Branco, 277 • tel. 52-6000*
S. Paulo - *Rua 7 de Abril, 338 • tel. 33-4111*
Santos - *Rua 15 de Novembro, 46 • tel. 2-7194*
Recife - *Av. Rio Branco, 162 • tel. 4-4448*

Um velho engano é achar que a contração dói

Então o colo pràticamente desaparece e forma, com o canal da vagina, o canal do parto por onde o feto descerá empurrado pelas contrações uterinas.

Êste mecanismo, cujo funcionamento ainda é obscuro para a ciência, é tão natural quanto os mecanismos da alimentação respiração e digestão. Teòricamente, portanto, êle não deveria causar dores. Muitas mulheres, aliás, não sentem dor nenhuma durante o parto. Mas, como é um aparelho em geral muito pouco usado durante a vida de uma mulher, é claro que o seu funcionamento, que inclui contrações e estiramentos de fibras, pode originar dores físicas.

As contrações e estiramentos podem provocar dor durante o parto porque nas fibras se encontram os chamados "corpúsculos terminais de Keifer". São organismos sensíveis aí fixados, receptores da dor e que, ligados ao sistema nervoso, transmitem os estímulos dolorosos ao cérebro.

Portanto, se o feto está na posição correta, se a mãe não tem nenhuma deficiência, enfim se o parto é normal, êle é uma experiência trabalhosa, mas não há nada nêle que justifique o terror sob o qual muitas vêzes é realizado.

Como acontece o parto com terror

A mulher que não é orientada para o parto vai para a maternidade como para uma aventura cujo desfecho é ignorado. Vai sob o pêso dos preconceitos, nervosa e assustada. Então, quando o útero se contrai e o seu cérebro recebe estímulos de dor transmitidos pelos corpúsculos terminais de Keifer, o cérebro responde com dor por mecanismo reflexo condicionado. Quando o certo seria transmitir um reflexo sereno e de contrôle da situação. Em conseqüência, as regulações biológicas e hormonais da paciente se perturbam, o útero passa a trabalhar mal. Esta nova mensagem chegando ao cérebro, gera uma resposta de mais dor. Forma-se um círculo vicioso onde dor gera mais dor. No cérebro a confusão aumenta e, não havendo estímulos positivos, o processo avança cada vez mais, a mulher entra em pânico, contrai-se quando devia se relaxar, caminhando para a situação trágica do parto com dor e terror.

Contrações e não dores

Tudo isso acontece porque a gestante se habituou a ligar, durante sua vida tôda, a sensação de **contração** à sensação de **dor.** Na hora do parto o que o útero faz é contrair-se Mas a enfermeira pergunta se a parturiente "já está sentindo dores". A parturiente aprendeu que vai perceber as contrações uterinas sob a forma de dores intensas, **porém necessárias,** para que seu filho nasça. Pois ela nunca ouviu falar nas **contrações do parto,** mas **dores do parto.** E até mesmo seu médico a informará que "a dor vai indicar" o início e o desenvolvimento do trabalho do parto. Já se disse que "a ligação entre dor e contração uterina é pràticamente a única coisa que a gestante aprende sôbre seu futuro parto".

O mêdo ao parto gerou uma excessiva intervenção da medicina no processo da procriação, com conseqüências prejudiciais. Uma "ciência transviada" como a chamou Read — o primeiro médico a criar um método de parto sem mêdo — começou a intervir, a adiantar-se ao mecanismo do parto, baseada numa alta especialização e num grande aparato técnico.

Deu-se preferência a todos os sistemas de anestesia para evitar a dor, esquecendo-se que o parto é um mecanismo natural. A parturiente anestesiada respira pouco e se prejudica. Pior ainda, pode prejudicar o feto, que durante o parto precisa de muito oxigênio.

Nos Estados Unidos, onde a anestesia foi usada largamente, verificou-se que de 419 crianças retardadas mentais que sofriam convulsões ou outras desordens cerebrais, mais da metade sofrera prejuízos produzidos durante seu nascimento. Entre as causas mais importantes dos prejuízos, além das doenças da mãe, estavam a anestesia, emprêgo de sedativos durante a gestação, emprêgo indiscriminado de oxitócicos e da cesariana, o fórceps alto, o parto precipitado, prolongado. Dezessete por cento dos casos mostraram que a anestesia e o emprêgo de sedativos foram as causas prováveis das lesões. Em seguida, em importância, vinha a ação da enfermeira procurando reter a cabeça do feto até a chegada do obstetra. A medicina especializada tinha esquecido que na hora de nascer "a criança nasce com a ajuda do médico ou apesar dêle" como costuma dizer um médico de São Paulo.

Do parto sem mêdo ao sem dor

Depois de ter visto, durante a guerra de 1914, uma jovem camponesa dar à luz e em seguida partir sorrindo com a criança envôlta no chale, recusando qualquer auxílio seu, o inglês Read suspeitou de que os estados emotivos e não as condições físicas explicavam as dores do parto: "O êrro estava no ser humano e não na natureza", disse êle.

SEGUE

Muita informação, exercícios e relaxamento, mudam aos poucos a disposição das gestantes: formam-se os condicionamentos positivos.

URUGUA

ARGENTINA

POR PREÇOS BEM MENORES *

E COM 10 MÊSES PARA PAGAR

Procure, hoje mesmo, o seu agente de viagens e informe-se sôbre as tarifas da PLUNA. V. ficará agradavelmente surpreendido em saber como é simples e barato viajar para o Uruguai ou a Argentina.

*** TARIFA TURBO-HÉLICE**

PLUNA

primeras líneas uruguayas de navegación aérea

Rio: Av. Rio Branco, 156 - g/ 616 Tel.: 42-5793

São Paulo: Praça da República, 199 Tel.: 35-4348

gb publicidade

O treinamento as leva do terror à tranqüilidade

De volta a Londres, verificou, como obstetra, que as mulheres tensas e crispadas eram as que mais sofriam com o parto. Enquanto mulheres tranqüilas rejeitavam os analgésicos e punham filhos no mundo com tranqüilidade, orgulhosas, felizes por seu trabalho de dar vida a um nôvo ser humano. Algumas chegavam a sentar-se para observar melhor o nascimento.

Read constatou e divulgou em vários livros que em 95% dos casos as grandes dores do parto podem ser evitadas pelo combate ao mêdo e à apreensão.

Anos mais tarde os cientistas russos foram mais longe. Baseados nos estudos sôbre reflexos condicionados de Pavlov, afirmaram que o parto podia se realizar não sòmente sem mêdo, mas também sem dor. Pavlov verificou que a área do cérebro que recebe os estímulos de dor é o córtex. O cortex é uma crosta fina existente sôbre a massa encefálica; êle recebe os estímulos de dor que vêm do organismo através do sistema nervoso.

Pavlov refutou a existência de dois sistemas nervosos independentes — o de vida vegetativa e o de vida de relação — como se afirmava até então. Disse que os dois sistemas eram profundamente interligados um ao outro. De forma que reflexos incondicionados preestabelecidos (respirar, comer, defecar) podiam ser modificados e até extintos pelos reflexos condicionados (adquiridos por necessidade de adaptação ao meio).

Com experiências em cachorros verificou que podia transformar sensações de dor em sensações de satisfação. Dava um choque elétrico num cão no mesmo momento em que lhe dava um pedaço de carne. A custa de repetir a experiência, conseguia que o cachorro, que antes sentia dor com o choque, passasse a se mostrar satisfeito, salivando e abanando o rabo, só com o choque, por relacioná-lo com a carne, mesmo que ela não lhe fôsse mais dada.

No ser humano se conseguiram resultados semelhantes: enrola-se uma mangueira no braço de uma pessoa. Faz-se passar água quente por ela três vêzes consecutivas perguntando de cada vez "quente ou fria?". A pessoa responde: "quente". Na quarta vez passa-se água fria e a pessoa responde novamente "quente".

Mas, no ser humano, Pavlov descobriu ainda um outro fator de condicionamento: através do significado da palavra. Um cão pode ser condicionado só pelo som da palavra, mas o homem pode ser condicionado também pelo significado dela. Êle chamou a isso de "segundo sistema de sinalização". Exemplo: o parto está condicionado nos sêres humanos pelo significado da palavra dor.

Portanto, se a dor é um fenômeno cortical — em razão de um condicionamento para a dor — ela pode ser suprimida e a experiência dolorosa transformada numa sensação de satisfação, sob um nôvo condicionamento. Exemplo: uma pessoa que cai na rua e se machuca sofre muito mais dor do que quando se machuca jogando futebol. Se isso é válido, conhecendo-se a natureza dos processos mentais, é possível modificar a sua qualidade **e criar um comportamento nôvo da mulher no parto.**

O curso da desmistificação

O método do parto sem dor, hoje aplicado da China, União Soviética, aos Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha, é uma soma dos métodos de Read e dos soviéticos. Também no Brasil, principalmente em São Paulo e Rio, êsse processo vem sendo aplicado por diversos médicos há mais de dez anos. Êle é desenvolvido em três planos: o didático (informação sôbre a gravidez, o mecanismo do parto, como é o ambiente nas maternidades, o que acohtece e o que faz o médico durante o parto); o fisioterápico (treinamento de respiração, relaxamento, contrôle neuro-muscular, ginásticas, medidas que a mulher deverá tomar para comandar seu parto) e o psicoterápico (o grupo de gestantes reunidas faz uma espécie de psicoterapia de grupo durante o curso).

Os três planos estão intimamente ligados. Enquanto fazem seus exercícios, as gestantes vão tomando contato com o mecanismo da procriação e do parto. E no meio disso, a princípio inconscientemente, mas afinal plenamente, participam de uma análise crítica de costumes e preconceitos. Questões como a da virgindade, relações sexuais pré-matrimoniais, a situação subalterna da mulher na sociedade vão sendo discutidas até determinar em alguns casos uma nova posição diante da vida.

Depois do parto bem realizado à custa de seu próprio esfôrço (freqüentemente sua primeira realização integral na vida) muitas mulheres procuram trabalhar, pois estão determinadas a participar mais de sua sociedade. Uma môça que fêz o curso e está esperando o segundo filho, começou a trabalhar, voltou a estudar e diz: "o curso ajudou a descobrir inclusive que a luta da mulher por uma igualdade com o homem está errada. Não devemos lutar pela igualdade, mas pelo lugar que a mulher merece na sociedade, um lugar exclusivo porque ela tem de ter filhos e o homem não. Um lugar que ninguém sabe ainda qual será, mas que não é êste onde estamos agora".

Dos cursos de parto sem dor saem novas mulheres. Pessoas capazes de denunciar como mistificação o famoso "instinto maternal". Várias delas afirmaram que "na hora em que a criança nasce a gente não tem nenhum amor por ela, estamos preocupadas com o nosso trabalho de parto. O amor por uma criança nasce quando a gente cuida dela e a ajuda a viver".

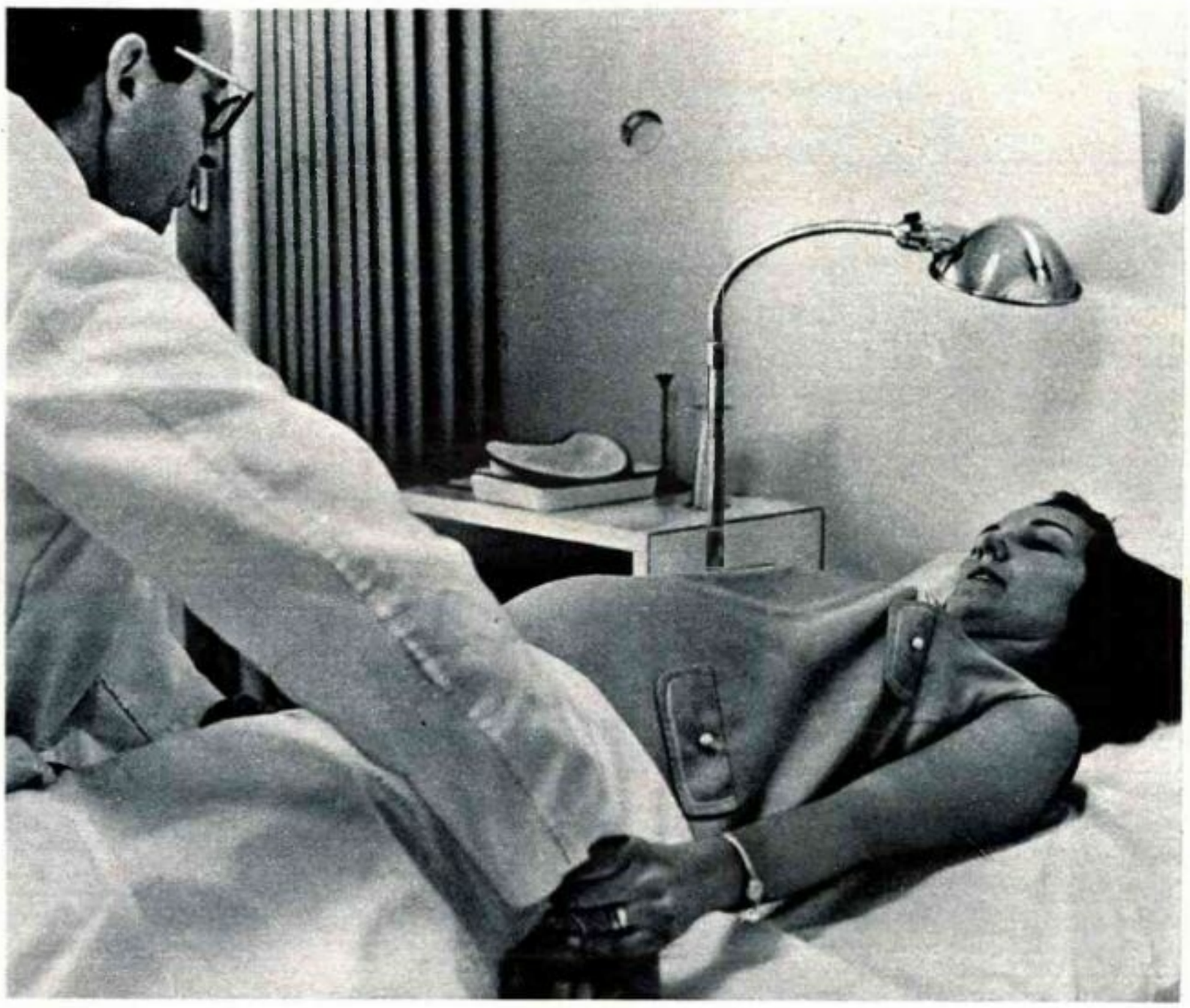
Num certo dia do final da gravidez, as contrações uterinas se tornam mais intensas. O útero se contrai, a gestante tem uma sensação de endurecimento da barriga. Ela já sabia que isso ia acontecer. Não há sensação de dor. As contrações são regulares, freqüentes e intensas. Duram 50 segundos e voltam a cada 20 ou 30 minutos. Esta é uma das indicações do início do trabalho de parto. As outras indicações possíveis são a ruptura da bôlsa d'água, que dentro do útero protege o feto, expulsão do **sinal,** um muco sanguinolento que existe no colo do útero protegendo-o da entrada de corpos estranhos.

A gestante acompanha marcando no relógio o progresso das contrações. Elas vão se tornando mais constantes — de oito em oito minutos — e mais intensas. De cada vez que a contração aparece ela faz **a respiração,** cujo ritmo é igual ao de uma locomotiva saindo da estação: começa lentamente e vai apressando o ritmo, depois vai se tornando aos poucos lenta novamente, até parar. A respiração dura o tempo da contração — de 50 segundos a um minuto.

Esta é a **fase da dilatação,** a primeira e a mais longa das três fases do trabalho de parto. Pode durar até 12 ou 18 horas. É a dilatação do colo do útero para formar o canal do parto.

A gestante avisa o médico. Êle a manda para a maternidade. Encontram-se lá. O médico faz-lhe o chamado toque, para verificar a dilatação. Se o colo do útero permite a passagem de **um dedo,** a hora decisiva ainda está longe. A môça sabe disso. Passa sem temor pelas experiências de "toilet" e lavagem intestinal, em geral referidas como horrorosas pelas mulheres.

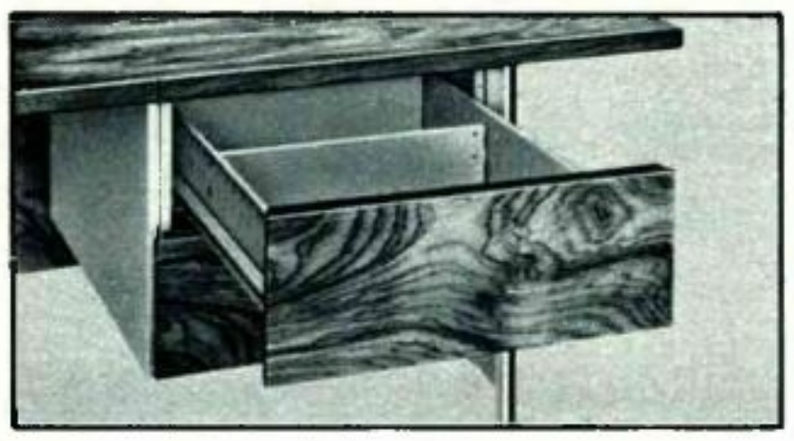
SEGUE



Quando chega a hora do parto elas sabem tudo. Esta é a "manobra do remador".

A resistência do aço e a nobreza do jacarandá...

combinadas...



com exclusividade, nas mesas série 170.000 SECURIT

As únicas com partes internas em aço: funcionamento suave das gavetas (que têm patins de "nylon"), mesmo quando repletas • Tampos, laterais e retaguarda em jacarandá da Bahia, com bordas maciças e superfícies tratadas com resina que as tornam imunes à ação de líquidos • Montantes (pernas) em liga de cromo-alumínio polido, inalterável • Linha completa, em vários tipos e tamanhos • TECNOGERAL S/A. • São Paulo: Rua 24 de Maio, 47 - Tel. 35-5187 • Brasília: Edif. JK, loja 3 - Tel. 2-6180 • Rio: Rua Francisco Serrador, 2, 5.°and. - Tel. 42-6178.

Resultado: ela dá à luz sorrindo

Mas ela não se preocupa porque conhece o motivo de cada coisa que acontece. Surpreende as enfermeiras com os seus conhecimentos.

Continua fazendo a respiração a cada vez que a contração volta. Isso a ajuda a não sentir dor, se por acaso a contração fôr mais forte. Novos toques, a dilatação avança: **dois dedos, três dedos.** Se a bôlsa d'água ainda não se rompeu, o médico introduz um estilete no útero e a fura. A parturiente não teme a experiência porque sabe que não dói, a bôlsa d'água não tem nervos. E a esta altura a bôlsa d'água, que servia para proteger o nenê dentro do útero, só atrapalha. Sem ela, a cabeça do feto, pressionando diretamente o colo do útero, auxiliará mais a dilatação. E também o útero conseguirá empurrá-lo melhor para o canal do parto.

Quatro dedos, mão completa, dilatação é total, o canal do parto está formado. Termina a fase da dilatação e começa a segunda fase, a expulsiva. Nesta fase o trabalho do médico e da parturiente será conjugado. A confiança mútua e os condicionamentos positivos serão os alicerces da ação. É um período de grandes contrações, mas de curta duração, uns 30 segundos. A cabeça do nenê já pressiona diretamente o canal do parto.

A parturiente foi transferida para a sala de parto. Outras pessoas podem conversar, fazer barulho ao seu ladó que ela não ouve. Está inteiramente voltada para sua atividade e só ouve a voz do médico: "respire", "relaxe". Ela precisa estar controlando plenamente sua musculatura, pois deve relaxar alguns músculos, os do **períneo**, da bacia, que sustentam as vísceras e que no ser humano — por causa de sua posição vertical — são muito tensos. É precisa contrair outros músculos, os da barriga, para ajudar o útero a pressionar o feto.

O resultado dêsse esfôrço é uma sensação nova — que ela já esperava — uma "vontade de fazer fôrça". O médico lhe diz: "faça fôrça". Ela se inclina para a frente na mesa de parto, agarra-se a dois ferros existentes na mesa, e faz a **manobra do remador;** faz como se estivesse remando. A cada vez que a contração volta, ela repete a manobra. Em média isto acontece de oito a 15 vêzes. Em geral, ela já está muito cansada quando a voz amiga lhe diz:

— Seu filho tem cabelos louros.

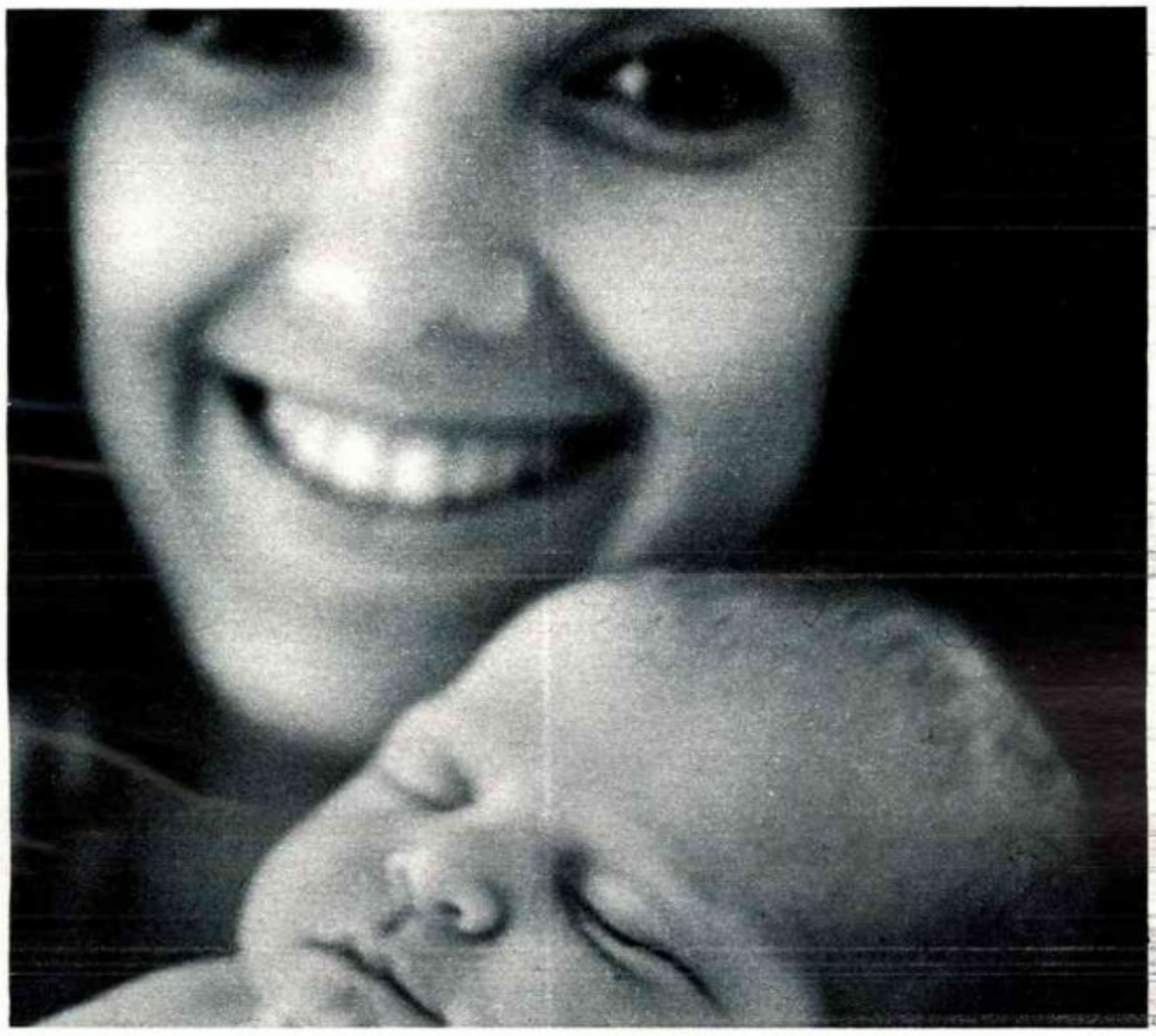
A cabecinha do nenê já vem saindo. Nessa hora, a vulva pode sofrer lacerações. Para evitar isso e facilitar a passagem da cabeça da criança, o médico faz uma **episiotomia,** um pequeno corte na vulva. Falta muito pouco para o fim. Nesse instante, muitos médicos anestesiam a mãe, pois não há mais perigo para o filho e ela merece descansar. Outros, contudo, acham que ela ficará mais realizada se assistir até o fim ao nascimento, resultado do seu trabalho consciente.

Mas na ordem todos são unânimes: "agora você já pode descansar". Num instante o bebê está fora, nas mãos do médico, gritando e aprendendo a respirar. Mãe e médico sorriem juntos.

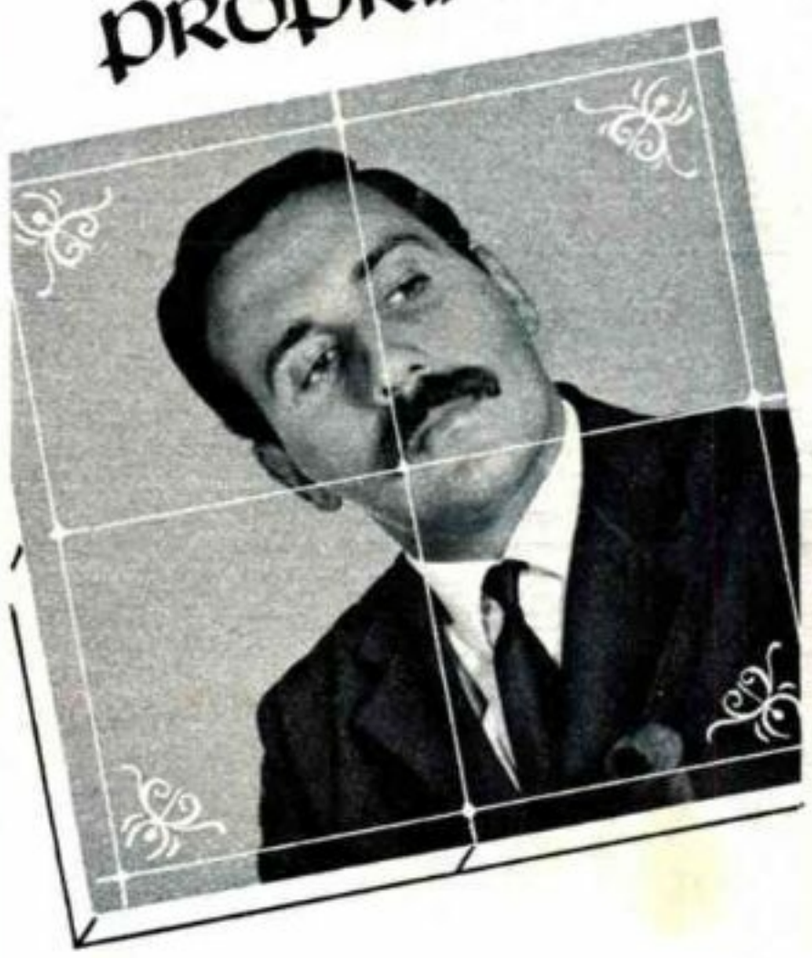
O trabalho do médico ainda continuará, terá de ajudar o útero a expulsar a placenta, de costurar a vulva, mas êste é um serviço de rotina. O parto mesmo acabou quando êle, mostrando a criança, anunciou alegre:

— Um lindo garôto. É perfeito. FIM

ÊSTE TRABALHO CONTOU COM A COLABORAÇÃO DOS MÉDICOS-OBSTETRAS ADOLFO GOLDENSTEIN, DÉCIO NORONHA, SUA ASSISTENTE MARTA VASSIMON. ALGUMAS OUTRAS INFORMAÇÕES FORAM EXTRAÍDAS DO LIVRO "ASSIM NASCE O HOMEM", DE A. DA SILVA MELO.

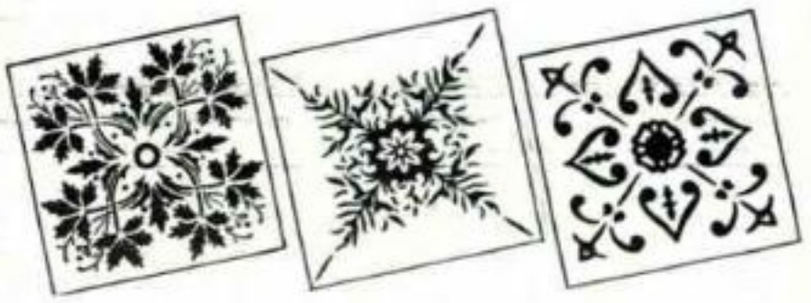


CERTA VEZ, UM SNOB QUIS LADRILHAR SEU BANHEIRO COM A PRÓPRIA FOTO.



(FAENZA FÊZ O SERVIÇO)

Faenza está equipada para atender a todos os desejos, e vai ser difícil você não se contentar com a grande variedade de seus azulejos artísticos. Para ambientes internos, externos, com desenhos originais e exclusivos, em qualquer côr. Você tem muito o que escolher em Faenza.



faenza

FAENZA cerâmicas ltda. T. G. De Marchis

- São Paulo - Consolação, 1447 - Tel. 36-8372
- Rio - Djalma Ulrich, 183 - Loja E
- Salvador - Miguel Calmon, 16 - s/ 205
- Rib. Prêto - Tibiriçá, 575 - Tel. 4926
- Curitiba - Com. Fontana, 239 - Decor-life.

ROD

Possuia a chave do mistério.

Frio e desapiedado,
teceu um plano diabólico
para satisfazer as
ambições
de sua vida desregrada.

A herdeira
adolescente
e ingênua,
disputando
seu primeiro amor.

Uma vida dupla,
debatendo-se entre
a própria honestidade
e a vida emprestada
a uma morta.

Sacrificou seu verdadeiro amor
pelo sentimento do dever.

TODOS ÊLES PRESOS NAS MALHAS DE UM GRANDE SEGREDO!

O GRANDE SEGRÊDO

estrelado por **Glória Menezes, Tarcísio Meira, Ivan Mesquita, Débora Duarte** e **Iris Bruzzi**

Acompanhe "O Grande Segrêdo", pelos seguintes canais:

SÃO PAULO — TV Excelsior, Canal 9 — 2ª a 6ª feira, 20 horas, a partir de 17 de abril

R. DE JANEIRO — TV Excelsior, C. 2 — 2ª a 6ª feira, 19 horas, a partir de 1º de maio

B. HORIZONTE — TV Vila Rica, Canal 7 — 2ª a 6ª feira, 19,45 horas, a partir de 8 de maio

PÔRTO ALEGRE — TV Gaúcha, Canal 12 — 2ª a 6ª feira, 18,50 horas, à partir de 24 de abril

CURITIBA — TV Paranaense, Canal 12 — 2ª a 6ª feira, 18,45 horas, a partir de 22 de maio

RECIFE — TV Jornal do Commercio, Canal 2 — 2ª a 6ª feira, 18,05 horas, a partir de 15 de maio

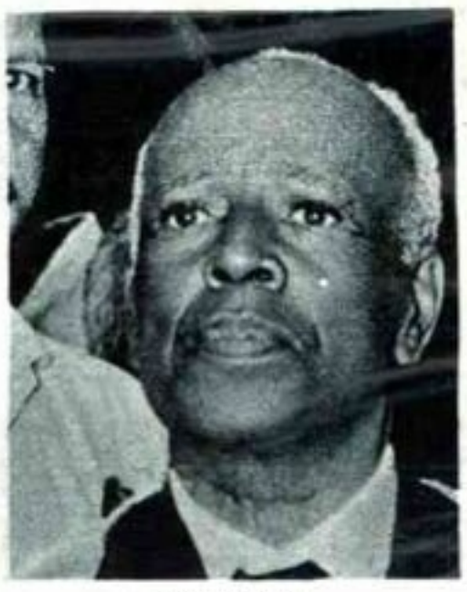
ATENÇÃO: não percam os primeiros capitulos para conhecer "O Grande Segrêdo", no seu teleteatro POND'S.

EXISTE RACISMO NO BRASIL?

SIM Você é bem capaz de encontrar um prêto na Escola Naval, outro na piscina do Fluminense, outro no Itamarati. Êles serão apresentados como argumentos irrefutáveis de que essas instituições têm as portas abertas a qualquer elemento apto. Há de ser genial o prêto para vencer as barreiras impostas pela sociedade preconceituosa que é a nossa. Mas não nos podemos esquecer que há menos de 80 anos o prêto no Brasil era escravo, isto é, animal de carga. Oitenta anos que não bastaram para dar ao negro a posição que lhe permita lutar com as mesmas armas na conquista de sua independência social e econômica. Talvez resíduos de gerações passadas mantenham, nos brancos, certo sentimento de superioridade; nos próprios negros um sentimento de inferioridade. No Brasil êsse preconceito é apenas de côr, com motivação de classe social e de situação econômica. Pode desaparecer com a ascensão do negro na escala social, com a melhoria de suas condições de educação e instrução; mas também pode atingir ao grau de segregação existente nos Estados Unidos, se como nos Estados Unidos o negro passar a constituir concorrência aos empregos e a disputar a posição social dos brancos. Nas gerações jovens o preconceito quase não existe. Isto se nota principalmente no ambiente universitário, na jovem-guarda. E é de louvar a espontânea luta dos jovens contra tôda espécie de preconceitos das gerações anteriores. É uma juventude que não compreende nenhuma superioridade de um ser humano sôbre outro, por ser prêto, judeu ou mulher. E isso não acontece nem na minha geração, 40 anos, e muito menos na geração de meus pais. Todos nós temos pelo menos uma tia ou um tio para quem prêto é gentinha, judeu é usurário e o lugar da mulher é de subserviência total ao homem. É pelo exemplo que se educa. E os governos que o Brasil tem tido (exceção a Jânio Quadros) nunca se lembraram de dar o bom exemplo no sentido de colocar um prêto, ao menos, em postos de decisão. A marginalização do negro existe na direção das escolas, nas casas de família, onde é comum a influência dos pais no sentido de afastar dos filhos "êsses negrinhos pernósticos". Uma grande campanha educacional deveria ser feita para que se efetivasse uma grande união entre brancos e prêtos. E a união mais perfeita que pode existir entre dois sêres humanos é a comunhão sexual. Faço meu apêlo meio marxista, meio surrealista: brancos e negras, negras e brancos de todo mundo, uni-vos. Só o amor acaba com os preconceitos. As leis não bastam, e cito Drumond — os lírios não nascem das leis. O que falta da parte do homem branco em relação à mulher negra é o mesmo que faltava nos tempos da colonização ao português em relação às escravas: respeito humano. Êle via na negra apenas o instrumento da sua satisfação sexual. Falo com a maior seriedade e respeito, pois estou pensando na comunhão no sentido cristão e no sentido genético. Estou pensando em sexo, como um deísta pensaria em Deus, isto é, uma fôrça harmonizadora, fôrça que faz de todos os homens um ser único.

Jornalista Reynaldo Jardim

NAO No Brasil não há preconceito de raça. O que há, na verdade, é um preconceito de côr. Se um indivíduo fôr de origem negra mas isto não aparecer na côr de sua pele, êle não sofrerá nenhuma restrição. Mas mesmo êsse preconceito — o de côr — não chega a ser problema de conjunto, por haver ausência absoluta de opressão. Pode-se lembrar aqui que as chamadas "pessoas de côr", os negros brasileiros, por falta de recursos econômicos, até hoje não se apresentaram em quantidade e qualidade capazes de prejudicar os brancos na concorrência com êles. A Lei Afonso Arinos, votada pelo poder Legislativo e sancionada pelo poder Executivo, isto é, aceita por dois poderes que emanam do povo e traduzem a sensibilidade dêsse mesmo povo, confirma a existência de preconceito. No entanto, a conjuntura internacional que força o desaparecimento da discriminação racial no mundo, a constante repetição da idéia de que "o Brasil é um exemplo a seguir", a absorção do negro através da miscigenação e a prescrição constitucional são fatôres que concorrerão para que o preconceito de côr, no Brasil, não se agrave, nem chegue ao que já chegou em outros países. Ao contrário, a tendência é nos transformarmos num Estado onde a tolerância e a mútua compreensão permitam que todos os brasileiros somem os esforços, em vez de dividi-los. E um exemplo objetivo de que o preconceito não impede que o negro consiga alcançar um lugar na sociedade democrática em que vivemos é o meu caso pessoal. Nenhum obstáculo houve, que impedisse o neto de uma escrava do Visconde de Taunay de freqüentar o Colégio Pedro II, a Escola Militar de Realengo, alçasse todos os postos da hierarquia militar e chegasse ao generalato.



Marechal João Batista de Matos

Resposta à pergunta do leitor Jaime Camargo — São Paulo — Capital

O único em saquinhos

A medida certa
na forma
que convém

Chá Tender Leaf

EMBALAGENS COM 12, 48 OU 100 SAQUINHOS

Mais um produto de qualidade F R Fleischmann-Royal

SHELL

VROHHHHHHHH!

JOVEM SUPER VAI DE SHELL!

APÓS UMA SEMANA DE TRABALHO, VAMOS FUGIR DESSA MULTIDÃO, TÁ?
SHELL COM I.C.A. PÕE JUVENTUDE SUPER NO TANQUE.
I.C.A. NA GASOLINA: O CARANGO SE MANDA!
NO MOTOR, SUPER MESMO É SHELL SUPER.

O SURF, O IÊ-IÊ-IÊ! PASSA A SEGUNDA.
OLHA A PAISAGEM QUE LINDA!
QUEM VAI SUPER, VAI DE SHELL.
PAPO FIRME, O ALGO MAIS.

MANDAR UMA BRASA FIRME.
JOVEM SUPER.
GAMEI.

Standard Propaganda
Impr. S.A.I.E. — São Paulo